This is a digital copy of a book that was preserved for generations on library shelves before it was carefully scanned by Google as part of a project to make the world's books discoverable online.

It has survived long enough for the copyright to expire and the book to enter the public domain. A public domain book is one that was never subject to copyright or whose legal copyright term has expired. Whether a book is in the public domain may vary country to country. Public domain books are our gateways to the past, representing a wealth of history, culture and knowledge that's often difficult to discover.

Marks, notations and other marginalia present in the original volume will appear in this file - a reminder of this book's long journey from the publisher to a library and finally to you.

Usage guidelines

Google is proud to partner with libraries to digitize public domain materials and make them widely accessible. Public domain books belong to the public and we are merely their custodians. Nevertheless, this work is expensive, so in order to keep providing this resource, we have taken steps to prevent abuse by commercial parties, including placing technical restrictions on automated querying.

We also ask that you:

+ *Make non-commercial use of the files* We designed Google Book Search for use by individuals, and we request that you use these files for personal, non-commercial purposes.

+ *Refrain from automated querying* Do not send automated queries of any sort to Google's system: If you are conducting research on machine translation, optical character recognition or other areas where access to a large amount of text is helpful, please contact us. We encourage the use of public domain materials for these purposes and may be able to help.

+ *Maintain attribution* The Google "watermark" you see on each file is essential for informing people about this project and helping them find additional materials through Google Book Search. Please do not remove it.

+ *Keep it legal* Whatever your use, remember that you are responsible for ensuring that what you are doing is legal. Do not assume that just because we believe a book is in the public domain for users in the United States, that the work is also in the public domain for users in other countries. Whether a book is still in copyright varies from country to country, and we can't offer guidance on whether any specific use of any specific book is allowed. Please do not assume that a book's appearance in Google Book Search means it can be used in any manner anywhere in the world. Copyright infringement liability can be quite severe.

About Google Book Search

Google's mission is to organize the world's information and to make it universally accessible and useful. Google Book Search helps readers discover the world's books while helping authors and publishers reach new audiences. You can search through the full text of this book on the web at `http://books.google.com/`

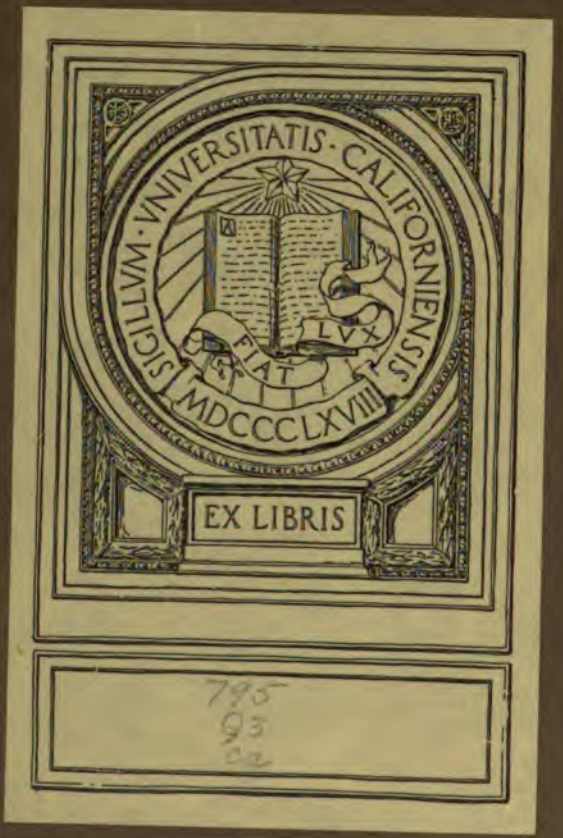
CARTAS

DE

ANTHERO DE QUENTAL

(1.ª EDIÇÃO)

IMPRENSA DA UNIVERSIDADE
Coimbra 1921


SIGILLVM · VNIVERSITATIS · CALIFORNIENSIS
FIAT LVX
MDCCCLXVIII
EX LIBRIS

795
93
c2

CARTAS

DE

Anthero de Quental

COM UM PRÓLOGO

DO

DR. TEIXEIRA DE CARVALHO

COIMBRA

IMPRENSA DA UNIVERSIDADE

1921

PRÓLOGO

Foi Joaquim de Araújo quem primeiro teve ideia de publicar a correspondência de Anthero de Quental e começou a reunir as cartas do poeta que conhecia ou de publicações, ou de as saber nas mãos das pessoas a quem haviam sido dirigidas.

Ao publicarem o *In memoriam* (1896) diziam, no curto preâmbulo que precede os artigos de Alberto Sampaio (*Recordação*, p. 9-29), G. de Vasconcellos Abreu (*O tédio-doloroso*, p. 31-35), F. Adolfo Coelho (*A constituição poetica em Anthero de Quental*, p. 37-51), F. M. de Faria e Maia (*Esboço psychologico*, p. 53-57), Oliveira Martins (*O mal do seculo*, p. 59-67), Salomão Saragga (*A prosa de Anthero*, p. 69-71), Andrade Albuquerque (*Em lembrança de Anthero*, p. 73-93), Manuel d'Arriaga (*Ao correr da penna*, p. 95-110), A. L. dos Santos Valente (*Uma carta inedita*, p. 111-113), Luiz de Magalhães (*A vida de Anthero*, p. 115-137), João Lobo de Moura (*O fim do poeta*, p. 139-143), João Machado de Maria e Maya (*Memorias*, p. 145-200), Alice Moderno (*Tributo singelo*, p. 201-210), Jayme de Magalhães Lima (*Um justo*, p. 211-218), Souza Martins (*Nosographia de Anthero*, p. 219-314), Philomeno

834752

da Camara (*Annos de Coimbra*, p. 315-318), Anselmo de Andrade (*O sonho do poeta*, p. 319-335), Eugenio Vaz Pacheco do Canto e Castro (*Anthero de Quental*, p. 337-348), M. Duarte d'Almeida (*O suicidio de Anthero*, p. 349-365), Visconde de Faria e Maia (*Recordações de familia e impressões pessoais*, p. (367-384), D. Carolina Michaëlis de Vasconcellos (*Anthero e a Alemanha*, p. 385-425), Paiva Manso (*Recordações queridas*, p. 427-439), Jayme Batalha Reis (*Annos de Lisboa*, p. 441-472), Guerra Junqueiro (*O drama da sua vida*, p. 473-479), Eça de Queiroz (*Um genio que era um santo*, p. 481-522), Joaquim de Vasconcelos (*Um avô do poeta*, p. 523-527), João de Deus (*No tumulo de Anthero*, p. 529), Ernesto do Canto *O* (*Brazão dos Quentaes*, p. VI-XXI), Joaquim de Araujo (*Ensaio de bibliographia antheriana*, p. I-XCVI), diziam os amigos de Antero que a comemoração condigna do grande espírito do poeta seria a publicação das suas obras que compreenderia:

1.º As Obras Poéticas cyclicamente dispostas, mostrando a grandiosa evolução do seu génio nos domínios da Poesia.
2.º Os Escritos em Prosa, devidamente categorizados segundo a variedade objectiva dos assuntos: *Polémica e Crítica Literária*, *História e Política*, *Filosofia*, etc.
3.º Finalmente a Correspondência.

A correspondência de Antero era pelos seus amigos considerada como parte integrante da sua obra, e tinham concebido o plano de a reunir.

Começaram a pôr o projecto em execução no próprio volume do *In memoriam*, no *Apêndice* a que puseram por título *Cartas de Anthero de Quental*, em que vem publicadas cartas do poeta a Germano Vieira de Meireles (Cartas LIII, LIV, LV, LVI, LVII), Oliveira Martins (Cartas CXXVI, CXXVII, CXXVIII, CXXIX, CXXX, CXXXI, CXXXII, CXXXIII), Joaquim de Araujo (Cartas XCIX, C, CI, CII, CV), Jaime de Magalhães Lima (Cartas LXVII, LXVIII, LXIX, LXX, LXXI, LXXII), a Cândido de Figueiredo (Carta XXII).

Tinham sido reunidas como dissemos, por Joaquim de Araujo que precedeu a colecção das claras e justas palavras seguintes:

«Disse-se atraz que na correspondencia de Anthero de Quental estava, como n'um thesoiro intimo, toda a sua alma. Para que se avalie da justeza d'esta affirmação, e se faça uma ideia approximada do alto valor dessa correspondencia, damos em seguida um pequeno fragmento d'ella.

«O homem intimo transparece ahi crystalinamente: as cruciantes luctas do seu espirito, buscando, quasi hallucinadamente, a Verdade e a Certeza; o stoicismo da sua grande alma, sempre vencedora dos soffrimentos physicos e sempre, resignada e forte, affirmando o Bem, entre todos os males e todas as dôres; a ternura, quasi feminil, do seu coração, para quem o amor não teve limites e para quem a amisade foi uma cousa santa — tudo isso se verá, vivo e palpitante, n'esse maço de cartas que abrimos perante os leitores, justificando, para quem o não conheceu de perto, a lenda de grandeza moral que se fez em volta do seu nome e a adoração que lhe votavam os seus mais intimos amigos.

«Sob outro ponto de vista, porém, essas cartas são ainda do máximo interesse.

«O pensamento do philosopho, as opiniões do critico, a esthetica do poeta, as ideias do moralista — deixam-se apprehender ahi em muitas passagens, e em paginas que, escriptas *corrente calamo*, são, comtudo, verdadeiras joias de Prosa e de Estylo. Todos os grandes assumptos do nosso tempo, na Philosophia, na

Arte, na Politica, na Ethica — teem, n'estas inegualaveis palestras escriptas, uma nota, um commentario, por vezes uma exposição magistral e superior.

«Por esta minima e pequena amostra, extrahida d'entre a volumosa correspondencia com alguns dos seus amigos, poderão os leitores avaliar se é excessiva a importância que damos ás cartas de Anthero e se um volume, que colleccione todas as que são publicaveis, não ficaria sendo um dos mais interessantes livros do grande poeta dos *Sonetos* e uma das mais perfeitas stereotypações da sua alma».

Neste artigo dá Joaquim de Araujo a entender que possuia outras cartas de Anthero alêm das que publicara *(pequena amostra extrahida d'entre a volumosa correspondencia com alguns dos seus amigos).*

Diz-se que chegara a reunir cêrca de mil [1] que se julga não estarem perdidas [2].

Em 1914, por ocasião da publicação de alguns trabalhos por conta de Eugénio do Canto, na Imprensa da Universidade, teve o Sr. Cândido Augusto Nazaré, chefe das oficinas do mesmo estabelecimento ocasião de travar relações com o ilustre bibliógrafo açoreano. Na correspondência que então se estabeleceu entre os dois amadores dos nossos livros, procurou o sr. Cân-

[1] «Alguns annos depois de escriptas as linhas que transcrevo (15 de Outubro de 1905), o mesmissimo Joaquim de Araujo declarou em Genova (onde, como se sabe, desempenhava as funcções de consul de Portugal) ao meu amigo e devoto bibliophilo sr. capitão Ferreira Lima, possuir cêrca de mil cartas de Anthero!» M. Cardoso Martho — *As cartas de Anthero* in-*Diario Nacional*, n.º 146 (15 de Fevereiro de 1917). ¡Parecem-me cartas de mais!

[2] Assim o supõe um dos meus amigos da *Seara nova* que me disse em Lisboa (Junho de 1921) estar em vésperas de conseguir a sua publicação. Duvido. Sucederam-me tantas desilusões assim...

dido Nazaré interessar o sr. Eugénio do Canto na publicação da correspondência de Antero, pondo ao seu dispor o catálogo e as cópias que possuia de muitas cartas do poeta.

Imaginava o sr. Cândido Nazaré que fôsse empreza fácil a Eugénio do Canto obter da família ou dos amigos açoreanos de Antero cartas inéditas. Eugénio do Canto não pôde porêm obter uma só, limitando-se apenas à publicação das que por amor à obra de Antero procurara e coligira o sr. Cândido Nazaré nas publicações em que o poeta colaborara, ou noutras em que os seus amigos as tinham publicado.

Em 15 de Março de 1914, o sr. Eugénio do Canto tomava sôbre si o encargo da publicação das cartas de Antero e escrevia ao sr. Cândido Nazaré:

«Do nosso bom e finado dr. Rodrigo Velloso recebi algumas reproducções dos trabalhos de Anthero de Quental, não mandando todas por extinctas as edições; como em breve vão ser vendidos os seus livros em leilão em Lisboa, quero vêr se posso arrematar algumas senão todas as reproduções dos trabalhos do Anthero. Realisarei o intento?

«Diz-me v. possuir 160 cartas do Anthero de Quental, dispersas em livros e jornaes; calculo o insano trabalho e despeza havida com a formação de uma tal collecção, talvez unica no nosso paiz, lembrou-me reproduzi-la como homenagem ao ilustre prosador, poeta, amigo e patricio. Terá v. alguma duvida em consentir n'isso?»

A publicação começou-se e o volume com as 160 cartas estava terminado em 1917. A exploração mercantil que se estava fazendo com a publicação das cartas de vultos literários portugueses levou o sr. Eugénio do Canto a pôr-se ao largo dessa corrente, distribuindo os exemplares da edição por os amigos e parentes de

Anthero, pelas suas relações literárias, dando-os generosamente a todas as pessoas que lhos pediram.

A edição era de 230 exemplares em papel comum e 20 exemplares em papel de linho.

Todos êles foram oferecidos. Eugénio do Canto puzera a sua publicação das *Cartas*, longe de intúitos comerciais; mas nem porisso conseguiu evitar a exploração comercial que com élas se fez.

Todos os exemplares foram oferecidos, mas algumas pessoas que receberam a oferta, ***sem respeito pelos intúitos de Eugénio do Canto***, venderam-nos por altos preços.

¡O exemplar ficara por sessenta centavos, houve quem os vendesse por sessenta escudos! E não faltaram nunca compradores para um ou outro exemplar que o acaso trazia ao mercado.

Um dia, o sr. Cândido Nazaré propôs-me a publicação de nova edição, ao que eu acedi com a condição de que nela se encontrariam outras cartas que estivessem inéditas.

Pareceu-me isso fácil. Eu tinha nas minhas relações muitos amigos e parentes de Antero que com certeza me cederiam cartas... se as tivessem.

Verifiquei que as não tinham. Os herdeiros do dr. Felipe do Quental não tinham nenhuma, nem tinham notícia de que o velho professor as tivesse tido.

O dr. Pauló Falcão não encontrara nenhuma nos papéis de seu pai. Filomeno da Câmara não conservava nenhuma das que tinha recebido.

Lembrei-me que o meu velho amigo dr. Manuel de Oliveira Ramos tivera em tempos idéa de publicar com o título de *As cartas do pai Ramos*, as cartas que

o ilustre director de *O Primeiro de Janeiro*, que Camilo Castelo Branco considerava com razão como uma das mais indiscutíveis competências portuguesas, recebera, durante a sua bem ganhada vida, dos maiores vultos da nossa literatura.

Informou-me então, o meu amigo que desistira da publicação, porque as cartas se tinham extraviado. De Antero conservava uma carta, que não fôra dirigida a seu pai, e que pôs amàvelmente à minha disposição (Carta XCIII).

A sr.ª D. Carolina Michaëlis de Vasconcelos, a repetidas instâncias minhas, cedeu-me duas cartas mais (Cartas CLXV, CLXVI).

Por seu lado o sr. Cândido Nazaré obtinha do sr. dr. Eugénio de Castro duas cartas de Antero (Cartas CLXVII, CLXVIII) e autorização para as publicar.

Isto me bastava. Regulada a questão dos direitos de autor com o sr. Couto Martins, que foi sempre para nós da mais estremada correcção, demos começo à publicação da segunda edição das cartas de Antero, juntando às da primeira edição as que tinhamos obtido e estavam inéditas e as cartas a José Sampaio (CXVI) publicada por Pinto Osório, a Ferraz de Macedo (XLVI) e João Lobo de Moura (LXXVII) publicadas por os srs. dr. Aurélio da Costa Ferreira e Fidelino de Figueiredo na *Revista de Historia*.

Muito tempo procuramos debalde indicações sôbre a correspondência de Antero com o dr. João Lobo de Moura sem nada podermos conseguir até que o nosso amigo sr. dr. António Baião, director do Arquivo Nacional da Torre do Tombo nos indicou o distinto escritor sr. José T. da Silva Bastos que com a mais

penhorante amabilidade nos deu cópia dessa correspondência e conseguiu da sr.ª D. Ana Lobo de Moura autorização para a publicar.

Aos nomes que citamos, tributando-lhes o nosso agradecimento, temos a juntar o do sr. dr. Anselmo de Andrade, que desde o comêço seguiu a publicação das *Cartas* com interêsse sempre crescente e com a mais decidida boa-vontade de nos ajudar.

Nesta segunda edição das cartas de Anthero, se encontra bem documentada por algumas cartas, que um culto raro de família tem conservado religiosamente até hoje, a amizade que toda a vida ligou Anthero e o dr. João Lobo de Moura.

Conheceram-se em Coimbra. Antero morava então ao fundo da *Travessa da Rua do Norte* na casa, que hoje tem o número de polícia 3.

Era uma casa antiga e pitoresca, bem diferente do prédio banal que hoje ali se vê, e em que existia ainda a escada exterior do século XVI, rematada por um alpendre sustentado por pilastras de pedra, decoradas no gôsto da Renascença coimbrã, e ladeado por canteiros sem flôres.

A escada foi demolida, o alpendre está substituido por um terraço, e da antiga decoração do século XVI resta apenas uma pilastra.

O quarto de Anthero ficava ao cimo da escada, muito alegre, todo forrado de jornais ilustrados, e de gravuras e litografias, arrancadas de publicações contemporâneos, ou de obras truncadas.

É para admirar esta decoração em Anthero que nunca foi um grande amador das artes plásticas. Não há em toda a obra do grande poeta um só grito arrancado

pela admiração de um quadro ou escultura. A sua admiração artística ia toda para a música.

A decoração do quarto de Anthero fôra-lhe sugerida por outras iguais que vira em casa de seu tio, o dr. Felipe de Quental, professor da Faculdade de Medicina e grande amador de belas edições, de desenhos, litografias e gravuras.

Na sua livraria, uma das mais escolhidas, que conhecemos em Coimbra, encontravam-se ao lado das mais antigas e preciosas edições portuguesas, as publicações mais modernas tanto na ideia, como na forma.

Felipe de Quental teve sempre a preocupação do *conforto* e muitas vezes me contou que debalde procurara incutir em Anthero as mesmas ideias. Quando estudante, Felipe de Quental transformava sempre em sitios alegres os tristes quartos das casas velhas que se via forçado a habitar.

Era um grande apaixonado da arte de representar e foi com outro meu mestre e amigo, o dr. Inácio da Costa Duarte, o restaurador do Teatro Académico que a exploração do drama e da tragédia ia matando lentamente. O Felipe e o Inácio, como lhes chamavam carinhosamente todos em Coimbra, porque *todos* os estimavam, eram dois actores cómicos, cheios de espirito e de naturalidade, fazendo a admiração dos mais experimentados artistas.

De Felipe do Quental se contava no meu tempo que, representando no Teatro Académico com Taborda, arranjou tal caracterização e tão cómica expressão da voz e do gesto, que o velho actor esqueceu de todo o papel nas primeiras scenas, vendo-se o Felipe obrigado a *apontar-lho*.

Taborda folgava de o citar como seu igual na arte de representar e, um dia que viera a Coimbra e soubera que Felipe do Quental não podia ir ouvi-lo por motivo dos seus trabalhos académicos, caracterizou-se, vestiu-se e foi dizer-lhe ao seu gabinete de estudo a scena cómica que nessa noite representou, mais tarde, no Teatro Académico.

Quando vinha de Lisboa, Felipe do Quental trazia sempre para Coimbra os cartazes das últimas peças que vira na Capital, e com êles encobria os tectos carunchosos das casas em que habitava. Forrava com números velhos de *L'Illustration Française* e doutros jornais ilustrados do tempo as paredes mal caiadas, e sôbre êsse fundo colava em lugar de destaque belas gravuras ou litografias, sublinhando-lhe o valor com uma decoração simples. Não deixava a outro o cuidado de emoldurar belas litografias românticas, águas-fortes de Bida, caricaturas de Gavarni e Daumier, e com elas decorava os aposentos de sua casa.

Pudemos ainda ver algumas dessas decorações na casa em que Felipe do Quental habitava nos *Palácios Confusos* e para onde fomos viver com êle, quando viemos para Coimbra.

Quási cego, Felipe do Quental sabia de cór legendas de gravuras e cartazes, folgando em as explicar a mim e ao seu enteado o dr. Aarão Ferreira de Lacerda, que eramos então crianças, e confesso que, muitas vezes, explicando-nos êle cartazes de teatro que nós liamos por a sua vista já os não poder alcançar, eu aprendi coisas do maior interêsse para a arte de representar e que só dêle ouvi.

Quando êle falava, não havia desenho que não parecesse ter ali sido colocado de propósito para nos ensinar qualquer coisa de original e de inédito.

Nos quartos em que viveu Anthero, ao chegar a Coimbra, encontrou o poeta aquela decoração alegre, que os que vinham visitá-lo riscavam com os fósforos para acender os cigarros, com grande escândalo do dr. Felipe do Quental.

O quarto era forrado por números de jornais ilustrados, caricaturas de Gavarni e Daumier, gravuras arrancadas da *Ásia* de Faria y Sousa representando governadores e fortalezas da Índia, curiosas e ingénuas, e algumas vinhetas românticas das edições de então e de outras mais antigas.

Anthero gostava de fazer largas digressões a pé pelos arredores de Coimbra, por necessidade de andar, para ouvir a harmonia das árvores e das fontes, parando para admirar os apoteóticos pôr-de-sol, tão vulgares nesta cidade, criando com a ilusão das núvens cidades no Ceo, que explicava sorrindo encantado, como se tivesse à vista a *mística cidade de Deus*.

O seu cabelo d'oiro tinha então um brilho de auréola e o seu olhar azul iluminava-se, como uma seara de linho em flor, ao romper do sol, numa manhã fresca e côr de rosa.

Quando chegava a casa, Anthero atirava-se para cima do seu estreito leito de estudante e estendia-se imovel, de mãos cruzadas debaixo da cabeça, ouvindo falar os outros e intervindo apaixonadamente na conversa, se o assunto o interessava, quando todos o julgavam já adormecido.

Lobo de Moura não podia estar parado, e emquanto

Anthero parecia dormitar, andava de um lado para o outro, a chupar cigarros sôbre cigarros.

Às vezes fazia-o parar uma das ingénuas e rudes gravuras da *Ásia* do Faria y Sousa, lia alto os nomes da fortaleza e das náos que lhe ancoravam próximo e começava contando a história heroica de cada uma.

Os retratos dos governadóres não tinham já o texto de Faria y Sousa, mas Lobo de Moura sabia-o de cór como se fôsse êle que o tivesse escrito e ia pondo-lhe em voz alta os nomes e descrevendo-lhe o vestuário: *Este é D. Francisco: negra la ropa, que era la capa de entonces: jubon de raso carmesi, de que aparecian las mangas: negras tambien las calças que eran enteras desde el pie a la cintura: botas sobre ellas: baston en la mano derecha: asida del puño con la izquierda la espada que casi delante pendia de las correas.*

— O quê, perguntava Anthero estremunhado, lembrando-se do retrato que na edição de Faria y Sousa vem em busto, o D. Francisco tem tudo isso?

— Saiba usted que no, replicava Lobo de Moura e continuava, lendo a parte do texto que ficara agarrada à gravura: mas *este retrato (como todos los otros que se vieren aqui) es sacado del original que oy permanece en la sala del Palacio Real de Goa...*

E ficava-se a rir para Anthero com o seu sorriso em que o poeta dizia ver sempre a *ironia peninsular*, terminando por dizer: se queres vê-lo assim, dá uma volta até Goa... que talvez já não o encontres *en el Palacio Real...*

Anthero ao vê-lo assim, no meio do quarto, magro, alto, a cabeça fortemente modelada coberta pelo cabelo preto e áspero como se fôsse um capacete de ferro, o

olhar escuro animado de um brilho de glória como se tivesse assistido a todas as façanhas da nossa epopeia na Ásia que tão detalhadamente sabia contar, não podia furtar-se a ver nele um heroi antigo que por milagre tivesse ressuscitado cheio de mocidade e de valor.

Lobo de Moura foi toda a sua vida para Anthero o mais amado dos irmãos e o acaso parecia comprazer-se em os juntar, quando as circunstâncias da vida pareciam tê-los separado para sempre.

Quando Lobo de Moura se formou (1866) foi nomeado administrador do concelho em Tomar, onde conviveu íntimamente com Anthero e foi o confidente do único e grande amor da sua vida.

Mais tarde, Anthero foi viver para Lisboa e não passava mais tempo nas casas que habitou na *Rua da Fé* e dos *Douradores*, do que em casa de Lobo de Moura, ou fôsse no primeiro prédio em que morou na *Rua de S.to António, à Estréla*, ou na casa da *Rua da Quintinha*, com o seu grande jardim donde se avistava, ao longe, mar. Lobo de Moura casara.

Nasceram os filhos que Anthero via crescer com tanto enternecimento como Lobo de Moura, e depressa teve Anthero mais tres amigos pequeninos: o João [1], a Ana [2] e a Branca [3].

[1] João Afonso de Sousa Lobo de Moura, oficial aposentado da Alfândega de Lisboa, residente na quinta de Bomfim, em Setúbal, e herdeiro do título de seu avô (Conde de Moura) que Lobo de Moura, na sua modéstia, nunca quis aceitar.

[2] D. Ana Izabel Lobo de Moura, casada com o sr. Francisco de Paula Amado da Cunha e Vasconcelos (Formoselha), residentes em Torres Novas.

[3] D. Branca de Sousa Lobo de Moura, casada com o sr. Carlos Batalhoz de Vilhena Barbosa Souto Maior, residente em Santarêm.

Anthero passava horas esquecido a brincar com os filhos de Lobo de Moura, principalmente com a Ana que era a sua predilecta, e a quem amimava tanto que o pai e a mãe a não tratavam por fim senão por *a afilhada do Anthero*, conquanto não fôsse o poeta que lhe tivesse pôsto no baptismo o lindo nome.

D. Maria Ermelinda de Sousa Lobo, a mulher de Lobo de Moura, era prima dêle e filha do dr. Gonçalo de Sousa Lobo, de uma antiga e nobre família do Minho. Pareciam talhados um para o outro e não havia ninguêm, que de perto os conhecesse, que não dissesse muitas vezes, ao vê-los, a fórmula em que o povo português sintetizou a felicidade conjugal — *Deus os fez, Deus os juntou.*

Depressa D. Maria Lobo de Moura sofreu o ascendente de Anthero e se tornou como o marido, irmã de Anthero.

E Anthero queria-lhes, aos filhos, como se fôssem sobrinhos muito estremecidos.

Quando Lobo de Moura surpreendia a esposa admirando a paciência com que Anthero lhe aturava os filhos, D. Maria Ermelinda Lobo de Moura mirava-se contente no olhar forte e tranquilo do marido, e comentava comovida, envolvendo o poeta num olhar de doce encantamento: ¡Santo Antero! Santo Antero...

Foi ela a primeira a canonizar Anthero e todos os íntimos continuaram desde então a chamar ao poeta *Santo Anthero.*

No jardim da casa da *Rua da Quintinha*, ao ouvi-lo falar dos nossos passados dias de glória, admirando-lhe o vulto, recortando-se forte sôbre o fundo que lhe fazia o mar distante e esplendente de sol, Anthero sentia

diante de Lobo de Moura a mesma impressão dos dias de Coimbra, a de um antigo navegador português.

E dizia-o na sua doce e clara voz. Lobo de Moura sorria.

Mas logo Oliveira Martins intervinha concludente: A você para ser D. João de Castro só lhe falta ter nascido no século XVI. O mais, índole, temperamento, gesto e fisionomia tem marcado o carácter do guerreiro antigo de Portugal conquistador.

Lobo de Moura perguntava se deveria dar um nó nas suas belas barbas para tornar maior a semelhança, e acabava por falar dos seus antepassados, assunto de conversa muito freqüente com Anthero.

Lobo de Moura tinha na verdade sangue de navegador. Por sua mãe D. Ana Isabel Pusich, era neto de António Pusich, da maior nobresa de Ragusa, vindo para Portugal na segunda metade do século XVIII.

Lobo de Moura que era de uma grande modéstia em tudo o que lhe dizia respeito, gostava de contar a vida cavalheiresca de António Pusich, capitão-tenente da armada Portuguesa, e nomeado mais tarde intendente de marinha de Cabo Verde, lugar que foi criado expressamente para êle e em que prestou serviços assinalados a Portugal, e, com enternecido orgulho, rematava Lobo de Moura dizendo como António Pusich recusara as vantajosas propostas que lhe fizera a Áustria e se recusara sempre, a-pesar-de muito instado, a abandonar o serviço de Portugal.

Às vezes, os dois poetas recitavam poesias suas e as crianças ficavam-se caladas a olhar para êles de olhos muito abertos, a bôca a desfranzir-se num sorriso por-

que sabiam já que tudo terminava sempre pelos risos alegres das crianças e dos velhos.

Um dia, Anthero para fazer rir a Ana que não compreendia os seus versos tristes, mas gostava de os ouvir por serem dêle, fez-lhe ***uma história*** em verso que esta senhora conserva ainda religiosamente, como uma das mais comoventes saudades do seu passado, e que podemos reproduzir graças à sua generosa e fidalga amabilidade.

É assim a *trágica* história, que Anthero em muito boa letra encimou com pomposo título — *Poema:*

Era uma vez um papão,
Que morava n'um saguão.
Comia só de feijão,
Tomou uma indigestão.
Mandou vir cirurgião
P'ra fazer operação.
Disse-lhe o cirurgião:
Você é um toleirão!
Beba vinho e coma pão!
Viva com satisfação!
Respondeu-lhe o papão:
Oh que grande trapalhão!
Que lhe arrumo um bofetão!
Que lhe atiço um cachação! —
Foge o pobre cirurgião
Com a seringa na mão!
Dava gritos de pavão
Que mettiam compaixão.
Corre o povo em confusão
Cuidando que era um ladrão.
Agarra! cerca! tem mão!
Larga a seringa, ladrão!
Parecia um furacão.
Corre o manco, corre o são,

Corre o gato mais o cão,
Atraz do pobre ratão.
Ora leva um canelão,
Ora dá seu trambulhão,
Mas nunca o tal maganão
Larga a seringa da mão.
N'isto sae d'um casarão
Uma velha de bordão.
Traz vestido um casacão
Que ella herdou do pae Adão.
Brada a velha, com paixão:
Está perdida a nação!
Pois já não pode um christão
Trazer seringa na mão!
Juro por este bastão
Que hei-de punir tal acção!
Parece a velha um leão
A repartir cachação.
O povo grita: traição!
Foge tudo em confusão.
Só ficou na praça um cão
Por padecer de fleimão.
E á porta do casarão
Quem ria como um bufão
Era o meu cirurgião
Com a seringa na mão!

No fim dos versos escreveu: « *Dedicado á Ex.ma Sr.a D. Anna Isabel Lobo de Moura, por um seu admirador* ».

A Ana gostou, mas os admiradores do poeta acharam pouco grave e pouco filosófica esta divertida história, em que se vê toda a alma doce de *Santo Anthero*.

Mais tarde Anthero quando a Ana era já uma senhora, de sorriso bom e grave, como o da Mãi, procurou

emendar a mão e muito sério ofereceu à sempre-querida afilhada esta quadra:

Olim Deorum fato, ah, pulchra Anna, senesces;
Quale, senesce tum, vinum solet placidum.
Illi et color fulgens, virtus, gratiaque alma;
Sancta sed tibi pax, ridens annosa quies.

Tertio Nonas Septembris
Anno Domini 1885. *Antherus ab Horto.*

¡Mais grave não podia ser! Até em latim...

Quando Anthero foi viver para Vila do Conde, era Lobo de Moura juiz de direito na Póvoa de Varzim.

Continuaram por isso a doce intimidade dos dois amigos, os passeios a pé, os cavacos intermináveis.

Tanto Lobo de Moura como Anthero eram apaixonados pela música.

Anthero adorava Meyerbeer e de vez em quando aparecia com uma música do seu autor favorito que oferecia às meninas para tocarem.

Lobo de Moura preferia Beethoven, mas não podia ouvi-lo parado. Passava horas a ouvir as sonatas que as filhas lhe tocavam, passeando sempre, a tomar café e a chupar cigarros, uns atraz dos outros.

Lobo de Moura tinha horror à política e gabava-se de nunca ter votado.

Anthero tinha horas de paixão política que vinham e se iam, sem muitas vezes se saber como, nem porque. Um dia Anthero anunciou que tinha encontrado um ministério salvador e declarou que ia cantá-lo aos amigos.

Acercaram-se estes curiosos e Anthero começou na sua doce e harmoniosa voz, como se recitasse ferventemente a ladainha dos Santos: Lobo de Moura... mi-

nistro da Justiça; Oliveira Martins... ministro das Obras públicas; o Pedrinho... ministro da Fazenda...

¡E calou-se, tendo de acabar por declarar que não conseguira formar ministério por não ter gente para as outras pastas!...

O Pedrinho era Pedro de Carvalho (Chanceleiros).

Na casa de Lobo de Moura reuniam-se então com Anthero o arqueólogo Francisco Sarmento, Oliveira Martins, Alberto Sampaio e outros grandes espíritos daquele tempo. Camilo Castelo Branco era também do Cenáculo.

Discutia-se tudo, arte, política, literatura, em conversas que não tinham fim, esfusiantes de graça e de ironia, e, um dia, deu-se um caso que depois lembrou tristemente muitas vezes.

Era num dia alegre de sol e discutia-se a alegria de viver. Tinham falado todos e, quando chegou a vez de Camilo, êste cantou heroicamente a *alegria de viver* rematando por dizer com voz crepitante de anciedade: eu queria viver muito... muito... muito...

Levantou-se então a voz tranquila de Lobo de Moura que interrompeu Camilo, dizendo gravemente: ¡pois eu não! porque, se vivesse muito, teria talvez de ver morrer os filhos primeiro... e não poderia mais viver...

E assim acabou tristemente a conversa que tão alegremente tinha começado e a tragédia de Camilo havia de tantas vezes fazer lembrada depois.

Anthero, mesmo quando se achava mais *séco e árido,* não falava com Lobo de Moura que não sentisse em vibração certas cordas do seu espírito que só êle fazia vibrar.

Por isso, quando o não via, ***sentia a sua falta*** e, quando recebia cartas suas, o ***primeiro movimento era correr a ir ter com êle.***

Lobo de Moura era um forte temperamento e um grande carácter.

Antero invejava à harmonia que Lobo de Moura realizava entre a sua vida prática e a sua vida de sentimento em quantò que o poeta quando procurava a alma achava ***em lugar dela um sêco catecismo filosófico,*** admirava os recursos abundantes que a natureza do seu amigo tinha para o bem, que lhe permitiam resolver sempre os problemas que a vida lhe apresentava, e louvava-lhe as tenassissimas molas da sua natureza forte que por muito que se dobrassem, acabavam ***sempre por tomar a forma e posições normais.***

Nas cartas, Lobo de Moura e Anthero trocavam impressões, comunicavam-se os versos que iam fazendo.

Anthero dizia as suas incertezas, levantando sempre alto a inteireza de alma do amigo que tanto admirava. Lobo de Moura lia e escrevia a lapis numa das cartas: ***Quoniam non cognovi literaturam, introibo in potencias Domini,*** dando assim razão a Anthero que nos escritos do amigo encontrava sempre a comoção verdadeira ***envolta no conceito do epigrama peninsular.***

Anthero perguntava em todas as cartas a Lobo de Moura, que considerava como irmão, notícias dos seus, em especial da Ana por quem ***tinha um fraco, como quem diria de tio,*** queixando-se de nunca lhe falar dela, de quem tinha tantas saudades, e cujo desenvolvimento de carácter lhe parecia não dever ser vulgar.

Em todas as cartas respira, numa bela e desassom-

brada comunhão de ideas, a mais profunda, forte e sã amizade, e são um desmentido bem claro à teoria da influência deletéria do ânimo dos amigos no espírito de Anthero que o sr. Teófilo Braga proclamou escandalosamente na edição dos *Raios de extinta luz*.

Dr. Teixeira de Carvalho.

UNIV. OF CALIFORNIA

CARTAS

DE

ANTHERO DE QUENTAL

I

A Wilhelm Storck

Ponta Delgada (Ilha de S. Miguel, Açores),
14 de maio de 1887.

Ex.^mo Sr.

Só agora me chegou ás mãos a sua estimada carta de 23 de abril ultimo, pelo facto de me encontrar, ha dois mezes, n'esta ilha (que é a minha patria) trazido aqui por urgentes negocios de familia. A demora das communicações com o continente explica este atrazo.

Agradeço a v. ex.ª as amaveis e para mim tão honrosas expressões de sua carta, e nada me póde ser, como poeta e como homem, mais grato do que o apreço que um tal mestre e critico manifesta pelas minhas composições, ao ponto de querer ser meu interprete e introductor junto do publico o mais culto do mundo e que mais direito tem a ser exigente. Discipulo da Allemanha philosophica e poetica, oxalá que ella recéba

com benignidade essas pobres flôres, que uma semente sua, trazida pelo vento do seculo, faz desabrochar n'este solo pouco preparado. Qualquer que seja a sua fortuna, toda a minha gratidão é devida ao bom e gentil espirito, que generosamente me toma pela mão, para me apresentar.

As informações biographicas e bibliographicas que v. ex.ª me pede, podem reduzir-se ao seguinte: nasci nesta ilha de S. Miguel, descendente de uma das mais antigas familias dos seus colonisadores, em abril de 1842, tendo por conseguinte perfeito 45 annos. Cursei, entre 1856 e 1864, a Universidade de Coimbra, sendo por ella bacharel formado em Direito. Confesso, porém, que não foi o estudo do Direito que me interessou e absorveu durante aquelles annos, tendo sido e ficando um insignificante legista.

O facto importante da minha vida, durante aquelles annos, e provavelmente o mais decisivo d'ella, foi a especie de revolução intellectual e moral que em mim se deu, ao sahir, pobre creança arrancada do viver quasi patriarchal de uma provincia remota e immersa no seu placido somno historico, para o meio da irrespeitosa agitação intellectual de um centro, onde mais ou menos vinham repercutir-se as encontradas correntes do espirito moderno. Varrida num instante toda a minha educação catholica e tradicional, cahi num estado de duvida e incerteza, tanto mais pungentes quanto, espirito naturalmente religioso, tinha nascido para crêr placidamente e obedecer sem esforço a uma regra reconhecida. Achei-me sem direcção, estado terrivel de espirito, partilhado mais ou menos por quasi todos os da minha geração, a primeira em Portugal que sahiu

decididamente e conscientemente da velha estrada da tradição.

Se a isto se juntar a imaginação ardente, com que em excesso me dotara a natureza, o acordar das paixões amorosas proprias da primeira mocidade, a turbulencia e a petulancia, os fogachos e os abatimentos de um temperamento meridional, muito boa fé e boa vontade, mas muita falta de paciencia e methodo, ficará feito o quadro das qualidades e defeitos com que, aos 18 annos, penetrei no grande mundo do pensamento e da poesia.

No meio das cahoticas leituras a que então me entregava, devorando com egual voracidade romances e livros de sciencias naturaes, poetas e publicistas e até theologos, a leitura do *Fausto* de Goethe (na traducção franceza de Blaze de Bury) e o livro de Rémusat sobre a nova philosophia allemã exerceram todavia sobre o meu espirito uma impressão profunda e duradoura: fiquei definitivamente conquistado para o *Germanismo;* e, se entre os francezes, preferi a todos Proudhon e Michelet, foi sem duvida por serem estes dois os que mais se resentem do espirito de Alem-Rheno. Li depois muito de Hegel, nas traducções francezas de Vera (pois só mais tarde é que aprendi allemão); não sei se o entendi bem, nem a independencia do meu espirito me consentia ser discipulo: mas é certo que me seduziam as tendencias grandiosas d'aquella estupenda synthese. Em todo o caso o Hegelianismo foi o ponto de partida das minhas especulações philosophicas, e posso dizer que foi dentro d'elle que se deu a minha evolução intellectual.

Como accommodava eu este culto pelas doutrinas do apologista do Estado prussiano, com o radicalismo e o

socialismo de Michelet, Quinet e Proudhon? Mysterios da incoherencia da mocidade! O que é certo é que, revestido com esta armadura mais brilhante do que solida, desci confiado para a arêna: queria reformar tudo, eu que nem sequer estava ainda a meio caminho da formação de mim mesmo! Consummi muita actividade e algum talento, merecedor de melhor emprego, em artigos de jornaes, em folhetos, em proclamações, em conferencias revolucionarias: ao mesmo tempo que conspirava a favor da União Iberica, fundava com a outra mão sociedades operarias e introduzia, adepto de Marx e de Engels, em Portugal a Associação Internacional dos Trabalhadores. Fui durante uns 7 ou 8 annos uma especie de pequeno Lassalle, e tive a minha hora de vã popularidade.

Do que publiquei por esse tempo, ahi vae o que ainda posso lembrar. O meu primeiro folheto é do anno de 1864. Intitula-se: *Defeza da Carta Encyclica de S. S. Pio IX contra a chamada opinião liberal.* É um protesto contra a falta de logica com que as folhas liberaes atacavam o *Syllabus*, declarando-se ao mesmo tempo fieis catholicos. O auctor, glorificando o Pontifice pela belleza da sua attitude intransigente em face do seculo, via nessa intransigencia uma lei historica, resava respeitosamente um *De profundis* sobre a egreja condemnada pela mesma grandeza da sua instituição a cahir inteira mas não a render-se, e atacava a hypocrisia dos jornaes liberaes.

O meu ultimo folheto é de 1871. Intitula-se: *Carta ao ex.mo marquez de Avila e Bolama, sobre a Portaria que mandou fechar as Conferencias do Casino lisbonense.* As Conferencias Democraticas tinham sido fun-

dadas por mim com o concurso de homens moços (que quasi todos têm hoje nome na politica) e eram muito frequentadas pelo escol da classe operaria. Pareceram perigosas ao governo, que arbitrariamente as mandou fechar. O meu folheto parece que concorreu, segundo se disse, para a queda do ministerio, que, de resto, não podia durar muito, sendo dos chamados de transição. É uma diatribe, mas eloquente.

Entre esses dous extremos, colloca-se a famosa *Questão Litterária* ou a *Questão de Coimbra*, que durante mais de 6 mezes agitou o nosso pequeno mundo litterario, e foi o ponto de partida da actual evolução da litteratura portugueza. Os *novos* datam todos de então. O Hegelianismo dos Coimbrões fez explosão.

O velho Castilho, o Arcade posthumo, como então lhe chamaram, viu a geração nova insurgir-se contra a sua chefatura anachronica. Houve em tudo isto muita irreverencia e muito excesso; mas é certo que Castilho, artista primoroso mas totalmente destituido de idéa, não podia presidir, como pretendia, a uma geração ardente, que surgia, e antes de tudo aspirava a uma nova direcção, a *orientar-se* como depois se disse, nas correntes do espirito da época. Havia na mocidade uma grande fermentação intellectual, confusa, desordenada, mas fecunda: Castilho, que a não comprehendia, julgou poder suprimil-a com processos de velho pedagogo. *Inde irae.* Rompi eu o fogo com o folheto *Bom senso e Bom gosto, carta ao ex.mo A. F. de Castilho.* Seguiu-se Theophilo Braga, seguiram-se depois muitos outros, *la melée devint générale.* Todo o inverno de 1865 a 66 se passou neste batalhar. Quando o fumo se dissipou, o que se viu mais claramente foi que havia

em Portugal um grupo de 16 a 20 rapazes, que não queriam saber da Academia nem dos Academicos, que já não eram catholicos nem monarchicos, que fallavam de Goethe e Hegel como os velhos tinham fallado de Chateaubriand e de Cousin; e de Michelet e Proudhon, como os outros de Guizot e Bastiat; que citavam nomes barbaros e sciencias desconhecidas, como glottica, philologia etc., que inspiravam talvez pouca confiança pela petulancia e irreverencia, mas que inquestionavelmente tinham talento e estavam de boa fé e que, em summa, havia a esperar d'elles alguma cousa, *quando assentassem.*

Os factos confirmaram esta impressão: os 10 ou 12 primeiros nomes da litteratura de hoje sahiram todos (salvos 2 ou 3) da Escola Coimbrã ou da influencia d'ella. O Germanismo tomara pé em Portugal. Abrira-se uma nova éra para o pensamento portuguez. O velho Portugal ainda conservado artificialmente por uma litteratura de convenção morrera definitivamente. D'esta especie de revolução fui eu o porta estandarte, com o que me não desvaneço sobre maneira, mas do que tambem não me arrependo. Se a uma ordem artificial se seguiu uma especie de anarchia, é isso ainda assim preferivel, porque uma contem germens de vida, e da outra nada havia a esperar. Pertence ainda a essa epoca o folheto: *Dignidade das Lettras e Litteraturas officiaes.*

Durante o anno de 1867 e parte de 68 viajei em França e Hespanha e visitei os Estados Unidos da America. No fim desse anno de 68 publiquei o folheto: *Portugal perante a Revolução de Hespanha.* Advogava ahi a União Iberica por meio da Republica Federal, então representada em Hespanha por Castellar, Pi y Margall e a maioria das Côrtes Constituintes.

Era uma grande illusão, da qual porém só desisti (como de muitas outras desse tempo) á força de golpes brutaes e repetidos da experiencia. Tanto custa a corrigir um certo falso idealismo nas cousas da sociedade!

O meu *Discurso sobre as causas da decadencia dos Povos peninsulares nos seculos XVII e XVIII*, embora pizasse um terreno mais solido, o terreno da historia, resente-se ainda muito da influencia das ideias politicas preconcebidas, da critica historica com *tendencias*. É do anno de 1871.

N'esse anno e no seguinte tomei parte activa no movimento socialista, que se iniciava em Lisboa, e tanto n'essa cidade como no Porto escrevi bastante nos jornaes politicos. Incidentemente publiquei n'um pequeno volume, uma serie de estudos com o titulo de *Considerações sobre a Philosophia da Historia litteraria portugueza*. Creio que é, ainda assim, o que fiz de melhor, ou pelo menos, de mais razoavel em prosa. Confesso sinceramente que dou muito pouca importancia a todos esses meus escriptosinhos de occasião, e até, ás vezes, preciso de certa força de reflexão para não me envergonhar de ter publicado tanta cousa pouco pensada. E todavia era aplaudido! Porque? Em primeiro logar, creio eu, porque os que me applaudiam não pensavam, ainda assim, mais nem melhor do que eu. Em segundo logar, porque me concedeu a natureza o dom da prosa portugueza, não da prosa de convenção, arremedando o estylo dos seculos XVI e XVII mas de uma prosa que tem o seu typo na lingua viva e falada hoje, analytica já nos movimentos da phrase, mas na linguagem ainda e sempre portugueza. Isso agradou, porque era o que convinha e, em summa, acabei por ser citado como

modelo da prosa moderna! É certo porém que tudo aquillo são escriptinhos de occasião e que, em prosa, não produzi ainda o que se chama *uma obra*, isto é, uma cousa original, pessoal e aprofundada. Ha muito tempo que sei escrever, mas foi-me necessario chegar aos 45 annos para ter que escrever. Por isso, deixemos toda essa farragem que não cito senão para corresponder ao desejo de v. ex.ª na materia bibliographica. E passemos aos versos.

Além da collecção de sonetos que v. ex.ª conhece, publiquei ainda mais dois volumes. Um, de 1872, com o titulo de *Primaveras Romanticas* contém os meus *Juvenilia*, as poesias de amor e phantasia, compostas na sua quasi totalidade, entre 1860 e 65, que andavam dispersas por varias publicações periodicas, e que só em 72 reuni em volume, juntamente com mais alguma cousa posterior, do mesmo caracter e estylo. Talvez a melhor maneira de caracterisar esse volume será dizer em francez que é *du Heine de deuxième qualité*. Como muitas pessoas, por cá, têm achado essa semelhança, por isso a indico. A 2.ª secção dos *Sonetos completos* que não contém senão composições d'esse periodo dará a v. ex.ª uma idéa sufficiente do fundo e do estylo d'aquella poesia: assim como a 3.ª secção lhe dará idéa das *Odes modernas*, cuja 1.ª edição appareceu em 1865. Não sei bem como caracterisar este livro: não é certamente mediocre; ha n'elle paixão sincera e elevação de pensamento; mas além de declamatoria e abstracta, por vezes aquella poesia é indistincta, e não define bem e typicamente o estado de espirito que a produziu. O que ella representa perfeitamente é a singular alliança, a que atraz me referi já, do natura-

lismo hegeliano e do humanitarismo radical francez. Acima de tudo é, como dizem os francezes, ***poesia de combate:*** o pamphletario divisa-se muitas vezes por detraz do poeta, e a egreja, a monarchia, os grandes do mundo, são o alvo das suas apostrophes de nivelador idealista. N'outras composições, é verdade, o tom é mais calmo e patenteia-se n'ellas a intenção philosophica do livro, vaga sim, mas humana e elevada. A novidade, o arrojo, talvez a mesma indeterminação do pensamento, apenas vagamente idealista e humanitaria, fizeram a fortuna do livro, junto da geração nova, o que prova pelo menos que ***veiu no seu momento:*** é tudo quanto poderei dizer. Correspondem a este cyclo os sonetos comprehendidos na 3.ª secção dos *Sonetos completos*, muitos dos quaes já entraram nas *Odes modernas*. Em 1874 teve este livro uma 2.ª edição muito correcta e contendo varias composições novas que considero, tal como é e com todos os defeitos inherentes á propria essencia do genero, como definitiva.

N'esse mesmo anno de 1874 adoeci gravissimamente, com uma doença nervosa de que nunca mais pude restabelecer-me completamente. A forçada inacção, a perspectiva da morte visinha, a ruina de muitos projectos ambiciosos e uma certa acuidade de sentimentos, propria da nevrose, puzeram-me novamente e mais imperiosamente do que nunca, em face do grande problema da existencia. A minha antiga vida pareceu-me vã e a existencia em geral incomprehensivel. Da lucta que então combati, durante 5 ou 6 annos, com o meu proprio pensamento e o meu proprio sentimento que me asrastavam para um pessimismo vacuo e para o desespero, dão testemunho, além de muitas

poesias, que depois destrui (subsistindo apenas as que o Oliveira Martins publicou na sua introducção aos *Sonetos*) as composições que perfazem a secção 4.ª (de 1874 a 80) do meu livrinho. Conhece-as v. ex.ª, não preciso commental-as. Direi sómente que esta evolução de sentimento correspondia a uma evolução de pensamento. O naturalismo, ainda o mais elevado e mais harmonico, ainda o de um Goethe ou de um Hegel, não tem soluções verdadeiras, deixa a consciencia suspensa, o sentimento, no que elle tem de mais profundo, por satisfazer. A sua religiosidade é falsa, e só apparente; no fundo não é mais do que um paganismo intellectual e requintado. Ora eu debatia-me desesperadamente, sem poder sahir do naturalismo, dentro do qual nascera para a intelligencia e me desenvolvera. Era a minha atmosphera, e todavia sentia-me asphixiar dentro d'ella. O Naturalismo, na sua fórma empirica e scientifica, é o *struggle for life*, o horror d'uma lucta universal no meio da cegueira universal; na sua forma transcendente é uma dialetica gelada e inerte, ou um epicurismo egoistamente contemplativo. Eram estas as consequencias que eu via sahir da doutrina com que me creara, da minha *alma mater*, agora que a interrogava com a seriedade e a energia de quem, antes de morrer, quer ao menos saber para que veiu ao mundo.

A reacção das forças moraes e um novo esforço do pensamento salvaram-me do desespero. Ao mesmo tempo que percebia que a voz da consciencia moral não pode ser a unica voz sem significação no meio das vozes innumeras do Universo, refundindo a minha educação philosophica, achava, quer nas doutrinas, quer na historia, a confirmação d'este ponto de vista. Voltei a ler

muito os philosophos, Hartmann, Lange, Du Bois-Raymond e, indo ás origens do pensamento allemão, Leibnitz e Kant. Li ainda mais os moralistas e mysticos antigos e modernos, entre todos a *Theologia Germanica* e os livros budhistas. Achei que o mysticismo, sendo a ultima palavra do desenvolvimento psychologico, deve corresponder, a não ser a consciencia humana uma extravagancia no meio do Universo, á essencia mais funda das cousas.

O naturalismo appareceu-me, não já como a explicação ultima das coisas, mas apenas como o systema exterior, a lei das apparencias e a phenomenologia do Sêr. No *Psychismo*, isto é, no Bem e na Liberdade moral, é que encontrei a explicação ultima e verdadeira de tudo, não só do homem moral mas de toda a natureza, ainda nos seus momentos physicos elementares. A *monadologia* de Leibnitz, convenientemente reformada, presta-se perfeitamente a esta interpretação do mundo, ao mesmo tempo naturalista e espiritualista. O espirito é que é o typo da realidade: a natureza não é mais do que uma longiqua imitação, um vago arremedo, um symbolo obscuro e imperfeito do espirito. O Universo tem pois como lei suprema o bem, essencia do espirito. A liberdade, em despeito do determinismo inflexivel da natureza, não é uma palavra vã: ella é possivel e realiza-se na santidade. Para o santo, o mundo cessou de ser um carcere: elle é pelo contrario o senhor do mundo, porque é o seu supremo interprete. Só por elle é que o Universo sabe para que existe: só elle realiza o fim do Universo.

Estes pensamentos e muitos outros, mas concatenados systematicamente, formam o que eu chamarei, embora

ambiciosamente, a minha philosophia. O meu amigo Oliveira Martins apresentou-me como um buddhista. Ha, com effeito, muita coisa commum entre as minhas doutrinas e o Buddhismo, mas creio que ha n'ellas mais alguma coisa do que isso. Parece-me que é esta a tendencia do espirito moderno que, dada a sua direcção e os seus pontos de partida, não pode sair do naturalismo, cada vez em maior estado de banca rota, senão por esta porta do psychodynamismo ou panpsychismo. Creio que é este o ponto nodal e o centro de attracção da grande nebulose do pensamento moderno, em via de condensação. Por toda a parte, mas sobretudo na Allemanha, encontram-se claros symptomas d'esta tendencia. O occidente produzirá pois, por seu turno, o seu Buddhismo, a sua doutrina mystica definitiva, mas com mais solidos alicerces e, por todos os lados, em melhores condições do que o Oriente.

Não sei se poderei realizar, como tenho desejo, a exposição dogmatica das minhas idéas philosophicas. Quizera concentrar n'essa obra suprema toda a actividade dos annos que me restam a viver. Desconfio, porém, que não o conseguirei; a doença que me ataca os centros nervosos, não me permitte esforço tão grande e tão aturado como fôra indispensavel para levar a cabo tão grande empreza. Morrerei, porém, com a satisfação de ter entrevisto a direcção definitiva do pensamento europeu, o Norte para onde se inclina a divina bussola do espirito humano. Morrerei tambem, depois de uma vida moralmente tão agitada e dolorosa, na placidez de pensamentos tão irmãos das mais intimas aspirações da alma humana, e, como diziam os antigos, na paz do Senhor! — Assim o espero.

Os ultimos 21 Sonetos do meu livrinho dão um reflexo d'esta phase final do meu espirito e representam symbolica e sentimentalmente as minhas actuaes idéas sobre o mundo e a vida humana. É bem pouco para tão vasto assumpto, mas não estava na minha mão fazer mais, nem melhor. Fazer versos foi sempre em mim coisa perfeitamente involuntaria; pelo menos ganhei com isso fazel-os sempre perfeitamente sinceros. Estimo este livrinho dos *Sonetos* por acompanhar, como a notação d'um diario intimo e sem mais preoccupações do que a exactidão das notas d'um diario, as phases successivas da minha vida intellectual e sentimental. Elle fórma uma especie de autobiographia de um pensamento e como que as memorias de uma consciencia.

Se entrei em tão largos desenvolvimentos biographicos, foi por entender que, sem elles, se havia de perder a maior parte do interesse que a leitura dos meus sonetos pode inspirar. Os criticos allemães acharão talvez interessante observar as reacções provocadas pela inoculação do Germanismo, no espirito não preparado d'um meridional, descendente dos navegadores catholicos do seculo XVI. Poderá essa ser mais uma pagina, embora tenue, na historia do Germanismo na Europa, e porventura parecerá curiosa aos que se occupam da psychologia comparada dos novos.

Ao bom e amavel espirito que me introduz, a mim neophyto, nesses grandes circulos do pensamento e do saber, tributo, além de muita sympathia, indelevel gratidão.

E sou de v. ex.ª com a maxima consideração

criado m.to obrg.o

Anthero de Quental.

II

A Alberto Bessa

Villa do Conde, 15 de janeiro de 1884.

Ex.^mo^ Sr. Alberto Bessa

Só agora me devolveram de Lisboa, d'onde estou ausente ha bastante tempo, o exemplar das *Ondeantes* com que v. me brindou. A offerta é especial, e por isso devo tambem agradece-la muito especialmente. A leitura do seu livro foi-me agradavel, notando n'elle sinceridade de sentimento e naturalidade de expressão.

Achei notavelmente correctos os versos, e portugueza a linguagem. Tudo isto constitue já uma certa somma de merecimento.

O auctor parece-me moço ainda. Se opulentar a sua intelligencia com mais larga copia de conhecimentos, alargando os seus horisontes intellectuaes, e profundando pelo estudo dos grandes modelos os segredos da arte, pode crer-se que virá de futuro a dar-nos producções ainda mais valiosas. No nosso seculo a poesia tem raizes mais fundas do lado da intelligencia do que do lado do coração — e é por isso que Goethe aconselhava os poetas que estudassem philosophia.

Este conselho parece-me ter ainda toda a actualidade.

Tal como é, o seu livro parece-me uma estreia digna de consideração.

Pessoalmente, não posso deixar de me confessar muito grato a v. pela offerta d'um exemplar especial da sua publicação, fineza que nunca esquecerei.

De v. etc.

Anthero de Quental.

III

A Alberto Osorio de Castro

Lisboa (Rua da Fé, 12, 1.º) 25
de novembro (1890).

Ex.^mo Sr..

Só ante-hontem me chegou ás mãos a sua carta, devolvida de Villa do Conde, donde estou ausente desde fins de setembro. Recebi com effeito e li varios numeros do *Novo Tempo* [1], cuja sinceridade e desprendimento me impressionaram. Logo vi que devia o jornal ser redigido por algum rapaz moço e candido e por cima d'isso poeta, pois só um moço poeta podia assim idealisar as miserias da nossa vida politica e pôr ideias e sentimentos onde toda a outra gente põe interesses sordidos e vaidades estultas ou ferinas. A politica nunca foi muito para poetas, hoje e entre nós menos do que nunca. Creio que fez muito bem em abandonar esse campo lamacento, ainda que não o acompanho nas esperanças revolucionarias que diviso n'alguns periodos da sua carta.

Em Portugal não pode haver revolução, que mereça este nome, porque revolução presuppõe proposito, firmeza e força moral, o que aqui não ha. Portugal é um paiz eunuco, que só vive duma vida inferior, para a vileza dos interesses materiaes e para a intriga cobarde, que é o processo desses interesses. Não sei se a união iberica se realizará; mas, a realisar-se, far-

[1] Jornal literário e político que se publicou em Coimbra em 1890 e de que era director Alberto Osorio de Castro.

se-ha pela força das cousas e não pela intervenção livre e razoavel das vontades, que as não ha cá para tanto. Uma unica revolução é possivel ou antes inevitavel em Portugal: é a revolução anarchica da fome, mas essa não precisa que ninguem a promova, nem pode ser materia de programmas politicos. Virá a seu tempo e fatalmente, como a conclusão necessaria das desrazão e do egoismo universaes. Deixemos pois passar a onda providencial e tratemos simplesmente, como individuos, de conservar cada um em si um foco tão intenso quanto possivel de força moral, de intelligencia calma e soffredora caridade, pois, no naufragio desta sociedade, na perversão do espirito publico, toda a esperança de regeneração está posta nas virtudes individuaes. Se, no meio do geral envilecimento, a natureza humana se manifestar grande e amavel em alguns poucos individuos excepcionaes, ao mesmo tempo como protesto e como exemplo, não se poderá então dizer que está tudo perdido.

Estas considerações são-me suggeridas por dois periodos da sua carta, em que me parece que o seu generoso espirito põe, mais do que é de razão, alguma esperança nos resultados da agitação pseudo-revolucionaria que lavra entre a mocidade, e que eu considero perfeitamente esteril, pois não tem raizes no sentir geral, nem pode encontrar echo na massa da nação, adormecida no somno comatoso dos interesses materiaes e de que só a fome brava a fará acordar, mas não para as ideias e a consciencia civica, apenas para a anarchia cega da miseria e dos baixos odios. Quanto ao desejo que manifesta dum escripto meu para o ultimo n.º do *Novo Tempo*, peço-lhe me desculpe.

Versos já os não faço, nem tenho que dizer em verso.

Em prosa teria muito que dizer, mas tão amargo e descaroavel, tão longe de toda a esperança e consolação, que prefiro muito calar-me, ou antes, entendo que é do meu dever calar-me. Com effeito, não devemos escrever para o publico senão quando tenhamos à confiar-lhe alguma palavra boa e de conforto, e é o que por ora me não ocorre. Esperemos por uma hora melhor e um mais calmo espirito. Li os seus versos, que me parecem bem. São sinceros e na sua morbideza ha uma uncção que não é affectada. É moço, sonhará ainda por muito tempo, mas continuando a reflectir, acordará finalmente para a pura luz da razão, que só é fria e cruel na apparencia.

Sou, de V. Ex.ª
Cr.do e obg.mo
Anthero de Quental.

IV

A Alberto Telles

Villa do Conde, 8 de maio de 1890.

Meu caro Alberto

Só hoje recebi a tua boa cartinha, que me parece trazer a data de 3. Ahi te envio um exemplar da unica boa photographia que tenho. Foi tirada, ha já tres annos, mas d'então para cá tenho mudado pouquissimo. A gravura a que te referes, é copia de um retrato que me tirou o anno passado, quando ahi estive,

o Columbano Bordalo Pinheiro, e que está muito bom como pintura, mas idealizado, como todas as composições desse pintor neo-velasquiano, no sentido do phantastico e tenebroso. Mas a tal gravura levou então esses toques sombrios até ás proporções do funambulesco!

Preferiria não andar gravado nos papeis. Mas, uma vez que já o não posso evitar, e sendo do teu gosto estampar-me no *Occidente*, ahi vae ao menos uma effigie authentica.

Adeus, que escrevo á pressa por causa da hora do correio.

Um abraço do teu

Velho amigo

Anthero de Quental.

V

Ao mesmo

Lisboa, 3 de agosto (1890).

Meu caro Alberto

Desculpa-me esta despedida por carta. Tenho-me dado mal com o calor dos ultimos dias, o que me tem impedido de sahir durante o dia, e por isso de ir ahi estar um bocado comtigo. Pelo mesmo motivo, receando peorar, resolvo-me a voltar ámanhã para Villa do Conde. Acceita, pois, os meus cumprimentos, os agradecimentos pela tua amavel visita, e dispõe sempre do teu

Velho amigo

Anthero de Quental.

VI

A M.me Alice Moderno

Villa do Conde, 16 de setembro.

Ex.ma Sr.a

Não sei se poderei correspoder ao amavel convite de V. Ex.a, pois ha bastante tempo que ando de todo affastado de cousas literarias, e nada escrevo, absorvido por estudos de outra natureza, que todavia não estão tambem sufficientemente completos para me permittirem escrever, nessa outra ordem de ideias, cousa que valha a pena — ordem de ideias, de resto, que estará, segundo penso, fóra do programma ou índole da publicação que V. Ex.a emprehende e do gosto dos seus leitores. Não desejaria pois comprometter-me a uma collaboração effectiva.

Entretanto, como collaborador ao menos possivel ou eventual, pode V. Ex.a dispor do meu nome, sentindo eu não poder actualmente obtemperar duma maneira menos platonica aos desejos de V. Ex.a, a quem muito agradeço a fineza do seu convite.

E sou, minha Senhora,

De V. Ex.a
Crd.o m.to respeitoso
Anthero de Quental.

VII

A D. Anna de Quental

Porto, 23 de outubro (1879).

Minha querida Anna

Estava, ha coisa de oito dias para te escrever, quando sobreveio o incidente, de que talvez tenhas noticia pelos jornaes de ter de ser padrinho do Camillo Castello Branco n'um duello que se não realisou, mas cujas negociações me tomaram completamente o tempo, e o que é mais a attenção, por isso que o Camillo ha de ser sempre uma creança. De sorte que só agora que está terminado esse negocio, te posso escrever, para te dizer que recebi a tua ultima, datada da Ericeira, de 4 do corrente e para te dar noticias da minha saude que está agora um pouco melhor e que até seria relativamente soffrivel, se não tivesse uma visinhança de cães, carros e carretas, que me não deixam dormir convenientemente.

Dá-me noticias tuas, e dize-me quando pensas voltar para Lisboa. Eu, depois da tua volta, não conto demorar-me aqui, senão poucos dias. Tenho varios projectos de que te fallarei em Lisboa, pois dependem, em parte, da tua aprovação.

Adeus. Saudades ao José e Mathilde.

Teu do C.
Irmão e amigo,
Anthero de Quental.

VIII

Á mesma

Villa do Conde, 6 de agosto.

Minha querida Irmansinha

Só hoje, pelo Paulo, soube que tens estado doente, ainda que a falta de carta tua m'o deveria ter feito suppôr. Felizmente, vaes melhor, segundo elle diz.

O Paulo escreveu-me, a participar-me que, nesta viagem, iam os restos da nossa querida Mãe e contava-me como tudo se tinha passado. Agradece da minha parte á D. Joaquina Callado o ter-nos acompanhado, nesta occasião, pelo que lhe estou muito grato. Igualmente, agradeço do coração a teu marido a parte activa e dedicada, que tomou e que nunca esquecerei.

Não imaginas, querida Irman, o alivio que senti ao ler a carta do Paulo! Foi um grande peso que se me tirou de cima do coração, pois, emquanto não cumprissemos este ultimo voto de nossa Mãe, não podia estar descansado.

Eu vou de saude, sem novidade, assim como toda a gente pequena, que agora anda tomando banhos de mar. Quando tornares a ver o Jorge, has de achal-o um rapagão.

Adeus. Saudades ao José e Mathilde, e tu recebe um beijo e um abraço do teu

Irmão muito amigo

Anthero.

P. S. Peço-te que dês do meu dinheiro, por alma de nossa mãe, a esmola que indico á tua Theresa e á

pobre Augusta. Se esta ultima já ahi não estiver, ou já não precisar (coitada, é pouco provavel!) darás essa esmola, dividida a duas pobres envergonhadas, que conheças, com a mesma intenção.

Anthero.

IX

A Anselmo d'Andrade

Meu amigo

Além dos philosophos que indagam, ha ainda no mundo uma outra classe, menos brilhante mas mais numerosa de homens — são os tristes que choram. —

Lembro-me de pensarmos ha dias em commum as provas contra e a favor d'esta grande these da immortalidade. De tantas cousas que lhe disse, lidas nos livros dos grandes sabios, esqueceu-me esta, que por vezes me tem segredado o coração dos grandes infelizes. Para nós, que philosophavamos, a questão reduzia-se a um problema de metaphysica. E um trabalho de artista este de discutir — brilhante mas frio. Os pensamentos ajunctam-se como as pedras de que se compõe o mosaico. A estas procuram-se-lhes cuidadosamente as faces por onde se ajustam umas ás outras; e, com tanto que se harmonisem n'aquella exacta proporção que se chama logica, a obra é boa. Boa, certamente, e perfeita: mas o que ao artista lhe não importa (nem elle poderia se quizesse) é aquecer aquelle marmore primoroso mas gelado. Excellente conjuncto, na verdade, pulido e lavrado a primor — mas lavrado e pulido em pedra, pedra fria como a dos tumulos!

O pensamento metaphysico é assim: um mosaico de diamantes. Diamantes brilhantissimos, mas cortantes e destruidores. Reflectem a luz toda do sol, e mais pura ainda se pode ser, mas não dão um raio de calor. Como o diamante, corta o syllogismo direito e fundo, mas é por isso que fere tambem. Na geometria da dialectica são tudo rectas: seguras, mas inflexiveis e monotonas. Pode ser que a recta seja o caminho da verdade ideal — mas a verdade humana, essa, como as voltas dum doce ribeiro, ora costeando montes, ora ao longo dos valles, incerto na largura e na rapidez, essa segue todas as curvas caprichosas mas necessarias do sentimento. Deste methodo sei que é mais natural e humano. Agora o que não sei bem é se será tambem metaphysico. Quem se lembra do humilde suspiro do coração, quando se ergue esplendida e imponente a grande, a auctorisada voz da intelligencia? A commoção distrae e perturba: e o pensamento precisa de ter o olhar firme para ver; constante para penetrar; inflexivel para julgar.

Eis aqui por que, entre tantas cousas difficeis e intrincadas que, n'essa noite, com esforço arrancava da memoria e da intelligencia me esqueceu esta simplicissima, e que me acompanha sempre o espirito como uma companheira mysteriosa — a lembrança dos que choram.

E todavia, meu amigo, se um bom syllogismo vale muito, uma lagrima bem quente, bem viva e bem sentida, deve valer tanto — ou muito mais ainda. O peso duma lagrima! Leve cousa, talvez, na palma da mão do philosopho, acostumada a levantar a mole espantosa dos argumentos, dos systemas, das sciencias. Mas

quando sobre o coração nos cae, d'uns olhos que Deos fizera para a luz e para a ventura, e a que a vida só deu sombras e abrolhos — então! sente-se-lhe bem o peso, a essa pobre gotta d'agua, e não ha ahi já peito de bronze que não vergue e se abale, como se o tocasse o dedo invisivel de uma divindade...

N'esse estreito crystal se reflecte um mundo de desventuras sem nome, de sortes incomprehensiveis, de desesperos sem voz, de consumições solitarias, para que não ha consolação possivel na terra, porque a terra as ignora, porque são sombras de destinos violentamente despedaçados, porque são terriveis e irremediaveis como a morte! Como esse mollusco do mar das Indias, de cuja putrida consumpção nasce a perola nacarada, assim da espantosa decomposição das miserias humanas sae, como symbolo de toda a melancolia da vida, a viva perola de triste e doce reflexo — uma lagrima! Como os milhões de globulos numa só gotta de sangue, movem-se alli, agitam-se e passam todas as tragedias, cuja catastrophe nenhum braço de ferro póde evitar; todas as luctas, em que a virtude e a verdade se viram sempre esmagadas, como sob o peso de maldição desconhecida; todas as funebres agonias das grandes almas ignoradas; todos esses dramas sem nome, que no mais baixo, no mais fundo da sociedade se revolvem mysteriosos e terriveis!

Que assombrosos quadros de miseria não allumia o doce raio de luz, que atravessa a agua pura duma lagrima! E o espantoso kaleidoscopo das dores da humanidade! E tudo isto, meu amigo, todas estas realidades ardentes, palpitantes, sangrentas, deixarão de existir, de bradar, de se estorcer, porque um dia, no

fundo do cadinho metaphysico, aonde uma sciencia cruel lançara estas grandes ideias, Alma, Deos, Vida, se achou esse residuo, essa escura abstracção, essa cousa que nenhuma palavra diz bem — uma negação, *nada?!*

Não pode ser. O coração levanta-se de salto e não pode ler essa irrisão feroz, escripta no céo com lettras d'oiro, com lettras de harmonia. A razão não quer ouvir essa gargalhada delirante e crudelissima, soltada contra a sua fé, a sua lei, ella mesma, a *ordem*. Só a intelligencia, depois de ter recolhido as suas redes vazias, dirá, olhando para o vapor que exhalam ao enchugal-as o sol: «eis ahi o destino dos homens; como este fumo se evaporam e somem no ar vazio as dores da humanidade?...»

Vir-se ao mundo para amar, crer, sentir, ser bom, e feliz, e forte, que tanto quer dizer *homem*, e achar um leito de espinhos, e endurecer-se-lhe o corpo e a alma, e descrer e chorar, e ser máo e ignorante e misero — uma existencia a si mesmo traidora — um ser que renega sua propria lei — uma cousa feita para ser exactamente o contrario do seu destino — que é isto, senão a contradicção terrivel de tudo quanto temos por justiça, por verdade, por principio e harmonia dos mundos?

E a negação dos sentimentos mais intimos, das ideias mais essenciaes. Ou o universo é o delirio dum demonio, ebrio de sua mesma maldade; ou para além do extremo arco da ponte da vida nos espera o seio vasto d'uma Bondade, a quem não esquece um ai, um suspiro só; uma mão, que até com amor os destinos partidos; uma lei de justiça, a que chamamos Compensação.

Sem este equilibrio d'além-tumulo o mundo moral inclina-se sob o peso de suas ruinas accumuladas de

seculos, e tomba e rola desamparado nos abysmos do nada! Quando num prato da balança eterna se lança toda essa massa espantosa das desgraças humanas, tamanho peso só se compensa, pondo no outro o amor infinito — Deos.

Sim, Deos! Espirito, Força, Principio, Essencia, Jehová ou Brahama, que me importa um nome? Eu chamo a Deos justiça! Na queda e triste ruina das illusões antigas, das velhas crenças das gerações, fica-nos eterna essa grande palavra. — E que está gravada no coração. Só arrancando-o a poderão tirar de lá. E nem assim. No deserto das alturas a aguia que o empolgasse leria *justiça* nas carnes palpitantes... e cahiria assombrada!

Pois que, não se concebe que metade do céo, um sol com os seus planetas errassem o caminho do espaço, se sumissem para sempre na inercia, mentindo ao seu fim, á sua lei — e concebe-se que um insecto caia sobre um grão de pó a ser alguma cousa, e não o possa ser, e lucte, e se desespere, e morra emfim para não mais viver, para nunca mais cumprir essa sombra d'um destino, que lhe deram, e esqueceu todavia, e nem bem chegou a ser? Pois que! haverá ordem para os astros immensos, e não a poderá haver para um atomo de areia?

A Justiça do universo é outra. E quanto de maior e mais perfeito concebe o homem, tudo isso é ainda sombra e erro e desvario, baço crepusculo ao pé da eterna luz de verdade, e amor que allumia a immensidade. E, todavia, sonha-nos a alma uma compensação para as dores do mundo; presente, para além do céo visivel, um outro que não se vê, mas cujas glorias

advinha o coração — o céo da Immortalidade. Concebemos essa cousa bella... e Deos não teria força para o executar? e não chegaria a realidade até aonde pôde ir o desejo do homem?

A cada ser o seu destino — a cada destino o seu cumprimento. Aqui, alli, agora ou logo, com esta ou aquella forma, que importa? Se esta hora, chamada vida, nos mentiu, outra virá por certo, e a mão de luz e bem nos conduzirá no nosso verdadeiro caminho. Se este palmo de terra se recusa ao peso da nossa sorte, ha mundos espalhados nos espaços, ha sóes, criações, formas que nem se sonham, e alguem num vôo ineffavel nos levará lá, aonde saciemos a sede e a fome de venturas que nos ficar deste desterro...

— Ah! não se é pó depois de tanta magoa!
Senão diga-me alguem que allivio é este
Que eu sinto quando á abobada celeste
Alevanto meus olhos rasos d'agoa?
.....

Ha depois desta vida inda outra vida:
Não se aniquila um atomo de areia:
E havia de a nossa alma, a nossa ideia,
Nas ruinas do pó ficar sumida? [1]
.....

Por grande, por sublime que seja este nobre poeta, que todos amamos como a um ser á parte, nunca sua alma conceberia cousa tão bella que Deos não possa realisar. Não será nunca a creatura maior do que o creador; e *todo* o espirito divino pode dispor de maiores consolações do que a *parte* d'elle, que docemente se revolve no seio do grande inspirado!

[1] João de Deos.

Sei que não será talvez argumentar, isto. Mas commovem-me estas cousas e abalam-me como nenhuma demonstração fria de não sei quaes leis nebulosas, com que uma philosophia cruel nos quer envolver a vida numa cerração de desalento e treva que suffoca o coração.

É o ai dum triste, dirão; o sonho vago e doentio, que sae duma alma magoada pelas dores... Que pode isso provar? que pode provar uma lagrima? E com que direito, perguntarei tambem, hão de os frios argumentadores da sciencia da terra desprezar essa viva e ardente voz de justiça, que se ergue para o céo e é a voz das desgraças do mundo? Ardente e viva! que mais lhe faltará para ser a verdade? Falta-lhe talvez aquelle austero compasso, aquella monotonia do espirito, chamada logica, por onde a philosophia mede o rythmo impassivel de suas palavras fatidicas... Mas logica é proporção, harmonia e ordem — e a voz dos desgraçados só a pedir ordem e harmonia se levanta para o céo. E logica tambem: mas duma logica sancta, sentida e quente como o seio das mães, como o coração dos amantes. Não é o methodo da sciencia? é o methodo da vida! E a sciencia, se o desprezar, será scientifica muito embora, mas não será viva nem humana...

Que a philosophia nos saia de dentro do coração, quente e luminosa, como uma extensão da nossa mesma alma em volta de nós, a nossa auréola, o nosso esplendor! Porque ha de o pensamento temer a commoção como uma vergonha? Nunca se commoverá tanto, nunca será tão doce e humano, que em doçura e amor exceda a alma immensa do universo. Todos os ar-

gumentos de todas as escolas do mundo, amontoados, a que altura chegariam? Mas o olhar d'uma mulher sobe, eleva-se no céo a taes distancias, que não ha já ahi mathematica bastante para lhe medir a largura do vôo!

Será isto só poesia? a poesia é tambem verdadeira: é a evidencia da alma. Se o pensamento indaga, o coração adivinha. Áquelle podem illudil-o os erros, que um desvio lhe introduza no calculo atrevido. Mas a este não, que não calcula nem compara: vê e sente. Não é livre, não é activo; mas por isso mesmo se não pode enganar. É lá que a mesma lei da existencia vive occulta, e d'alli solta os seus oraculos sempre certos. Da ruina das sociedades antigas quanto resta, quanto acceita o futuro, como parcella d'oiro, depurada de tantas feses seculares?... Serão os systemas, as abstracções, as *certezas?* Não: as *illusões* apenas — a Poesia. A poesia! o sonho da humanidade no berço infantil de sua primeira innocencia! a fada que lhe emballou os sonhos de creança! a sybilla reveladora das palavras mysteriosas, cujas glosas foram as primeiras crenças, as primeiras religiões, as primeiras sociedades! Do regaço d'ella nos caiu sobre as mãos o mundo antigo, ardente, bello, luminoso, pelo contacto d'aquelle seio divino. Sobre esse candente alicerce firmámos nós as frias construcções do nosso mundo moderno. O chão, sobre que assenta a *certeza* de hoje, formou-se pelas alluviões successivas da *intuição* antiga. O que é sciencia foi já poesia: o sabio foi já cantor: o legislador, poeta: e a evidencia, uma adivinhação, um admiravel *palpite*, cujas profundas conclusões são ainda o espanto, e porventura o desespero das mais rigorosas philosophias. E, se

nadamos hoje em plena luz de razão, foi entretanto a poesia, foi essa doce mão, que nos guiou por entre o pallido crepusculo dos velhos sonhos. Velhos? não: sonhos eternos! Vestido de gaze multicor da primeira infancia, não, não te lançaremos no monturo, só porque crescemos e nos cobre agora os membros a tunica viril da idade madura! Porque és bello, porque és innocente porque a doce alma da creança passou para o tecido, e o fez ainda mais puro — por isso serás conservado como talisman, como cousa sancta e immaculada — de vestido feito reliquia. — Sonharemos sempre! que o sonho consola, dá fé e virtude. Luminoso e bello, deixará de ser tambem verdadeiro só por não ser rigorosamente *logico?* Ha muitas logicas. O sentimento tem a sua; diversa, só, mas nem porisso menos segura. E assim que a intelligencia de hoje tem confirmado todas as intuições da antiga poesia. A religião, o direito, a liberdade, o amor, tudo isso nos legou o velho mundo poetico; não o descobrimos nós. Aquilatamos novamente o valor d'esse ouro, d'essas pedras finas, pelos nossos processos: e o valor não se achou minguado; cresceu talvez. A nobre confiança, que a antiguidade depositára no sentimento, não a illudiu, não lhe mentiu. O que o coração segredou ao homem no doce crepusculo das eras instinctivas, pode hoje dizer-se, reperir-se bem alto á grande luz d'esse céo de clareza e de razão, é a verdade!

É que a belleza tem tambem a sua certeza: é uma evidencia tambem. O que é bello não o é só porque alegra o olhar e falla aos sentidos a linguagem da perfeição. É-o, sobre tudo, porque o coração lhe sente a verdade eterna que o anima. *O resplendor da verdade*

— assim definiu a belleza um dos mais profundos genios antigos, e que mais a amou e seguiu. Um instincto incomprehensivel nos leva sempre para o lado da luz, muito antes ainda que a sciencia saia do limbo dos factos, e a razão das fatalidades da natureza. Anteriores ás idéas estão os sentimentos — thesouro occulto, a que a pobreza da intelligencia recorre cada vez que tem de apparecer no mundo, radiante d'aquella formosura que só prende as vontades e arrebata os corações. São o mesmo fundo essencial da alma. A alma é a verdade no homem. Porisso, quando por defronte d'ella passa, desenrolando-se como uma tela de mil figuras, o universo em suas mil formas, tudo aquillo que ella escolher e saudar pelo nome de irmão, tudo isso será verdade tambem. Renegar do sentimento é regeitar metade do mundo, a poesia, Homero ou Isaias: metade da historia, e trabalho dos *simples*, Bouddha, Christo, ou Joanna d'Arc: metade do homem, o coração!

Porque será essa metade condemnada, porque não terá ella razão, e ha de a ter a outra, a mais fria, a mais incerta e a mais fraca tambem? E poderá estar assim a alma em contradicção comsigo mesma, a alma, a harmonia por excellencia?

Grave, intrincada questão para os impassiveis argumentadores, que medem a extensão do universo pela medida de seus syllogismos! Para quem lhe sente a ordem maravilhosa, sem lhe importar que exceda o circulo estreito que a impotencia humana traça em volta de suas idéas, para esses basta-lhes o bom senso, a confiança na perfeição absoluta do mundo moral...

Orgulhosas gerações, que quando se oppõem á natureza, lhe chamam a ella falsa e desordenada! Ella,

porem, fica eterna: e os systemas, que a condemnavam, são esses que em vez de a esmagarem, estalam, porque a não podem conter dentro do apertado annel que tomaram pela cintura do mundo.

E, neste grande pleito da immortalidade, é a sciencia que está fóra da natureza, é ella que se engana, porque é feitura nossa, e não o sentimento humano, que esse mal nos pertence, e foi Deos quem o creou, assoprando um sonho de luz sobre a alma adormecida. Philosophia, que despreza a historia, que fecha os ouvidos a essa grande voz do instincto espiritual da humanidade, que, de seculo em seculo, se lançam as gerações, é cada vez mais forte e mais claro, uma tal philosophia será methodica e rigorosa muito embora, será boa na escola, mas na vida é falsa, porque a vida vivem-na os homens — e ella não é humana.

Fóra da escola, fóra da sciencia, que importa? mas no meio dos homens, no ajuntamento dos que sentem, com a cabeça banhada pela doce atmosphera de crenças que todos respiramos — é ahi, meu amigo, que eu assentarei a minha humilde tenda de crente. Humilde mas luminosa: que a banha o sol da confiança todo o dia, e, á noite, sob o céo, visitam-na com sua meiga luz todas as serenas estrellas da esperança. Para ellas ergueram os olhos, levantando as faces pallidas, quantos homens têm sentido dentro em si, como possessos d'um deos, esse desconhecido mas irresistivel hospede chamado o Ideal. Fitou-as Christo muita vez, por entre a ramagem das oliveiras do seu monte de paz e recolhimento. Contemplou-as Socrates, cheio de espanto, quando começavam a surgir no céo da Grecia, como no mar uma armada victoriosa que se aproxima. E Zo-

roastro, do alto da sua montanha sublime, viu-as bem, e pôde contar uma a uma todas essas *ovelhas do rebanho de Deos* [1]. Assim passaram na terra: acompanhou-os esta grande confiança, como mysterioso enviado d'outro mundo desconhecido, até á ultima fronteira da vida. Lá, desse extremo confim, nos traz o vento o som de suas derradeiras passadas, e esse som é como um echo de immortalidade!

Os maiores, os melhores d'entre nós creram n'isto, como crêem os mais simples e mais humildes. E será possivel que a alma mentisse e errasse exactamente n'aquelles em quem mais brilhou, por quem se revelou, na hora do seu maior esplendor?

Pensemos n'isto, meu amigo. Que as maiores explosões de verdade no mundo sejam os momentos do mais triste desvario humano, isto é o que deve espantar e encher de confusão toda a alma crente ainda em alguma cousa de harmonico e ordenado no mundo! Que os nossos guias, esses que vem por favor do céo de seculos em seculos a mostrar-nos o caminho, sejam os primeiros a transviar-se, e a nós com elles, eis a summa derisão, lançada por um destino infernal sobre a fraqueza e escuridade dos homens! As mais bellas, as mais vivas e bem dotadas raças de homens só depois d'um trabalho secular de aperfeiçoamento e consciencia chegam a esta conclusão, e fecham a abobada das maiores civilisações com esta grande chave — Immortalidade. E todo esse trabalho, dolorosamente perseguido, será baldado? e o fecho da construcção será de vento? e será o epilogo das mais bellas civilisações esta

[1] Expressão da poesia popular. *(Nota do auctor.)*

palavra *illusão?* e só hão de ter razão, em face da India harmoniosa, da Judeia apaixonada, da Grecia luminosa, das raças humanas por excellencia, as hordas selvagens da Africa occidental, formas confusas, esboços grosseiros, menos ainda que animaes, porque nem a belleza animal possuem?

Não posso crer tal, meu amigo. Se o universo e a vida tinham de ser isto, não valia a pena que existissem. Outra conclusão deve sair, por certo, d'estes confusos, mas não contradictorios factos humanos. Uma negação não pode ser o ultimo verso do poema dos destinos. E a *existencia* atravessaria os espaços com o seu ardente vôo d'aguia, só para no fim encontrar o *nada* e precipitar-se n'elle?

Outra, e maior, e mais digna da alta idéa que fazemos do universo, deve ser a resolução do fatal problema. Não por certo a conclusão fixa, determinada e immovel das theologias, e, principalmente, da theologia christã. Uma conclusão moral e não doutrinal. A *confiança* e não o *céo*. Uma crença do coração, e não o codigo d'uma Egreja...

Isto basta, porque isto é o essencial. Nos problemas fundamentaes da vida uma resolução determinada e rigorosa, longe de animar o espirito no seu trabalhoso caminho, antes o esmaga sob o peso do absoluto, e enfraquece a vontade que mal pode já desejar o que tão bem conhece. Dizer tudo, aqui, é dizer de mais. É o imperio crepuscular do sentimento, o mundo do mysterio. Mysterio sancto e benefico! Basta uma pequena luz ao longe para se ver *aonde* vamos. *Como*, isso é o imprevisto da viagem, o drama, a vida — é a sublime surpreza da alma. O futuro todo desvendado, essa

grande certeza, essa immensa luz, cegariam o espirito com o brilho excessivo. A ancia humana de ver e saber, se a não sacia o fundo oceano da verdade, é que bebe gotta a gotta essa maravilhosa agua de vida: toda, e d'uma vez, fôra seguramente a morte. O vago convem ás grandes cousas, como vae bem em volta do vulto dos heroes o nevoeiro das legendas. Pede-se ao coração uma palavra de animadora confiança, que mais não pode nem deve elle dizer. É por isso que a philosophia moderna nega a immortalidade, indagando de mais: em opposição com o christianismo, que a affirmara, crendo mais do que se pode crer.

Uma verdadeira sciencia, que meça o rythmo de suas idéas pelo pulsar compassado do sangue no coração, não entra, como louca e impaciente creança, impetuosa e audaz no templo, no recesso mais intimo e sagrado, onde a providencia mysteriosa do mundo guarda os ultimos destinos do homem. É o sacrario do sentimento. O sabio respeita as cousas sanctas, ainda quando as interroga. *Saber até qual limite se podè saber* — eis ahi a grande, a primeira das philosophias.

Estude-se, revolva-se o vasto universo d'um ao outro confim do espaço; o mundo nos seus fundamentos; a natureza nas suas formas; a alma nas suas faculdades; mas o ultimo mysterio do homem, esse basta *sentil-o* — porque é já o mysterio de Deos!

Anthero de Quental.

X

A A. A. da Rocha Peixoto

Ponta Delgada, 31 de junho (1891).

Ex.mo amigo

Aqui recebi ha dias o exemplar da «Revista de Sciencias Naturaes e Sociaes», que devo ao obsequio da sua Redação e que muito e muito agradeço. Li-o com gosto e proveito, e faço votos porque possa continuar a manter-se, como padrão de intelligencia e boa vontade d'um grupo de homens dedicados, e incentivo para uma melhor direcção intellectual das novas gerações. É de trabalhos d'estes que precisamos, e não de vaga e palavrosa litteratura. Dou-lhe os parabens, assim como aos seus collegas de redacção, pelo resultado, verdadeiramente animador, d'este primeiro anno de trabalho.

Senti que a precipitação, com que passei pelo Porto, me não tivesse dado lugar a procurar V. Ex.a e a agradecer-lhe a sua visita, falta que peço me releve. Entreguei em Lisboa um exemplar do seu *Relatorio* ao nosso Oliveira Martins, a quem muito recomendei a sua leitura.

Ignoro se o nosso querido Bazilio Telles se conserva ainda expatriado. Se já voltou, peço lhe transmitta da minha parte lembranças affectuosas.

Eu suponho dever ter por aqui larga demora, e até é possivel que por cá fixe afinal a minha residencia. Aqui, como em toda a parte, disponha V. Ex.a de mim, e creia na muita sympathia com que sou

De V. Ex.a
c.do obr.mo
Anthero de Quental.

XI

A Antonio Augusto Teixeira de Vasconcellos

Lisboa, 31 de maio (1871).

Ex.^mo Sr.

Espero dever-lhe o obsequio da publicação das seguintes linhas:

Com este titulo — «Como se improvisam os factos historicos na segunda conferencia do Casino» [1] —, publicou v. no n.° 128 do seu jornal [2] um pequeno artigo devido á penna de um erudito anonimo. Não é costume meu *improvisar* em questões de factos; mas o que muito facilmente e muito naturalmente me pode acontecer é enganar-me; e como tenho menos orgulho do que vontade de me instruir, folgo sempre com as lições que me queiram dar os que são mais sabedores do que eu.

Em questões, sobretudo, tão graves como são as causas da decadencia do meu paiz, esse sentimento tem em mim dobrada intensidade, e não ha advertencia que eu não considere como preciosa. Infelizmente não me quiz dar esse gosto, nem fazer esse serviço, o autor do artigo: contentou-se com affirmar que *se improvisaram factos historicos* na segunda conferencia do Casino, e esqueceu-lhe revelar-nos o mundo de coisas instructivas, que encerrou sybilinamente n'aquelle prometedor plural, *factos*.

[1] Publicada em folheto com o titulo — *Causas da decadencia dos povos peninsulares nos tres ultimos seculos*. Porto, 1871.

[2] *Jornal da Noite*.

Quero crer que attenderá ao pedido instante que aqui lhe faço, e que remediará aquelle, para mim, deploravel esquecimento, restabelecendo na sua verdade os muitos factos, que, com a inconsciencia da ignorancia, adulterei na minha conferencia. Espero isto da sua delicadeza e da sua sciencia. Emquanto, porém, espero, permitta-me o escrupuloso anonimo que submeta ao seu bom juizo as seguintes reflexões. Em primeiro lugar, o que D. João de Castro fez na sua quinta de Cintra não é um *facto historico;* o caso é simplesmente uma anecdota historica, ou melhor, uma anecdota relativa a um personagem historico.

Factos historicos são exclusivamente aquelles que se ligam á vida social, politica ou moral d'uma nação: ora cortar alguem (seja esse alguem o maior dos heroes) as arvores das suas propriedades, é coisa que nem directa, nem indirectamente influe no destino das nações. Permita-me dizer-lhe, em segundo lugar que é fallar mais figuradamente do que a boa logica consente á rhetorica, chamar *improvisado* a um facto que tem por si a auctoridade de Jacintho Freire (historiador emphatico e sem philosophia, mas consciencioso e instruido), e uma tradição popular de tres seculos.

«Aqui se recreava com uma estranha e nova agricultura, cortando as arvores que produziram fructo, e plantando em seu lugar arvores sylvestres, e estereis; quiçá mostrando que servia tão desinteressado, que nem da terra que agricultava, esperava paga do beneficio». Isto diz Jacintho Freire, referindo-se a uma epocha em que D. João de Castro não tinha ainda ido á India, nem provavelmente conhecia os famosos jardins chinezes. Esta autoridade e a da tradição popular

não parecerão ao exigente anonimo, sufficiente para facto historico: para uma simples anecdota parecem-me bastante; pelo menos quanto é necessario para se não podêr dizer *improvisada* ha oito dias no Casino. Finalmente, não foi como facto, mas como tradição, que eu referi a anecdota quando disse: «o que se conta de D. João de Castro pode ser tomado como simbolo do espirito guerreiro do tempo, no seu desdem pelo trabalho e pela industria». Que o facto tivesse ou não existido, é para a *verdade* do meu discurso coisa perfeitamente indifferente: entrou alli apenas como uma imagem, um *simbolo*, nada mais. Não tratava de D. João de Castro: tratava do espirito guerreiro e da industria: aquella anecdota, verdadeira ou não, exprimia bem o meu pensamento: usei della com todo o direito.

Ainda assim, emquanto o meu erudito anonimo não me provar o contrario, tenho-a por verdadeira, dando mais por Jacintho Freire e pela tradição do que pelas suas affirmativas e por quatro versos de Costa e Silva. Eis quanto tenho a dizer a respeito d'aquelles *factos historicos*, por mim tão audaciosamente *improvisados*.

Agora, sabe o anonimo o que me parece tão deploravelmente significativo, para a nossa epoca, como para a epoca de D. João de Castro a anecdota das arvores cortadas? É ver um critico tão sabedor e tão pensador, como deve ser o anonimo, depois de um discurso de hora e meia, em que se agitaram idéas geraes e principios que se ligam intimamente á nossa vida nacional, não achar coisa que lhe impressionasse mais profundamente as vastas faculdades do que... uma anecdota.

Isto não quer dizer que não lhe agradeço as suas

valiosas advertencias, e as que hão de vir, que ainda mais valiosas serão. Appelo para a discussão: desejo-a. Simplesmente, parece-me que, quando se discutem as opiniões d'um homem, será talvez conveniente ter primeiro entendido o que elle diz.

Anthero de Quental.

XII

A Antonio Feliciano de Castilho [1]

Ex.mo Sr.

Acabo de ler um escripto [2] de v. ex.ª, onde, a proposito de faltas de bom-senso e de bom-gosto, se falla com aspera censura da chamada eschola litteraria de Coimbra, e entre dois nomes illustres [3] se cita o meu, quasi desconhecido e sobre tudo desambicioso.

Esta minha obscuridade faz com que a parte de censura que me cabe seja sobre maneira diminuta: em quanto que, por outro lado, a minha despreoccupação de fama litteraria, os meus habitos de espirito e o meu modo de vida, me tornam essa mesma pequena parte que me resta tão indifferente, que é como que se a nada a reduzissemos.

Estas circumstancias pareceriam sufficientes para me imporem um silencio, ou modesto ou desdenhoso. Não o são, todavia. Eu tenho para fallar dois fortes mo-

[1] Vid. carta autobiographia dirigida a Wilhelm Storck, p. 5.

[2] No livro do sr. Pinheiro Chagas – *Poema da Mocidade. (Nota do auctor.)*

[3] Os srs. Theophilo Braga e Vieira de Castro. *(Idem.)*

tivos. Um é a liberdade absoluta que a minha posição independentissima de homem sem pretenções litterarias me dá para julgar desassombradamente, com justiça, com frieza, com boa-fé. Como não pretendo logar algum, mesmo infimo, na brilhante phalange das reputações contemporaneas, é por isso que, estando de fóra, posso como ninguem avaliar a figura, a destreza e o garbo ainda dos mais luzidos chefes do glorioso esquadrão. Posso tambem fallar livremente. E não é esta uma pequena superioridade n'este tempo de conveniencias, de precauções, de reticencias — ou, digamos a cousa pelo seu nome, de hypocrisia e falsidade. Livre das vaidades, das ambições, das miserias d'uma posição a que não pretendo, posso fallar nas miserias, nas ambições, nas vaidades d'esse mundo tão extranho para mim, atravessando por meio d'ellas e sahindo puro, limpo e innocente.

A este primeiro motivo, que é um direito, uma faculdade só, accresce um outro, e mais grave e mais obrigatorio, porque é um dever, uma necessidade moral. É esta força desconhecida que nos leva muita vez, ainda contra a vontade, ainda contra o gosto, ainda contra o interesse, a erguer a voz pelo que julgamos a verdade, a erguer a mão pelo que acreditamos a justiça. É ella que me manda fallar. Não que a justiça e a verdade se offendessem com v. ex.ª ou com as suas apreciações. Verdade e justiça estão tão altas, que não têm olhos com que vejam as pequenas cousas e os pequenos homens das infimas questiunculas litterarias dum ignorado canto de terra, a que ainda se chama Portugal.

Não é isso o que as offende. Mas as idéas que estão por de trás dos homens; o mal profundo que as cousas

apenas miseraveis representam; uma grande doença moral accusada por uma pequenez intellectual; as desgraças, tanto para reflexões lamentosas, desta terra, reveladas pelàs miserias, tão merecedoras de despreso, dos que cuidam dominal-a; isso é que afflige excessivamente a razão e o sentimento, o que prende o olhar ainda o mais desdenhoso a estas baças intrigas; isso é que levanta esta questão do raso das personalidades para a elevar ate á altura d'uma questão de principios e que dá ás ridiculas chufas, que entre si trocam uns tristes litteratos, todo o valor d'uma discussão de philosophia e de historia.

Sim, ex.mo sr. Eu não sei se v. ex.a tem olhos para ver tudo isto. Cuido que não: porque a intelligencia dos habeis, dos prudentes, dos espertissimos é muitas vezes cega em lhe faltando uma cousa bem pequena, que se encontra nos simples e nos humildes — a boà-fé.

Á luz della, porem, eu hei de sempre ver uma pessima acção, digna de toda a importancia d'um castigo, nas impensadas e infelizes palavras de v. ex.a, dignas quando muito d'um sorriso de desdem e do esquecimento. E se eu nem sequer me daria ao incommodo de erguer a cabeça de cima do meu trabalho para escutar essas palavras, entendo que não perco o meu tempo, que sirvo a moral e a verdade, censurando, verberando a deshonesta acção de v. ex.a

Porque é uma acção deshonesta. O que se ataca na eschola de Coimbra (talvez mesmo v. ex.a o ignore, porque ha malevolos innocentes e inconscientes), o que se ataca não é uma opinião litteraria menos provada, uma concepção poetica mais atrevida, um estylo ou uma idéa. Isso é o pretexto, apenas. Mas a guerra

faz-se á independencia irreverente de escriptores que entendem fazer por si o seu caminho, sem pedirem licença aos *mestres,* mas consultando só o seu trabalho e a sua consciencia. A guerra faz-se ao escandalo inaudito duma litteratura desaforada que cuidou poder correr mundo sem o sello e o visto da chancellaria dos grão-mestres officiaes. A guerra faz-se á impiedade destes hereges das lettras, que se revoltam contra a auctoridade dos papas e pontifices, porque, ao que parece, ainda a luz de cima lhes não escreveu nas frontes o signal da infallibilidade. Faz-se contra quem entende pousar por si e ser só responsavel por seus actos e palavras...

Agora quem move estes ridiculos combates de phrases é a vaidade ferida dos mestres e dos pontifices; é o espirito de rotina violentamente incommodado por mãos rudes e inconvenientes; é a banalidade que quer dormir socegada no seu leito de ninharias; é a vulgaridade que cuida que a forçam — nós só lhe queremos puchar as orelhas!

Isto, resumido em poucas palavras, quer dizer: combatem-se os hereges da eschola de Coimbra por causa do negro crime de sua dignidade, do atrevimento de sua rectidão moral, do attentado de sua probidade litteraria, da impudencia e miseria de serem independentes e pensarem por suas cabeças. E combatem-se por faltarem ás virtudes de respeito humilde ás vaidades omnipotentes, de submissão estupida, de baixeza e pequenez moral e intellectual.

V. ex.ª, com a imparcialidade que todos lhe conhecemos, deve confessar que uma guerra assim feita é não só mal feita, mas tambem pequena e miseravel-

mente feita. Mas é que a eschola de Coimbra, commetteu effectivamente alguma cousa peior de que um crime — commetteu uma grande falta: *quiz innovar*. Ora, para as litteraturas officiaes, para as reputações estabelecidas, mais criminoso do que manchar a verdade com a baba dos sophismas, do que envenenar com o erro as fontes do espirito publico, do que pensar mal, do que escrever pessimamente, peior do que isto é essa falta de querer caminhar por si, de *dizer* e não *repetir*, de *inventar* e não de *copiar*. Porquê? Porque todos os outros crimes eram contra as idéas: haveria sempre um perdão para elles. Mas esta falta era contra as pessoas: e essas taes são imperdoaveis. Innovar é dizer aos prophetas, aos reveladores encartados: «ha alguma cousa que vós ignoraes; alguma cousa que nunca pensastes nem dissestes; ha mundo além do circulo que se vê com os vossos oculos de theatro; ha mundo maior do que os vossos systemas, mais profundo do que os vossos folhetins; ha universo um pouco mais extenso e mais agradavel sobre tudo do que os vossos livros e os vossos discursos. Isto, sim, que é intoleravel! Isto, sim, que é infame e revoltante e impio e subversivo! Contra isto, sim, ás armas, ergamo-nos na nossa força, mostremos o que somos e o que podemos... escrevamos tres folhetins e um prologo!...

V. ex.ª fez-se chefe d'esta cruzada tão desgraçada e tão mesquinha. Não posso senão dar-lhe os pezames por tão triste papel. Mas se eu, como homem, desprézo e esqueço, como escriptor é que não posso calar-me; porque atacar a independencia do pensamento, a liberdade dos espiritos, é não só offender o que ha de mais sancto nos individuos, mas é ainda levantar

mão roubadora contra o patrimonio sagrado da humanidade — o futuro —. É seccar as nascentes da fonte aonde as gerações futuras têm de beber. É cortar a raiz da arvore a que os vindoiros tinham de pedir sombra e socego. É atrophiar as idéas e os sentimentos das cabeças e dos corações que têm de vir.

O contrario d'isto tudo é que é a bella, a immensa missão do escriptor. É um sacerdocio, um officio publico e religioso de guarda incorruptivel das idéas, dos sentimentos, dos costumes, das obras e das palavras. Para isso toda a altura, toda a nobreza interior são pouco ainda. Para isso toda a independencia de espirito, toda a despreoccupação de vaidades, toda a liberdade de jugos impostos, de mestres, de auctoridades, nunca será de mais. O mineiro quer os braços soltos para cavar buscando o ouro entre as areias grossas. O piloto quer os olhos desvendados para ler nos astros o caminho da náo por entre as ondas incertas. O sacerdote quer o coração limpo de paixões, de interesses, para aconselhar, guiar, julgar, imparcial e justo. O escriptor quer o espirito livre de jugos, o pensamento livre de preconceitos e respeitos inuteis, o coração livre de vaidades, incorruptivel e intemerato. Só assim serão grandes e fecundas as suas obras: só assim merecerá o logar de censor entre os homens, porque o terá alcançado, não pelo favor da turbas inconstantes e injustas, ou pelo patronato degradante dos grandes e illustres, mas elevando-se naturalmente sobre todos pela sciencia, pelo paciente estudo de si e dos outros, pela limpeza interior d'uma alma que só vê e busca o bem, o bello, o verdadeiro.

Este é o escriptor, o poeta, o apostolo. Se o obri-

gassem a respeitos convencionais, a terrores supersticiosos diante de certos homens, a espantos cegos diante de certas cousas; se o fizessem baixar a cabeça e as costas para entrar a porta do pantheon litterario; elle, o pobre, ficaria sempre curvo e submisso, humilde e sem força propria, serve de alheias idéas e apostolo apenas de palavras decoradas e vazias d'alma. Como se havia elle pois erguer, entre seus irmãos, tão alto que seus olhos fossem uns como pharoes para todos os outros olhos, a sua fronte uma como montanha de luz: tão alto que as palavras de sua bocca cahissem sobre as cabeças como uma chuva benefica e fecundante? Seria, depois das provas e das torturas, das genuflexões e das baixezas da iniciação do gremio dos *senhores*, seria um aleijão e não gigante, um aborto em vez de heroe e, em vez de sobr'exceder a todos com a fronte, andaria sumido entre elles, visitado escassamente pelo sol e pela luz. Elle, que não soubera procurar para si o seu caminho, como poderia elle allumiar o dos outros? Elle, humilde, como ensinaria a altivez e a dignidade? Respeitador de conveniencias estereis, como daria o exemplo das revoltas fecundas? Sem alma, como a insuflaria no peito dos tristes e humilhados? Sem vontade, como resistiria ás tyrannias da opinião omnipotente, ao capricho dos grandes, ás ambições, ás tentações?

As grandes, as bellas, as boas cousas só se fazem quando se é bom, bello e grande. Mas a condição da grandeza, da belleza, da bondade, a primeira e indispensavel condição, não é o talento, nem a sciencia, nem a experiencia: é a elevação moral, a virtude da altivez interior, a independencia da alma e a dignidade do

pensamento e do caracter. Nem aos *mestres*, aos que a maioria boçal aponta como illustres, nem á opinião, á critica sem sciencia nem consciencia das turbas, do maior numero, deve pedir conselhos e aprovação, mas só ao seu entendimento, á sua meditação, ás suas crenças. N'esta eschola do trabalho, da dignidade das altas convicções, se formam os homens em cujos peitos a humanidade encontra sempre um vasto lago onde farte a sede de verdade, de consolações, de ensinos para a intelligencia e confortos para o coração.

No peito dos outros, dos que andam de capella em capella na lida afanosa de incensar cada dia todos os idolos, dos que fazem da gloria uma bastilha para aventureiros levarem de assalto, e não pulpito aonde se suba com respeito e amor, no peito desses não habita mais do que ambição, vaidade, endurecimento e miseria. Esses lisongeiam os grandes; e os grandes dão-lhes a mão para que subam, e desprezam-nos depois. Lisongeiam as maiorias; e as maiorias inconstantes lançam-lhes no regaço um pouco de ouro e algum applauso de momento, e depois passam e esquecem. Afagam todas as vaidades; e têm em cada vicio humano um capital, cujo juro dissipam em quanto vivos, porque essa moeda corrompida para mais ninguem serve. Emfim, nos quinze ou vinte annos em que dão que falar ás gazetas, aos botequins, aos gremios, a todos os vadios, a todos os futeis, folgam, vivem alegres e esquecidos de tudo quanto não seja a satisfação do que ha no homem de mais pequeno — a vaidade e o interesse.

Para os outros a obscuridade, e a miseria muita vez — mas a estima dos melhores entre os homens pelo

espirito, e, o que excede tudo, a posse duma consciencia superior a quanto não seja a verdade, a justiça e a formosura. As idéas serenas brilham-lhes na escuridão do isolamento e alumiam-lhes com uma luz doce mas immensa toda a sua obscuridade. Dão-se a desbaratar o mal dos outros homens, como muitos se dão a augmentar o seu bem proprio. Vivem na região das bençãos, escutando as palavras da bôca invisivel, e com os echos dessa voz celeste compõem os hymnos de esperança e de amor para a humanidade. Morrem; mas morrem nobres e puros. Tudo isto porque foram independentes. Não pertenceram a corrilhos; não elogiaram ninguem para que os elogiassem a elles; não incensaram os fetiches dos ridiculos pagodes litterarios. Foram honrados. Foram simples.

A estes taes chamo eu poetas. Porque nos ensinam o bem. Porque são originaes e dizem sempre alguma cousa nova á nossa curiosidade de saber. Porque dão com a elevação das vidas confirmação á sublimidade dos escriptos. Porque são tão poeticos como os seus poemas. Porque vão adiante abrindo á luz e ao amor novos horisontes. Porque não conhecem ambições nem orgulhos. Porque têm a cabeça do genio e o coração da innocencia. É por isso tudo que lhes chamo poetas.

Os outros adoram a *palavra*, que illude o vulgo, e desprezam a *idéa*, que custa muito e nada luz. São apostolos do diccionario e têm por evangelho um tractado de metrificação. Fazem da poesia o instrumento de suas vaidades. Pregam o bem por uso e convenção litteraria, porque se presta á declamação poetica, mas practicam o egoismo por indole e por vontade. Fazem-nos descrer da grandeza humana, porque são uns

sophismas que nos mostram a pequenez e a má fé aonde as apparencias são todas de nobreza. Preferem imitar a inventar; e a imitar preferem ainda traduzir. Repetem o que está dicto ha mil annos, e fazem-nos duvidar se o espirito humano será uma esteril e constante banalidade. São os enfeitadores das ninharias luzidias. Põem os nadas em pé para parecerem alguma cousa. São os idolos litterarios da multidão que mal sabe ler. São os philosophos queridos da turba que nunca pensou. São, emfim, genios no Brasil como v. ex.ª

Estes taes escusam da nobreza e da dignidade: têm a habilidade e a finura. Para a obra que fazem, isso lhes basta. Mas a obra, ex.mo sr., é que é uma obra vulgar: bem feita para agradar ao ouvido, mas esteril para o espirito. Sôa bem, mas não ensina nem eleva. Ora a humanidade precisa que a levantem e que a doutrinem. São, pois, necessarias outras e melhores obras.

Mas, se já alguma hora da historia impoz aos que fallam alto entre os povos obrigações de seriedade, de profunda abnegação, de sacrificio do *eu* ás tristezas e miserias da humanidade, de trabalho e silencioso pensamento; se alguma hora lhes mandou serem graves, puros, crentes, é certamente esta do dia de hoje, da edade de transformação dolorosa, de scepticismo, de abaixamento moral, de descrença, que é o nosso seculo. Refundem-se as crenças antigas. Geram-se com esforço novas idéas. Desmoronam-se as velhas religiões. As instituições do passado abalam-se. O futuro não apparece ainda. E, entre estas duvidas, estes abalos, estas incertezas, as almas sentem-se menores, mais

tristes, menos ambiciosas de bem, menos dispostas ao sacrificio e ás abnegações da consciencia. Ha toda uma humanidade em dissolução, de que é preciso extrair uma humanidade viva, sã, crente e formosa.

Para este grande trabalho é que se querem os grandes homens. Sahirão esses heroes das academias litterarias? das arcadias? das sinecuras opulentas? dos corrilhos do elogio-mutuo? Sahirão as aguias das capoeiras? Saltarão as idéas salvadoras do choque das maledicencias e dos doestos? Nascerão as dedicações do casamento das vaidades? Darão a grande novidade os ledores de Horacio? Inventarão as novas formulas os que decoram as phrases rabugentas dos livros bolorentos que chamam classicos? E os Socrates e os Epictetos descerão para as suas missões das cadeiras almofadadas, das rendosas conezias litterarias, das prebendas, das explorações?

Fóra d'essa atmosphera corrupta, e quando não corrupta, pelo menos esterilisadora, é mais provavel encontrarem-se as condições que precisam para viver e crescer os homens uteis e necessarios ás transformações do espirito humano.

Não é traduzindo os velhos poetas sensualistas da Grecia e de Roma [1]; requentando fabulas insossas diluidas em milhares de versos semsabores [2]; não é com idyllios grotescos sem expressão nem originalidade, com allusões mythologicas que já faziam bocejar nossos avós [3]; com phrases e sentimentos postiços de acade-

[1] Allude ás traduções de Ovidio e Anacreonte. *(Nota do auctor.)*

[2] Allude ás Cartas d'Echo e Narciso. *(Idem.)*

[3] Allude á Primavera. *(Idem.)*

mico e rethorico [1]; com visualidades infantis e puerilidades vãs [2]; com prosas imitadas das algaravias mysticas de frades estonteados [3]; com banalidades [4]; com ninharias [5]; não é, sobre tudo lisongeando o máo gosto e as pessimas idéas das maiorias, indo atrás d'ellas, tomando por guia a ignorancia e a vulgaridade, que se hão de produzir as idéas, as sciencias, as crenças, os sentimentos de que a humanidade contemporanea precisa para se reformar como uma fogueira a que a lenha vai faltando.

Mas fora de tudo isto, d'estas necedades tradicionaes, é o nevoeiro, é o metaphysico, é o inattingivel — diz, v. ex.ª

Todavia, quem pensa e sabe hoje na Europa não é Portugal, não é Lisboa, cuido eu: é Paris, é Londres, é Berlim. Não é a nossa divertida Academia das Sciencias que revolve, decompõe, classifica e explica o mundo dos factos e das idéas. É o Instituto de França, é a Academia Scientifica de Berlim, são as escholas de philosophia, de historia, de mathematica, de physica, de biologia, de todas as sciencias e de todas as artes, em França, em Inglaterra, em Allemanha, Pois bem: a Allemanha, a Inglaterra, a França, comprazem-se no nevoeiro, são incomprehensiveis e ridiculas, são metaphysicas tambem. As tres grandes nações pensantes são risiveis deante da critica fradesca do sr. Castilho.

[1] Allude ao Tributo Portuguez na morte de D. Pedro V. *(Nota do auctor.)*

[2] Allude aos tractados de Metrificação e Menemonica. *(Idem.)*

[3] Allude a todas as obras em prosa. *(Idem.)*

[4] Allude a todas as obras em verso. *(Idem.)*

[5] Allude a todas as obras junctas, prosa e verso *(Idem.)*

Os grandes genios modernos são grotescos e desprezíveis aos olhos baços do banal metrificador portuguez.

O grande espirito philosophico do nosso tempo, a grande creação original, immensa da nossa idade, não passa de confusão e embroglio desprezivel para o professor de ninharias, que cuida que se fustiga Hegel, Stuart Mill, Augusto Comte, Herder, Wolff, Vico, Michelet, Proudhon, Littré, Feuerbach, Creuzer, Strauss, Taine, Renan, Buchner, Quinet, a philosophia allemã, a critica franceza, o positivismo, o naturalismo, a historia, a metaphysica, as immensas creações da alma moderna, o espirito mesmo da nossa civilisação... que se fustiga tudo isto e se ridicularisa e se derriba com a mesma sem-cerimonia com que elle dá palmatoadas nos seus meninos de 30, 40 e 50 annos, de Lisboa, do Gremio, da *Revista Contemporanea!*

Quem seguir tudo isto vai com o pensamento moderno; com as tendencias da sciencia; com os resultados de trinta annos de critica; com a nova eschola historica; com a renovação philosophica; com os pensadores; com os sabios; com os genios; vai com a França; vai com a Allemanha — mas que importa? não vai com o sr. Castilho! não vai com o novo methodo repentista! não vai com o moderno folhetim portuguez!

O metrificador das Cartas d'Echo diz ao pensador da Philosophia da natureza — *tira-te do meu sol!* — O mythologo do diccionario da fabula diz ao profundo descobridor da Symbolica — *és um ignorante!* — A rethorica portugueza diz á sciencia, ao espirito moderno — *cala-te d'ahi, papelão!*

É que tudo isto não passa de idéas. Ora ha uma cousa que o sr. Castilho tomou á sua conta, que não

deixa em paz, que nos prometeu destruir... é a metaphysica... é o ideal...

O ideal! palavra mystica; de gothica configuração; quasi impalpavel; espiritualista; impopular; que o artigo de fundo repelle; que desacreditaria o deputado do centro que a empregasse; que Victor Hugo adora e de que se riem os localistas; que não chega para um folhetim e que enche o maior poema; immensa aos olhos dos que a vêem com os olhos fechados e que nunca viram os que os trazem sempre arregalados; palavra pessima para uma rima de madrigal; palavra que faz desmaiar as beatas; grotesca num botequim; disforme numa sala; medonha numa assembleia de litteratos horacianos... decididamente v. ex.ª devia odiar esta desgraçada palavra!

O ideal quer dizer isto: desprezo das vaidades, amor desinteressado da verdade; preoccupação exclusiva do grande e do bom; desdem do futil, do convencional; boa fé; desinteresse; grandeza d'alma; simplicidade; nobreza; soberano bom gosto e soberanissimo bom senso... tudo isto quer dizer esta palavra de cinco letras — ideal.

Por todos estes motivos ella é sobremaneira odiavel; ella é desprezivel por todas estas causas; e v. ex.ª tem toda a razão, chacoteando, bigodeando, pulverisando esse miseravel ideal.

Elle, com effeito, nada do que elle é ou dó que vem d'elle, serve ou pode servir jámais para alguma cousa do que se procura na vida, do que n'ella procuram os homens graves, os homens serios, os homens de senso e gosto como v. ex.ª, que nada querem com ideais ou com idéas, mas só com realidades e com factos; para

captar a admiração das turbas; o applauso das multidões; para formar um grande nome composto de pequeninas lettras; para merecer os encomios dos grammaticões e o assombro dos burguezes; para ser das academias; das arcadias; commendador; citado pelos brazileiros retirados do commercio; decorado pelos directores do collegio; o Tirteu dos mercieiros e um Homero constitucional.

Para isto é que não serve o ideal. E é por isso, pela sua absurda inutilidade, que v. ex.ª o apeia com tanta sem cerimonia do pedestal aonde, para o adorarem, o têm posto os loucos que nunca foram nada n'este mundo, nem das academias nem do conselho de instrução pública, um Christo, um Socrates, um Homero...

Por isso é que v. ex.ª faz muito bem em o destruir, a esse pobre diabo do ideal; de o pôr fóra de casa a bofetões; de o bannir das suas obras, que não ha ver por lá nem a mais leve sombra d'elle. Agradam a todos assim. Os versos de v. ex.ª não têm ideal — mas começam por letra pequena. As suas criticas não têm idéas — mas têm palavras quantas bastem para um diccionario de synonimos. Os seus poemas lyricos não são methaphysicos, não precisam d'uma excessiva attenção, de esforços de pensamento para se comprehenderem — e têm a vantagem de não deixarem ver nem um só ideal. Nas suas obras todas ha uma falta tão completa d'essas incomprehensibilidades, que deve pôr muito á sua vontade os leitores que v. ex.ª tem no Brazil. V. ex.ª diz tudo quanto se pode dizer sem idéas — boa, excellente receita para não cahir nas nebulosidades do ideal. Os seus escriptos são optimos

escriptos — menos as idéas: e é v. ex.ª um grande homem — menos o ideal.

Dante, que era um barbaro, e Shakspeare, que era um selvagem, é que rechearam as suas obras de ideal. Victor Hugo tambem cáe muito nesse defeito. V. ex.ª é que o tem sempre evitado cautelosamente, e por isso não é um barbaro como Dante, nem selvagem como Shakspeare, nem um máo poeta como Victor Hugo. Não é Dante, nem Shakspeare, nem Hugo — mas é amigo do sr. Viale, que falla latim como Mevio e Bavio.

Mas, ex.mo sr., será possivel viver sem idéas? Esta é que é a grande questão. Em Lisboa, no curso de lettras, na academia, no conselho superior, no gremio, nos saraus de v. ex.ª, dizem-me que sim, e que é mesmo uma condição para viver bem. Fóra de Lisboa, isto é no resto do mundo, em Paris, Berlim, Londres, Turim, Goettingue, New-York, Boston, paizes mais desfavorecidos da sorte, na velha Grecia tambem e mesmo na Roma antiga, é que nunca poderam passar sem essas magnificas inutilidades. Ellas o muito que têm feito é servirem de entretimento aos visionários como Christo (um metaphysico bem nebuloso), como Socrates, como Çakia-Mouni, como Mahomet, como Confucio e outros sujeitos de nenhuma consideração social, que se entretinham fazendo systemas com ellas, e com os systemas religiões, e com as religiões povos, e com os povos civilizações, e com as civilizações codigos, leis, sentimentos, amores, paixões, crenças, a alma emfim da humanidade, cousa que se não vê nem rende, e é tambem inutil e incomprehensivel. Eis ahi o mais a que as idéas têm chegado. Creio que pouco mais, ou nada mais, têm feito do que isto.

Em Lisboa é que nem isto. Não sei se tem havido quem tente introduzil-as nessa capital. V. ex.ª é que eu tenho a certeza de que não era capaz d'essa má acção. Por isso Lisboa não cahe como cahiram Athenas e Roma, por causa das suas idéas, e Jerusalem e outras cidades infelizes, cujos poetas tiveram um amor demasiado ao ideal... Uma só cousa ficou d'ellas: uma memoria grande, honrosa, nobilissima. Cahiram, mas deràm ao mundo um espectaculo raro — o espirito e a consciencia humana triumphando da materia e brilhando no meio das ruinas como a chamma que se alimenta da destruição da lenha d'onde sahe e que a gerou. Eu não sei se v. ex.ª acha isto sensato e de bom gosto. Cuido que não. O que eu sei sómente é que isto é sublime .....

Paro aqui, ex.mo sr. Muito tinha eu ainda que dizer: mas temo, no ardor do discurso, faltar ao respeito a v. ex.ª, aos seus cabellos brancos. Cuido mesmo que já me escapou uma ou outra phrase não tão reverente e tão lisongeira como eu desejára. Mas é que realmente não sei como hei de dizer, sem parecer ensinar, certas cousas elementares a um homem de sessenta annos; dizel-as eu com os meus vinte e cinco! V. ex.ª aturou-me em tempo no seu collegio do Portico, tinha eu ainda dez annos, e confesso que devo á sua muita paciencia o pouco francez que ainda hoje sei. Lembra-se, pois, da minha docilidade e adivinha quanto eu desejaria agora podel-o seguir humildemente nos seus preceitos e nos seus exemplos, em poesia e philosophia, como outr'ora em grammatica francesa, na comprehensão das verdades eternas como em outro tempo no entendimento das Fabulas de La Fontaine. Vejo, po-

rem, com desgosto que temos muitas vezes de renegar aos vinte e cinco annos do culto das auctoridades dos dez; e que saber explicar bem Telemaco a crianças não é precisamente quanto basta para dar o direito de ensinar a homens o que sejam razão e gosto. Concluo d'aqui que a edade não a fazem os cabellos brancos, mas a madureza das idéas, o tino e a seriedade: e, neste ponto, os meus vinte e cinco annos têm-me as verduras de v. ex.ª convencido valerem pelo menos os seus sessenta. Posso pois falar sem desacato. Levanto-me quando os cabellos brancos de v. ex.ª passam deante de mim. Mas o travesso cerebro que está debaixo e as garridas e pequeninas cousas que sahem d'elle, confesso, não me merecerem nem admiração, nem respeito, nem ainda estima. A futilidade n'um velho desgosta-me tanto como a gravidade n'uma criança. V. ex.ª precisa menos cincoenta annos de edade, ou então mais cincoenta de reflexão.

E por estes motivos todos que lamento do fundo d'alma não poder confessar, como desejava, de v. ex.ª

Coimbra, 2 de Novembro de 1865.

Nem admirador nem respeitador

Anthero de Quental.

XIII

A Antonio José d'Avila

Ex.mo Sr.

Pego na penna, mais pesaroso do que irritado. As miserias moraes de qualquer homem contristam-me,

porque vejo n'ellas o abaixamento da alma humana, que devia pairar serena e sem macula. As miserias moraes dos homens, que pela posição, pela autoridade, pelos annos, teem missão de dar o exemplo da justiça incorruptivel, e ser como apostolos entre as nações, essas compungem-me dobradamente, porque vejo n'ellas a degradação d'uma coisa augusta, a lei, e o envilecimento d'uma coisa veneranda, os cabellos brancos. Nada d'isto, porem, exclue a indignação: sómente, é uma indignação entristecida. Porque havia V. Ex.ª, velho que eu não conheço, ministro que eu quizera respeitar, fazer calar em mim o respeito que é devido aos annos e á posição, e obrigar-me a fallar-lhe n'um tom, que não é o da colera, mas que é o da indignação, e que pode ser o do desprezo? Se os cabellos brancos, que passam diante de mim, em vez de terem a compostura placida das cabeças dos Santos, trazem nos seus anneis emmaranhados as palhas da loucura, posso eu deixar de sorrir dos esgares do louco, e enxotal-o do meu caminho, se m'o embaraça?

Vou ser descaridoso para com V. Ex.ª, porque V. Ex.ª deixou de merecer a minha caridade.

Dirigindo-me a V. Ex.ª, dirijo-me sobre tudo ao publico: por isso escrevo pela imprensa. Particularmente não lhe escreveria, porque me prezo de não ter por correspondentes senão pessoas intelligentes, pouco condecoradas, e de provada orthodoxia em grammatica portugueza. V. Ex.ª não está n'este caso. Além d'isso, a questão não é pessoal. Para mim o marquez d'Avila é apenas mais um titular: isto é, uma coisa hirta que passa, e que dois merceeiros mostram um ao outro. Já vê V. Ex.ª que era impossivel incommodar-me, e

menos ainda offender-me. A questão é com um ministro, cujo nome me é indifferente, e com a opinião publica, que tem de julgar os actos d'esse ministro.

Ora; a portaria com que V. Ex.ª mandou fechar a sala das Conferencias democraticas, é um acto não só contrario á lei e ao espirito da epoca, mas sobre tudo attentatorio da liberdade do pensamento, da liberdade da palavra, e da liberdade de reunião, isto é, d'aquelles sagrados direitos sem os quaes não ha sociedade humana, verdadeira sociedade humana, no sentido ideal, justo, eterno da palavra. Pode haver sem elles agglomeração de corpos inertes, que a força da gravidade social sustenta juxtapostos: não ha associação de consciencias livres. — Além d'isso é um acto tolo.

Ora, se fosse sómente um acto tolo, tel-o-hia commettido V. Ex.ª reflectida e conscienciosamente. Como é muito mais, como é quasi uma grande coisa, como é quasi um crime contra a dignidade humana, tenho boas razões para suppôr que V. Ex.ª não soube o que fez. V. Ex.ª contemplava cuidadosamente o seu museu de venéras: entre a contemplação extatica da ordem do elephante e a contemplação seraphica da ordem do Camello, teve uma distracção, e fez uma portaria. Obrou como um verdadeiro ministro constitucional. Simplesmente, não se lembrou V. Ex.ª que as pessoas que salpicava com a sua prosa, apesar de não terem o peito coberto de veneras, ou antes, por isso mesmo, sentiam n'esse peito coração, dignidade, independencia. Um ministro constitucional não podia prever estas excentricidades. V. Ex.ª obrou como quem é: nada mais. Quasi que sinto desejo de o applaudir.

Resta o acto. É illegal, disse eu. É-o. Ninguem pode ser julgado sem processo, diz a Lei Fundamental. V. Ex.ª não só julgou sem processo, como tambem condemnou: porque impedir-nos de fallar é já uma condemnação, e é uma condemnação maior ainda attrahir sobre as nossas cabeças, apontando-nos á indignação do paiz, como inimigos da ordem e das crenças publicas, a reprovação universal. Fazer isto, contra homens indefesos, com todo o peso da autoridade, do logar, da reputação, é além de tudo cobarde.

Diz tambem a carta constitucional: «Todos podem communicar os seus pensamentos por palavras e escriptos, ou publicál-os pela imprensa, sem dependencia de censura, comtanto que hajam de responder pelos abusos que commeterem, no exercicio desse direito.» Pois lá estavamos, para responder pelas nossas palavras perante os tribunaes. Havia lá logar, para que a autoridade competente podesse tomar nota d'essas palavras. Nenhum de nós fallava anonymo, creio eu! Quebra-se acaso os prelos d'um jornal, porque esse jornal publicou um, dez, mil artigos reprehensiveis? Processa-se cada um dos artigos, e a imprensa continua trabalhando. Além da responsabilidade pessoal de cada conferente, havia dois homens que perante a autoridade se tinham compromettido a responder porquanto ali se dissesse. Um d'esses homens sou eu. Iria aos tribunais, e sujeitar-me-hia á condemnação legal se me condemnassem. Não pediamos impunidade; pediamos justiça, e só isto era justo. Fechar brutalmente a porta é uma coisa muito differente. Sabe V. Ex.ª o que é? não sabe. Pois é, para os que já tinham fallado, a condemnação sem processo: e é a

censura previa para todos os que ainda não tinham fallado, nem tinham por conseguinte dado elementos para serem julgados. Suppoz-se que diriam coisas feias: *censurou-se previamente:* fechou-se a porta. Um inquisidor não raciocinava melhor. V. Ex.ª é um inquisidor... de *cache-nez*.

E um acto contrario ao espirito da epoca, disse eu.

A epoca é liberal, e o acto é despotico. A epoca é tolerante, e o acto é inquisitorial. A epoca é intelligente, e o acto é estupido. A epoca, que é pensamento, diz á politica, que é acção: comprehende, interpreta e applica a minha idéa; a portaria de V. Ex.ª diz ao espirito da epoca: submette-te á letra da lei, que não comprehendo, nem sei, nem quero interpretar. *Interpretar* a lei é o proprio da intelligencia, que a razão popular colloca aonde a lei tem de se executar: *impôr* a lei, que se não intende, é o proprio da incapacidade em cujas mãos poz o acaso, por irrisão, o poder durante alguns instantes. V. Ex.ª já ouvio fallar em Pitt, em Gladstone, em Peel, em Bright, em Russell, em Palmerston? Não ouviu. Pois foram ou são grandes estadistas, n'um paiz entre todos de liberdade e legalidade. E sabe V. Ex.ª o que fizeram e o que fazem estes estadistas?- Encontraram d'um lado, leis velhas, contradictorias, oppressivas, mas *leis:* leis da idade media, dos Tudor, dos Stuart, catholicas, protestantes, de varios tempos, de espiritos variadissimos... mas sempre *leis:* do outro lado encontravam a opinião do seculo, o pensamento e o sentimento da sociedade contemporanea: encontravam uma opinião liberal, tolerante, intelligente, civilisada, mas só *opinião.* Que fizeram os estadistas inglezes? Deixaram a *letra* e

seguiram o *espirito:* interpretaram, condescenderam, deram rasão á opinião. O que é a lei? é a opinião armada, nada mais. O que é a opinião? é o espirito da sociedade em que vivemos. Os estadistas inglezes são philosophos: a Inglaterra é um grande povo. V. Ex.ª não é um estadista inglez. É Antonio José da Villa [1], das Ilhas de baixo [2].

Portugal, dizia-se ha annos, é o paiz mais liberal da Europa! A Europa, diziam os correspondentes dos jornais provincianos, inveja a nossa sorte, e acha-a unica! A Europa, diziam no Gremio os jogadores de bilhar, estuda com afinco as nossas instituições, e duvida se chegará a imital-as! A Europa quasi que não comprehende a nossa phenomenal liberdade de pensamento! Sómente, meus senhores, ninguem se lembrava de pensar. Um dia decidiu-se alguem a pensar livremente. O sr. marquez d'Avila poz logo o seu chapeu ensebado em cima da liberdade de pensamento!

A politica, sr. marquez, sabe V. Ex.ª que é uma sciencia? Sabe que a sciencia, filha castissima do Espirito, só tende a elevar, a instruir, a moralisar, a santificar a vida humana? A politica é o instrumento da justiça social. Revestida pela autoridade d'um cara-

[1] Antonio José da Villa é o nome verdadeiro do illustre ministro: seu pae o honrado plebeu, chamava-se simplesmente mestre José da Villa. Avila, é apenas a mascara aristocratica do *parvenu*. Quem diz o que pensa é criminoso: quem renega o nome de seu pae é ministro. *C'est la moralité de cette comédie... (Nota do auctor.)*

[2] Em S. Miguel chamão ilhas de baixo a todas as outras dos Açores, por ser aquella a primeira que se encontra, vindo do continente. *(Nota do editor.)*

cter quasi religioso, é uma voz de grandes echos, que diz á verdade *falla!* que diz á consciencia *revela-te!* que diz ás almas *emancipae-vos!* que sobre tudo diz aos costumes *moralisae-vos!* Para ter o direito de dizer isto, a politica tem mais que tudo de ser moral — é preciso que todos a julguem mais que tudo moral. V. Ex.ª é politico: diz-se politico, e dizem-n'o alguns dos seus continuos. Ora veja V. Ex.ª que juizo faz da capacidade moral da sua politica a opinião d'aquelles que V. Ex.ª governa... Diz-se (o que se não diz?) que, antes de se chegar ao *terror*, se usou de meios mais brandos — meios suasorios. Diz-se que se offereceu a alguem uma candidatura, quando esse alguem se mostrou resolvido a fallar sobre um assumpto pouco palaciano... Como se este encontro de circumstancias não podesse ser filho d'uma naturalissima coincidencia! Estes enredos corruptores são só proprios dos politicos da escola de Machiavelo, homem de genio infernalmente profundo, sublime quasi na sua corrupção, perverso mas grande. Ora nós temos toda a certeza de que V. Ex.ª não é por forma alguma Machiavelo, nem ha meio de o tomarmos por seu discipulo. Decididamente, V. Ex.ª não é o grande Machiavelo.

O mundo das intenções, quando o não conheço completamente, é sagrado para mim. Ora eu não sei de que côr é o interior moral, que cobrem as venéras de plaquet de V. Ex.ª Quem sabe lá qual é a verdadeira côr d'um grande politico? Por emquanto, sr. marquez, o nosso dever é suppôl-o moralmente incolor.

A opinião estava indignada, dirá V. Ex.ª: a opinião pedia, clamava, reclamava que se punisse o attentado! Que opinião? A dos ultramontanos, primeiro; depois,

como era de esperar a dos judeus. V. Ex.ª diz-se liberal. Diante de V. Ex.ª estavam, d'um lado, alguns homens que se occupavam serenamente, com respeito, com moderação extrema, de tirar as ultimas conclusões aos principios liberais: do outro lado, a opinião dos ultramontanos e dos judeus. V. Ex.ª, que é liberal, o que fez? poz, como liberal, o seu liberalismo ao serviço dos ultramontanos e dos judeus! Talvez que V. Ex.ª cubice ainda, para o museu que pendura ao peito, duas condecorações novas: a dos jesuitas e a dos rabinos. O furor de collecionar tem abysmos!

Nós somos, ao que parece, os terroristas, os homens perdidos, os homens perigosos. É o que se colhe destas palavras sinistras, com que se abriram as Conferencias: «Não pretendemos *impor* opiniões; vimos simplesmente *expôr* as nossas: não pedimos *adhesão*, pedimos apenas *discussão*. Collocamo-nos placidamente no campo das idéas: repugnam-nos as revoluções violentas, e é exactamente porque nos repugnam que appellamos para a discussão serena». Bem se vê que só o espirito infernal da anarchia pôde inspirar estas palavras de odio e exterminio! Opiniões d'estas não se escutam, esmagam-se!

Agora, a diatribe pessoal, a insinuação perfida, a calumnia manifesta dos jornaes ultramontanos, que nos apresentam como *communistas, vendidos á Iberia, agentes da Internacional,* e nos apontam assim á desconfiança, ao desprezo publico, ao odio talvez, isso é legitimo, é constitucional, é legal, é justo e irreprehensivel: é tudo para bem dos *bons principios!* Parece que os *bons principios* do marquez d'Avila são exacta-

mente os *bons principios* da *Nação* e do *Bem Publico!* Tocante confraternidade da virtude!

E todavia, sr. marquez, não foi um pensamento de odio, de anarchia, de revolta, que presidiu á criação das Conferencias: foi um pensamento de amor. Em face dos problemas temerosos — problemas sociaes, politicos, religiosos — que agitam o presente e obscurecem o futuro; em face da transformação universal dos espiritos, que se poem em marcha para um horizonte desconhecido; em face dos enigmas fatais, que a Revolução, precipitando-se, apresenta aos povos; — que tentou fazer aquella meia duzia de homens desajudados? Desunir? revoltar? não: avisar o espirito publico da necessidade de considerar aquelles problemas; convidal-o a reflectir, com serenidade e imparcialmente, nas soluções que pensadores eminentes tem proposto; conjurar as tempestades possiveis de amanhã, por meio do estudo e da tolerancia de hoje; appellar para a concordia de todas as vontades leaes, n'um pensamento de liberdade, de conciliação, de exame. Foi isto o que tentámos fazer, na medida limitada das nossas forças, é certo, mas com um sentimento muito fraternal e muito puro. Para V. Ex.ª que se diz *conservador*, era este um perverso pensamento de revoltosos. Mas o publico não o entendeu assim: o publico, que nos ouviu com sympathia, com tolerancia, com um alto espirito de conciliação, que o honra, e que nos fez crer que as esperanças do futuro não estão inteiramente perdidas. E esse publico, sr. marquez, pertencia principalmente ás classes *conservadoras:* eram magistrados, proprietarios, officiaes do exercito, deputados, funccionarios, capitalistas: eram, como V. Ex.ª, *conservadores:* a

differença é que eram *conservadores* intelligentes. — Não o entendeu tambem assim o jornalismo liberal, que não julgou conveniente discutir, é verdade, mas que respeitou a lealdade das nossas intenções, e o exercicio d'um direito anterior e superior a todos os codigos. — Não entenderam finalmente assim os centos de pessoas, que, na noite de 26 de junho, espontaneamente (e não por deferencia pessoal para com as nossas individualidades, mas só pela sympathia da commum indignação) nos acompanharam quando levavamos o nosso protesto ás redacções dos jornaes de Lisboa [1]. — Esta sympathia, sr. marquez, consola de muita coisa, porque todos os votos se podem comprar, só não se compram os votos do coração. Quantas manifestações d'este alcance moral conta V. Ex.ª na sua carreira politica? Conquistou-lhe um d'estes votos do coração a *lei das rolhas*, por exemplo?

Mas offendeu-se a crença e as instituições do Estado, diz a Portaria. Vejamos como. Verberou-se o ultramontanismo; mas exaltou-se o sentimento christão. Accusou-se o absolutismo; mas apontou-se a todos a

[1] A este protesto que aqui archivamos deram a sua adhesão muitos outros escriptores:

«Em nome da liberdade do pensamento, da liberdade de palavra, da liberdade de reunião, bases do direito publico, unicas garantias da justiça social, protestamos, ainda mais contristados que indignados contra a portaria que manda arbitrariamente fechar a sala das Conferencias democraticas. Apelamos para a opinião publica, para a consciencia liberal do paiz, reservando-nos a plena liberdade de respondermos a este acto de brutal violencia como nos mandar a nossa consciencia de homens e de cidadãos. Lisboa, 26 de junho de 1871. — *Anthero de Quental, Adolpho Coelho, Jayme Batalha Reis, Salomão Saragga, Eça de Queiroz*.

liberdade como a estrella do futuro. Indicou-se como causa da decadencia da politica e das lettras a corrupção dos costumes; e appellou-se para a regeneração moral. O que foi que, n'isto tudo, offendeu os ***homens da ordem***? Foi a exaltação do sentimento christão? foi a apotheose da liberdade? foi o culto da moral? Ou foi então a censura das doutrinas fanaticas, a reprovação do despotismo e da immoralidade? Parece que, no conceito do sr. marquez, as crenças e instituições do Estado são ultramontanas, absolutistas e corruptoras — visto que tanto se doeu. Houve desacato! Repetir verdades eternas é desacato. Agora, jurar no parlamento a religião e as instituições do Estado, desprezando-as no fundo do coração, isso é respeital-as! No Casino a franqueza é um crime social: no parlamento a hypocrisia é uma virtude politica. Que pensariam Socrates e Jesus das virtudes parlamentares do sr. Antonio José d'Avila?

Ah, sr. marquez! em presença de certos factos (e é este um d'elles) sinto uma melancholia profunda invadir-me, envolver-me a alma! É assim que, no momento mais solemne do seculo XIX, e n'um dos momentos mais criticos da nossa historia, com os perigos visiveis e invisiveis que correm sobre nós de todos os lados do horisonte, é assim que homens encanecidos na arte, tão cheia de lições e experiencia, de governar os outros homens, dão ao mundo o espectaculo da incapacidade, da intolerancia, e da mais assustadora ignorancia das verdadeiras questões do nosso tempo?! São estas as lições com que educam o sentimento publico, a opinião? É assim que preparam o futuro? Aonde vamos nós por este caminho? ao absolutismo? não, que

não teem força para tanto. Vamos á mais repugnante das dissoluções sociaes, a dissolução dos principios, a gangrena dos espiritos, a morte moral!

O assumpto é serio e triste. Já me não posso rir, e a indignação cedeu inteiramente á melancholia que inspira o destino provavel d'uma nação, que os seus *salvadores* se esforçam cada vez mais por condemnar irremissivelmente! Já me não posso rir, sr. marquez, apezar de continuar a vel-o: é que por detraz de V. Ex.ª, em redor de V. Ex.ª, dentro de V. Ex.ª, vejo eu uma coisa muito pouco para riso: um mundo que apodrece!

Este estado de coisas, e o estado dos espiritos que elle accusa, não serão a justificação mais eloquente do pensamento e do facto das conferencias? a prova luminosa de que eram necessarias, de que eram proficuas? de que estava ali, senão um exemplo a seguir, pelo menos uma tentativa louvavel a respeitar, a animar? Pois que! quando os pensamentos se abaixam, quando os caracteres se degradam, quando os principios se obscurecem, quando as intenções se envenenam, quando os actos publicos revelam a triste anarchia que vae nas consciencias... pois que! não será esse o momento proprio, conveniente, necessario, de appellar para a regeneração das idéas, para a propagação dos estudos, para a dedicação das vontades, para a ressurreição moral? Não será esse o momento de dizer cada um a verdade que tem dentro do coração?

V. Ex.ª diz que não. V. Ex.ª tem 60 annos, é marquez, ministro pela decima vez, governa alguns milhões de homens... e o conselho que nos dá — com essas honras e esses annos — a nós, rapazes, *é que mintamos!*

É o que tem a dizer á mocidade portugueza um conselheiro da corôa de Portugal.

.....

Ex.^mo^ sr.: nem eu nem V. Ex.ª passaremos á historia: e muito menos as ineptas portarias que V. Ex.ª faz assignar a um rei sonambulo. Mas, suppondo por um momento que algumas d'estas coisas possa passar ao seculo XX, folgo de deixar aos vindoiros com este escripto a certeza d'uma coisa: que em 1871 houve em Portugal um ministro que fez uma acção má e tola, e um homem que teve a franqueza caridosa de lh'o dizer.

Anthero de Quental.

XIV

A Antonio Lopes dos Santos Valente

Villa do Conde, 15 de fevereiro (1882).

Meu caro Santos

Esta vae por mão de meu cunhado, porque ignoro a tua morada. Escreve-me o Joaquim de Araujo, dizendo que te falara na publicação d'uma obrita minha, por onde fiquei tambem sabendo que eras director duma livraria-editora: se o soubesse antes, ter-te-ia eu mesmo escrito. É o caso que eu pedira ao Joaquim que falasse por mim a algum editor de Lisboa ou Porto, para a publicação do tal livrinho, aborrecido, por fim, de o ter, ha perto já de dois annos, na casa Bertrand, cuja inercia é notoria, e para mim tanto mais tediosa, n'este caso, quanto aquelle livrinho era, no meu pensa-

mento, o primeiro d'uma serie, que comprehenderia mais dois ou tres, constituindo tudo uma «Biblioteca da Infancia e Adolescencia», coisa que falta quasi inteiramente na nossa litteratura: ora, as delongas da casa Bertrand fizeram-me perder o calor, com que estava, e abandonar o seguimento d'uma idéa boa e util, e que até pecuniariamente deve valer alguma cousa. Não existe pois da projectada Bibliotheca senão aquelle 1.º volume, aliás inteiramente independente dos outros: é possivel, porém, que se o vir impresso, e bem recebido, me volte o gosto que perdi, e conclua a serie projectada, que deve comprehender um volume de Contos de Fadas, Encantamentos etc., colhidos no que haja de melhor no Folk-lore nacional e estrangeiro; outro volume de rasgos moraes e tocantes, especie de «Thesouro de Exemplos» ou de «Moral em acção», mas que, pela escolha dos casos e pelo estylo, possa realmente agradar a creanças; e finalmente uma collecção dos Contos escolhidos de Andersen. Tudo isto podia ser bem recebido pelas familias e porventura pelas escolas. Deste projecto realisou-se apenas a parte, que é o volumesito em questão e que vem a ser uma Lira Infantil, colhida já nos nossos Romanceiros e Cancioneiros populares, já nos poetas d'este seculo, unicos admissiveis quanto ao estilo, sobre todos o nosso João de Deus. Creio que vale alguma cousa, e sobretudo que é o melhor que se podia fazer, com os recursos da nossa pobre litteratura. Vem a ser um volume pequeno ahi de 240 a 280 paginas. Tinha-me a mim lembrado (e isso ficou combinado com os Bertrands) que se fizessem duas tiragens, uma ordinaria e outra em papel mais luxuoso, o que, se a composição com-

mum fosse esmerada, com letras adornadas etc., daria uma especie de edição de luxo, para presentes, sem grande augmento de despesa. Entretanto isto não é uma condição, mas simples indicação, para se aceitar ou não. Agora, quanto ás condições, diz-me o Araujo que te falou em 50$000 réis, por uma edição de 500 exemplares e que te pareceu bem assim. Como tambem a mim me parece, não tenho mais que dizer n'este particular. Essa casa não fica obrigada a fazer novas edições, exgotada a primeira, mas eu fico obrigado a dar-lhe a preferencia, caso ella o queira fazer, nas mesmas condições da edição actual. Isto, afinal, vem a ser o contracto, que eu tinha com a casa Bertrand.

Dize-me agora o que se te offerecer a este respeito. O manuscrito está nos Bertrands, mas espero por carta tua, para avisar o gerente que o entregue á pessoa que for, de teu mando, buscal-o.

Meu Santos, terminada a carta commercial, fico tão moido que quasi não tenho força senão para te dizer que te amo como sempre, no que não te dou novidade alguma. Eu vivo aqui eremiticamente, mas o espectaculo da decomposição social desta pobre terra, que ahi me estava continuamente debaixo dos olhos, tinha-se-me tornado insupportavel, e *fugi* de Lisboa, preferindo a solidão, onde ao menos posso, durante largos periodos, ignorar coisas afflictivas.

O perder a vista ou a possibilidade da vista de tres ou quatro amigos, que ahi tenho, é tudo quanto lastimo. Mas talvez porque os não vejo os amo, ainda mais ternamente, e d'elles me lembro mil vezes. A minha vida moral é agora verdadeiramenta a d'um budhista, e isso tem reflectido na minha poesia, que

entrou agora n'uma nova phase, mais serena e larga, ainda que de folego curto, pois só produz um ou outro raro soneto; — mas esses, ao menos, já não causam pesadellos a quem os lê. Quando se exgotar este ultimo veio poetico e se fechar o meu *cyclo*, conto reunir os meus Sonetos Completos. Afinal, é tudo quanto de mim sobrenadará, — se bem os julgo, e bem me julgo. Será a autobiographia poetica d'um sonhador, d'um crente? — crente em que? — no invisivel, no insondavel, no que não é esta miseravel existencia real, que evidentemente não pode *ser* o que parece, porque então o Universo seria absurdo. Esta grande máquina não pode deixar de ter um fim. Eu chamo a Liberdade a esse fim. Mas a Liberdade não consiste precisamente no despreso do que é limitado, incompleto, transitorio? por conseguinte no despreso da Realidade?

Adeus, com um bom abraço do teu

Velho amigo

Anthero de Quental.

XV

A Antonio de Serpa Pimentel

Ex.mo Sr.

Enviamos a V. Ex.a o protesto dos estudantes do Porto contra a carta em que o sr. Oswald Crawfurd, consul de S. M. Britanica, insultou da maneira a mais insolita e com todas as aggravantes possiveis a briosa mocidade academica d'esta cidade.

No papel, que remetemos, encontrará V. Ex.ª reproduzidos os documentos essenciaes relativos á questão, posto supormos que já deva ter d'elles perfeito conhecimento.

Não é necessario chamar especialmente a attenção de V. Ex.ª para o que ha de insolito e de insolitamente escandaloso na attitude e nà linguagem do consul de S. M. Britanica do Porto. A mentira das suas affirmativas, patente nas mesmas contradições em que cae, põe ainda mais em evidencia a intensão aggressiva que lhe dictou aquellas palavras, ao mesmo tempo que as considerações que lhes junta constituem uma offensa grave para as autoridades do Porto, nas quaes declara não confiar, e implicitamente para o governo e a nação portugueza.

A notificação ao governo inglez de que é retirado o *exequatur* ao Consul Crawfurd, é o castigo naturalmente indicado para tal desacato.

Como não pode ser outro o caminho a seguir e como plenamente confiamos no senso e patriotismo de V. Ex.ª, entendemos que seria quasi pôr em duvida estas suas qualidades se viessemos reclamar de V. Ex.ª uma medida sobre a qual, sem a menor duvida, já a esta hora o governo terá decidido em principio.

Se nos dirigimos a V. Ex.ª, é simplesmente para chamar a sua attenção sobre a necessidade de que essa medida reparadora seja posta em execução no mais breve praso possivel de tempo.

Os signatarios d'esta representação têm empenhado toda a sua influencia pessoal para conterem as explosões da justa indignação da mocidade academica e da grande maioria da população do Porto. Mas cada

hora que passa aggrava a situação. No momento actual, quando está aberto um conflicto diplomatico com o governo inglez, a carta do consul Crawfurd, coincidindo com o tom provocador da imprensa ingleza, parece a todos revelar um plano de provocação e apresenta á opinião, com grande apparencia de plausibilidade o consul inglez no Porto como representando deliberadamente o papel de agente provocador.

O perigo flagrante que ha em deixar alastrar e arreigar-se esta convicção, e a maneira desvairada por que ella pode influir na direcção da actual corrente de exaltação patriotica, são considerações que não precisam de ser encarecidas aos olhos perspicazes de V. Ex.ª

Mas muito peor seria ainda, se as delongas do governo em executar a medida reparadora que a voz unanime da nação reclama, delongas filhas por certo só de nimio escrupulo e prudencia, deixassem porventura suspeitar a alguns exaltados, (pois a exaltação é cega), que o governo portuguez protege de algum modo um agente provocador da Inglaterra, que, sendo nosso hospede e revestido do caracter de consul da sua nação, nos insulta com a socegada audacia de quem conta com a impunidade!

Tão monstruoso pensamento, ex.mo sr., se elle germinasse n'alguns cerebros enfrenisiados, (e são elles muitos, infelismente, neste momento), seria, já em si, já nas suas consequencias, uma verdadeira, uma tremenda calamidade nacional. Aonde chegariam, quaes seriam os ultimos effeitos d'uma tal suspeita, se ella chegasse a apossar-se do espirito da nação?

Pela nossa parte, repellimos a simples sombra, o

simples sonho de uma tal suspeita com horror quasi religioso — e perdoe-nos V. Ex.ª se por um instante lhe fizemos passar ante os olhos uma tal perspectiva. Mas ha horas solemnes, em que a maxima e ainda a mais brutal franqueza é um dever do bom cidadão. Uma d'essas horas é esta, e nós cumprimos um sagrado dever expondo sem véos á consideração de V. Ex.ª todos os perigos que ha em se demorar por mais tempo o exemplar castigo d'aquelle criminoso.

Ex.mo Sr. — Dirigimo-nos a V. Ex.ª como bons e leaes portuguezes se devem dirigir, num momento de perigo nacional, como é o que atravessamos, a outro portuguez bom e leal: isto é, com o coração nas mãos. Inspira-nos o sentimento da patria, e nenhum outro. Ouça-nos pois V. Ex.ª com a confiança de que quem lhe fala o faz com limpida candidez de um sentimento purissimo, sem reservas, sem fins occultos, mas só movido pelo amor da verdade, da dignidade da nação e da paz publica.

Pela nossa parte, confiando intéiramente na alteza do patriotismo de V. Ex.ª e de todos os seus collegas, estamos convencidos de que o simples facto de serem submettidas a V. Ex.ª as considerações que deixamos feitas, e conhecida pelo seu prudentissimo espirito a boa razão, bastará para que o governo se apresse em dar prompta e cabal satisfação á dignidade nacional ultrajada.

Tão convencidos estamos d'isto, que não encontramos melhor maneira de ir acalmando desde já os animos exaltados e de infundir boa esperança em todos, do que dar immediatamente a maxima publicidade a esta carta, que, sendo de conselho e aviso

para V. Ex.ª, será para o publico de confiança e apaziguamento.

Deus guarde a V. Ex.ª

Ex.mo Sr. Antonio de Serpa Pimentel, presidente do conselho de ministros.

Porto, sala das sessões da commissão installadora da Liga, 10 de fevereiro de 1890.

Anthero de Quental [1].

XVII

A Bernardo Valentim Moreira de Sá

Villa do Conde, 2 de março (1884)

Ex.mo Sr.

A carta de V. Ex.ª deixa-me penhoradissimo, e preciso duma certa força para resistir a um desejo expresso por maneira tão honrosa para mim.

Mas vae em 3 annos que deixei de fazer versos.

[1] Este oficio redigido por Anthero foi tambem assignado pela commissão instaladora da Liga Patriotica do Norte, composta de Francisco de Paula Reis Santos, João Chrisostomo d'Oliveira Ramos, José Joaquim Rodrigues de Freitas, Antonio Manuel Lopes Vieira de Castro, Augusto Malheiro Dias Guimarães, Manuel Duarte Guimarães Pestana da Silva, Bento de Souza Carqueja, José d'Oliveira Serrão de Azevedo, José Pereira de Sampaio, Lopes de Andrade, José Nicolau Raposo Botelho, Basilio Teles, Luiz de Magalhães, Antonio Rodrigues Padim, Antonio d'Oliveira Monteiro, Ricardo d'Almeida Jorge, Conde de Rezende, Antonio Nicolau d'Almeida, João Paes Pinto (Abade de S. Nicolau), Ezequiel Augusto Ribeiro Vieira de Castro, Maximiano Lemos, Eduardo de Carvalho e Cunha e Joaquim de Vasconcelos.

A um homem tão intelligente e tão consciencioso artista, como V. Ex.ª, posso dar a verdadeira razão d'este facto, porque sei que a comprehenderá, approvando o meu modo de proceder. Eu intendo que o artista e o poeta devem cessar de produzir desde o momento em que sintam enfraquecida ou perturbada na sua harmonia intima e espontanea a faculdade creadora. É um sacrificio que lhes impõe a probidade esthetica, se assim posso dizer. Ora, vae em 3 annos que é este o meu caso. Possuindo um processo e conhecendo os segredos da arte poetica, podia, como tantos outros, continuar a fazer versos, mechanicamente. Achei mais honrosa a solução contraria. Achei-a até mais prudente, porque a vontade e o processo não podem supprir a *graça*, quero dizer, a espontaneidade creadora, sem a qual as obras mais bem feitas não passam de sepulchros caiados.

Deixei-me pois de versejar, e cuido ter feito bem.

Entrei n'estas explicações, até certo ponto intimas, porque ás expressões de V. Ex.ª, tão honrosas para mim, pensei não poder responder dignamente senão com a mais completa franqueza. Por ellas e por tudo beijo as mãos a V. Ex.ª, de quem sou, com a maior consideração,

Criado muito obrigado

Anthero de Quental.

XVII

A Bulhão Pato

S. Miguel, 27 de abril (1873).

Querido amigo

A precipitação da viagem, ou antes a precipitação com que, por causa da viagem imprevista, tive de fazer muitas coisas em poucos dias, me impediu de te ir dar, como devia, um abraço de despedida. Desculpas, não é assim? Aqui estou agora no meio d'estas afflictas mulheres, afflicto eu como ellas, por ver a pobreza de consolações de que escassamente dispõe a fria intelligencia em face das dôres reaes e irreflectidas. Não sei se me explico bem. Quero dizer que a especie particular de pensamentos, puramente racionaes, que a mim me consolam, ainda desconsolam mais corações que só sentem e não reflexionam. Triste condição da philosophia! ou então triste condição dos sentimentos humanos! Adeus. Minha mãe te envia as suas recommendações e te deseja melhoras.

Crê sempre na amizade reconhecida do teu do coração.

Anthero de Quental.

XVIII

Ao mesmo

S. Miguel, 25 de julho, 73.

Não sei por qual circumstancia, não recebi o teu livro [1] e a tua carta, a tempo de ir a resposta no mesmo

[1] *Cantos e Satyras*, 1873.

vapôr. Vae neste; não muito longa, mas o sufficiente para te applaudir com todo o calor do coração e da intelligencia, e applaudir duplamente, como escriptor e como homem. A fingida indignação e o fingido desdem dos tolos maos, dos hypocritas acrimoniosos, dos charlatães de sciencia e virtude, prova o merecimento da obra, porque não se morde no que não tem valor. Zurziste-os d'alto, feriste-os como quem tem direito indisputavel a castigar: e castigos assim não esquecem, doem sempre. Conta com o odio dos miseraveis; mas esse odio nobilita: ai! de quem não o merece! Litterariamente as tuas satyras são um verdadeiro triumpho; vigor, concisão, simplicidade, naturalidade. Tens alli versos, que hão de ficar na lingua, como aconteceu com certos versos de Boileau, de Corneille, de Hugo, que o uso adoptou como proverbios. Sabes muito bem o que penso a respeito do caracter proprio da poesia na sociedade contemporanea: não tenho pois mais a dizer senão que fizeste verdadeira e real poesia, entrando na verdade e na realidade do sentir hodierno. A satyra, assim comprehendida, é a critica na esphera do sentimento; tem a elevação da idéa juntamente com o calor da indignação, é lyrica e didactica ao mesmo tempo, e tem por conseguinte os caracteres proprios da verdadeira poesia: idealidade e realidade.

Se os tolos systematicos, que julgam que a vida e o universo se encerra nas suas formulas ôcas, não percebem isto, tanto peor para elles. Campam de philosophos por que aprenderam a recitar meia duzia de phrases, cuja idéa nunca entenderão, por que não é para... e cuidam que o sentimento vivo das coisas pode ser substituido por uma phraseologia morta e sem alma!

Em verdade t'o digo: ninguem hoje faz tanto mal á Idéa nova como esses, que se nos impõem como apostolos d'ella, charlatães uns, e outros fanaticos de cerebro estreito e coração encorreado! Estão para a Idéa nova, como estavam para o Christianismo aquelles mentecaptos exaltados da Thebaida, extravagantes, lugubres, que só sabiam, além dos nomes d'um mysticismo idiota, destruir estupidamente as mais bellas coisas da arte egypcia e grega, amaldiçoar o que não comprehendiam, e atirar-se como bestas feras áquella sublime Hypatia, supplicio que seria a deshonra do Christianismo, se a estupidez humana podesse deshonrar o que tem em si um raio da Razão eterna!... A Razão eterna, que está no fundo da sciencia e da philosophia moderna, não será tambem deshonrada por estes novos Pacomios e Hilariões, que pretendem fazer d'ella uma coisa selvatica e abstrusa, uma Thebaida intellectual. Mas será necessario luctar com elles, com a sua horda ladradora e uivadora, até que de tanto ladrar e uivar rebentem e emmudeçam! Extranhas, talvez, o tom indignado d'esta carta. É que tenho aqui lido os jornaes politicos e litterarios, que essa gente escreve, os seus pamphletos e pasquins, cheios de calumniosas inepcias e de baixas provocações a todas as paixões vulgares. E são estes os republicanos, os reformadores, os revolucionarios! A minha fé revolucionaria estremece ante este vilipendio: vejo os vendilhões mercadejando no templo, e não sou senhor de não me indignar. Mas a penna tambem, em dados momentos, se transforma em chicote na minha mão, e quando o momento chegar saberei zurzil-os como merecem. O que te digo é que a revolução, na sua marcha triumphante e luminosa, não

precisa d'estes tenebrosos alliados — bichos viscosos, que ella, antes ainda de se atirar aos seus inimigos leaes, calcará no lodo em que fervilham, com um pé calçado d'aço, que elles em vão tentarão morder.

Adeus. Crê-me teu do coração

Anthero.

XIX

Ao mesmo

S. Miguel, 25 de maio, 74.

Querido amigo

Um abraço ao amigo pela sua lembrança [1], e uma duzia de duzias de abraços ao poeta e ao homem pelos seus bellos e valentes versos, que são, ao mesmo tempo, uma bella e nobre e viril acção. Agora que te lapidem os... Meu amigo: quando a satyra amassa com o seu fel e a sua colera tanto ideal e tanta elevação moral, a satyra assume o que quer que é de épico, e o poeta satyrico representa, numa sociedade gangrenada, uma verdadeira missão religiosa, como representavam nas sociedades castas e nobres da antiguidade os Tyrteus e os Eschylos. A differença é que o ideal de uns ajustava-se e coincidia com a sociedade, e o dos outros se lhe oppõe e a combate. Mas o principio da inspiração é o mesmo — o mais alto principio de inspiração, que a poesia pode ter, o culto austero da belleza moral, da espiritualidade humana.

As tuas estrophes hão de passar ao futuro entre as

[1] *Renan e os sabios da Academia.* Lisboa, 1874.

poucas coisas verdadeiramente vivas que a poesia portugueza tem produzido, nesta segunda metade do seculo XIX — e desde já ficam archivadas nos corações generosos, como a expressão dum protesto collectivo.

No numero dos que não te applaudem só como *dilettanti*, mas commungam no teu sentimento, está, ha muito, o teu

muito amigo

Anthero de Quental.

XX

Ao mesmo

Villa do Conde, 26 de outubro, 85.

Meu Pato

Tinha visto nos jornais noticia da tua partida para S. Miguel, e fiquei com certo cuidado, receiando que fosse coisa de saude, que te forçasse a essa viagem, e tencionava escrever-te, já por esse motivo, já para te avisar de que tinha enviado para Lisboa um volume dos meus *Sonetos*, que te era offerecido; suppuz que o não tivesses recebido antes da partida. Com a leitura da tua carta fiquei descançado, pois vejo que «trabalhas e caças», o que é signal de saude perfeita. Fez-me impressão o que me dizes a respeito do sentimento melancholico que em ti despertou o passares pelo Ramalho [1]. Avalio por ahi a impressão que em mim me faria, se o tornasse a avistar. Afinal tudo se alue e cae; mas, como disse o poeta «*Sunt lacrimae rerum et*

[1] Casa e terras nas proximidades de Ponta Delgada pertencentes ao pai d'Antero, para onde ia veranear. *(Nota do editor.)*

mentem mortalia tangunt»; eu tenho passado a vida a professar theoricamente uma impassibilidade estoica e a desmentil-a constantemente nos meus sentimentos. Afinal talvez os sentimentos tenham mais razão de que a orgulhosa theoria, apesar dos grandes nomes de Zeno e Epicteto. As tristezas humanas são em si mesmas uma grande escola de philosophia; quem nunca chorou em vão pensará. Tu entendes isto, e por isso foste sempre cá dos meus e do meu peito.

Teu do coração
Anthero de Quental.

XXI

Ao mesmo

Villa do Conde, 14 agosto, 1888.

Meu caro Pato

Já li o teu livro[1] quasi todo. As tuas satyras hão de ficar. Estão cheias de coisas eloquentes, reaes, humanas. Não são só obra litteraria; são um acto de homem e de cidadão. De futuro, a historia, quando passar por este triste tempo, ha de olhar para ellas. Senti no coração o procedimento deploravel do... Sou amigo d'elle e estimo-o. Aquella sua coisa só a posso explicar por uma aberração singular, uma especie de doença litteraria, que anda no ar, o furor e o fanatismo do que elles chamam o *documento humano,* que lhes faz perder a noção exacta do limite, que separa a litteratura da vida real, e dos deveres rigorosos, que esta

[1] *Hoje — Satyras, canções e idyllios.* Lisboa, 1888.

impõe áquella. É uma perversão da intelligencia, muito mais que do senso moral, mas de que este acaba tambem por ser contaminado. Em todo o caso, triste, muito triste! Não sei quando te verei. Tenho passado mal todo este anno. Talvez que em outubro vá passar uns dias a Lisboa. Até lá recebe um abraço do teu

velho amigo

Anthero de Quental.

XXII

A Candido de Figueiredo

Lisboa. Rua de S. Pedro de Alcantara, n.º 111, 1.º de maio de 1870.

Ex.^mo^ Sr. Candido de Figueiredo

Acabo de ler com todo o interesse o seu formoso poema, *Tasso*, e com toda a attenção o conceituoso prologo que o precede. A sua maneira de vêr a Arte é elevada e pura, cheia de medida, e, por assim dizer, classica no romantismo. Mas não lhe parece que o poema historico, tratado da maneira abstracta que ali indica, interpretando num sentido moderno os caracteres e as paixões, perde muito da sua realidade, e, por conseguinte do seu interesse, e fica sendo, em vez de um individuo localizado e com suas feições proprias, uma generalidade philosophica e uma entidade abstracta? É assim o theatro de Schiller, e o *Tasso* revela-me que o seu autor, pelos sentimentos e pelo *tom* da imaginação, pertence á escola daquelle nobre espirito. Mas não será aquella constante substituição de caracteres

abstractos e ideaes aos caracteres reaes e historicos um dos maiores defeitos do theatro de Schiller, monumento a que se não pode negar elevação, pureza e nobreza, mas a que tanto falta o colorido, o *accento* e a realidade? Os personagens de Schiller não pertencem a uma epoca ou a uma civilização determinada. Acha isto uma vantagem? Cousin e os espiritualistas franceses dizem que sim, porque esses personagens sem patria nem idade certa, dizem elles, representam, não o que há de accidental e fortuito no homem, mas o que ha de essencial e eterno. Mas esse homem assim não existe, nem pode existir; é uma abstracção. O verdadeiro homem é isso, certamente, mas além disso é ainda a fórma particular que essas disposições universaes tomam em face de tal ou tal civilização e debaixo da influencia de taes ou taes crenças, instituições e ainda climas. Não me parece que haja verdadeira e radical opposição entre o mundo real e o ideal, porque o real, se é o limite, é tambem o meio, o instrumento e a forma do ideal. Os personagens de Goethe ou de Balzac, com terem tão accentuada a feição dos seculos e civilizações a que pertencem, são por isso menos ideaes. Não posso crel-o. A aspiração moral do homem, por ter esta ou aquella fórma determinada, nem por isso deixa de ser aspiração, de subir, de se expandir, assim como é escusado aos rios seguirem uma linha recta para correrem; através dos mais caprichosos meandros, seguem o seu curso, tanto mais bello quanto é mais variado. e mostrando em mil aspectos muito mais visivelmente a natureza da força que os impelle, do que se seguissem uma direcção uniforme, inalteravel.

Meu caro Sr. Figueiredo peço-lhe que não tome isto que ahi fica como conselho ou censura; não tenho nem autoridade nem sciencia para falar nesse tom a um escriptor com o seu talento, a sua experiencia e os seus conhecimentos. Isto é simplesmente uma opinião, que não quer ter nem tem senão o caracter de *cavaco* (como cuido se diz ainda em Coimbra), isto é, uma coisa, cujo maior merecimento é a sinceridade e a despretenção.

Uma opinião que prova contra uma obra de merecimento? as opiniões passam, as obras ficam. A sua ha de ficar, porque tem, independentemente das intenções estheticas do autor, mais ou menos discutiveis, uma coisa que ninguem discutirá, penso eu: talento, conhecimento da arte, altos conceitos, e versos (como diz Baudelaire) impecaveis. Com isto, vae-se a toda a parte; e, se se não vae á posteridade, é porque não ha posteridade para os escriptores de uma nação que tem de morrer amanhã.

Receba, meu caro poeta, os meus emboras, e creia-me seu

Sincero admirador

Anthero de Quental.

XXIII

Ao mesmo

Lisboa, 29 de outubro (1874).

Ex.^mo^ Sr. Figueiredo

Agradeço extremamente a V. Ex.^a^ a fineza da sua visita, e não menos, o para mim por muitos motivos

apreciavel, convite para colaborar na revista litteraria [1] que se propõe publicar. Estou actualmente doente com enfermidade grave bastante para não me permittir trabalho algum, ainda ligeiro. Não posso, por isso, offerecer-lhe desde já senão uma adhesão platonica, de que V. Ex.ª fará o uso que intender, e que eu tratarei, assim m'o consintam os meus achaques, de transformar em adhesão effectiva, como me cumpre.

Aceite, com os meus muito cordeaes agradecimentos, o testemunho da maxima consideração com. que sou

De V. Ex.ª
c.do e admirador
Anthero de Quental.

XXIV

Ao mesmo

(1876).

Ex.mo Sr. e collega

Recebi e com todo o interesse li o opusculo sobre Escolas Ruraes, que V. Ex.ª teve a bondade de me offerecer. Ninguem pode ainda dizer quaes serão os destinos deste novo mundo democratico, que mal começa agora a sair da sua nebulose. Pode ser que a instrucção e a sciencia não bastem, só por si, a dar-lhe forma e estabilidade, se forças d'outra natureza, que nem ainda se presentem, não intervierem para esse resultado: mas o que podemos desde já affirmar é que sem instrucção e sciencia a acção d'essas forças, quaesquer

[1] *O Cenaculo.* Revista de litteratura portugueza, 1875. Anthero publicou ahi as poesias: *Mais luz! O convertido, Plena gratiae* e *Homo.*

que ellas sejam, nunca será poderosa e efficaz. É quanto basta para que este humilde assumpto da instrucção popular sobreleve em importancia real, aos olhos dos pensadores, á maior parte das questões brilhantes, mas geralmente estereis, com que se entretem um momento a distrahida attenção dos homens de hoje.

No escripto de V. Ex.ª encontro varios alvitres, que me parecem excellentes. Serão elles exequiveis nesta nossa terra, com o povo e os governos que lhe conhecemos? Tenho, infelizmente, motivos para duvidar muito. Como quer que seja, o que é certo é que quem trabalha por esta causa iminentemente séria, e V. Ex.ª, escrevendo o seu opusculo, deu mais uma prova de que o seu espirito está virado para o lado grave das questões modernas.

Receba os parabens e juntamente os agradecimentos do seu

Collega e servo obg.mo

Anthero de Quental.

XXV

A Carlos de Lemos

Villa do Conde, 5 de fevereiro (1892).

Meu caro Poeta

Li com verdadeiro prazer os seus versos. E deixe-me dizer-lhe, que não só me deram prazer, mas ainda me commoveram, encontrando n'elles a expressão de sentimentos sinceros e elevados, a voz d'uma mocidade

nobre nos seus soffrimentos e cheia de aspirações. Cuido que é ainda bastante moço e, por isso, terá tempo de aprender na escola da reflexão a dominar o excesso dos seus desgostos e de chegar áquella serenidade paciente, que é o premio das luctas nobremente supportadas. Só por esse preço se formam os caracteres elevados e se adquire a distincção suprema, que é a distincção moral.

Quanto aos versos, como versos, e no ponto de vista artistico, agradaram-me. Diviso já n'elles os elementos d'um estylo pessoal, o que, em todas as artes, é coisa essencial. Esse estylo virá, com o tempo, a desenvolver-se e a fixar-se. Mas desde já lhe posso dizer que está no bom caminho, que é o da simplicidade. A elegancia ou a originalidade, que se procuram por meio do vago da expressão da singularidade d'ella e do requinte, são falsas. A verdadeira elegancia vem da força e simplicidade do pensamento, exprimindo-se com rigor e sinceridade. Vejo, com prazer, que caminha n'este sentido.

Ha tres mestres supremos, tres exemplares acabados do estylo poetico portuguez: Camões, Herculano e João de Deus. Leia-os muito. Naquela convivencia adquirirá, como artista, muitissimo: o segredo da linguagem simples, forte e naturalmente, não artificialmente pittoresca. E ainda isso, com ser tanto, será o menos. Como os grandes poetas são necessariamente os grandes espiritos e, sob forma sentimental, profundos moralistas, a convivencia com elles alliviará os seus desgostos, transformará os seus soffrimentos pessoaes em verdades humanas e ajudal-o-ha a fazer-se homem, que é esse o fim soberano da vida, e arte, sciencia, philo-

sophia seriam vãs, se não fossem meios e instrumentos para esse fim. Se a arte é coisa sagrada, é-o só por esse titulo.

Quanto aos meus sonetos, que tanta impressão lhe produziram, quero dizer-lhe que considere n'elles, sobretudo, a evolução psychologica, comparando o ponto de partida com o ponto de chegada, a inquietação e a duvida, a paixão e o desespero d'uma mocidade indomita e sem lei certa, com o socego interior e a placidez crente de quem encontrou na Liberdade moral e no Bem a lei da existencia, a chave dos seus mais tenebrosos enygmas e aquella consolação mystica, que não só socega o coração e acalma os desvarios da imaginação, mas ainda fortalece o animo e enrijece a vontade para as luctas da vida, que, para quem entra n'ellas tendo o lemma do Bem no seu estandarte, são uma cruzada santa.

O Nirvâna não é passivo, não é inerte e puramente contemplativo: é, pelo contrario, essencialmente activo: sòmente essa actividade já não é apaixonada, porque cessou de ser egoista. É, por assim dizer, impessoal. Se os meus sonetos valem alguma coisa, valem sobretudo por dizerem isto, ou, pelo menos, por deixarem entrever isto. E adeus, meu caro poeta; ou até outra vez. Conservarei os seus versos entre os papeis que guardo com mais estima.

Do seu muito affeiçoado,

Anthero de Quental.

XXVI

Á Commissão eleitoral do Partido Socialista do circulo n.º 98 (Lisboa)

(1880).

Meus caros correligionarios:

Acceitando a candidatura, que novamente me offerece a Commissão do Partido Socialista no Circulo 98, folgo de poder dar mais uma vez aos socialistas portuguezes um testemunho da minha inalteravel adhesão á causa que representam, testemunho publico e revestido da solemnidade que é propria dos actos civicos.

As candidaturas socialistas têem a meus olhos — o que não teem nenhumas outras, monarchicas ou republicanas — uma alta significação politica.

Têem-na, em primeiro logar, como prova de que no espirito da classe trabalhadora, ainda ha pouco tão facilmente accessivel ás seducções dos velhos partidos e ás suas perigosas illusões, penetrou finalmente uma nova e mais profunda concepção da ordem social, e que a essa luz sabe ella agora vêr quanto são vasios e insignificantes os programmas d'uma politica puramente formalista, rotineira e superficial, ainda quando se pretende revolucionaria, quanto são estereis evoluções politicas que apenas se traduzem em mudanças de nomes e de fórmas, quanto finalmente carece de base toda a agitação politica que não implica uma reforma da economia nacional e uma melhor organisação do mecanismo que produz e distribue a riqueza.

N'uma palavra, a classe trabalhadora comprehendeu que sem *socialismo* toda a politica é vã e superficial;

fez do socialismo a pedra de toque dos programmas e dos partidos, e achou-os a todos egualmente sem valor.

Creando no seu seio, sob a inspiração d'esta idéa, um partido novo, e apresentando candidaturas suas, a classe trabalhadora declarou praticamente aos velhos partidos formalistas que os considerava a todos por egual impotentes para contribuirem para o progresso social, por egual vasios de verdadeira substancia politica, por egual caducos e anachronicos.

Representantes d'um movimento hoje esgotado, o movimento individualista, liberal e burguez do primeiro quartel d'este seculo, os partidos conservador, progressista e republicano, tiveram já a sua razão de ser, correspondendo aos aspectos da revolução que consumaram e da sociedade que fundaram.

Mas, á medida que essa sociedade burgueza, transformando-se surdamente, entrou em decomposição, os partidos sahidos d'ella e que a representavam perderam tambem gradualmente a sua actualidade social: de partidos, transformaram-se em bandos, em quanto os seus programmas, a principio lemmas juridicos, se foram reduzindo ao estado de phrases de convenção d'uma rhetorica tradicional.

No ambiente sutil e esterilisador d'essa conspiração permanente, que é a essencia mesma do parlamentarismo, perderam a noção da realidade; e, emquanto o mundo se transforma, vão repetindo machinalmente as costumadas theses d'uma philosophia politica caduca e que nem já comprehendem.

Taes partidos, cuja permanencia só se explica pelo estado de torpor e inercia a que a incubação d'um mundo novo condemna momentaneamente a sociedade,

são o *caput mortuum* da politica burgueza e nada mais.

Á politica burgueza, que agonisa, e de cuja agonia são patentes symptomas as luctas no vazio e a esteril agitação dos partidos parlamentares e formalistas, oppõe a classe trabalhadora uma politica sahida da realidade social, uma politica não de fórmas mas de substancia, cujo objectivo é a alteração visceral da actual ordem economica e a reorganisação do Estado segundo a norma do direito economico.

Haverá, entre os partidos burguezes, ainda os que se reputam mais radicaes, um só que ouse subscrever a um tal programma?

Não ha, porque elle implica precisamente a destruição da sociedade burgueza, de que elles são os naturaes representantes. Radicaes abstractos, os jacobinos recuam diante d'esta tremenda realidade com tanto horror como os conservadores. Um jacobino é um conservador incoherente, com phrases de demagogo.

Ter comprehendido isto, tal é o grande progresso realisado durante os ultimos dez annos pela classe trabalhadora, e é esse progresso o que traduzem com energia as candidaturas socialistas.

Se sois por nós, demagogos do radicalismo abstracto (tal é a interpretação d'esse symbolo do sentimento popular), se sois por nós, porque não vos enfileiraes ao nosso lado, porque não caminhaes atraz da nossa bandeira, a unica popular, a unica hasteada por mãos populares, a unica onde se lê claro e positivo o lemma do direito popular?

Se como pretendeis, vos é cara a reivindicação do direito do Povo, porque é que nos vossos programmas

se não menciona, nem sequer por allusão, a idéa em que se resumem todas as aspirações populares, a destruição do privilegio proprietario e capitalista, o fim do reinado da usura, a soberania do trabalho organisado, a igualdade economica?

Porque não apontam elles, esses programmas redundantes, ao menos como termo longinquo e criterio do progresso social, este ideal da Justiça economica? e desde já, como meio pratico, a abrir um caminho evolutivo a esse futuro distante, porque não reclamam a organisação do Credito como funcção collectiva e a sua consequente gratuidade? porque não reclamam a reivindicação pelo Estado dos mil elementos da propriedade social, hoje usurpados, e a consequente substituição da renda d'essa propriedade social ao imposto, por natureza anti-democratico e depauperisador? porque não reclamam a reforma politica do Estado, sob a base da representação nacional por classes e funcções sociaes, unica maneira de tornar legitima e sincera a representação e effectivos os direitos politicos do povo trabalhador?

Porque emudeceis, jacobinos declamadores, perante a unica questão que importa verdadeiramente ao Povo, ou equivocaes deploravelmente, oppondo a realidades concretas, vivas, palpaveis, phrasesôcas e abstrações d'um direito politico incompleto, chimerico, porque sem base?

Burguezes radicaes, se a vossa republica não é mais do que a republica do capital, assim como a monarquia dos conservadores não é mais do que a monarquia do capital, que temos nós, Proletariado, que vêr com essa esteril questão de fórma? É uma questão de familia entre os membros da Burguezia, nada mais.

Tal é o alto sentido politico das candidaturas socialistas.

Ellas exprimem que a classe trabalhadora, senhora do seu pensamento e comprehendendo a final quanto esse pensamento é por natureza antipathico a todos os partidos burguezes, está firmemente resolvida a não abandonar mais a representação do seu direito, que é o da sua emancipação economica e politica, aos filhos prodigos da Burguezia, filhos prodigos, mas solidarios fatalmente com ella em interesses, intuitos e preconceitos, e com ella unanimes na exploração e sugeição do Proletariado.

Para exprimir o pensamento do Proletariado só o Proletariado é competente. Só elle é competente para reivindicar o seu direito.

Na arena politica, quem não é pelo Socialismo é contra o Socialismo; e quem é contra o Socialismo declara-se por esse facto inimigo do Povo trabalhador, para o qual a reforma social representa a emancipação pratica e effectiva, isto é, a redempção da miseria e a unica segurança positiva da sua liberdade, até aqui illusoria, como é sempre a do pobre e dependente.

As candidaturas socialistas, como um symbolo do pensamento popular, significam isto, e isto é um facto de primeira ordem na historia da consciencia politica do povo portuguez.

Por outro lado, pelo lado moral, não é menos expressivo o sentido das candidaturas socialistas.

Os habeis, dos partidos burguezes, espiritos materialisados pelo egoismo, para quem só tem valor o que pesa e faz vulto, sorriram-se desdenhosos quando viram, ha um anno, que a bandeira socialista apenas conseguira

agremiar em volta dos seus candidatos pouco mais de um cento de votos. Cegos! que não comprehendem que as coisas da consciencia não se pesam na grosseira balança das coisas materiaes, que é a qualidade aqui e não o numero que faz o valor, e que uma só consciencia recta e sã vale incomparavelmente mais do que milhares, ou milhões que fossem, de consciencias turvas, cobardes e envilecidas.

Continuae a sorrir, dignos representantes do materialismo burguez; o vosso sorriso é a formula exacta da vossa ignavia.

Mas o Proletariado, o nucleo são e resistente do Proletariado, onde se propaga a ideia socialista, tem plena intelligencia do valor dos seus votos e é indifferente ás vossas apreciações de myopes.

Esses cento e tantos votos dados ás candidaturas socialistas representam outras tantas consciencias leaes, a quem uma convicção se impõe com a soberania do dever. E representam-no em condições d'uma integridade moral quasi heroica, porque esses votos, votos do pobre e dependente para affirmarem uma convicção, tiveram de resistir a seducções e pressões, ante que a propria riqueza verga tantas vezes miseravelmente, tiveram de resistir ao dinheiro, ás promessas e ás ameaças, aos mil meios, ora vis ora tyrannicos, que emprega habitualmente a insolencia do poder e da influencia.

Eram cento e tantos votos apenas — sim, mas nem um só vendido, nem um só extorquido pelo temor, nem um só se traduz em vileza, em cobardia, em abdicação da dignidade e do pudor. Candidatos dos partidos burguezes, ousareis dizer outro tanto?

Estes cem votos do pobre não só foram leaes, foram

incorruptiveis — grande exemplo de moralidade dado pelo povo trabalhador, alumiado por uma idéa, á Burguezia, que, por falta d'uma idéa, se dissolve caduca na corrupção.

No meio da triste comedia politica das eleições do anno passado, foi este das candidaturas socialistas o unico episodio grave e digno, o unico em que a attenção do philosopho e do moralista se fixa com complacencia, para poder ainda acreditar na realidade d'alguma virtude civica n'esta terra.

Se os habeis e desdenhosos dos partidos burguezes não comprehendem isto, peior para elles. Pela minha parte, pondo, como ponho, as idéas acima dos factos e o valor moral acima de todos os valores, recebi commovido a parte exigua que d'aquelles honrados cem votos me coube, e julgar-me-hia singularmente decahido no dia em que preferisse trocal-os pelos milhares de votos que escoltaram ao parlamento, como uma commitiva de ebrios, os candidatos triumphantes da Burguezia.

Recebei, meus caros correligionarios, as minhas saudações fraternaes.

Anthero de Quental.

XXVII

Ao Conde de Rezende

Villa do Conde, sabbado (1890).

Meu caro Manuel

Sou dos que pensam que o tractado é muito desfavoravel para Portugal, mas quer-me parecer que, no

actual estado interno e externo de cousas, nunca poderia sêr muito melhor, fizesse-o quem o fizesse. O que é, em todo o caso, positivo é que elle hade sêr approvado pelas Camaras e que a questão deixou, pelas nossas grandes culpas, de sêr uma questão nacional para se tornar numa questão politica. Nestes termos, os *meetings* que se fizerem tomarão fatalmente um caracter faccioso de opposição, e ninguem, dentro ou fóra do paiz, os considerará como pura expressão do sentimento nacional. O mais que se póde dizer, em abono dos taes *meetings*, é que elles serão ao menos um desabafo e uma questão de protesto, embora platonico, para aquelles que lá forem movidos exclusivamente pelo patriotismo. Eu digo-lhe, muito francamente, que prescindo de tal satisfação platonica, tanto mais quanto o meu protesto teria especialmente por alvo a nação em massa, que, pela sua anarchia moral, deixou chegar as cousas ao ponto a que chegaram, não o governo, que afinal corresponde muito adequadamente á nação d'onde sahiu e que o mantêm. Comprehendo, porém, muito bem que nisto possa haver um escrupulo e um verdadeiro caso de consciencia. V. consultará a sua e ella lhe dirá se deve para ao menos não deixar sem protesto uma diminuição do dominio e dos direitos de Portugal, associar-se a um movimento sem resultado pratico, e cuja significação, em despeito dos poucos que forem a essas reuniões levados só pelo sentimento patriotico, será sempre mui diversamente interpretado. Eu por mim, com já disse, não sinto esse escrupulo: mas é este um ponto tão delicado, que não me atrevo a dar-lhe um conselho e me limito, por isso, a expôr-lhe apênas a minha maneira de vêr, com a qual me proponho

conformar a minha conducta. Resumo, pois, o que penso, nas seguintes proposições: o tractado é desfavoravel a Portugal, mas nem por isso deixará de ser approvado, porque assim o mandam as exigencias internas e externas da política. As representações, por numerosas que sejam, não impedirão este resultado. O valor dum protesto, n'estas circumstancias, fica decerto limitado á esphera do sentimento pessoal e pode ser considerado apenas como um descargo de consciencia. É uma questão de apreciação puramente subjectiva. Não me julgo obrigado a protestar contra um facto, que considero, sim, desgraçado, mas que a boa razão diz exprimir rigorosamente a situação interna e externa da nação portugueza. Por este motivo, não tomarei parte em manifestações, quaesquer que ellas sejam, relativas a esse facto, considerando-me na minha completa impotencia para alterar o curso necessario da decadencia de Portugal, como perfeitamente irresponsavel. Bem sei quanto isto é triste. Mas está porventura na nossa mão o vivermos num tempo e numa sociedade que nos inspire confiança e contentamento?

Do seu muito do c.

Anthero de Quental.

XXVIII

Ao mesmo

Villa do Conde, segunda-feira (1890).

Meu caro Manuel

Acabo de receber o seu telegramma, com 19 horas de atrazo! Em vista deste facto não me admira que

a minha carta, lançada ao correio no sabbado á noite, ainda hontem ao meio dia não tivesse ahi chegado! É como tudo isto anda! Como é possivel que ainda a não tenha recebido, e até que de todo se haja extraviado, vou repetir-lhe o que nella lhe dizia. No meu intender, o tractado de 20 dagosto é desfavoravel para Portugal e, mais que desfavoravel, ruinôso. Se fosse possivel impedir que elle fôsse votado, seria dever de todos representar nesse sentido. Infelizmente não é possivel. Por um lado, o medo de novas e maiôres complicações com Inglaterra, por outro o facciosismo politico, farão com que elle seja votado pelas Camaras. A questão nacional transformou-se em questão politica. Os mesmos protestos, comicios, etc., serão ainda para a maioria dos que entrarem n'isto, apenas uma occasião de guerra ao ministerio, para os republicanos, que em muita parte estão á frente do movimento, uma occasião de guerra á monarchia. N'estes termos, considerando inuteis as representações, platonicos os protestos, e deturpada necessariamente pelo facciosismo a significação d'esse movimento pseudo-nacional, não vejo que homens como nós sejam obrigados a tomar parte n'um movimento ao mesmo tempo esteril e pervertido na sua mesma origem. Tal é o meu sentir, com o qual estou resolvido a conformar a minha conducta. Comprehendo, porém, que, ainda assim, possa haver escrupulos n'este ponto e quem, apesar de tudo, se julgue obrigado, por uma especie de descargo de consciencia, a tomar parte neste movimento, pura e simplesmente para que se não possa dizer que deixou passar sem protesto um facto gravissimo para a nação. É este, porém, um ponto tão delicado, que não me atrevo a dar-lhe conselho sobre

UNIV. OF CALIFORNIA

elle. Limito-me a dizer-lhe o que penso e as razões que tenho para me abster de qualquer manifestação. Você verá se ellas lhe bastam, ou se ainda assim se julga obrigado a tomar parte e associar-se com gente que seguramente, deseja com isto cousa muito diversa do que o que Você no seu leal patriotismo pretende. Meu caro Manuel, custa-me do coração ter de lhe expôr estes raciocinios, que são bem desoladôres; quizera vêr as cousas d'outro modo, mas os factos são terriveis e tenho de me guiar por elles.

Do c.

Anthero.

XXIX

A Domingos Tarroso

Ex.^mo^ Sr. Domingos Tarroso

Recebi o prospecto da «Philosophia Definitiva» e li-o com verdadeiro prazer, por se me denunciar n'elle um espirito vigoroso e independente. Eu sou, com V..., dos poucos que entre nós comprehendem quanto a Philosophia é um elemento essencial na vida das nações e sentem quanto particularmente a nós outros, peninsulares, intellectualmente impedernidos por tres seculos de educação jesuitica, é necessaria uma fecunda agitação das intelligencias. Pode V..., por aqui medir o gosto que me deu a leitura do seu Prospecto. Embora não possa, pela simples leitura d'aquellas tres paginas, medir inteiramente o alcance das suas idéas, o que li basta-me todavia para perceber que o seu espirito se eleva á verdadeira altura philosophica, que comprehende a distinção (coisa tão essencial) do conhecimento positivo

e da especulação, e a necessidade da sua união na Philosophia. A sua maneira de julgar o Positivismo é a de toda a gente que sabe pensar, e concebo a sua irritação ao contemplar a epidemia positivista que por ahi lavra, mas devemos considerar que, com a nossa total inexperiencia philosophica e a nossa educação franceza e superficial, aquelle resultado era inevitavel. O Positivismo, como quasi todas as cousas banaes, e particularmente as banalidades francezas, parece claro, simples e capaz de explicar tudo: não pede além disso esforço algum de intelligencia para ser comprehendido: é finalmente commodo, como todos os dogmatismos: estes defeitos são a causa do momentaneo favor que encontra em espiritos por um lado frouxos e sem a menor preparação philosophica, por outro lado impacientes de quebrarem o jugo de doutrinas puramente convencionaes. O Positivismo será, como noutra esphera o Jacobinismo, simplesmente uma phrase preparatoria, para todos aquelles que no meio da turba dos declamadores, que os arrasta, são capazes de pensar. Os outros é indifferente que sejam positivistas, ou outra cousa ou cousa alguma. Feriu particularmente a minha attenção, no seu Prospecto, o elencho das partes ou divisões do seu livro. Vejo que concebe a classificação das sciencias, e a correspondente hierarchia das espheras de desenvolvimento do Cosmos, d'uma maneira em parte nova. A Chimica é alli anteposta á Physica, o que faz suppôr que considera as propriedades chimicas como mais geraes e elementares do que as physicas. O seu livro me explicará as rasões que o levam a adoptar aquelle ponto de vista, e não será a leitura dessa parte uma das de menor curiosidade para mim.

Termino esta carta, cujo fim é manifestar a V... o vivo interesse que tomo no seu emprehendimento philosophico. A philosophia é cousa tão avessa á nossa indole e tradição intellectuaes, que V... propondo-se iniciar entre nós um movimento systematico de idéas, deve já contar com muitos dissabores, e o maior de todos, a indifferença publica. Mas o vigor de estylo do seu Prospecto denuncia-me uma alma forte, que não precisa de exhortações para a animarem, e sabe que a maior paga do seu trabalho a encontra o philosopho na propria philosophia. E, se assim não fosse, de que valeria então ser philosopho?

Creia V... na muita consideração com que sou

Lisboa, e casa de V..., 3 de junho de 1881.

De V... etc.,

Anthero de Quental.

XXX

A Eduardo de Almeida Andrade

Paris, 18 de julho, 67.

Meu caro Eduardo:

Não extranhas esta carta, seguramente, nem o logar de onde é datada, porque já estás informado dos meus *errores,* e mesmo sem o teu auxilio cuido que não poderia ter realizado esta ultima viagem, que na verdade espero bem será a ultima, cançado como estou de vêr tanto homem e tanta terra, sem que com isso o meu socego e contentamento se adeantem extremamente...

Entretanto, não ha maior ensino; e não exagero affir-

mando que cinco mezes em Paris valem mais do que os cinco annos de uma formatura em Coimbra para a verdadeira instrucção e iniciação na verdadeira e soberana sciencia da realidade humana. Sabe, porém, que essa sciencia é feita na maior parte, no mais fino da sua substancia, de desilusões. Pode mesmo dizer-se que a sua doutrinação n'outra cousa não consiste senão em nos fazer perder todas as illusões, que compõem o ***substractum*** das varias sciencias fantasmagoricas, que a nossa inexperiencia e a petulancia de mestres ineptos nos impõem como expressão fiel da realidade e da vida. Mas isto é para quem sabe vêr, o que equivale a dizer para quem trouxer já comsigo um criterio e philosophia formados em um adeantado estado de formação.

Mas, n'este caso, não ha aldeia, nem casalejo da serra, que se não possa transformar em universidade, desenvolvendo-se na solidão essa philosophia tão bem como na assembleia dos maiores sabios. Pode-se dizer muito a este respeito: e eu não ignoro que as multidões, se não são por si uma philosophia, são, todavia, uma occasião de ella se revelar, de se applicar, e, pela applicação, fixar-se, definir-se, affirmar-se na sua maxima extensão. De tudo concluo que o mundo e a vida são cousas muito differentes do que se julga universalmente, que a existencia ordinaria navega n'um lago de illusões, e que, com este correctivo, em toda a parte se vive bem, porque em toda a parte se dá aos factos e ás opiniões do dia a importancia limitada que teem realmente, fóra da exaggeração das paixões dos interessados.

Conto, pois, retirar-me aos meus lares assim que possa, e espero podel-o lá para o mez de setembro.

Até lá podes-me escrever para aqui, dirigindo a carta segundo o *modelo* incluso. Fala-me de ti e das tuas cousas, ou de Portugal e das cousas portuguezas, do que mais te agradar, emfim, que isso me agradará logo a mim. Adeus. Tem saúde.

Teu do c.

Anthero.

XXXI

Ao mesmo

Villa do Conde, 29 de dezembro (1885).

Meu velho amigo.

Recebi a tua melancholica carta. Eu, no meio d'esta sociedade, da qual por assim dizer me exilei voluntariamente, é quasi como se não existisse.

Agora mesmo acabei de escrever ao C. Branco [1] juntando á minha a tua carta. Elle, sem duvida alguma te escreverá; mas não deves pôr muitas esperanças no valimento d'elle, porque é pequeno. Valimento só o têem hoje os intrigantes, e o nosso amigo não o é. Entretanto, é possivel que elle te dê uma boa noticia, o que do coração desejo. O C. Branco é sempre o mesmo, e tal como o conhecemos em Coimbra.

O meu livro só d'aqui por uns dois mezes estará na rua. Lá receberás um exemplar. E adeus. Dispõe sempre do teu

Velho amigo.

Anthero de Q.

[1] Antonio de Azevedo Castello Branco.

XXXII

Ao mesmo

Villa do Conde, 20 de d. (1885).

Meu caro Eduardo.

Agradeço-te a tua cartinha. Talvez para o verão vá ahi ver-te. Enganaste-te a respeito do J. Falcão. Elle, pelo contrario, respondeu-me pela volta do correio, dizendo o seguinte: «dize ao nosso Coriolano que me procure quando quizer. Nunca me esquecerei do louro Andrade». Isto é textual. Mandei logo um bilhete ao teu rapaz dizendo-lhe que se apresentasse, quando quizesse, ao Falcão, e que como apresentação bastava dizer quem era. De sorte que ou o rapaz se tem esquecido de te dizer que falou com o Falcão ou não recebeu o meu bilhete, no qual, todavia, puz o endereço, que me indicaste. Por isso será bom que lhe escrevas, dizendo-lhe que, se não se apresentou ainda ao Falcão, o faça sem receio. Será recebido de braços abertos.

Do teu do C.

Anthero.

XXXIII

A Eduardo Coimbra

Villa do Conde, sabbado (1883).

Men joven poeta

São reservados, e pertencem ao nosso Joaquim os versos a que allude. É claro que sem licença d'elle não devem imprimir-se. Deixe-os no tumulo da desditosa criança que lá fallam melhor aos que a estremeceram.

Se porém combinarem trasladal-os para qualquer publicação, addiccione o meu amigo ao nome da pobre Zara o do desolado irmão. Para elle foram feitos, a elle serão dedicados.

E nada mais por hoje, meu amado poeta.

Seu do C.

Anthero de Q.

XXXIV

Ao mesmo

Villa do Conde, 25 de janeiro (1884).

Meu Caro Poeta:

Os seus versos [1] não só me agradaram, como me encantaram. Já vê que, seja qual fôr a composição que lhe agrade dedicar-me, ficarei sempre bem servido e contente.

Se não se me tivesse sumido no Palacio de Cristal, teriamos tido occasião de conversar mais largamente. Mas fica esperada para outra vez — e não me escapa.

Disponha do seu

Criado muito obrigado,

Anthero de Quental.

XXXV

A Eugenio Vaz Pacheco do Canto e Castro

Ponta Delgada, 31 de Julho (1891).

Ex.mo Sr.

Bastante incommodado de saude, não me é possivel, por ora, ir agradecer pessoalmente a V. Ex.a a delicada

[1] Refere-se aos *Dispersos*. Porto, 1884.

offerta d'um exemplar da sua interessante Memoria [1], tendo por isso de o fazer provisoriamente por escripto.

Li com grande prazer aquelle trabalho; mas, sem auctoridade na materia para o poder louvar d'outro modo, só poderei dizer a V. Ex.ª que me prendeu e instruiu, pela novidade para mim quasi completa de muitos factos e pela amenidade da exposição. Receba, pois, V. Ex.ª os meus parabens, aos quaes juncto os votos que faço para que não desista do seu proposito de mais tarde ou mais cedo dar ao mundo scientifico uma monographia geologica da nossa Ilha.

Sou com muita consideração,
De V. Ex.ª
C.do obg.mo
Anthero de Quental.

XXXVI

A Fernando Leal

Lisboa, Rua da Fé, n.º 12.
2 de junho de 1880.

Ex.mo Sr.

Incommodos graves de saúde, e em seguida uma viagem por elles motivada, me impediram de agradecer ha mais tempo a V. Ex.ª o volume dos seus versos [2], com que me brindou, e ainda mais as palavras, que, com mão summamente benevola, traçou na primeira pagina. A leitura do livro, revelando-me um bom e

[1] *Ensaio critico sobre a Bibliographia geologica dos Açores e nomeadamente na Ilha de San Miguel.* Ponta Delgada, 1891.

[2] *Reflexos e penumbras.* Lisboa, 1879.

nobre espirito, tornou para mim aquellas palavras, de gratas, preciosas. Ha, por todo elle, um perfume de bôa vontade — no sentido evangelico da expressão — e de elevação moral, que me encantou. A *alma* é e será sempre a essencia das bôas lettras. Por este motivo, e ainda por outros secundarios, prefiro no seu livro a parte original ás traducções. Victor Hugo, é, quanto a mim, pouco menos de intraduzivel, não tanto pela originalidade do pensamento, como pela singularidade e não sei se diga excentricidade da forma. Entretanto, é certo que V. Ex.ª, dadas as enormes difficuldades do commettimento, fez muito, e por vezes conseguiu a naturalidade da expressão, que é a pedra de toque das traducções. A parte do livro, que é escripta em francez, já eu conhecia, mas ignorava que fôsse da sua penna. Ha por ali bastantes verdades. O genio francez possue com effeito uma riqueza de engenho e de recursos moraes verdadeiramente notavel. Entretanto, embora a sociedade franceza não esteja corrupta, como pretendem os gallóphobos fanáticos, não se póde negar que ha n'ella enfraquecimento moral sensivel. É, quanto a mim, o resultado da decomposição democratica, condição passageira mas necessaria da profunda revolução social que trabalha toda a Europa, mas em que a França está mais adiantada que as outras nações. É por isso que a ellas mais atrazadas no processo da decomposição, causam assombro e antipathia certos phenomenos francezes.

É provavel, porém, que essas nações, quando tiverem chegado ao ponto em que está a França, não tendo como ella um caracter tão vivo e resistente, se mostrem ainda mais desorganisadas na sua intima moralidade. A mo-

ralidade collectiva é um facto, em grande parte, de ordem económica, ainda que esta affirmação pareça paradoxal.

Mas estas considerações levar-me-hiam muito longe. O fim d'esta carta é simplesmente testemunhar a V. Ex.ª, com o meu agradecimento, a sympathia que me inspira o seu generoso talento.

Sou, com sincera estima, de V. Ex.ª
crd.º mt.º obrgd.º
Anthero de Quental.

XXXVII

Ao mesmo

Villa do Conde, 12 de novembro (1886).

Meu caro Fernando Leal

Fez bem em me enviar a carta que tinha escripto, apesar do *egotismo* d'ella, ou antes, por isso mesmo. O que sobre tudo me interessa nos meus amigos é o seu estado moral: por conseguinte o *egotismo* vem de molde. A sua grande desconsolação afflige-me. Precisa reagir contra esse estado de inercia interior. Não cuide que é sem cura. Já passei por isso e sei que é curavel. Mas creio que em Lisbôa, não. Sempre pensei que o Fernando devia sahir d'esse meio dissolvente e d'essa atmosphera mórbida. Quizera agora muito estar em Lisbôa, para o estimular. Esse isolamento no meio d'uma multidão é pernicioso. O Fernando precisa d'uma mulher; e, procurando bem, creio que mais facilmente achará a que lhe convém, no meio

d'essa confusa Lisbôa, do que n'outra parte. Descubra uma mulher pobre, bôa e simples, case com ella e vá para a India. Demore-se por lá annos. N'outro meio e com essa companhia, a vida lhe irá gradualmente parecendo outra cousa. Um homem intelligente e bem formado acha sempre alguma obra boa a que se entregue: ou obra intellectual ou obra humana e social, pouco importa, comtanto que se dedique a alguma cousa boa. Creia que a vida não vale senão por esse lado, pelo bem que se faz, seja de que ordem for. O Fernando é feito para sentir e comprehender isto. Infelizmente não posso senão dizer-lhe de longe: eia, sus! Se ahi estivesse, havia propriamente empurral-o. É bom, é até necessario passar pelo Pessimismo, mas não se deve ficar n'elle por muito tempo. O Pessimismo não um é ponto de chegada, mas um caminho. É a synthese das negações na esphera da naturesa, a luz implacavel caída sobre o acervo de illusões das cousas naturaes. Mas, para além da naturesa, ou, se quizer, escondido, envolvido no mais intimo d'ella, está o mundo moral, que é o verdadeiro mundo, ao qual a harmonia, a liberdade e o optimismo são tão inherentes, como ao outro a lucta cega, a fatalidade e o pessimismo. A final, não vivemos verdadeiramente senão na proporção do que partilhamos d'esse mundo intimo e perfeito, ou, mais exactamente, da parte d'elle que desentranhamos de nós mesmos e fixamos nos nossos pensamentos, nos nossos sentimentos e nos nossos actos. Já vê que a existencia tem um fim, uma razão de ser: e o Fernando, embora diga sinceramente o contrario, *no fundo* não o crê. Lá no fundo do seu coração há uma voz humilde, mas que nada faz calar, a protestar, a dizer-lhe que ha

alguma cousa porque se existe e porque vale a pena existir. Escute essa vóz: provoque-a, familiarise-se com ella, e verá como cada vez mais se lhe torna perceptivel, cada vez falla mais alto, ao ponto de a não ouvir senão a ella e de o rumor do mundo, por ella abafado, não lhe chegar já senão como um zumbido, um murmurio, de que até se duvida se terá verdadeira realidade. Essa, meu amigo, é a verdadeira revelação, é o *Evangelho eterno*, porque é a expressão da essencia pura e ultima do homem, e até de todas as cousas mas só no homem tornada consciente e dotada de voz. Ouça essa vóz e não se entristeça.

E, para terminar imitando o *delenda carthago* de Catão, repetir-lhe-hei: saia de Lisboa e, se puder, case.

Do seu muito amigo

Anthero de Quental.

P. S. — Não recebi o seu *Jonh Bull*, mas li por esse tempo, não sei em que jornal, um extracto d'elle de que gostei. Quanto aos meus *Sonetos*, não me afflige o silencio da Imprensa: contava com elle e (deixe-me dizer assim, que é sem orgulho) agrada-me isso mais. Sei muito bem quanto aquillo está fóra das tendencias da litteratura de hoje. De resto, não pretendi fazer uma obra *litteraria*, mas outra cousa a que dou mais valor. Só o que sinto é que o que ali ha de novo e profundo seja tão pouco e se reduza a 20 ou 30 dos ultimos sonetos. Meti n'elles o melhor da minha Philosophia, á espera do dia em que a possa desenvolver largamente e em bôa prosa. Mas, uma Philosophia nova, em versos obscuros e poucos, quem diabo póde

entrar com ella? Acho, pois, que os dos jornaes o melhor que tinham a fazer era calarem-se.

A. Q.

XXXVIII

Ao mesmo

Villa do Conde, 2 de fevereiro, 1888.

Meu caro Fernando

Fiquei contente por vêr que, afinal, se resolveu a tratar-se: deixe-se estar ahi até que se sinta bom do corpo. Isso é essencial. Desejo muito vêr os seus artigos, que aqui me não chegaram, como não chega quasi cousa alguma. Quanto ao *Livro de Lazaro*, acho que, apesar de não conhecer o original, o póde traduzir, a traducção franceza é excellente: é pena não conter tudo, pois haveria mais por onde escolher. Não lhe aconselho que traduza tudo: parece-me que ha muita cousa intraduzivel: mas escolha o que tiver um caracter mais geral, mais humano e lyrico. Quanto ao estylo, aproximar-se-ha tanto mais ao de Heine quanto mais evitar as palavras *litterarias* e mais se inclinar para o estylo e vocabulario popular. A poesia do Heine é toda ella vasada nos moldes dos Romanceiros: simples nos metros (quadras de sete syllabas, ou ás vezes de hendecasyllabos, tercetos tambem, mas de sete-syllabos: fugir do alexandrino, a não ser por ventura em disticos separados, que se prestam á simplicidade) tem sempre, pelo estylo, e pelo tom e movimento geral, um ar de balada, de historia antiga contada á lareira, d'onde

resulta, pelo contraste d'estas formas ingénuas e do requinte e modernismo do sentimento e do pensamento, um dos effeitos mais picantes e mais originaes do poeta.

Metta-se n'isso, que estou persuadido de que se ha de sahir bem.

Não sei quem é ....., provavelmente algum pseudonymo.

Não vi a carta em que me falla, nem imagino a que proposito esse homem biblico ou semi-biblico me escreve no jornal ..... que é folha da minha grande antipathia. Oxalá não seja para me envolver tambem na questão do .....

Adeus. Lembre-me ao João e aos sympathicos Goanos [1].

Do seu do coração

Anthero de Quental.

XXXIX

Ao mesmo

Villa do Conde, 8 de fevereiro de 1888.

Meu caro amigo

Obrigado pelo prazer que me deu com o seu prologo aos *Soldados da Revolução*. É excellente: pensado, sentido e *escripto*. O Fernando é dos poucos que ainda sabem escrever em portuguez. E quem sabe escrever e tem que dizer não deve estar calado. Escreva, pois,

[1] Guilherme Moniz Barreto e Frederico Diniz d'Ayala, que tinham sido apresentados a Anthero por Fernando Leal. *(Nota de Fernando Leal.)*

que isso ha de fazer-lhe bem. O Fernando precisa *distrahir-se:* mas, para um homem do seu sentir, as *distracções* que servem aos outros não lhe podem servir. Só o pode distrahir o trabalho, esse grande narcotico, esse dictame, dom dos deuses, sem o qual a vida dos homens que pensam intensamente seria intoleravel. Escreva, pois, como quizer, sobre o que quizer, prosa ou verso, que já d'aqui lhe asseguro que nunca lhe ha de sahir cousa somenos. A conclusão do seu prologo é a de um moralista, e a unica que, no meio do naufragio de tantas esperanças, abrigará ainda as consciencias sãs: *fais ce que tu dois, advienne qui pourra.* Mas não se entristeça de mais com o que vê. A burguezia deu o que podia dar, não se lhe pode exigir mais. Uma classe nunca pode ser um apostolo: é simplesmente um elemento, uma força, cujo *acto* é determinado pela energia inicial. O que dará a democracia? Quem poderá dizel-o! É o escopulo onde até hoje tem naufragado todas as sociedades. Será que a sociedade, em quanto dividida em classes, que reagem umas sobre as outras e mutuamente se estimulam, e em quanto essas classes têem, como taes, um fim a cumprir, uma aspiração, um ideal, será, digo, que a sociedade, n'essas condições, constitua um *meio* mais proprio para a producção do civismo e para a tempera dos caracteres? e que, realisadas aquellas idéas, cessando aquelle estimulo, o homem que aquella lucta levantara como que acima de si mesmo, tenha fatalmente de cahir na condição primitiva, na do animal de quem descende, só preoccupado com materialidades e visionices? Não sei: mas o que é certo é que não ha sociedade, por decadente e inferior, onde a virtude não seja possivel: e se

a virtude é o fim ultimo da vida, por conseguinte da sociedade, que não é mais que uma condição para que ella *possa* dar-se, direi que não ha sociedade completamente perdida, completamente inutil, visto que o fim supremo nunca deixa de se realizar. A nós, espiritualistas e estoicos, deve bastar-nos isso. Sejamos nós os que perante o Universo *justificam* a sociedade em que vivem, por podre que ella seja. Cumpra-se por nós o fim da humanidade, impulso primario de todas as sociedades, e aquella em que vivemos não terá sido, perante o Ser, inutil nem esteril. E mãos á obra. Do bem, ainda o mais invisivel, não se perde uma particula, nunca se poderá perder, através do infinito do tempo, através do monstruoso rodopiar das formas e dos acasos. Guarda-se e accumula-se, não sabemos como, na espiritualisação permanente do Universo. É um *momento* na grande obra do Ser infinito, uma linha, uma pedra, uma areia, uma estructura do seu grande edificio, e, pequeno ou grande, lá ficará eternamente.

Mãos á obra, pois, amigo, e nada de desanimar. Faça o que puder, que Deus não lhe exige mais: fazendo-o de bôa vontade e de todo o coração. Elle ter-lhe-ha o pouco que fizer em tanta conta como o muito dos que podem mais. Comece por tratar seriamente da sua saude, considerando isso um *dever*, visto que é condição para o cumprimento dos outros. Depois, verá. Entretanto, tome isso a serio e *distraia-se* escrevendo, que, por todos os lados, não será tempo perdido.

Quanto á associação editora dos litteratos, acho que é um pensamento sympathico, mas um dos mais irrealizaveis. O que propõe é a final uma Cooperativa de

producção. Ora este genero de associação, pela sua mesma superioridade, exige condições nos trabalhadores associados que ainda hoje se não dão em classe alguma. Todas as cooperativas de producção teem fracassado desastrosamente (e é por isso, entre parentheses, que o capitalismo prospera, porque não ha ainda quem o substitua), ainda entre as classes trabalhadoras dotadas de mais senso pratico e moral e espirito de disciplina. Mas de todos os *trabalhadores* o litterario é justamente aquelle a quem mais faltam aquelles diversos sensos. Os calafates, ou ferreiros, ou trapeiros valem, n'este ponto de vista, infinitamente mais que os melhores litteratos. Considerar isto é considerar como chimerica qualquer tentativa no sentido do seu artigo. E adeus.

Anthero de Quental.

XL

Ao mesmo

Villa do Conde, 26 de março (1888).

Meu caro amigo

Não sei se tem recebido as minhas cartas. Desejo muito ter noticias suas. Diga-me se tem persistido no tratamento e se se acha melhor. Tenha paciencia e considere que é *necessario* tratar-se: inclúo n'esta expressão a idéa d'uma *necessidade moral*, um dever para com a sua alma, que precisa, para cumprir os seus altos destinos, ser despojada de quaesquer miserias corporaes. E distraia-se trabalhando. Como vão as suas traducções? Que mais tem feito? Todos os dias

penso em si. Diga-me pois do que lhe diz respeito, ainda que seja em poucas linhas n'um bilhete postal. Li o livro do nosso sympathico Ayalla. É uma causa perdida e que tinha de o ser. Mas ha nobresa n'aquelle protesto, e um echo de antigos sentimentos heroicos, que já poucos hoje comprehenderão.

Do seu do coração
Anthero de Quental.

XLI

Ao mesmo

Villa do Conde, 2.ª feira, 1888.

Meu caro amigo

Suppunha-o no campo, com o A. (tinha-me fallado n'um projecto): porisso, na mesma folha em que lhe escrevia a elle, accrescentava alguma cousa sobre o seu livro, para lhe ser communicada. De resto, estava n'esse dia em maré de caturrice grammatical, e de taes caturrices constava o que lhe escrevi. Mas o seu livro não é para ser assim olhado *par le petit bout de la lunette:* é obra d'um homem de sentimento é pensamento e d'um artista. Está cheio de *verdadeiros* versos. E, se reflectir, verá que é justamente por isso que tão pouco se tem fallado do seu livro. O tempo presente não quer saber de poesia para nada. E porquê, com effeito, ou para quê, quereria elle saber de poesia? Nada mais contrario á sua natureza ao mesmo tempo prosaica, e frenética: prosaica no seu frenesi e frenetica na sua prosa. Tenho muita pena dos que vieram a este mundo terrestre e verdadeiramente ter-

reno, com o dom celeste do sonho e da poesia! Console-se, meu caro Fernando, lembrando-se que os que não querem saber dos seus versos, fazem o seu alimento espiritual do Belot e outros *Sousas do casacão* [1], e se envenenam voluntariamente com a prosa das gazetas. Esta consideração põe cada um e cada cousa no seu logar.

Do seu do coração

Anthero de Quental.

XLII

Ao mesmo

Villa do Conde, 4 de setembro 1888.

Meu caro amigo

O Canini pergunta-me pelo Fernando, lamenta que tivesse suspendido as relações epistolares com elle, etc. Não lhe enviou um exemplar dos *Relampagos?* O endereço d'elle é San Fantin, 1977, Venezia. Tambem se queixa do João não lhe ter nunca respondido. Veja se consegue d'este que lhe escreva meia duzia de linhas.

Tenho continuado a ler no seu volume, que tem real-

[1] *Sousa do casacão* era o nome de um proxeneta muito conhecido em Lisboa, explorador de um dos seus lupanares mais caros, na travessa da Assumpção ao lado do café *Montanha.* Parecia-se immenso com o marechal Saldanha, e quando se tratava de preparar o *19 de maio* (1870), esse figurão apparecia, fardado de marechal, aos soldados, nos conciliabulos secretos da conspiração, não sei se com anuencia do proprio marechal, de quem era o *Sosea.* Quanto a *Belot,* era o escriptor pornographo francez, autor da *Femme de feu* e outros romances de verdadeiro proxeneta litterario. *(Nota de F. L.)*

mente cousas muito boas. O soneto «á morte dos filhos do Theophilo» [1] podia ser assignado pelo João e ficaria entre as boas cousas d'elle. É tocante, simples, original e verdadeiro. Os versos n'um album depois do João e Gomes Leal, encheram-me as medidas — mas como nada pode haver perfeito n'este mundo, ha lá uma *chança* (!!!!!!) parte para aguar o prazer de quem quer que não admitta a liberdade absoluta e soberana da gallicismo. Ainda por la encontrei outras cousas boas. Quanto ás suas traducções, não precisava da opinião de Banville para saber que ellas não são em *franciú*. As dos meus sonetos são excellentes: há só a notar n'um d'elles o emprego, que me parece improprio, da palavra *chevalier:* cuido que deve ser *cavalier*. Não desgostei do artigo do Theophilo, ainda

[1] O leitor gostará de encontrar aqui o soneto a que o bom Anthero allude. Vem nos *Relampagos* e é este:

A MORTE DOS FILHOS DE THEOPHILO BRAGA

Sem filhos, mette dó... Pobre poeta!
A mãe... Nem sei dizer tamanho horror...
E elles, seu novo ser que fórma affecta?
Vaga em perfume, esbate-se em alvor?

Aves implúmes que invisivel setta
Varou sem pena do materno amor,
A filha após o filho, eil-os na meta,
Cedo alcançada, onde termina a Dôr.

Sim, vêr morrer crianças é bem triste;
Mas ellas, iniciadas no mysterio
Dalém da Morte, se um mysterio existe,

Dormem, sonham talvez sem dôr, sem ais,
Como se as embalasse um berço ethereo...
Em quanto vertem lágrimas os paes!

(Nota de F. L.)

que a tal Humanidade, que elle agora adora e para cujo culto tenta seduzil-o, precisava antes de adorada, ser definida. E verdade que um Deus definido perde a graça e já não presta. Oh! Theophilo, grande atheu, que nasceste para irmão do Santissimo! O Inconsciente préga ás vezes d'estas peças aos pobres mortaes.

Devolvi-lhe os artigos, lembrando-me que não terá outro exemplar e gostará de conservar.

E adeus. Veja se o João escreve ao Canini, e dê-lhe mil lembranças minhas.

Do seu do coração

Anthero de Quental.

XLIII

Ao mesmo

Villa do Conde, 10 de outubro (1889).

Meu caro amigo

Colligindo traducções de sonetos meus, para irem em appendice de nova edição que se está fazendo, reparei (o que até aqui me tinha escapado, apesar de a ter lido já varias vezes) n'uma impropriedade, que tal me parece, no 1.º verso da sua de «*Mors-amor*»: *Ce fauve coursier noir*. *Fauve*, do latim *fulvus*, diz Littré, *qui tire sur le roux* e accrescenta, que são *bêtes fauves* o veado, cervo, etc., em opposição ás *noires* como javali, etc., e ás *brunes*, como raposa, lobo, etc. — De sorte que aquelle *fauve* ao pé d'aquelle *noir* parece-me pouco proprio. Mande-me pois dizer se acha que isso não importa e que póde ir aquelle verso tal como está,

ou, se entender que elle deve ser modificado, envie-me a emenda que fizer, para sahir como ella no meu appendice. Isto não é de urgencia, porque ainda agora se vae começar a impressão, e o appendice vae no fim do volume. Entretanto, se por estes 20 a 30 dias mais proximos resolvesse este ponto, ficar-lhe-hia obrigado [1].

Diga-me como passa, physica e moralmente. Oxalá melhor. E que faz? prosa ou verso? Lembro-me dos bons boccados de tardes, este verão, em sua companhia.

Estou agora aqui n'uma solidão, que até a mim me faz horror. Dê lembranças minhas ao Barreto e ao João [2] quando os vir.

Do seu do coração

Anthero de Quental.

[1] Tinha toda a razão o meu inolvidavel amigo. *Fauve* como adjectivo era pouco proprio; como substantivo era proprio, significando «féra», mas lá no verso está como adjectivo; porêm a verdade é que, por mais que buscasse substituir o *fauve*, ainda hoje não me foi isso possivel, mesmo ao fim de 15 longos annos; de modo que o soneto francez do qual aliás o proprio Anthero e Eça de Queiroz gostavam tanto, ficará com aquelle senão, como o *Moysés* de Miguel Angelo, ficou com uma perna mais longa do que a outra. Na *Advertencia dos editores* que precede a 2.ª edição dos *Sonetos Completos* de A. de Quental, advertencia escripta pelo autor lê-se, acêrca das traduções francezas de poesias d'elle por F. Leal, o seguinte: «Quanto ás traducções francezas, são ellas já bem conhecidas do nosso publico, pois sahiram da penna brilhante do snr. Fernando Leal, poeta original em duas linguas e em ambas traductor de raro merito, e foram incluidas no seu volume *Relampagos*, publicado em 1888». *(Nota de F. L.)*

[2] Guilherme Moniz Barreto, João de Deus. *(Idem.)*

XLIV

Ao mesmo

Villa do Conde, 15 (1889).

Meu caro amigo

Recebi a sua traducção, que está realmente bôa. Pena é que o estylo do original não dê para mais. É decididamente «ministro da marinha»! [1]. De resto, os hespanhoes, em os tirando do estylo e metro populares, em que são originaes e excellentes (Trueba, Campoamor, etc.) e em se mettendo no genero *nobre*, descambam na banalidade grave, n'aquelle estylo academico, em que um hêroe é sempre *inclito*, uma formosura *deslumbrante*, uma paixão *ardente*, um pensamento *sublime*, etc. etc.

Isto é assim desde o seculo 16.º, em que a escola italiana e o genero *nobre* entraram em Hespanha, e os famosos Figueiroa, *el divino* Mendoza, Argensola e os outros não valem afinal mais do que o novo Nunez de Arce. Em Hespanha este estylo é muito conside-

[1] Em outra carta, irremediavelmente perdida com algumas mais, Anthero tinha escrito de Nunez de Arce, que nascera «*fadado para ministro da marinha*». Como a palavra não estivesse bem legivel na carta, eu lêra, em vez de «fadado», *fardado*. E achando immensa graça ao *fardado*, escrevera sobre isso ao meu amigo, que tambem achou muita graça á farda... de nascença, e riu com o engano, mas corrigiu-o, embora a *boutade* casual fôsse de molde para frisar o seu parecer sobre o poeta hespanhol. O poema de Nunes de Arce, cuja versão eu submettera a Anthero, era *Á memoria de Alexandre Herculano*, em tercetos, e foi publicado na *Revista de Portugal*, de Eça de Queiroz. *(Nota de F. L.)*

rado, cuido que pela mesma razão porque uma camponesa toda graciosa nos seus trages aldeãos, se julga muito mais perfeita se consegue calçar umas botinas e pôr na cabeça um chapelinho de dama da cidade, com que aliás anda contrafeita, semsaborona e ridicula; mas basta de hespanhoes. Não tive logar de lhe propor emenda alguma, porque nada achei que necessite emenda, isto quanto à metrificação e linguagem, pois só a isso podia attender. O Fernando, com o original á vista, é que pode julgar se n'algum lugar ou outro terá de fazer alguma alteração.

Do seu do coração

Anthero de Quental.

XLV

A Francisco Affonso de Chaves e Mello [1]

Lisboa, 29 de junho de 1889.

Meu caro amigo

Ainda me não esqueci do seu caridoso canapé, nem da engraçada lição de mugir.

[1] Como annotação d'esta carta e da apostilha junta transcrevemos da *Revista Portugueza* parte de uma carta dirigida a Joaquim de Araujo pelo Sr. Chaves e Mello:

«Em 1884 viveu por algum tempo em Ponta Delgada um socialista allemão, homem de um grande valor intellectual, Josef Zervas, com quem muito convivi. Com elle quasi todos os dias passava largas horas, e foi então, como já disse a V. que eu traduzia a Zervas alguns dos sonetos de Anthero, que o illustrado allemão começou assim a conhecer e a admirar. O nome de V. appareceu muitas vezes nas nossas conversas. Como? Zervas traduzia-me para francez os seus poetas queridos, Schiller e Gœihe, e eu para a mesma lingua lhe traduzia os sonetos de

. . . . . [1]

Gostosamente accedo ao desejo do seu amigo Zervas,

Anthero, e as versões feitas por V. e que então eram publicadas num jornal do continente (não me lembro qual) de alguns números do *Intermezzo* de Heine. Eis como eu comecei a apreciar o alto valor de V., cujo nome ouvi muitas vezes pronunciado pelo nosso bom Anthero de Quental, entre os dos amigos que mais prezava.

«Passados alguns annos, em maio de 1889, Josef Zervas que a esse tempo residia em New-York, numa carta em que apreciava a traducção dos *Sonetos* feita pelo professor Wilhelm Storch, de que eu havia pouco lhe enviára um exemplar, fallava-me com assombro do poeta e da sua obra e pedia-me que lhe obtivesse um *autographo* do Antero, de cuja acquisição elle fazia grande apreço. Imagine a minha confusão; conhecia o Anthero como poucos, e sempre o vira refractario a estas exhibições!

«Queria, e muito, ser agradavel ao Zervas, para quem tal autographo tinha assignalada valia; mas sabedor como era de quanto Anthero se *horrorisava* com semelhantes incumbencias, temia ser desagradavel a este, que nas suas conversas intimas se revelava sempre avêsso a taes pedidos. Lembrei-me então que o Anthero me era *devedor* de dois favores, que elle declarára *nunca poder pagar;* um, o de lhe mandar pôr um canapé no meu quarto de trabalho, no qual elle se deitava, durante as horas em que demoradamente conversavamos; o outro, o de lhe ter ensinado o meu modo de manifestar violentas dores physicas, de que eu soffrera, mugindo como um boi, e tendo sempre presente o olhar doce d'aquelle animal.

«Armado com taes elementos, que para a terrivel exigencia eram os meus unicos auxiliares, e transcrevendo parte da carta de Zervas, *exigi* do Anthero, no começo de junho, o pagamento dos favores referidos com um autographo para o Zervas. Não me enganei na confiança que depuz em tal expediente; o facto é que dentro em pouco o apetecido papel estava finalmente em minha posse.»

[1] Por informação do destinatario o resto desta carta nenhum interesse offerece, motivo porque a não publicou na integra. *(Nota do editor.)*

desejo que é por certo extremamente lisongeiro para mim. A qualificação de *socialista* que dá ao seu amigo, ainda o torna mais estimavel aos meus olhos, pois isso bastaria para estabelecer entre nós uma especie de relação fraternal.

E creia-me seu muito

Dedicado amigo

Anthero de Quental.

LEMBRANÇA

Como signal de sympatia e tambem de reconhecimento pelas affectuosas palavras que me dirige, offereço ao senhor José Zervas os seguintes versos que traduzi de Bodenstedt, os quaes por serem de poeta allemão e tão estimado na Allemanha talvez lhe agradem mais do que outra qualquer composição minha:

Se queres conhecer o homem e o mundo
Do proprio coração explora o fundo:
Mas foge de te ouvir e de te ver
Se a ti mesmo te queres conhecer.

Anthero de Quental.

XLVI

A Francisco Ferraz de Macedo

Villa do Conde, 24 de março.

Meu excellente amigo

Recebi o grato presente do seu livrinho [1], e muito l'ho agradeço. A leitura d'elle despertou-me o desejo

[1] *Homem quaternario e as civilisações prehistoricas na America do Sul.*

de entrar mais pelo assumpto, e já encommendei o livro do snr. Ameghino.

Se elle demonstrar metade que seja, das proposições que enuncia, terá feito uma revolução n'um ramo dos conhecimentos humanos. A existencia de vestigios de uma grande civilisação no interior do Brazil, é coisa nova para mim, e creio o será para muitos. Veremos pois o que o homem diz.

O seu livrinho está escripto com methodo e claresa. Acho o estylo florido de mais para a serenidade grave da sciencia. Mas o amigo é sempre poeta e enthusiasta. *Felix culpa.*

Creia-me sempre seu ded.º
amigo m.tº obg.do

Anthero de Quental.

XLVII

A Francisco Machado de Faria e Maia

Villa do Conde, 28 de Março de 1885.

Caro Francisco

Tiveste uma feliz idéa em me mandar o grupo da tua familia. Alegrou-me tornar a vêr-te (ainda que só em sombra) rodeado agora por aquella aureola graciosa de creanças. Ha ali duas cabecinhas expressivas e encantadoras. Ha muito que desejo escrever-te: não só ha mezes, mas creio que até ha annos; mas tal é o singular desarranjo dos meus nervos (desarranjo singularissimo, por que deixando intacta a imaginação e a intelligencia, perturbou profundamente tudo quanto depende da vontade) que não tendo nada que fazer, ainda

não tive um momento em que pudesse escrever-te. Hoje, por uma especie de impulsão (que é o que em mim ficou substituindo a vontade, ou é a forma morbida que ella affecta) vou escrever-te e ao Vicente. Vivo aqui, numa terrasinha morta, onde não conheço ninguem, com duas creanças que tambem não conhecem ninguem, além de mim. Esta singularidade de vida não é uma extravagancia, mas em parte necessidade imposta pelas condições da doença, em parte como systema por mim adoptado, para ver se chego a um equilibrio moral, indispensavel para qualquer especie de trabalho. Se por este systema me não curar, então nunca me curo. De resto, tenho um tal socêgo interior, que posso dizer que sou feliz, no bom e unico verdadeiro sentido da palavra. É um fructo da Philosophia, e quem me diria à mim, quando em Coimbra comecei a cultival-a, que o que então era para mim só curiosidade da intelligencia, viria a ser agora amparo moral, fonte de energia e escudo contra mil e um males! Mas — quem a boa arvore se chega, boa sombra o cobre — diz o rifão, e não sou eu o primeiro, vae já em tres mil annos, para quem a Philosophia, começando pela intelligencia, acaba por entrar no coração, apossando-se d'elle e da vida toda, como de cousa sua. Não penses, porém, por isto, que acabei em reduzir, como os estoicos dos ultimos tempos romanos, toda a Philosophia á moral, com a preoccupação exclusiva da direcção da vida. Continúo pois *especulando,* e tenho lido e pensado bastante, possuindo hoje um conjuncto definido e ligado de idéas, como quem diz, o meu Systema.

Oxalá que ainda possa encontrar-me comtigo e com o vagar sufficiente para te expôr o dito Systema, a ti

que és um dos poucos cá na nossa terra que entendem de taes cousas. Dir-me-has que o escreva, e é o que todos me dizem; mas a todos respondo que ***não posso;*** por que para isso é necessario que as minhas faculdades voltem ao antigo equilibrio, condição indispensavel de um tal trabalho. Mas quem sabe se readquirirei jamais esse ditoso equilibrio? Entretanto, como não desespero, continúo a definir e ordenar cada vez melhor as minhas idéas, e não considero que seja este tempo perdido. Veremos o que d'aqui por uns annos poderei fazer. E, a proposito d'estas cousas, quero dizer-te que acabei por chegar a idéas similhantes ou parallelas ás tuas, quanto á monadologia. Lembras-te das conversas que tivemos ha annos em Lisboa, a tal respeito? Pois hoje entendo que a idéa de Substancia, implicando as do Absoluto, Unidade, Simplicidade, Continuidade etc., é a ultima ou mais remota das idéas metaphysicas, indispensavel para a explicação *final* do Ser, mas incapaz de explicar *immediatamente* a realidade, o descontinuo, o complexo etc.: que são vãos por isso todos os Pantheismos, e que é indispensavel ligal-a (e é essa a missão da Monadologia) por meio da idéa de Força, com a realidade, isto é com o Atomismo. Em vez pois de partir da Substancia, para chegar deductivamente ao mundo physico, uma Philosophia realista deverá proceder inversamente; partirá dos dados elementares da sensibilidade, sobre que se baseam em ultima analyse as sciencias naturaes, isto é, dos Atomos, para ***inductivamente*** chegar ao que não é *Atomo*, mas que o Atomo presuppõe: a Substancia. N'uma palavra, é necessario *vazar* toda a metaphysica dentro do Atomo, e depois então trabalhar com elle, assim transformado. Não

posso desenvolver isto; mas para ti, esta simples indicação bastará para que aprecies o ponto de vista em que estou hoje. Quanto ás conclusões moraes a que por um tal caminho cheguei, já pelos meus Sonetos (digo alguns d'elles) podeste fazer alguma idéa.

O que d'elles me dizes, causou-me satisfação, pois, como aquillo é só para poucos e tu és d'esses, o teu voto não podia deixar de me agradar muito. Entretanto, o meu pensamento ainda ali se mostra obscuro e perturbado por outros elementos, sobretudo pelo pessimismo. Tenho, porém, depois d'aquella data, composto uns quinze ou vinte, onde o fundo do meu pensar e sentir se revela nitido e puro, e onde cheguei a dar expressão poetica (e creio que ninguem ainda o tinha feito) ao mysticismo moderno, mysticismo scientifico e positivo, se assim se pode dizer. Verei se tenho forças para te copiar e mandar alguns. Senão, vel-os-has talvez, antes d'um anno, impressos, pois estou resolvido a publicar a serie completa dos meus Sonetos (uns cento e tantos, desde mil oito centos e sessenta a mil oito centos e oitenta e cinco) na sua ordem chronologica, de modo a formarem uma especie de autobiographia poetica, ou de Memorias moraes e psychologicas. Provavelmente, é tudo quanto ficará de mim. Mas não imaginas a impressão que os meus Sonetos teem feito, aqui e em Hespanha, em certas pessoas, aliás nada mysticas. Mas tal é o poder d'uma idéa verdadeira, que vem no seu momento e expressa bem e nobremente. Adeus. Um abraço do teu

Anthero.

XLVIII

Ao mesmo

Villa do Conde, 15 de Setembro
de 1886.

Meu caro Francisco

Recebi a tua e fico sciente. — Escrevi-te debaixo d'uma impressão talvez exagerada, de sorte que não sei se effectivamente terei de ir ahi. É matéria muito melindrosa, e por isso resolvi fazer primeiro uma especie de inquerito em vista do qual só me decidirei. Em todo o caso, se tiver de ir, prevenir-te-hei com a competente antecipação. Quanto ao meu pretendido atomismo e *vacuismo,* reli os meus artigos, e vejo que com effeito não fui explicito e que uma parte do meu escripto pode suscitar a suspeita que te deu rebate. A verdade é que eu só quiz dizer que, para a physica e chimica, a hypothese ou antes implicita presupposição dos atomos e do vasio era cousa indispensavel e inherente á esphera d'aquellas sciencias; mas sem lhe conceder mais auctoridade do que essa; e a beneficio de inventario philosophico, pois não admitto que o ponto de vista elementar d'essas sciencias, que é o materialismo, esgote o ser ou o conhecimento. Mas, argumentando com um materialista confesso, quiz simplesmente mostrar-lhe a sua inconsequencia quando repellia desdenhosamente o atomismo. Quanto a mim, não se podia esperar que um antigo hegeliano, e que depois leu Libnitz, podesse nunca, como diz algures o mesmo Libnitz «donner dans le vuide et les atomes». — Mandei-te pelo outro Paquete

um exemplar dos Sonetos. Desejava bastante saber que impressão te terá feito aquillo tudo juncto; como conjuncto e como desenvolvimento, especialmente as ultimas duas partes, que é o que ali ha de serio, para gente como nós. — E adeus

Do teu do coração,

Anthero de Quental.

XLIX

A Frederico Diniz Ayala

24 de março de 1888.

Meu caro amigo

Acabo de ler o seu eloquente e interessantissimo livro[1]. É uma triste historia aquella: mas tinha de ser assim. Desde que não quizemos nem podemos assimilar o elemento indigena na India, pela força das cousas; elle, que era a maioria, tinha de acabar por nos expulsar.

A historia que narra é, afinal, uma pagina mais, soez e grotesca se quizer, mas uma pagina do movimento politico naturalista chamado das *nacionalidades*, que é uma das feições mais notaveis do nosso seculo. Por outro lado, a politica anti-portugueza do partido regenerador n'esta questão, é mais uma completa manifestação da incompatibilidade do liberalismo com o nacionalismo, cujas raizes e essencia são muito outras.

Fez bem em escrever aquelle livro, e dou-lhe os meus parabens pela maneira porque o fez. Um echo do velho lealismo, da velha nobresa patriotica, soa ali e ainda me fez estremecer alguma fibra antiga.

[1] *Goa antiga e moderna*. 1888.

Mas agora não pense mais n'isso. Dispa esse lucto, para não parecer entre os seus contemporaneos, que não comprehendem já aquella ordem de sentimentos, uma especie de Epimenides indiano, e applique as suas bellas faculdades a cousa de futuro e não de passado.

Disponha do seu muito affeiçoado

Anthero de Quental.

L

A Gabriel Pereira

Lisboa, 20 de março (1881).

Ex.^mo^ Sr. Gabriel Pereira

Só agora posso escrever a V. Ex.ª, agradecendo-lhe a delicadissima offerta dos seus opusculos — e fal-o-hia vexado, se a minha desculpa por tanta demora não fosse justificada pela doença que ha bem cinco mezes me tem como que alheiado de tudo, até dos deveres da delicadeza.

Eu sou o mais incompetente de todos os leitores que V. Ex.ª póde ter para os seus escritos archeologicos. Lel-os com a curiosidade de quem busca instruir-se éra tudo quanto tinha a fazer. Os contos populares agradaram-me bastante, já pelo fundo, já pela forma. É um genero de litteratura que merecia ser mais cultivado do que é, e o livrinho de V. Ex.ª parece-me um bom exemplar.

Depois, o povo, quando chega a saber lêr, depravam-lhe logo o gosto com os detestaveis jornaes de mexerico e doesto, que constituem entre nós toda a

litteratura popular, de sorte que nem elle mesmo anima um genero que devera ser todo seu. Mais louvor ainda merece quem, rompendo com a universal indifferença, trabalha modestamente mas proficuamente.

Tomo a liberdade de enviar a V. Ex.ª um exemplar do volumesinho de Sonetos meus, que um amigo se lembrou de editar. É uma poesia lugubre e fantastica, que se resente talvez demasiado das preocupações e sentimentos habituaes do autor, para poder agradar a quem olhar a vida por outro prisma menos escuro. Mas offerecendo-os a V. Ex.ª, tenho só em vista mostrar-lhe a muita consideração com que sou

De V. Ex.ª
Servo m.to obg.do
Anthero de Quental.

LI

A Gaspar de Queiroz Ribeiro

Villa do Conde, 9 de Janeiro (1889).

Ex.mo Sr.

Quizera ter vinte annos de menos, para ler os seus versos como elles devem ser lidos, isto é, com o calor d'uma imaginação e d'um sentimento sympathicos. Mas os annos, e mais do que os annos, tanta miseria vista e sentida, tamanho diluvio de prosa por esse mundo fóra, tem-me entorpecido e não sei até se manchado a imaginação, e é só através d'uma especie de nevoeiro que vejo as bellas e simples cousas da mocidade. Ainda assim, através d'esta minha nevoa, pude apreciar o que ha de luminoso, de juvenil e casto na sua poesia,

e com ella me senti commovido. Vibra nos seus versos uma nota sã, de delicada e natural sensibilidade, de sincera commoção, que bastaria, a meu ver, para dar ao seu livro [1] um logar distincto no meio de quasi tudo quanto tem apparecido durante os ultimos annos. O nosso Junqueiro, no ardor do seu belicoso apostolado, convida-o a deixar as abençoadas regiões do idyllio e a descer armado á arena onde se combate. Eu, por mim, dar-lhe-hei antes o conselho opposto. A sua Musa casta é feita para a intimidade; dar-se-hia mal, quer-me parecer, com aquelles arrogantes tumultos. E, se a região do idyllio é aquella que naturalmente lhe apraz, porque a ha de abandonar? Na Vida, o systema e o proposito valem mais que tudo: mas na Arte é só a espontaneidade, a vocação e o natural pendor que devemos seguir.

Receba pois, meu caro Poeta, com os meus agradecimentos pela sua amavel offerta, os meus parabens pelo seu encantador livrinho.

E sou de V. Ex.ª

C.do Obg.mo

Anthero de Quental.

LII

A Germano Vieira Meyrelles

(1865).

Meu amigo

Escrevo o teu nome na primeira pagina d'este livro [2], como no socco da estatua da Venus antiga gravou o

[1] *Tardes de primavera.* Porto, 1889.

[2] *Odes modernas,* 1.ª edição. Coimbra, 1865.

esculptor, enlaçados, o seu nome com o da formosura extranha que lhe servira de modelo.

É mais ainda que um desafogo do coração — é um dever de probidade.

A mão, que escreveu este livro, copiou apenas. Mas a Idéa, que o inspirou, essa saiu-nos, como dois metaes fundidos para o mesmo molde, unica, espontanea de ambas as almas. Rebentou-nos de ambas as vontades com a mesma força de uma egual aspiração. Meditaram-na em commum duas intelligencias unidas numa só crença, como de duas raizes sae o mesmo tranco, de duas ondas, junctando-se, uma só espuma e uma unica voz.

É o fructo de um mesmo Ideal. E onde ha ahi mão que possa, abrindo ao meio estes versos, arrancar-lhes das entranhas, partidas cada qual, a parte que é minha e a tua parte?

São inseparaveis: como se não pode desprender a luz da côr, a forma da essencia, o pensamento da consciencia.

É *nosso* este livro. A mão do copista que mais vale? Se são estas páginas fragmento do grande e bello poema da nossa commum mocidade? da epopeia, que nos sonharam — unidas — as almas? do *mundo*, que as intelligencias — junctas — nos pesaram, em tantos dias de estudo, de esperança ou de tristeza; em tantas noites de meditação, de desalento ou de enthusiasmo?

Deixa pois que escreva aqui o teu nome, enlaçado com o meu, perante os homens, como um protesto solemne de fraternidade.

No meio das luctas e das tristezas, a que este livro

de *crença* me pode porventura atirar a vida, seja-me o teu nome consolação e alegria, como já é força, gloria e exemplo — mais que tudo.

Anthero de Quental.

LIII

Ao mesmo

(1866).

Caro Germano

Estou em Lisboa desde o principio do mez; mas, ignorando a tua nova morada, não podia escrever-te emquanto o A. me não desse alguma indicação a este respeito — o que só agora fez. Diz-me elle de ti que vaes passando relativamente melhor, desde que deixaste a Foz. Sempre previ isso, porque a humidade é-nos hostil a nós outros nervosos.

Cá estou eu agora, com o detestavel tempo que aqui tem durado ha quinze dias, n'um estado de irritação nervosa insupportavel; insomnias e palpitações e tremuras e não sei que mais. Entretanto o meu excellente Esculapio diz que vou melhor, e caustica-me as costas com ferro em braza, com a maior convicção. Afinal, não é tam mau como julgava; tolera-se; e, fazendo bem, mais toleravel se deve tornar. Mas como este alongamento indefinido da enfermidade é tedioso e irritante!

Vejo tanto trabalho bom a fazer, sinto-me capaz d'elle, preparado para elle... e não posso! Paciencia, não é assim? A paciencia (agora é que a tenho chegado a conhecer) é a chave da vida moral, a ultima palavra da sciencia da vida. Quem chegar a alcan-

çal-a, sem ao mesmo tempo cahir na inercia e estupidez, *omne solvit punctum.*

E tu? Dize-me de ti, e recebe um abraço do teu

Do coração
Anthero.

P. S. Mando uma effigie, apesar de não gostar d'ella, por me parecer grave até á carranca.

LIV

Ao mesmo

(1866).

Caro Germano

Saudo o amigo! Que fazes e, sobretudo, como vaes? Estará ahi o A., que, segundo me escreveu, fazia tenção de ir brevemente ao Porto! Se está, sauda-o por mim. Eu cá estou, sempre na mesma; mas á doença impassivel opponho uma paciencia que cada vez lucta com ella com mais vantagem. Por isso estou contente. Abençoada doença, se fizer de mim o homem impassivel dos Estoicos, o Santo de Marco Aurelio. Não digo isto brincando, e para mim o livro das maximas de Epicteto é um dos livros mais serios que têm sido escriptos. Porque o não lês? Mas talvez fôra isso, infelizmente, inutil, porque não tens a Fé. A Fé não é só patrimonio do christão, ha tambem a Fé da Philosophia idealista, que pelo menos é tam boa. Mas tu és Positivista, meu pobre Germano. Pobre Philosophia essa, e fraco apoio! Quem me dera que tu pudesses *crêr!* Esta orgulhosa razão é preciso humilhal-a n'um acto de sentimento intimo: é preciso tambem chorar, e amar aquillo mesmo

que nos faz chorar. Então ouve-se em nós uma voz, que não é a da razão, menos forte ou sonora, mas mais pura e sobretudo mais consoladora. Isto tenho feito e faço, e só desejo que o faças tu tambem. Pensa n'isto. Se achares esta homilia muito lyrica, considera que escrevo isto ás 6 horas da manhã, começando a amanhecer, e tendo eu perdido a noite — perdida para o somno, mas aproveitada para muitos pensamentos.

Adeus, querido amigo. Dá noticias ao

teu do coração

Anthero.

LV

Ao mesmo

(1866).

Querido Germano

Prende-me aqui um dever muito respeitavel, qual é acompanhar minhas irmans, que não tem mais ninguem. Sem isto, já estava ao pé de ti. Tenho ahi, ou ahi perto, os meus melhores amigos, e já não sei nem quero viver senão com elles. Não sei quando isto poderá ser. Veremos, depois da minha ida a Paris, o aspecto que apresentam as minhas coisas. No meu estado é quasi ridiculo contar com o futuro e fazer planos. Por agora, não passo peor, apesar da invernia despropositada, de que apenas começamos a emergir. Se não fossem os sobresaltos e agitações vans d'esta imaginação destemperada, que o isolamento e inercia tanto agravam, creio que apesar dos incommodos phisicos ainda este viver me seria muito toleravel. Mas, como disse o poeta: «esta imaginação é um tormento». Para me distrahir, tenho-me agora dado á leitura de romances, e releio

Balzac, que é com effeito singular e unico n'um genero aliás cultivado n'este seculo por tantos homens de talento. Os romances de Balzac são uma verdadeira historia intima do nosso seculo, e tenho admirado como em certas coisas capitais (como a influeucia da bancocracia, a anarquia do livre cambio, as illusões do constitucionalismo, etc.) a sua observação despreocupada da sociedade se encontra e concorda com a critica systematica do grande Proudhon. Quanto a mim é este um dos motivos da superioridade de Balzac: emquanto que os outros romancistas apenas fazem idéa das paixões humanas, Balzac conhece, alem das paixões, os interesses reaes, as *molas* positivas do mechanismo social no nosso tempo. Por isso alguns dos seus livros (como *Illusions Perdues*) são verdadeires paginas de historia philosophica.

Adeus. O C. (M.) que chegou aqui no momento em que escrevia as ultimas linhas, te envia muito saudar, diz que deseja ir ahi dar-te um abraço, o que não pôde ainda fazer porque os encargos da sua posição de pae de familias (com dous filhos) e as suas obrigações de *homem do mundo* o teem por ora impedido.

Adeus. Dize de ti ao teu do coração

Anthero.

LVI

Ao mesmo

(1866).

Caro Germano

Não estou peor, e, apesar de me custar a escrever um pouco longamente, ainda posso traçar meia duzia de linhas. Mas a monotonia d'um viver condemnado

a uma quasi immobilidade produz-me uma agitação de espirito, ou, se quizeres, de cerebro, que chego em momentos a temer dispare em loucura. Uma inquietação, um susto, uma aprehensão, um mau humor, coisas que juntas e prolongadas dão a somma d'um verdadeiro tormento. Isto ás vezes chega a um estado agudo, que de tudo me faz esquecer quanto não seja aquelle luctar comigo mesmo, com a rebeldia do organismo que se quer emancipar da razão. É como tenho passado estes ultimos 15 dias, e ahi tens porque te deixei tanto tempo sem noticias minhas. Vão agora estas, que não são boas, mas podiam ser peores, se a estes males eu não juntasse uma fé crescente em cada dia no poder da vontade e da razão. Tenho fé em que hei-de por ellas dominar todos os phenomenos da doença, produzindo não uma cura no sentido medico, mas uma eliminação do mal para a consciencia. Sou estoico em theoria e espero chegar a sel-o na pratica. Mas vejo diante de mim ainda muito caminho que andar e caminho asperrimo. Embora! o unico grande e verdadeiro triumpho é o triumpho da liberdade. Quando penso n'isto chego até a abençoar a doença que me dá occasião para exercer a virtude por excellencia dos fortes, e se não me abandono a um tal sentimento é só por me parecer orgulho demasiado, quando é certo que a frequencia das miserias moraes me adverte da nativa fraqueza. Mas pôr os olhos n'um grande alvo não é já, n'um certo sentido, merecel-o? Não lastimes pois o teu amigo, que está talvez n'esta hora entrando no periodo mais nobre da sua vida moral. Será isto tambem illusão, como tantas theorias, tantos systemas pretenciosos? Não posso crel-o. A razão especulativa é um terreno

movediço e são precarios os systemas que n'elle assentam. Mas a *razão pratica* (como diz Kant), a consciencia immediata que temos do nosso ser moral, da natureza livre e racional que em nós existe, é uma verdade de intuição, um *facto de consciencia*, é a expressão da nossa mesma realidade. Conformarmo-nos com ella é pois estar (se não na verdade do Universo) com certeza na verdade da nossa natureza.

Mas isto pedia muitos desenvolvimentos, e eu não posso mais. Será algum dia que nos vejamos e conversemos.

Adeus.

Abraça-te o teu
Anthero.

LVII

Ao mesmo

(1874).

Meu caro Germano

Ha muito tempo que te não dou noticias minhas. Apossa-se de mim, em certas epocas, uma inercia verdadeiramente invencivel. Lembro-me dos meus amigos todos os dias, e deixo passar mezes sem ter uma hora de resolução para lhes escrever. É effeito da doença, e tambem d'um certo abatimento moral em que vou cahindo. Esta vida que levo, fora do mundo e de todos os interesses humanos, não é salutar para o espirito. Mas, que fazer? A doença fez de mim um cenobita contra vontade. Se não fossem as boas leituras com que me entretenho algumas horas, creio que dava em idiota. Sinto-me descer gradualmente. Isto ás vezes entristece-me, mas acabo sempre por me conformar. A final, a vida reduz-se a pouco e vale pouco. Pela

minha parte, dava de boa mente a minha por completa e concluida. Mas a natureza não me faz essa fineza, e o suicidio repugna a certos meus sentimentos moraes. Deixo-me pois ir vivendo, sem bem perceber por que e para que.

E tu como vaes? Imagino que mal, pelo menos de espirito, pois essa ferida é incuravel. Meu pobre Germano! irritas-te muito com os homens e as suas miserias, para poderes conseguir a Paz. A comedia humana é ao mesmo tempo uma comedia divina, por isso não nos deve merecer indignação. Os homens são ainda assim o melhor que podem ser, attenta a sua natureza... O Darwinismo é uma grande fonte de consolação philosophica!

Ainda por aqui me demoro até principios de Julho, que é quando projecto sahir para Paris. Creio pouco nos resultados da tal medicina e custa-me realmente tudo quanto é movimento e deslocação. Mas, já agora, esgotarei por uma especie de *parti pris* os recursos da arte hypocratica.

Dá-me alguma vez que possas noticias tuas e crê sempre

No teu do coração
Anthero.

LVIII

A Gil Vaz [1]

1879.

Meu caro Gil Vaz

Pergunta-me o que penso da *Viagem á roda da Parvonia*, e do desastre theatral da mesma. Vou responder-lhe muito sinceramente.

[1] Pseudonymo de Guilherme de Azevedo.

Não assisti á representação: mas, se a peça corresponde á descripção que d'ella me fizeram, acho aquelle desastre coisa muito natural. Entendo até que era de prever. Segundo me consta, propoz-se o meu amigo descrever a sociedade de Lisboa, na variedade pittoresca das suas pequenas e não pequenas miserias moraes e intellectuaes, com os seus ridiculos e as suas baixesas, as suas pretenções e a sua ignorancia, o seu descaramento e o seu vazio, e apresentou esse quadro ao juizo do publico lisbonense que frequenta theatros, isto é, precisamente aos representantes e membros activos d'essa sociedade que se descrevia como grotesca e despresivel — burocratas infatuados, jornalistas intrigantes, burguezes pataratas, deputados balofos, agiotas trapalhões, janotas falidos, litteratos ocos, e *tutti quanti*... Está claro que não podia Gil Vaz ser recebido como triumphador.

O publicou protestou contra a caricatura, provavelmente porque se reconheceu n'ella. Não me desagrada isso. Esta indignação tem muito de risivel, não ha duvida, mas do fundo faz honra ao publico — nos limites em que tal expressão é applicavel n'este caso.

Com effeito, se esse publico applaudisse o quadro da propria ignominia, que lhe era apresentado, seria, alem de tudo mais, cynico. Não o é. Toma-se ainda a serio. Pode ser que ás vezes, em momentos raros de relativa lucidez, desconfie de que é tolo. Mas não o reconhece e não admitte que lh'o digam. Não escarnece de si mesmo, como quem confessa cynicamente e se compraz na propria abjecção. Ignora-a em grande parte, porque não tem entendimento para mais — e essa ignorancia é o refugio da sua dignidade. Não é Falstaff,

é simplesmente Sancho, e a sua indignação é sincera.

Ora eu considero isto como uma virtude relativa, que merece louvor. É um symptoma de que a desorganisação não ataca ainda o intimo do ser. Prova que a corrupção idiota da sociedade de Lisboa, é mais o resultado lastimavel de condições externas, do que d'uma perversão intima e espontanea.

Não levemos pois a mal ao publico o ter protestado contra uma comedia, em que era vilipendiado — embora com justiça. Louvemos-lhes antes esse movimento de furor heroe comico, que em todo o caso prova que a sua dignidade não está inteiramente obliterada.

Quanto á peça em si, se é o que eu julgo, parece-me, por certos lados, ainda muito moderada. Gil-Vaz podia ter dito muito mais, sem offensa da justiça. Mas, para dizer mais e tudo e efficazmente, devia ser d'outro modo.

O auctor usou da caricatura e do epigramma. São coisas anodynas. Lisboa, a Lisboa official e officiosa, que patusca, chatina, intriga, gosa, explora, compra e é comprada, vende e é vendida, essa Lisboa merecia certamente as honras patibulares da satyra juvenalesca. Se ha gangrena n'esse corpo social — e tantos symptomas rapidamente accumulados a estão denunciando. — é o cauterio, é o ferro em braza que convêm applicar-lhe, e rudemente, firmemente, porque se não brinca com a gangrena.

Depois, o riso é um dissolvente, não é um remedio. O riso amolece, relaxa e acaba por tornar imbecis aquelles mesmos que o empregam contra a imbecilidade alheia. É uma arma perigosa, de dois gumes, uma arma má. Voltaire feriu profundamente o christianismo

com as suas chocarrices, mas não feriu menos a seriedade moral, a dignidade, a religiosidade da geração que se associou, sem bem saber porque, ao seu eterno *ricanement*.

Receio que nos venha a acontecer, em Portugal, coisa similhante. Andamo-nos a rir continuamente uns dos outros, na virtuosa intenção, ao que parece, de nos corrigirmos e reformarmos mutuamente, e afinal temo que não façamos senão relaxarmo-nos uns e outros cada vez mais.

Isto é uma tendencia deploraval.

Pode, é verdade, provar que, para uns rudes e broncos Lusitanos, taes como nos criou este pobre canto do mundo onde nascemos, estamos já notavelmente *décrassées* e que temos bastante *espirito*: mas receio que prove ao mesmo tempo que já não temos vigor moral para mais, para as nobres coleras, as fundas indignações, os odios justiceiros, symptomas precursores d'uma renovação fecunda da ālma collectiva.

Uma certa dóse de seriedade, ainda quando seja um pouco hirta, um pouco pedantesca na sua gravidade convicta, e por conseguinte um pouco ridicula, é condição essencial da vitalidade e da sanidade do espirito publico. Quando um povo chega a rir-se de si proprio, é porque perdeu, com alguns preconceitos e uma certa estreiteza inherente a toda a convicção séria, uma boa parte, senão a melhor parte, da sua virtude collectiva. Tornou-se talvez mais gentil, mais gracioso — mas os povos gentis estão muito longe de serem os povos fortes. Receio um tanto que a espirituosa *purée* de epigrammas e ditos, que ha algum tempo nos cozinha a nossa elegante litteratura, venha mais tarde, d'aqui por alguns

annos, a reconhecer-se pouco substancial e até causadora de certa anemia moral...

Anthero de Quental.

LIX

A Guilherme Ribeiro

Lisboa, 21 de maio (1880).

Ill.mo Sr. e Correligionario

Embora esteja doente e me tenha visto por esse motivo obrigado a abandonar todo o trabalho litterario, fiz um esforço, desejando mostrar a essa redacção que os socialistas podem contar commigo o que não pode ninguem mais. O que sinto é que a falta de saude me não consentisse fazer coisa mais valiosa, ou, pelo menos, mais desenvolvida. Isso que lhes mando é escassamente um esboço, mas provará ao menos a minha boa vontade. Acceitem pois os redactores do *Operario* [1], esse escrito [2] como uma prova da minha inquebrantavel adhesão, embora adhesão quasi inutil, á causa que defendem.

Sou, com a maior sympathia, de toda essa redacção.

Calçada de Sant'Anna, 207.

Correligionario dedicado

Anthero de Quental.

P. S. Pedia-lhes o obsequio de me enviarem cinco exemplares do numero em que apparecer o meu artigo.

[1] Semanario socialista que se publicou no Porto nos annos de 1879 a 1881 e que era distintamente colaborado. *(Nota do editor.)*

[2] Intitulado *Lopes de Mendonça.* *(Idem.)*

LX

A Gustavo Antonio Barbosa

Ponta Delgada, 30 de Junho (1891).

Meu caro amigo

Aqui cheguei, com boa viagem, e passo sem novidade de maior. Encontrei, mais cedo do que suppunha, casa que me convem, estou-a arranjando e espero dentro d'um mez ter tudo prompto para receber a minha gentinha. Minha irman, a quem receitam ares patrios, acompanha as pequenas [1] e passará aqui dois ou tres meses. É pois, como vê, ouro sobre azul.

Não deixe escapar navio, suppondo que ainda não tenha havido, pois agora que estou pondo casa, alguns dos objectos que ahi deixei vão tornar-se urgentes. Na alternativa, prefira vapor, ainda que o frete seja maior.

D'aqui que lhe direi? Parece-me que estou fóra de Portugal, tão pouco se fala dos negocios do reino que lá tanto preoccupam. Aqui fala-se em laranja, ananazes, batata-doce — e disse.

Agradeço as lembranças de sua mulher que retribuo. A sua carta já não me encontrou em Lisboa. Antehontem a recebi aqui. Dê lembranças minhas aos Almeidas e receba um bom abraço do seu muito do C.

Amigo Obg.º

Anthero de Quental.

[1] Refere-se ás meninas Albertina e Beatriz Meireles, filhas de Germano Vieira de Meireles, antigo redactor do *Primeiro de Janeiro*, que Antero de Quental após o falecimento daquele jornalista, criou e educou, instituindo-as no seu testamento como herdeiras do remanescente da sua herança. *(Nota do editor.)*

LXI

Ao mesmo

Ponta Delgada, 10 de Agosto (1891).

Meu caro Gustavo

Cá chegou tudo a salvamento. Muito e muito obrigado por tudo, pelo incommodo e pela diligencia. De saude, vou-me restabelecendo, gradualmente: a acclimação não se faz n'um dia, mas o importante é que se vá fazendo com uma certa continuidade, e é isso o que tenho experimentado. As pequenas chegaram optimas, espantadissimas com as mil cousas imprevistas, que lhes tem succedido e que têm visto. O mar metteu-lhes grande medo, e enjoaram bastante. Estão gordissimas e muito contentes. Ellas enviam as suas lembranças ao padrinho Gustavo, á madrinha e saudosa pequenada. Por ora têm estado hospedas, juntamente com minha irman, que aqui veiu passar uns mezes, n'uma casa amiga: mas, por estes dias proximos, estaremos, já juntos, na nossa casa, cuja installação apresso e tenho quasi prompta. A estada de minha irman aqui é um grande auxilio, de sorte que espero que tudo correrá sem embaraços. A Albertina continúa a revelar muito geito e é muito cuidadosa.

D'aqui, que lhe direi? De lá para cá é que veem as noticias interessantes: infelizmente as que cá chegam são bem desoladoras e tudo confirma as previsões pessimistas das minhas conversas ahi.

E adeus, meu caro Gustavo. Recommende-me á sua

familia, assim como aos rapazes Almeidas [1]. E receba um abraço do seu

mt.º do C.
velho amigo

Anthero de Quental.

LXII

A Henrique das Neves

Villa do Conde, 1.º de Maio.
(188...).

Meu excellente Amigo

O seu escripto [2] commoveu-me; commoveu-me o sentimento que o dictou. E eu a julgar que já ninguem se lembrava das *Conferencias!* Aquillo foi uma aurora, mas á qual se não seguiu dia, ou só um dia fusco.

Veremos se os que pretendem levar agora a cousa por outro caminho serão mais felizes. Do coração lhes desejo o exito, que a mim, por muitas circumstancias, me não foi dado obter. — Peço-lhe me deixe conservar, entre os raros papeis que conservo, aquelle seu escrito: quero relel-o de tempos a tempos, como um testemunho dos sentimentos generosos e sympathicos que encontrei então em volta de mim, e cuja lembrança me será sempre gratissima. Os sentimentos duradouros consolam mais do que os triumphos ephemeros. — Quanto a publicar aquelle escrito, o meu Amigo, referindo-se a mim em termos d'uma benevolencia tão excessiva, não

[1] Allude a José e Antonio Nicolau de Almeida, considerados commerciantes do Porto. *(Nota da Redacção da «Revista».)*

[2] Intitulava-se: — « Um episodio da Conferencia de Anthero de Quental no Casino Lisbonense ». *(Nota de Henrique das Neves)*

se lembrou que me tornava impossivel apresental-o, sem verdadeiro impudor de immodestia, na redacção de qualquer folha. — Depois, sinceramente, para que? Aquelle episodio está quasi esquecido, e o meu nome e influencia quasi extinctos. Talvez provocasse um sorriso em muita gente. — Deixe-me pois guardar, como um papel particular e intimo, o seu artigo. O sentimento tão sincero e sympathico, que ali se pantentea, não será profanado por nenhum sorriso ironico, e terá para mim um valor dobrado.

Creia, meu caro Henrique das Neves, na muita estima do seu

Amigo Obg.mo

Anthero de Quental.

LXIII

Ao mesmo

Villa do Conde, 2 de Fevereiro.
(188...).

Meu sympathico amigo

Ainda não lhe agradeci as palavras amaveis que em tempo escreveu a meu respeito. Faço-o agora muito do coração.

Recebi os numeros do seu Jornal [1] e o seu bilhete. Bastava ser sua a publicação e ter a collaboração de Aristides da Motta, a quem eu amo, para poder contar com a minha adhesão. O seu Programma é uma pagina de sinceridade e sensatez corajosas, como raras vezes se encontra em columnas de jornal.

[1] *Gazeta Açoriana.* Terminou com o 12.º numero por não provocar interesse. *(Nota de Henrique das Neves.)*

Dou-lhe por ella os meus parabens, eu que ha muito deixei de acreditar na acção benefica dos partidos, assim como tambem nada espero d'essas mudanças magicas do scenario politico, chamadas revoluções, feitas por muita cubiça em nome de muita illusão.

Estou pois inteiramente de accordo com o seu Programma, e penso que se ainda póde haver salvação possivel dentro do molde estreito e fragil d'uma nacionalidade tornada por mais d'um motivo anachronica, essa será só pela reforma positiva das instituições, e não só das politicas, como das sociaes, cousa que pede socego e não violencia, reflexão e não paixão, muito boa fé e algum estudo. Terá este pobre povo, tão enfraquecido moralmente, e intellectualmente desnorteado, por 50 annos de miserias partidarias e de illusões liberaes, e a quem falta um forte sentimento nacional, terá elle capacidade ainda para tantas virtudes? É o que póde ficar duvidoso aos olhos da critica, instruida pelos exemplos da historia: mas não o devemos ao menos afirmar nós, para não desanimarmos de todo e contribuirmos para o desanimo dos outros.

Desejo pois, por mais de um motivo, vida e prosperidade á sua publicação, á qual certamente me associo, conforme o seu desejo, embora só platonicamente por ora, não por falta de vontade, mas porque esta má e extravagante saude não me consente ainda applicação regular, e eu não gosto de tomar compromissos senão quando sei que os posso cumprir. Assim, permitta-me por ora só um compromisso eventual, até ver.

Creia-me sempre, meu caro Henrique das Neves

Seu m.to affeiçoado

Anthero de Quental.

LXIV

Ao mesmo

Porto (R. das Aguas Ferreas, 39)
— 30 de Dezembro — (1888).

Meu bom Amigo

A opportunidade é a primeira condição de vida para os jornaes diarios que teem de vender todas as manhans ou todas as tardes 3000 exemplares. Aqui já ninguem se lembra da volta triumphal dos nossos valentes exploradores. De facto, por quasi toda a parte, aquelle movimento foi mais apparente do que real, quero dizer, foi só superficial. Mas no Porto, terra que sempre se achou de fóra do movimento da expansão colonial, os festejos á volta do Capello e Ivens foram propriamente um facto da Sociedade de Geographia e do seu Presidente O. Martins, que por assim dizer compelliram as corporações officiaes e não officiaes a uma manifestação que no fundo lhes era totalmente indifferente.

Sirva isto de explicação ao facto de se não ter podido publicar na *Provincia* a sua interessante correspondencia [1]. «Já não vinha a tempo», porque já ninguem pensa no facto, que foi aqui apenas a novidade de um dia.

Quiz ainda ver se a fazia publicar no *Primeiro de Janeiro*, unico jornal do Porto, além da *Provincia*, em cuja redacção tenho gente conhecida. Encontrei o

[1] Refere-se á descripção e narração que lhe enviamos da festa civica que os seus conterraneos celebraram em honra d'aquelles exploradores. *(Nota de Henrique das Neves.)*

mesmo horror a tudo quanto pareça não dever interessar a maioria dos leitores a 10 réis.

E ahi tem!

Não lhe devolvo o original, porque desejava conserval-o. Se porém o quizer, mande-me aviso, porque farei então tirar uma copia para a conservar. Sensibilisou-me aquella leitura. Talvez em parte alguma do paiz houvesse uma manifestação tão sincera, tão pouco de conveniencia e effeito. O interesse pelas cousas patrias está na razão directa do affastamento da metropole! Não faz idéa como o indifferentismo e a sua correlativa, a impostura, lavram por cá. Os heroismos dos nossos pobres Capello e Ivens foram apenas um pretexto para se pavonearem as vaidades.

Por debaixo da historia *publica*, que fizeram os jornaes, ha uma historia *secreta*, mais curiosa mas mais triste! Cousas nossas.

Adeus.

Disponha do seu
Amigo m.to Obr.do
Anthero de Quental.

LXV

Ao mesmo

Villa do Conde, 26 de Julho.
(1888).

Meu sympathico Amigo

Ha não sei quantos mezes lhe devo uma carta e só agora me é possivel escrevel-a, e não por falta de me lembrar d'isso, nem de tempo, mas simplesmente porque tal é o estado desgraçado dos meus nervos, que

nem para escrever uma carta posso ás vezes, durante largos periodos, contar commigo! Explicar-lhe por meudo esta extravagancia rara, este horror morbido á pena e papel e em geral a toda a *redacção,* que me acomette, seria tedioso e talvez incomprehensivel, pois chego a persuadir-me que os phenomenos singulares, que em mim se dão, só podem ser comprehendidos e explicados por um medico allienista! Mas tenho de tocar n'isto, porque desejo muito que o meu amigo fique certo de que foi exclusivamente este embaraço e quasi impossibilidade que me inhibiu de cumprir com a promessa de escrever alguma cousa no seu jornal, e que foi com pena que o vi acabar antes de eu ter podido desobrigar-me.

Quanto ao Jornal, sem ser astrologo eminente, tirei-lhe o horoscopo logo á nascença, e concluí do seu mesmo merecimento que brevissima lhe seria a duração. O que diz do jornalismo em S. Miguel (e devia dizer em Portugal) são verdades puras. Mas deixe-me dizer-lhe — e n'isto é que não é sufficientemente philosopho objectivo — que labora em illusão suppondo que é possivel criar e fazer durar uma publicação superior em moralidade e illustração ao nivel moral e intellectual do publico. É illusão suppor isso, pôrque não lendo ninguem senão o que lhe agrada, o publico nunca favorecerá senão o que estiver á sua ***altura***, e por isso o jornal para durar, será sempre e necessariamente o espelho lisongeiro do publico e não o seu mestre severo. Os jornaes só vivem fazendo-se os confidentes de comedia do publico, das suas paixões, dos sens erros, das suas illusões, e não os seus apostolos. Bem sabe que o proprio do apostolo é ser lapidado. Dir-me-ha que

n'alguns paizes ha jornaes dignos, moraes, intelligentes e desinteressados que se sustentam. Responder-lhe-hei que isso prova simplesmente que n'esses paizes ha já um grupo de leitores, uma camada social dotada d'essas virtudes e qualidades, forte bastante em numero para poder sustentar um jornal que seja orgão d'essas suas aspirações. A morte do seu jornal é mais uma prova de que em Portugal não existe ainda tal camada social ou grupo de leitores. Isso é desconsolador, mas... *qu'y faire?* Muito tempo será necessario, e muitas revoluções, para que isto mude. Até lá a nossa attitude deve ser a dos estoicos antigos: o protesto sem illusões.

E adeus. Envio lembranças de muita estima ao nosso excellente Motta.

Do seu amigo m.to Obg.do

Anthero de Quental.

LXVI

Ao mesmo

Porto (Aguas Ferreas, 39).
16 de Dezembro.

Meu caro Amigo

Voltando ante hontem d'uma excursão pelo Minho, vim aqui encontrar a sua amavel carta, assim como o livro [1] do Major Telles. Peço-lhe que em meu nome agradeça a esse seu Amigo o exemplar com que me brindou. Vou lel-o, e assim que o tiver feito communicarei directamente ao Auctor as impressões que a

[1] *Introducção ao estudo das sciencias militares. (Nota de Henrique das Neves.)*

leitura me tiver deixado, de mistura com quaesquer observações que o assumpto me suggerir. Por ora, estando aqui por dias apenas, e com muitas voltas a dar, ainda não pude ler senão as primeiras 40 paginas, o que não é sufficiente para formar juizo, senão só de que é escripto em boa e clara linguagem.

Agradeço-lhe a sua visita.

Demorei-me pouco tempo em Lisboa e confesso-lhe que esse mesmo com esforço, tanto me estava suffocando a atmosphera *moral* da nossa capital. Quando virá uma boa aragem que lave tantos miasmas? ou será preciso um vendaval?

Creia-me seu
Amigo Obg.do
Anthero de Quental

LXVII

A Jayme de Magalhães Lima

Villa do Conde, 14 de Novembro
de 1886.

Meu caro Amigo

Os temporaes não me tem deixado escrever — mas, agora que me acho um pouco melhor, não quero deixar de responder á sua boa e muito boa carta. Nunca julguei que cousa minha pudesse *fazer bem* a ninguem, mas, quando muito, a alguns, agradar e *parecer bem*. A sua carta em que me diz que os meus versos lhe *fizeram bem*, foi para mim mais uma benção. O tom dos seus artigos na *Provincia* e muitas phrases d'elles tinham-me já indicado o seu estado de espirito: via-o pensar por si, mas receava que a sua evolução parasse

na phrase negativa e ficaria pessimista, isto é, ficava a meio caminho. Felizmente não é assim: e uma vez que galgou esse barranco, creia que ha de ir até ao final. O pessimismo não é um ponto de chegada, mas um caminho. É preciso passar por elle, mas justamente para sair d'elle. O pessimismo é a reducção ao absurdo do naturalismo e das mil illusões filhas d'elle, ou para melhor dizer (porque se não trata de systemas simplesmente) filhas do espirito humano na sua phase naturalista. Mas, sobre essas ruinas accumuladas pelo pessimismo, o que triumpha não é a negação, o que resta não é o vacuo. O que triumpha é o que fica, é aquillo que está para alem do naturalismo, aquillo que no homem não é já filho da natureza, mas superior a ella e autonomo: a vida de consciencia e a sua mais alta expressão, o sentimento moral. Aos poderosissimos dissolventes e reagentes da critica (essa chimica da razão) só isso póde resistir, porque é *um facto*, um facto evidente e, para o homem, o mais positivo dos factos, porque o sente em si e o verifica a cada idstante: e não se dissolvem, porque é um elemento *simples*, o nucleo da cousa complicadissima chamado homem, o seu ser intimo e *verdadeiro*. E, chegado a este ponto, a intelligencia olha para traz, olha para a grande machina da natureza, que o pessimismo lhe fez ver como uma cousa bruta e por si inexpressiva e sinistra, e pergunta a si mesma se porventura aquelle principio que ella descobriu no homem, aquelle nucleo não natural d'esse ser aliás natural, não será tambem o principio occulto da confusa natureza, e se o universo não gravitará, obscuramente, inconscientemente, para onde gravita o homem com um pouco de luz e um pouco de

consciencia? Se não é assim, o universo é uma monstruosidade e a consciencia humana a mais inexplicavel de todas as illusões: o que equivale a dizer, o Ser, sob todas as suas formas, é um absurdo. Mas póde isto ser assim? não chamaria o senso commum e o sentir geral da humanidade louco simplesmente a quem tal pretendesse? Toda a actividade do homem, ha muitos milhares d'annos, a sua actividade superior, que é só a que afinal se vê e fica, manifestada em todas as suas obras e instituições, affirma implicitamente a autonomia da vida moral e a identidade fundamental d'ella com o principio occulto de actividade do universo: afirma-a, porque a presuppõe; pois, se a não presuppozesse, se não partisse d'essa como que evidencia inconsciente, para que trabalhar? para que sacrificar-se? para que viver? O facto, pois, o simples facto da historia prova (com uma força probante *sui generis* mas invencivel para quem se reconhece homem) a identidade da vida moral e do principio do universo. Sobre isto mil systemas se tem feito e continuarão a fazer-se, porque *tradidit mundum disputationibus eorum.* E é necessario que se façam, porque o sentimento moral (talvez por não ter ainda atingido ou não poder nunca attingir um gráu superior de affirmação e uma tal plenitude que elle só baste a si mesmo) precisa d'um auxilio da razão especulativa, que lhe é como um estimulo, para se possuir melhor. Afóra isso, a intelligencia, como toda a faculdade e, em geral, toda a força, precisa intencionalmente de se manifestar d'uma maneira adequada. Mas, praticamente, é mui certo que não são os systemas que nos salvam e nos põem no bom caminho. O que nos salva é a obediencia cada vez maior ás suggestões

d'aquelle *demonio* interior, é a união cada vez maior do novo ser *natural*, é o alargamento crescente da nossa vida *moral* nas novas outras vidas *não moraes*, é a fé na espiritualidade latente mas fundamental do universo, é o amor e a practica do bem, para tudo dizer n'uma palavra. É por isso que a melhor philosophia será sempre aquella que melhor auxiliar a comprehensão e a practica da virtude. É por isso ainda que um ignorante, que fôr justo e bom, pesará realmente na balança transcendente das cousas incomparavelmente mais do que o maior sabio, se não fôr bom nem justo. Diz algures o Renan que na procissão da humanidade o philosopho é que vae na frente, e depois o homem de acção. Eu não penso assim, e mais sou philosopho! e parece-me que o Renan pecça, como tanta gente boa (é uma doença do seculo) por aquillo a que o Lange chamou «o excesso do principio da intelligencia». Quem vae na frente é o santo, philosopho a seu modo, como os que o são, e homem d'acção por excellencia, por isso que a sua acção é toda no sentido do bem. De resto (e era isso o que eu quizera dizer ao Renan) os que fundaram as cousas vitaes das sociedades tinham muito mais de santos, quando o não eram completamente, do que de philosophos.

Tudo isto, meu caro Magalhães Lima, veio, não sei bem como, para lhe dizer uma cousa muito simples, e é que o que mais me alegrou na sua carta foi o dizer-me que começava a sentir, n'estes ultimos tempos, um renascimento dos antigos sentimentos religiosos, embora transformados, e uma invencivel necessidade de idealismo. Alegrou-me isto e queria simplesmente dizer-lhe que cultivasse e cuidasse com amor esse novo rebento

da profunda raiz, que cuidava morta, porque essa será a arvore de benção, que lhe ha de dar sombra para o resto da vida. Para lhe dizer isto, alarguei-me em considerações que talvez lhe tenham parecido demasiadas e pouco claras. Mas, preoccupado como ando ha annos com a evolução ulterior do pensamento moderno, que eu entendo caminhar para uma comprehensão synthetica das cousas, ao mesmo tempo idealista e naturalista, isto é, idealista *dentro* do naturalismo, e optimista *dentro* do pessimismo, e tendo eu mesmo trabalhado muito para achar as formulas, ainda hoje tão indecisas, d'essa grande synthese, fui insensivelmente levado a dar-lhe uma idéa da orientação dos meus pensamentos, e mostrar-lhe como é que concebo que sem se *sair* do naturalismo (quero dizer *sair* para o sobrenaturalismo) se póde, pela aprofundação da natureza humana (e, por analogia invencivel, de toda a natureza) chegar ao mais completo espiritualismo, a um *panpsychismo* que se accomoda perfeitamente, ou antes, harmonisa necessariamente, com o determinismo, e ainda materialismo das sciencias naturaes e a concepção do mundo natural que d'ellas sae, sem sacrificar nenhum d'aquelles principios que fizeram sempre do espiritualismo, ainda nas suas formas mais imperfeitas, a philosophia por excellencia popular entre os homens. O Oliveira Martins chamou a isso o meu mysticismo, mas de facto não é mysticismo (pelo menos no sentido historico da palavra) mas, sem arredar pé do terreno do espirito moderno, chegar theoricamente até áquella profundidade de comprehensão do *homem interior*, como elles diziam, a que os mysticos chegaram.

Se eu conseguisse expôr aos outros, com a mesma

força probante com que ellas se apresentam á minha intelligencia, as soluções a que tenho chegado sobre estes problemas, creio que seria o primeiro philosopho da epoca... Mas é muito certo que nunca o conseguirei. Entretanto, tomemos para nós como meta e divisa a grande palavra de S. Bento ao noviço impaciente: *Labora et noli contristari.*

E adeus, meu caro Jayme. Creia-me seu

Muito amigo

Anthero de Q.

LXVIII

Ao mesmo

Villa do Conde, 20 de Janeiro, de 1887.

Meu caro Amigo

Acabo de ler o seu livro [1] e, desde a primeira até á ultima pagina, sempre com interesse e gosto. Ha em todas ellas pensamento e esse pensamento é connexo: ha alem d'isso, uma maneira pessoal de ver as cousas e de se exprimir: vê-se finalmente que o autor não quiz brilhar mas simplesmente dizer alguma cousa que merecia ser dita. Por tudo isto não deve estar descontente com o seu livro e póde estar certo de que está muito longe de ser uma publicação inutil. — Comprehendo entretanto essa especie de duvida e desgosto que a sua carta accusa, mas não o approvo. Convem mirar sempre á perfeição, mas nunca affligirmo-nos porque não a alcançámos, desde que trabalhámos com

[1] *Estudo sobre a litteratura contemporanea.* Porto, 1886.

animo limpo de vaidade e que fizemos como melhor soubémos e pudémos. N'esta impaciencia e desconsolação, que eu desapprovo, quando não entra inconscientemente um certo orgulho, entra uma certa inquietação parente dos *escrupulos*, que são uma verdadeira doença moral. Não devemos exigir de nós mesmos mais do que é justo exigir-se da natureza humana: isto é, não devemos em cousa alguma exigir a perfeição, mas contentarmo-nos com a bondade e rectidão das intenções. Banir a vaidade das nossas obras, isso é que está inteiramente na nossa mão; tornal-as perfeitas, não. Mas a obra concebida e executada sem vaidade tem já por isso mesmo e n'isso mesmo uma especie de perfeição. E a quem trabalha assim, muitos outros dons lhe serão dados sem que os procure. Depois, deixe-me dizer-lhe uma cousa: e é que não está tudo em sermos caridosos com os outros: é necessario sel-o tambem com nós mesmos. Deitar aos lombos do pobre jumento carga maior do que aquella com que elle póde, implica mais d'um peccado: ou soberba, ou desarrazoada impaciencia ou, pelo menos, o desconhecimento da harmonia e ponderação natural das cousas. A justiça perfeita para com os outros chama-se caridade; a justiça perfeita para com nós mesmos chama-se humildade. Aquelle homem incomparavel e maravilhoso, que foi S. Francisco de Assis, quando, novo ainda, se achou quebrado, extenuado e quasi cego, em virtude das muitas penitencias e jejuns, reconheceu que tinha errado e disse esta phrase notavel: «Reconheço que pequei muito contra meu pobre irmão corpo».

Do seu do coração

Anthero de Q.

LXIX

Ao mesmo

Villa do Conde, 5 de maio
de 1888.

Meu caro Amigo

Li com prazer o seu volumezinho[1]. O escrito do Maine, até onde pude apreciar pela sua analyse e extractos, prova mais uma vez que *non omnes omnia possumus*, e que quem passou a vida a estudar as sociedades primitivas difficilmente e mal comprehenderá as idades complexas e requintadas. O que ha de necessario na democracia escapa-lhe, assim como as provas historicas que adduz em favor da pretendida tendencia das sociedades para a immobilidade não colhem, pois a China, até ao tempo de Confucio, e os povos mahometanos, até ao predominio dos Turcos, mexeram-se e mudaram muitissimo. De resto, faltava ainda indagar porque é que essas gentes, de certa epocha em diante, se immobilisaram, e isso seria até muito mais interessante e nos collocaria no coração do problema. Seja como fôr, a mobilidade das sociedades aryacas é um facto constante, nunca desmentido e póde dizer-se que de ordem natural. Um simples erro de theoria politica parece-me explicação minima e insufficiente para facto de tal constancia e magnitude? As raças, que param, são as que chegaram até onde podiam chegar: as que se movem, movem-se porque ainda lá não chegaram, porque o seu ideal vae muito além da realidade social

[1] *A Democracia*, estudo sobre o governo representativo. Porto, 1888.

que construiram e não podem parar em quanto não tiverem realizado essa equação do seu ideal com as suas instituições, ainda correndo o risco de se agitarem indefinidamente, se, com effeito, esse ideal fôr irrealizavel. A tendencia para o movimento e mudança é tanto maior quanto mais rico e forte fôr o genio da raça, quanto de mais alto ella pairar com o seu pensamento sobre a realidade. Este ponto de vista explica ao mesmo tempo o facto de certas nações ou raças se terem immobilisado e de outras continuarem a transformar-se, ao mesmo tempo que exclue a chimera d'um progresso indefinido, visto que o ideal, que estimula as sociedades ao movimento, é definido e limitado pelas faculdades de cada raça, que são constantes e fixas. Mas tudo isto é philosophia mais ou menos curiosa apenas, em face da urgencia de organisar o poder politico nas sociedades democraticas. Confesso-lhe que não me parece isso cousa que se resolva do pé para a mão, nem creio que tamanha obra dependa simplesmente da aceitação de certas doutrinas. As da representação *adequada* e *effectiva* da nação, dos seus orgãos naturaes e não de entidades abstractas, acho-a perfeita e é ha muito a minha. Mas como dar consciencia, a esses orgãos, da sua realidade e autonomia? por meio da lei? mas a lei é impotente para isso, impotente para criar seja o que fôr n'aquella esphera profunda que só depende da espontaneidade social. Creio que é questão de tempo, de evolução lenta e surda d'essa tal espontaneidade. Por ventura será necessario que a desaggregação social vá ainda muito mais longe, chegue até áquelle ponto em que a existencia da mesma sociedade pareça ameaçada, para se dar então a reacção. Quem

vir no individualismo moderno simplesmente o resultado de certas instituições, da legislação politica e civil, parece-me que vê as cousas muito superficialmente. A mim afigura-se-me um grandioso phenomeno de psychologia collectiva — uma phase no sentir intimo da nossa raça e que affecta a propria feição do seu ideal — lento por isso na sua evolução, independente da legislação, independente das escholas de philosophia politica ou de sciencia social, um facto do *inconsciente*, como diria Hartmann, invencivel a qualquer outra força que não seja a da dialectica immanente na sua mesma evolução. Parece-me que estamos num periodo analogo ao da dissolução do mundo romano, ao qual se deve seguir uma nova Idade Media. Quem sabe o que sahirá d'ella, quando lhe soar a hora da sua Renascença? E talvez que só então valham e tenham utilidade de applicação as doutrinas dos philosophos e publicistas de hoje. Foi assim que muitas ideas de Aristoteles e dos Estoicos só se vieram a realisar e a adquirir valor social no seculo 16.º e 17.º!!

Mas talvez tudo isto lhe pareça apocalyptico e muito eivado da phantasia incorrigivel do poeta. Algum dia fallaremos com mais vagar de tudo isto, que é para largas conversas. O seu livrinho é, em todo o caso, interessante e oportuno: junte a isso que está bem escrito e verá que não perdeu o seu tempo.

Do seu muito amigo

Anthero de Q.

LXX

Ao mesmo

Villa do Conde, 22 de Màio de 1888.

Meu caro Amigo

O seu livrinho e a sua carta fizeram-me pensar novamente no problema da organisação politica da Democracia, assumpto sobre que n'outro tempo tinha meditado bastante, mas depois posto de parte, pelo julgar resolvido. Agora, sob o seu impulso, como que dei balanço ás minhas idéas sobre o ponto, e vi que, sem dar por mim, tinha, não mudado, mas entrevisto horizontes desconhecidos. Tinha ficado, n'aquelle tempo, em que, sendo a sociedade um organismo, a sua forma politica deve ser organica, effectiva e não abstracta, natural e não mathematica; e que, se uma socidade, por ser democratica, nem por isso deixa de ser sociedade, isto é, um todo organico, toda a questão, para as democracias, está em conhecer quaes são os seus orgãos naturaes, e partir d'ahi para a remodelação politica. São as idéas do O. Martins, do Laveleye e já hoje de muitos mais, entre os quaes está tambem o meu amigo. Achei pois que são tambem ainda hoje as minhas, e persisto em crer que esse ponto de vista naturalista e realista deve vir combinar-se com o juridico e abstracto da Philosophia do Direito Classico, para d'essa união sahir a verdadeira theoria do Direito Publico. Mas achava eu então, como vocemecês acham, que determinado isto, não havia mais do que passar á pratica e applicação: ou, por outras palavras, dava como subentendido que a sociedade moderna estava apta para essa

reorganisação, ou que a theoria, por isso mesmo que era a verdadeira, se impunha irresistivelmente á sociedade. Ora, foi esse justamente o tal horizonte que encontrei aberto. Será isso assim? Os da Revolução Franceza e os das diversas revoluções liberaes assim o entendiam. Nós é que temos obrigação de pensar d'outro modo, e de examinar ainda esta segunda questão: Presta-se a sociedade actual, ou não se presta, a essa reorganisação? e, por conseguinte: quaes são os elementos que a condicionam? — É no exame d'esta segunda questão que se me offerecem graves duvidas. Porque aquellas duas interrogações podem ser transformadas nesta outra: *Quer* a sociedade actual reorganisar-se? Sem essa *vontade* toda a obra legislatoria é vã, pois tudo quanto é organico presuppõe um principio interno ou força vital, unico que dá plasticidade ás transformações do organismo. Submetto pois este segundo ponto ás suas reflexões. O que é que impede *verdadeiramente* a reorganisação das nossas sociedades? É apenas a ignorancia d'uma theoria, do systema salvador? ou será um facto intimo, o *individualismo*, elemento psychologico, que condiciona tudo o mais? Mas, se é, com effeito, este segundo, facto immenso, superior a todas as leis, antes gerador d'ellas, e com fundas raizes ao mesmo tempo na natureza humana e na historia da nossa civilisação, pergunta-se: Estará a evolução psychologico-social do Individualismo terminada, de sorte que naturalmente, espontaneamente, tenha chegado o momento da reacção, ou antes, novo desdobramento dos elementos psychologicos da sociedade — a reorganisação? Esta pergunta traz comsigo esta outra: Terá a consciencia humana, nas modernas sociedades, chegado áquelle grau de synthese, em que

o individuo, reconhecido soberano, reconheça ao mesmo tempo, racionalmente, livremente, a necessidade (não só natural, mas juridica) de abdicar voluntariamente uma parte d'aquella soberania, em proveito da ordem universal, ou melhor, d'esta synthese de individuos presentes e futuros, a sociedade? Isto implica muito mais do que uma reforma politica: implica uma reforma moral: implica, como disse, o termo da evolução historico-psychologica, que veio dar ao individualismo moderno, e a entrada da raça aryaca na phase ultima da sua Odissea de 3:000 annos. Se assim não é, o factor psychologico dominante, o Individualismo, continuará na sua evolução, a pulverisação social continuará, abatendo-se ainda o que resta das velhas instituições e reduzindo-se a sociedade ao minimo de laços e obrigações indispensavel para não se dissolver materialmente. Considero este momento como o da grande crise da civilisação aryaca, por conseguinte, da humanidade, que a nossa raça representa eminentemente. O trabalho de 30 seculos produziu este resultado, enorme mas incompleto: o Individualismo: resta saber se a raça que tal produziu terá ainda força e condições convenientes para completar a sua grande obra, juntando áquelle primeiro elemento este outro: a harmonia das vontades e a livre organisação.

Eis, meu caro amigo, muito atrapalhadamente, porque quiz resumir-me á summula dos pensamentos que a leitura do seu folheto veio despertar em mim e que lhe communico como *à qui de droit*. Oxalá não lhe pareça que me vou tornando apocalyptico?

Do seu muito amigo
Anthero de Q.

LXXI

Ao mesmo

Villa do Conde, 2 de Fevereiro de 1889.

Meu caro Amigo

Quem me dera viver sempre com *doidos* como o conde Tolstoi! Não é só um santo, é tambem um sabio. Depois de se ter descrito um circulo em volta das idéas e dos sentimentos, quem é capaz de *sabedoria* chega áquillo, a não apreciar da vida senão o que ella tem de mais simples e a pôr na renuncia a maior das conquistas. A unica illusão do nosso admiravel apostolo é suppôr que o que é um resultado possa ser um ponto de partida, e que os que não experimentaram a vida nem se despiram, por experiencia propria, das illusões d'ella, possam a ella e a ellas renunciar de boa mente. O conde Tolstoi chegou áquillo porque viveu: quizera perguntar-lhe se suppõe que os seus filhos, creados n'aquella ignorancia e afastamento do mundo, renunciarão a experimentarem e a viverem por si, e aceitarão como propria a experiencia de seu pae? A vida espiritual é só dada aos homens espirituaes. Ora a maioria dos homens é e será sempre natural. A vida natural, com as suas paixões, as suas illusões, o seu tumultuar de esperanças e decepções, ha de sempre attrahir a maioria dos homens, e apenas d'esse meio sahirá, por uma verdadeira selecção, o pequeno numero d'aquelles que renunciam por gosto e vontade, por terem chegado ao convencimento de que o verdadeiro ser, o espiritual, consiste justamente n'um não-ser natural, e que o homem vive tanto mais da verdadeira vida,

quanto mais despreza a vida dos sentidos, dos instinctos e da imaginação. Entretanto, acho que não ha entre estes dois pontos extremos opposição absoluta, mas sim escala, gradação e transição; são os dois polos da natureza humana; e foi isso o que eu quiz significar com a minha formula do «Hellenismo coroado por um Buddhismo»: o Hellenismo, isto é, a vida natural, nos seus diversissimos typos, na riqueza da sua evolução, aproximando-se ou afastando-se mais ou menos da comprehensão transcendente, cuja expressão é o Buddhismo que propriamente se lhe não oppõe, mas a completa superiormente. O Buddhismo é um estado psychologico puro, que, por isso que presuppõe os anteriores menos puros, não os póde negar absolutamente. Por outras palavras: cada um tem a sabedoria que póde ter e occupa na escala da perfeição o logar que póde occupar: mas ninguem, salvo os monstros, está fóra da humanidade, e os mais perfeitos, longe de condemnarem os menos perfeitos, verão n'elles ao menos uma possibilidade de perfeição, como nós vemos nos animaes uma especie de rudimento da humanidade, e, sem nos confundirmos com elles, não nos sentimos todavia absolutamente distinctos d'elles, antes a elles nos sentimos ligados por uma intima piedade. O desprendimento pois do Buddhista será só interno, mas a sua vida será activa; sómente a mola d'essa actividade é que terá mudado, de pessoal em impessoal, de egoista, em desinteressada. Mas com o grande vento que faz hoje, vejo que não consigo exprimir-me com clareza e ir até ao fundo. Fica para outra occasião.

Do seu muito do coração
Anthero de Q.

LXXII

Ao mesmo

Cartaxo, 28 de Maio de 1888.

Meu caro Amigo

Já me tardava vel-o casado — e posso dizer-lhe agora que mais de uma vez tinha pensado n'isso, e sentido até a tentação de lhe dar esse conselho; mas achava a materia tão delicada, tão absolutamente do fôro intimo, que nunca me atrevi. Veja pois com que prazer recebi a noticia, que me dá! O dia do seu casamento será para mim um de verdadeira alegria. Não lhe citarei o famoso «não é bom que o homem esteja só» da Biblia, ainda que ha uma grande verdade n'esse conceito; mas, tomando a cousa por outro lado, dir-lhe-hei que só é verdadeiramente livre aquelle que sabe limitar voluntariamente a propria liberdade. A liberdade é um ideal, que, como todos os ideaes, precisa ser corrigido pela realidade e pelo sentimento moral, que só na realidade tem a sua pedra de toque. Os ideaes da nossa mocidade, absolutos e no fundo muito egoistas, são phantasticos, e é por isso que nos atormentam tanto. E quando cerceamos, em proveito dos outros, uma parte d'essas desmedidas ambições, reconhecemos então com pasmo que essa amputação, em vez de nos diminuir, nos engrandeceu. Parece-me dever concluir d'aqui que a vossa verdadeira grandeza é toda interior e subjectiva; o que somos e fazemos importa relativamente pouco: a relação da nossa vontade comsigo mesma é que é o essencial. Chegados a um certo estado de espirito, não de scepticismo ou de abatimento, mas de verdadeira

comprehensão da nossa natureza e do nosso fim *(regnum meum non est hoc mundo)*, aquellas immensas ambições da mocidade fazem-nos sorrir. Não comprehendo, pois, porque emprega duas vezes a palavra *resignação:* quizera que a riscasse do vocabulario dos seus sentimentos. A transição do egoismo idealista e da falsa liberdade, para a realidade moral e a verdadeira liberdade, é um progresso e até, em meu conceito, o maximo progresso: não póde ser pois materia de resignação; antes de exultação. Mas talvez lhe esteja fazendo aqui uma chicana de palavras, por causa d'uma que provavelmente empregou n'um sentido diverso d'aquelle em que eu a tomei. Por isso não insisto. Entrou, meu caro amigo, n'um caminho em que todos os dias irá sentindo o chão mais firme debaixo dos pés, mais lucido o pensamento, mais serena a consciencia. Vivendo cada vez muis para os outros, sentindo morrer em cada dia dentro de si mais uma parcella do *eu* egoista que tanto nos illude, tanto nos faz soffrer e errar, irá entretanto gradualmente n'aquella região da *impersonalidade* que é a verdadeira beatitude.

Mas agora reparo que *je prèche à un converti.* O meu amigo sabe isto tão bem como eu, ou melhor, porque o descobriu aos 30 annos, e eu só com mais de 40 —; leva-me pois grande deanteira na sabedoria, e não me cabe a mim, que toda a vida fiz acto de insensato, dar-me estes ares de doutor *in sapientia.* Desculpe-me pois o bocado de predica desnecessaria que ahi fica, e aceite simplesmente os emboras muito cordeaes do seu

Muito amigo

Anthero de Q.

LXXIII

A João de Deus

(1865).

Meu João

Sei que te não podem agradar as idéas por que este livro conclue. Offereço-t'o todavia sem receio, porque tenho fé que não podes senão aprovar os sentimentos que o inspiram e são como o ponto de partida, a base moral das conclusões da intelligencia. É uma voz sincera que pede justiça e verdade; vista assim a obra é acceitavel para todos os crentes de todas as religiões, comtanto que sejam religiões espirituaes. O resto, a maneira por que intendo que a verdade e a justiça se devem realisar, isso, se for falso, é um erro de logica, não de vontade.

Anthero.

LXXIV

Ao mesmo

(1865).

Meu João

Li os teus bellos versos [1] na *Folha do Sul.* Mas nas linhas que os precedem foste injusto para com a sciencia moderna, e cruel para com aquelles que não tendo a

[1] Alude á poesia Luz da Fé (*Campo de Flores,* 1.ª ed., pág. 341) que apareceu publicada em 1865 na *Folha do Sul,* de Evora. Em resposta Antero de Quental publicou a ode *Luz de sol, luz da razão.* (*Odes modernas,* 2.ª ed., pág. 67.)

Vide também as interessantes cartas dirigidas a Germano Vieira de Meireles e Manuel da Rocha Paula Viana, publicadas modernamente nas *Prosas* de João de Deus, págg. 51 a 57. *(Nota do editor.)*

Fé (não basta querer, nem ainda crer, para isso) tentam levantar sobre o unico alicerce que lhes fica — a Razão (e o unico possivel para elles) esse edificio da vida do espirito, a que vinte bazes de granito e vinte contrafortes de bronze não dão ainda assim solidês bastante. Queres-lhe mal porque não podem mais, João, não é generoso, confessa. A ironia ou o despreso não é a melhor consolação, para quem vergando sobre um fardo excessivo lança em volta os olhos e não vê aonde se firme senão no seu esforço interior, no estoicismo d'uma vontade heroica. Para esses, uma piedade amiga e compadecida: essa sim, é digna da nobreza d'elles e da posição superior de quem, sentado na pedra cubica da sua Fé, e os vê passar tremulos e sem terem a que se apegar.

Depois, Renan não chama aos apostolos *patuscos.* Chama-lhes folgasãos, da folgada paz d'uma boa e innocente consciencia. Os bons, os simples, os crentes e pacificos são e devem ser assim — alegres. A tristeza é para os confusos e descrentes. O mesmo Christo lá lhes aconselha que folguem, porque para alegrias e folguedo deve ser na terra o tempo em que o esposo d'ella a visita. Christo vae aos rusticos banquetes dos seus amigos e não seria elle, tão bom, quem perturbasse nas bodas a alegria innocente da esposa com pesares e lamentações.

O Renan no meio da sciencia moderna, tão hostil ao christianismo, atreve-se contra ella e defende em Christo a extensão da sua personalidade historica, a grandesa da sua alma e a verdade das suas conclusões. As escolas mais avançadas da Allemanha e da França, sabes como lhe chamam? *Reaccionario.* Todas as

biographias o pintam homem austero, triste e de boa fé. Não se lhe pode chamar macaco de Voltaire. Fizeste uma grande injustiça a um dos homens que n'este tempo tem mostrado uma mais nobre independencia de espirito.

Teu

Anthero.

LXXV

Ao mesmo

Quinta-feira (8-8-81?)

Meu João

O tol homem das maquinas pareceu-me sempre incomprehensivel, e o caso presente veio ainda reforçar esta impressão.

Communiquei ao O. M. a tua carta. Pela d'elle, que te envio, verás o que elle aconselha. Tambem me parece que exigir contas é, antes de mais, o que ha a fazer.

Eu por aqui continúo. Não é talvez o ideal, mas ao menos escapei á leitura do *Diario de Noticias*, que não chega cá. Como sabes foi a necessidade instante de evitar essa terrivel leitura, que, mais que tudo, me levou a fugir de Lisboa.

Tenho feito uma meia duzia de Sonetos, de que te hei-de mandar uma amostra, e que talvez te agradem mais do que aquelles tenebrosos e atrozes, que, com razão, te desgostaram. Adeus. Saudo o teu Padre e os dois Leaes.

Do teu do C.

Anthero.

LXXVI

Ao mesmo

Villa do Conde, 13 de Janeiro de 1882.

Meu João

O rapaz tem effectivamente *quelque chose*. Ha ali um pensamento, coisa rara! Virá esse pensamento a dar o que promette? Espero-o, porque lhe vejo, além do folego intellectual, caracter e, digam o que disserem, o caracter é a metade do talento. Digo, do verdadeiro, são e util. Por ora, ha ali grandes lacunas: a imaginação suffoca a analyse. Deus, ou é *nada*, ou é a plenitude do Ser, o Absoluto, a Perfeição. O que não pode ser é uma *materia* indeterminada, com pensamento sem consciencia e uma especie de vacuo. Depois, contra os famosos *préatomos* ha a dizer tudo exactamente quanto se tem dito victoriosamente contra os velhos atomos, sem *pré*. Aquella maneira de fugir á difficuldade faz lembrar as tartarugas da cosmogonia india: a Terra repousa sobre dois elephantes, e para que os elephantes não fiquem no ar, repousam elles sobre duas tartarugas. E ainda aquella engenhosa maneira (tambem de invenção indiana) de fazer sair os homens de Deus.

Como, os homens, tão imperfeitos, sairam de Brahma, a perfeição? Perfeitamente. Primeiro, gerou Brahma uns seres que tinham tres quartos de deuses e só um quarto de humano: estes, outros já com dois quartos divinos e dois humanos: estes ainda, outros só com um quarto divino e tres humanos: estes, finalmente os homens.

Nada mais simples.

Tudo aquillo, digo, todo o systema, repousa sobre uma falsa metaphisica, falsa por incompleta e pouco aprofundada, onde ha mais imaginação do (que) analyse. Mas ha vigor, folego, penetração, em tudo aquillo. Pelo meio das extravagancias rebentam verdadeiros lampejos. A vocação, o *quid* genial está ali.

Ainda não escrevi ao joven philosopho, porque lhe quero escrever uma longa carta critica, e não sei quando estarei de maré para isso. Cada vez me custa mais e aborrece esta maneira de communicar o pensamento. Nasci peripatetico e declamador, não escriba.

Quanto aos Sonetos anti-pombalinos, não sei se valerá a pena publical-os. Dizes que são curiosos, mas não supponho que o possam ser senão historicamente. Ora, nestes ultimos 20 ou 30 annos, durante os quaes a nação acabou de se descaracterisar inteiramente, acabou tambem o resto de interesse pelas cousas patrias. Ninguem compra nem lê já livros de historia portugueza ou que a ella se refiram. O editor que publicasse os taes sonetos, perdia o seu dinheiro, podes estar certo d'isso.

Eu dou-me aqui bem, apezar de viver completamente só. Quando quero fallar, vou ao Porto conversar com o O. Martins. Se tu ali estivesses tambem, tinha tudo quanto desejo.

Aqui as praias são amplas e bellas, e por ellas passeio ou me estendo ao sol, com a voluptuosidade que só conhecem os poetas e os lagartos, adoradores da luz.

Adeus. Dá mil lembranças ao teu padre Antonio.

Se vires o Gomes Leal, diz-lhe que o considero completamente doido — doido de pedras — mas que o amo sempre.

Um abraço do

Teu do c.
Velho amigo
Anthero de Quental.

LXXVII

Ao mesmo

Villa do Conde, 15 de Março, 1882.

Meu caro João

Só agora respondo á tua, que todavia pedia uma resposta immediata. Desculpa-me: mas nem sempre sou senhor da minha vontade, ainda para coisas que pedem um pequeno esforço. Tal é a miseria do meu nervoso!

O artigo, se eu conseguisse fazel-o, era cousa que me dava muito gosto. Mas fal-o-hei eu? Por ora vejo que não posso. Em vez de ser senhor dos meus pensamentos e da direcção d'elles, são os meus pensamentos que me dominam e dirigem. Acho-me, ha um tempo, tão preoccupado com idéas, que me agitam, e nellas tão embebido, que não me resta gosto nem vontade para cousas litterarias, e sinto que neste momento nada poderia dizer que prestasse. Quanto tempo durará esta especie de crise intellectual; é o que não posso dizer; mas, emquanto ella durar, nada ha a esperar de mim. Vinte vezes por dia me lembra o teu verso

Esta imaginação é um tormento

sentindo quanto é a imaginação a causa unica das con-

tradições eternas do meu espirito, d'este rodopiar em volta dos mesmos problemas insoluveis, e da incapacidade de fixar uma vez por todas o meu *credo* philosophico.

Esta confissão aos 40 annos, — faço-os d'aqui a um mez — é deploravel! Mas parece que quanto mais caminho, mais perspectivas, mais horisontes novos se abrem diante de mim. Sou positivamente o Ashavero da philosophia!

Mas deixamos isto.

Estive ha dias no Porto, onde o O. Martins me leu dois artigos sobre o Tarroso — um sobre o autor — outro sobre o livro. Gostei, são sinceros e sympathicos. Assim o nosso philosopho (que me parece um tanto orgulhoso) seja capaz de acceitar os excellentes conselhos que ali lhe dão. Os artigos são para o *Jornal do Commercio*, onde o O. M. publica semanalmente um folhetim litterario.

E adeus. Saudades ao Fernando e ao Padre Antonio. Um abraço do

Teu

Anthero.

LXXVIII

Ao mesmo

Villa do Conde, 26, Junho (1882?).

Pediram-me para uma publicação, que se vae fazer na Figueira, para se vender em beneficio não sei de que obra pia, uns versos meus e outros teus. Os meus, fil-os ainda que com dificuldade: mas como não posso, por mais que queira, fazer os teus, teús tu de fazel-os.

Estas festas pias, são ao mesmo tempo simpathicas e massadoras. Tem paciencia. Quatro versos, um proverbio de Salomão, por exemplo, bastarão. — E tu como vaes? Não sei se terei de ir, ainda este verão a Lisboa. Ao mesmo tempo que o receio, porque me custa a deslocar-me, desejo-o, porque será uma occasião de ver ainda tres ou quatro amigos velhos.

E adeus.

Do teu do C.

Anthero.

LXXIX

Ao mesmo

Villa do Conde, 20 de Julho de 1882.

Meu João

Não sei o que te diga áquelle respeito. Gostava immenso de te ter aqui mais perto, por todas as razões que apontas e, por cima d'ellas, porque te amo. Mas para o teu methodo, que é hoje a tua vida (moral e material) é necessario, como para todas as iniciativas, nas nossas sociedades centralisadas, a capital. Tu constituiste-te uma especie de ministro da instrucção primaria, e o ministro reside no centro. Dirás que o Porto é uma meia capital, a famosa *capital do norte.* É uma pura lenda. O Porto é apenas, como diz o Oliveira Martins, *o Porco.* Tudo aqui é syndicato. Foi-o sempre e sel-o-ha sempre. Junta a isso que a vida no Porto é 30 por cento mais cara do que em Lisboa.

Concluo, com desgosto, que deves continuar em Lisboa. Eu deixei Lisboa, porque (como tu dizes) philosopho não tinha ahi missão e o meu protesto fôra

inutil, e passaria sem ser comprehendido. Mas tu exerces uma verdadeira missão, e protestas, de facto, exercendo-a. O teu protesto é o bem que fazes. D'aqui por algumas dezenas de annos, a historia dirá, que, no meio de toda essa gente, eras tu o unico ou quasi o unico que fazias alguma cousa. Que elles se agitem no vasio, podes tu rir dessa van agitação, com a consciencia de que tens direito de rir.

Ahi vae um Soneto. Será talvez o primeiro de que gostes por mais alguma cousa do que só pela forma.

O meu pessimismo tem-se desvanecido com esta vida contemplativa no meio da boa natureza. Reconheci que andar por toda a parte [a proclamar, com voz lugubre, que o mundo é vão, era ainda uma ultima vaidade... Lá vae o Soneto:

Na mão de Deus, na sua mão direita,
Descançou afinal meu coração.
Do palacio encantado da Illusão
Desci a passo e passo a escada estreita.

Como as flores mortaes, com que se enfeita
A ignorancia infantil, despojo vão,
Depuz do Ideal e da Paixão
A forma transitoria e imperfeita.

Como criança, em lobrega jornada,
Que a mãe leva no collo, agasalhada,
E atravessa, sorrindo vagamente,

Selvas, mares, areias do deserto...
Dorme o teu somno, coração liberto,
Dorme na mão de Deus eternamente.

E adeus. Com um abraço do

Teu do C.

Anthero de Quental.

LXXX

Ao mesmo

Villa do Conde, Sabbado, 29 ou 30 de Outubro (de 86).

Meu João

Só agora me mandou o Araujo a carta que *** & C.ª te dirigiram. Acho que não podes acceitar tal convite, nem autorisar a dita festa. Uma festa num theatro, com ares de beneficio, não é uma recompensa nacional. Quando se trata de dinheiro dado, só toda a gente que é a nação, ou o Estado, que representa a nação, podem dar sem envergonhar. Seria orgulho censuravel recusares uma pensão votada pelas camaras, como se tem feito em França e em Hespanha, ou vinte mil libras d'uma subscripção nacional, como em Inglaterra. Mas acho que te não ficaria bem receberes cem ou duzentos mil reis, producto d'uma especie de beneficio, promovido pelos directores d'um collegio. Seria quasi fazer de ti um novo Bingre, *moribundo cysne do Vouga,* velho e morrendo á fome, e a favor de quem se deram em tempo recitas no Porto. Muita gente não veria outra coisa no caso.

Acresce a isto, que já seria sufficiente para fundamentar o meu parecer, que não sei quem é esse *** e a sua tropa. Encontro a cada passo nos jornaes, noticias de festas litterarias, gymnasticas e musicaes, celebradas no celebrado Gymnasio ***, com muita somma de *réclame* para o dito Gymnasio. Pode ser tudo muito serio, mas fico desconfiado. Sem perdermos a candura da pomba, convém conservarmos a prudencia

(que não é malicia) da serpente: ora quem nos diz a nós que o snr. *** gymnasta se não propõe fazer *réclame* para o seu Gymnasio com o teu nome? Tu serias um benemerito da patria: mas *** seria o unico que te teria comprehendido e arrancado por assim dizer, á obscuridade em que jazias! *** seria o teu descobridor: que honra para o Gymnasio! e que *réclame!*

Não quero fazer juizos temerarios: mas, como isto não é impossivel, é bom estar de sobreaviso, e será mais esta uma razão a favor do parecer, que te dou, de não acceitar festa nem dinheiro. Terás sempre maneira de agradecer aos homens as suas boas e simpathicas intenções (que lhes devemos suppor), recusando ao mesmo tempo uma homenagem que para a maior parte da gente se confundiria com um beneficio.

Devolvo ao Araujo a carta do ***, por elle me dizer que assim tinhas indicado.

Mandei-te, haverá um mez, dois exemplares dos meus Sonetos, um para ti outro para o nosso Fernando Leal; mas como não foram registrados, fico em duvida se recebeste, pois me fio pouco nisto do correio.

Se não recebeste, aviza-me para mandar outros. Se recebeste, é escusado dizer nada.

Do teu do C.

Anthero de Q.

LXXXI

Ao mesmo

Villa do Conde, (15-7-88).

Meu João

Não fizeram mais do que pagar uma divida, que eu, que os conheço, receei que ficasse sempre em aberto.

Felizmente, enganei-me desta vez. Não sei quem foram os que propozeram a lei: se os conhecesse, quereria dar-lhes os parabens, cousa que um deputado raras vezes merece. Desde Janeiro que aqui estou, sem desemburrar com tedio e desgosto por tudo quanto se passa nesta pobre terra. Mas a noticia que hoje me trouxe o jornal, foi um raio de sol que me entrou em casa.

Do teu do C.

Anthero de Quental.

LXXXII

A João Lobo de Moura

(1873?)

Meu caro Lobo

Pensei que me hia annunciar a sua estada em Lisboa e eis que me diz não saber ainda *quando* nem *se* será transferido. Gosto da resposta do Barjona: tem um merecimento aquelle rapaz, que o distingue no meio dos seus sodales; é a franqueza no cynismo; creio que por isso ficará na história do constitucionalismo portuguez como uma especie de M. de Calonne, sabe, aquelle ultimo e cynicamente espirituoso ministro de Luiz XVI, que o Michelet nos descreve empurrando alegremente para o abysmo a velha monarchia. A *independencia* da ordem juridica no actual regimen é uma coisa engraçadissima! Mas quê, meu caro, o regimen que está para vir, com a gente que o prepara, ainda nos ha-de mostrar coisas mais bonitas. V. faz lá idea dos republicanos portuguezes! Tive ocasião de os tratar de perto este anno, e declaro-lhe que quasi lhes fiquei

preferindo o proprio Barros e Cunha, o proprio Melicio, o proprio Santos Silva! Sabe V. quem é que está hoje sendo um dos grandes republicos em Lisboa? Adivinhe... o Theofilo Braga! Redige um jornal intitulado *O Rebate* [1] (traduza *Le Rappel*) em cujos artigos do fundo desenvolve o homem todos os recursos do estylo colhido nas antigas leituras do Piolho Viajante. Falla n'esta *choldra*, e outras amenidades de linguagem, e propõe-se enforcar toda a gente, começando desde já por enforcar a grammatica, o senso commum e a decencia. É uma especie de Marat de soalheiro, que faz rir mas enoja, e enoja tanto mais quanto é lido, o que nos dá a medida da capacidade intellectual e moral do publico republicano. Creio que teremos a Republica em Portugal, mais anno, menos anno; mas, francamente, não a desejo, a não ser n'um ponto de vista todo pessoal, como espectaculo e ensino. Fallam da Hespanha com desdem — e ha de quê — mas elles, os briosos portuguezes, estão destinados a dar ao mundo um espectaculo republicano ainda mais curioso; se a republica hespanhola é de doidos, a nossa será de garotos. — A grande revolução, meu caro, só póde ser uma revolução moral, e essa não se faz d'um dia para o outro, nem se decreta nas espeluncas fumosas das conspirações, e sobretudo não se prepara com publicações rancorosas de espirito estreitissimo e ermas da menor idea pratica. Quando nós virmos o Peniche e o Valladares, e o Theofilo e o Bonança ministros d'uma revolução comprehenderemos tudo isto...

[1] Orgão do centro republicano federal de Lisboa, que se publicou de 29 de junho de 1873 a 27 de fevereiro de 1874. *(Nota do editor.)*

Mas alto! isto não é artigo do fundo! Quisera responder á sua carta como ella e V. merecem, com alguma coisa de intimo, de cogitativo, de sentimental — não ha a menor ironia — mas não posso porque ando d'um humor exterior (quero dizer, opposto ao estado de homem interior, de que falla a Imitação) devido isto a estar novamente trabalhando no meu livro [1], e essa actividade intellectual nem me deixa olhar para dentro, nem me dá tempo para contemplar a natureza — de sorte que estou todo *idea*, e a *idea*, como sabe, é rectilinea e pouco sentimental. O dito livro, meu caro, é uma coisa que eu não sei bem o que é: ora me parece uma revelação, ora um *pastiche* tolo do que lá por fóra se faz. Vocês depois decidirão. Mas o que é com certeza, é uma coisa inaudita em lingua portugueza, um *caso novo* na litteratura lusitana. Dá-me animo para levar a cabo um pensamento: que ainda quando sejam erroneas a maior parte das minhas asserções, mal dedusidos os meus systemas, etc., ha n'elle uma coisa verdadeira, o espirito novo que o anima, a alma moderna por todo elle difundida. Ora, quanto a mim, o essencial, hoje, na Peninsula, não é fazer sciencia correcta e fria, para quem ignora os elementos das coisas; é introduzir no espirito publico o *sentimento* moderno e a mesma noção do espirito scientifico e philosophico. Ora, sejam quaes forem os defeitos scientificos do meu livro, tem elle em todo o caso isso que eu reputo essencial para cá: por conseguinte não é tempo nem trabalho perdido. Depois, tem-me feito

[1] *Programa para os trabalhos da geração nova,* que não chegou a publicar-se. *(Nota do editor.)*

pensar, estudar e sobretudo methodizar as minhas ideas. De tudo isto conclui que nada sabia, mas que estava no caminho de saber alguma coisa: o meu livro não dará mais do que isto: mostra o caminho e nada mais: é, como diz o titulo, um *programma*. É êste o trabalho que occasiona a demora que ainda terei n'esta terra, porque não quero sair d'aqui senão com elle terminado. Será questão de mais 5 ou 6 mezes. Lá por meado ou fim do inverno que vem estarei em Lisboa, e ali ou em Torres nos veremos. Vai longa esta carta; mas não a quero fechar sem lhe enviar uma coisa que lhe pertence: dois sonetos. Digo que lhe pertencem, porque lh'os mando em resposta á sua penultima carta (que recebi em Lisboa no dia em que embarquei) na qual V. fallava da morte em termos altamente philosophicos. A morte, meu caro, é quanto a mim toda uma philosophia e relendo ultimamente o famoso capitulo de Proudhon sobre o assumpto, acudiram-me ideas bastantes para compor com ellas uma «Philosophia da Morte» no gosto daquelles tratados de Seneca e Cicero, mas com mais profundidade. Emquanto porém o não faço (se chegar a fazel-o) tenho ido depositando em sonetos alguns aspectos mais frisantes d'aquella grande realidade.

Ahi vão os dois mais apresentaveis que lhe dedico e são uma especie de these e antithese:

INANIA REGNA

Altas horas da noite, o Inconsciente
Sacode-me com força, e acordo em susto.
Como se o esmagassem de repente,
Assim me pára o coração robusto.

Não que de larvas me povoe a mente,
Esse vacuo nocturno, mudo e augusto,
Ou forceje a razão por que afugente
Algum remorso, com que encara a custo.

Nem phantasmas nocturnos visionários,
Nem desfilar de espectros mortuarios,
Nem em dentro em mim terror de Deus ou Sorte...

Nada! o fundo d'um poço, humido e morno,
Um muro de silencio e treva em torno,
E ao longe os passos sepulchraes da Morte.

EUTHANASIA

Que nome te darei, austera imagem,
Que avisto já num angulo da estrada,
Quando me desmaiava a alma prostrada
Do cansaço e do tedio da viagem?

Em teus olhos vê a turba uma voragem,
Cobre o rosto e recúa apavorada...
Mas eu confio em ti, sombra velada,
E cuido perceber tua linguagem...

Mais claros vejo, a cada passo, escritos,
Filhos da noite, os lemmas do Ideal,
Nos teus olhos profundos sempre fitos...

Dormirei no teu seio inalteravel,
Na communhão da paz universal,
Morte libertadora e inviolavel!

Adeus. Saudades a toda a familia.

Do C.

Anthero.

LXXXIII

A João Machado de Faria e Maia

(1865).

João

Não vou a Coimbra. Este propósito é inquebrantavel na minha vontade. Note-se que não vou egualmente a Thomar. Reputo estes termos correlativos. A mesma posição de espirito dá a razão d'um egual pensamento, dominando duas situações parallelas. Nada mais acrescento, porque tinha então de acrescentar muitissimo. Mas *muitissimo* não é, só para a palavra, para a vista, para o coração? A escripta é apenas o esqueleto da ideia. Adeus.

Teu e vosso amigo,

Anthero.

N. B. Esta gente aqui é desgraçada. Intendo que o mais alto resultado da philosophia pratica é sobretudo a piedade. Mas porventura este sentimento, tão distante de qualquer sciencia ou systematisação, não presuppõe toda uma concatenação philosophica, explicando a consciencia humana, a liberdade, a virtude ou o vicio, por uma superior concepção metaphisica, que nos dê parallelamente a explicação das lutas, instabilidade e movimento fatal do mundo phisico? O que eu noto é que não é mais responsavel o homem, que rouba a luz e o ar a seu irmão, do que a planta, que estirilisa ou estiola outra mais fraca, que o destino fez nascer á sua sombra.

O agiota, ou o intrigante politico são tão naturalmente

innocentes (ou tão naturalmente infames) como o chacal ou o milhafre. O que uns e outros são é desgraçados. Triste é (mais ainda do que quem os sofre) quem os vê, os intende, e nem sequer lhe é dado odial-os. Mas o mundo é uma formosura toda feita de asquerosidades Em todo o caso não é feito para alegrias excessivas... ..... O *** esse é que é tolo e contente.

A.

LXXXIV

Ao mesmo

(1875).

Meu caro João

Como tens relações seguidas com Inglaterra, e me disseste que por essa via fazias encommendas de livros para ti, creio que não será abusar pedir-te que me encommendes para Londres as obras de que resa a nota inclusa.

É um obsequio pelo qual te ficarei muito agradecido. No meu estado de doença, quasi entrevado, pois já é raro que possa sair de casa, que seria de mim se não fosse a leitura? O que aqui tenho está quasi exgotado, e preciso fazer provisão nova. Adeus.

Teu do C.

Anthero.

LXXXV

Ao mesmo

Angra, 26 (1875).

Caro João

A estreitesa do tempo não me deixa escrever senão duas linhas, muito á pressa. Obrigado pela tua carta.

Não tenho melhoras sensiveis, por ora, mas ha probabilidades de as ter em breve, pelo que indicam (diz o medico) certos simptomas. Veremos em que isto dispára. Entretanto é necessario demorar-me aqui até Outubro, ou talvez Novembro.

Adeus. Saudades aos amigos.

Do C.

Anthero.

LXXXVI

Ao mesmo

Porto, 2 d'Agosto de 79.

Meu caro João

Vou dar-te um pequeno incommodo, pedindo-te que me informes, com a competencia que te é propria, sobre certo ponto economico, que me interessa.

Tenho pensado ultimamente em vender o que ahi possuo, para collocar em capital d'uma maneira mais commoda para mim, que já agora não prevejo voltar em epocha alguma a viver em S. Miguel, cujo clima me é nocivo. Nestas condições é claro que não me convem ter propriedades ahi.

Resta, porem, examinar se uma tal operação será vantajosa, ou, pelo menos, não prejudicial. Não faço idéa do valor da propriedade ahi, e é sobre este ponto que desejo me informes prudente e sabiamente.

Diz-me em geral, as condições VENAES da propriedade actualmente em S. Miguel: e em especial, o que entendes das condições das minhas, que passo a especificar. Actualmente estou reduzido ao seguinte: 1.º—tres

corpos de terras, na Ribeira-Grande, perto da Villa, Sitio do Rego Esquerdo, que medem um 23 alq., outro 3 e ½, e outro finalmente 15 e ½, ao todo 42 alq. de terra, que passa por boa, livre e allodial, bem situada e com agua de rega. Tenho isto arrendado por cerca de 330$000; — digo cerca, porque sendo uma parte d'essa renda em cereaes, tem naturalmente certas oscillações: — mas supponho que a renda está baixa. Em segundo logar, tenho o dominio directo d'umas terras (que não sei bem onde ficam, mas isso é indifferente, visto que se trata de dominio directo) das quaes me é foreira a viuva Pontes, sendo o dito foro de 358$000 reis. E eis tudo quanto actualmente ahi possuo, porque tenho vendido uma porção de pequenos foros, que só me serviam de embaraço.

Supponho que estas indicações te bastarão, para me poderes dar um aviso solido. Peço-te que sejas na tua resposta o mais especial que te for possivel. E ponho ponto n'este assumpto, que é pouco favoravel á eloquencia. Isto, por aqui, parece-me cada vez mais podre. Entre os progressistas alguns ha de boas intenções: mas tenho observado, na historia, que quasi sempre são precisamente os homens de boas intenções, que fazem as maiores asneiras. Tal é a natureza humana e a das humanas sociedades.

Entretanto, não quero ser pessimista, e por isso exclamo, ainda que com tibia convicção: Deus proteja os progressistas!

Se por acaso, vires nos jornaes que sou candidato socialista por Lisboa, não tomes isso a serio. São cousas, que podem succeder a qualquer, independentemente da propria vontade e determinação, exactamente

como apanhar chuva ou ter de ouvir um discurso massador. Adeus.

Porto, Rua da Boa-Vista, 513.

Teu do C.

Anthero de Q.

LXXXVII

Ao mesmo

Villa do Conde, 2 de Jan. 82.

Meu caro João

Não sei ha quanto tempo te não escrevo, mas bem sabes que és d'aquelles poucos, que tenho sempre perto do coração. Lembrei-me agora escrever-te, porque ouvi dizer ao O. Martins que fora inventada recentemente uma machina, destinada talvez a causar uma certa revolução na industria dos tecidos, machina que prepara a fibra da urtiga branca em termos de a tornar tão boa para se fiar e torcer como o algodão. Como sabes era esta a dificuldade, que embaraçava o desenvolvimento da cultura d'aquella planta fibrosa. Tenho idéa de que se tem ensaiado aquella cultura em S. Miguel, ou, pelo menos, de que se tem pensado n'isso. O Daupias de Lisboa mandou vir já uma das taes machinas: mas como sabes é industrial e não cultivador: precisa, pois, que lhe forneção materia prima, — e porventura se poderia abrir por esse lado um horizonte para a nova cultura. Se o entendesses util, podias pedir directamente informações ao dito Daupias. E basta de urtigas.

Participo-te que fixei actualmente a minha residencia

em Villa do Conde, terrasinha antiga, placida e campestre, muito ao sabor dos meus humores de solitario. Vivo aqui, como verdadeiro eremita, e quando quero sociedade que não me faça envergonhar de ser homem, vou, até ao Porto, conversar com o O. Martins.

Villa do Conde é quasi nos arredores do Porto. Penso que não sou naturalmente misantropo, antes muito sociavel: mas a sociedade de Lisboa, com tantas miserias, sem lado algum bom que as resgate, acabou por me fazer tomar tal enjoo por tudo isto, e tal desalento, que vim metter-me n'este buraquinho, com um sentimento de alivio inexprimivel.

Considero tudo perdido em Portugal e sem remissão possivel. Sendo assim, para que ha de a gente afligir-se inutilmente? A natureza, para quem sente crescer-lhe a vida interior no meio d'ella, basta. Adeus. Recebe um muito grande abraço

Do teu do C.

Anthero de Q.

LXXXVIII

Ao mesmo

84 —, Villa do Conde, 12 d'Agosto de 18...

Meu querido amigo

Só ha dias, pelo Augusto, que encontrei no Porto, soube a cruel noticia, e tenho pensado muito em ti. Meu João, conheci-te sempre um caracter viril e uma natural inclinação para os sentimentos moraes fortes e estoicos. Oxalá que isso só baste para te abrir as portas da serenidade. Muita gente te dirá que te dis-

traias. Eu, pelo contrario, dir-te-hei que te não distraias, mas trates de ser, pelo pensamento, superior á sorte e á dôr.

Mas estará o teu pensamento no verdadeiro caminho, e comprehenderás tu plenamente que a Realidade é mera apparencia e só existe verdadeiramente, como symbolo e vehiculo da vida moral? Se sim, fico descansado a teu respeito.

A dôr será para ti transparente e luminosa, não opaca e soturna, como o é para os homens só naturaes: e o dever, perdendo o que para esses tem de amargo e como que fatal e inexpressivo, aparecer-te-ha, como mel mais fino e a essencia da vida moral. N'elle encontrarás mais do que consolações: serenidade e plenitude, — quanta cabe em limites humanos. A nossa vida meu João, verdadeiramente, é só a vida da nossa alma, do mysterioso e sublime EU que somos no fundo: ora esse EU ou essa alma tem a sua esphera na região do impessoal: o seu mundo é o da abnegação, da pureza, da paciencia e do contentamento: na renuncia do individuo natural e de tudo quanto o limita, algema e obscurece é que consiste a sua mysteriosa individualidade. Taes são, meu muito querido amigo, os votos que por ti faz o meu coração e as exhortações que elle te dirige.

Acceita-as, não só como inspiradas por uma funda amizade mas authorisadas, se tanto posso dizer, pela experiencia d'uma vida quasi só de soffrimento, de que até hoje, apesar de lapsos e tentações, a alma tem sempre saido triunfante e contente.

Não sei se tens algum conhecimento do Budhismo. Desejava muito que te aproximasses d'esta grande dou-

trina. Facilmente distinguirás o que ali ha de local e transitorio: o que resta é eterno e fonte de toda a consolação e bem moral.

Adeus. Recebe um bem apertado abraço do

Teu velho amigo e muito amigo

Anthero de Q.

LXXXIX

Ao mesmo

Villa do Conde, 18 de Nov. (1884).

Meu querido João

Não te tornei a escrever, mas nem por isso deixei de pensar em ti (muitas vezes) e na tua situação. Se te não custa escrever de ti e das tuas cousas, dize-me como te achas agora de espirito e sentir, como vives e o que fazes, se achaste solução para resolver a crise material ou entrar em nova carreira, e como supres, até onde pode ser suprida, para a educação das creanças, a grande falta da Mãe? Tudo isto desejava saber, pois não tenho ha muito noticias e sei que a M. Luiza as não tem tido tambem.

Não te tornei a escrever, porque receio, pelo que me respondeste, que as idêas que para mim são consoladoras ou estimulantes, fossem para ti desoladoras, e que assim te causasse antes mal do que bem com as minhas reflexões. Mas ao menos deixa-me saber de ti, pois não me sáes do pensamento, e muitas vezes falo de ti com o Lobo de Moura, que ainda está por estes sitios.

Eu vou relativamente bem. Emprehendi grandes

estudos, a ver se ainda comsigo fazer alguma coisa de importante e definitivo, ainda que receio ter acordado já tarde do sonho da poesia e fantasia. Em todo o caso vivo assim absorvido e conseguindo sair de mim e da consideração das minhas miserias, e esse ganho ficará sempre liquido.

Adeus, com um grande abraço

Do teu do C.

Anthero.

XC

Ao mesmo

Domingo. Villa do Conde
(Fev. de 86).

Meu João

O Oliveira Martins está já no Porto desde hontem. Tenho pena que se desse este desencontro. Não me dizes se com effeito segues para S. Miguel no paquete de 20.

Se fores, tem sempre presente que não deves ficar ali: e ainda que, por fóra, não faças mais do que passear e distrair-te, ainda isso valerá mais, pelo menos durante um tempo. Crê-me: aquelles ares são maus. Só quem estiver continuamente occupado, e com occupação que o sustente e levante, como tu d'antes estavas, é que poderá resistir áquella má influencia.

Procurei a tua carta do anno passado, mas não a encontrei. Entretanto, não perco a esperança de ainda dar com ella, porque tenho quasi a certesa de a ter conservado e guardado.

Adeus meu João. — Quando tenhas tomado alguma

resolução definitiva, communica-me, pois, ao menos, quando pensar em ti, saberei onde paras e o que fazes. E, quem sabe? se se realizarem os teus planos californianos, talvez um dia vá lá juntar-me comtigo, buscando mais largos horizontes, senão para mim, para aquellas duas creanças, que fiz minhas. Acho que sempre valerá mais do que a cadeira de Senador, que o O. Martins me promette.

Serio: tenho-me surprehendido já por duas vezes a scismar n'isto. Mas o futuro a Deus pertence, — como eloquentemente disse o Dr. Jardim. E adeus com um abraço do

Teu do C.

Anthero.

XCI

Ao mesmo

Villa do Conde, 31 de Março (86).

Meu João

Os bons astrologos politicos dizem que o ministerio, tal como está, não poderá durar muito, pois se acha dividido em dois campos rivaes, e preveem crise para depois do casamento do Principe. O campo de batalha é o novo ministerio, destinado a O. Martins e o programma financeiro e economico do nosso grupo. Veremos o que sae de toda esta trapalhada.

Alegrou-me o coração o que me dizes de tuas filhas. Desejando-lhes muito, não lhes posso desejar mais senão que saiam á sua admiravel Mãe. Ella reviverá n'ellas, e será esse o grande balsamo para o teu pobre coração.

O tom da tua carta indica-me força de animo e re-

lativa serenidade. Oxalá que se te não perturbem, para que possas resistir á muito grande tentação de ficares ahi, ao pé de teus filhos, — tentação que muito bem comprehendo, mas á qual é preciso resistir, não só no teu interesse, mas creio que no d'ellas também.

Recebe um bom abraço do

Teu do C.
Anthero.

XCII

Ao mesmo

Porto, 2.ª feira (Julho de 1886).

Meu caro João

Acho que fizeste bem em vir, pois de perto tratarás melhor do negocio do consulado, que não me parece desesperado, apesar do B. G. (Barros Gomes) ser pirronico.

O O. Martins foi hontem para Lisboa.

Communiquei-lhe o teu documento, explicando-lhe por meudo o teu caso, e ficou em esclarecer completamente o B. G. Elle deseja muito servir-te e o B. G., apesar de pirronico, é rasoavel. Em todo o caso, o que acima de tudo ponderei ao O. Martins foi a conveniencia de que o B. G. decida este negocio, quer n'um sentido ou n'outro rapidamente. Assim pois, creio que não ficarás suspenso sobre isto por muito tempo.

Quanto a politica, parece coisa decidida a proxima entrada do O. M. para o novo Ministerio da Agricultura. Se porem conseguirá entender-se com o Mariano e viverem paredes-meias em harmonia? *That is the question.* Ha quem diga o Mariano disposto *A se*

couper la queu dos trapalhões financeiros e a rehabilitar-se emprehendendo reformas importantes e honradas. O O. Martins parece inclinado a admittir isso. Eu sou mais exigente e só vendo. Parece-me que o Mariano não pode ser outra cousa senão Mariano, isto é, trapalhão. Tudo isto de resto, ficará esclarecido dentro em poucos meses.

O O. Martins leva para o Ministerio projectos importantes, um principalmente, para a colonisação do Alemtejo. Oxalá não caia tudo n'agua.

Eu estou agora aqui (Rua das Aguas Ferreas, 39) tratanto da impressão dos meus *Sonetos completos*. Está agora a concluir. Se te demorares ahi ainda 15 ou 20 dias, lá receberás o teu exemplar.

Se não irá ter comtigo onde te achares.

E adeus. Um abraço do

Teu do C.

Anthero.

XCIII

Ao mesmo

Porto, 3.ª feira (Julho de 1886).

Meu caro João

Vejo que estás de partida. Se me podesse mecher, iria ahi dar-te um abraço. Assim, não sei quando poderá ser. Ao menos, quando fores, manda-mo dizer. Só ultimamente, pelo O. Martins, soube que a M.ª Luisa está em Lisboa. Desejava saber a morada. Dá-lhe lembranças minhas. Esse livrinho, que mando, é para a Lola.

Do teu do C.

Anthero.

XCIV

Ao mesmo

Villa do Conde, 15 de Jan. de 87.

Meu João

Isto por cá vae na mesma, isto é, caminhando para o descalabro final: e se rebentar a guerra na Primavera, como tudo faz suppor, será para então. Falla-se muito em planos ibericos do Bismark, para deitar mais um molosso aos calcanhares da França. Tudo isto tem mais ou menos probabilidades, mas o que é certo é que as trapalhadas financeiras do *** são de tal ordem, que, ainda sem complicação extrangeira, devem dar de si uma grave crise, antes de pouco.

Adeus, meu João. Hei-de ver os teus filhos em S. Miguel. Recebe um bom abraço do

Teu do C.

Anthero.

XCV

Ao mesmo

Villa do Conde, 15 de Nov. de 1889.

Meu caro João

Recebi o teu folheto. Esta vossa questão é d'aquellas de fazer endoidecer quem insistir n'ella, pois havendo razão de parte a parte, havendo, de parte a parte a convicção de que se tinha razão e se andou bem, pode-se argumentar indefinidamente, e o resultado é a monomania. Como sabes, soffri sempre de manias, posso, pois, dar conselhos de experimentado sobre esse ponto.

Digo-te, pois, meu João, que não penses mais n'isso: faze de conta que tudo é morto e extincto, e passa a viver como se nada tivesse succedido, ou como se as condições actuaes fossem as normaes e aquellas em que sempre te tivesses achado.

Se tenho já, por vezes, escapado á loucura, á idéa fixa, tem sido pelo emprego d'este processo, custoso, bem o sei, mas digno d'um homem. Nada de recriminações inuteis, nada de querer, em imaginação, desfazer o irreparavel, nada de voltar ao caminho já percorrido. Põe de parte o irreparavel, e segue como se elle nunca tivera existido.

Fallo-te como doente a doente, não entro na questão, que não posso, nem quero entrar; dou-te razão, em muitos pontos, mas ainda que t'a desse em todos, o meu conselho seria o mesmo: *esquece.*

Vejo que te enterras na idéa fixa: sei o que isso é, por experiencia propria: ora, contra a idéa fixa só tenho encontrado um remedio, mas radical e heroico: abstrahir do motivo da idéa fixa. Fora d'isso, meu João, dás em maluco: passas a vida a raciocinar sobre o erro passado das cousas, e esse enterra-te no passado, aniquilar-te-ha no presente. — Esquecimento e vida nova. — Occupa-te, exerce a tua actividade, e isso mesmo, sendo começo de vida nova, te fará esquecer o passado. Eis, meu João, o que me diz a minha experiencia de enfermo e o que ella me auctorisa a aconselhar-te, ou melhor, a receitar-te.

Um abraço do

Teu muito do C.
Velho amigo
Anthero.

XCVI

Ao mesmo

Villa do Conde, 20 de Março de 90.

Caro João

Tenho estado no Porto, e só hoje, chegando aqui, encontrei o teu bilhete e os n.^{os} do *Portuguez*. Gostei dos teus escritos. Por certo que, se te quizeres enfileirar entre os litteratos, não ficarás no coice da procissão. Sempre achei que tinhas raras qualidades de escritor. Mas, se quizeres fazer vida por ahi, cuido que melhor te irá no Brasil, do que em Portugal. Não collijo, do pouco que diz o teu bilhete, se te resolves a voltar para o Brasil se para a Ilha. As ultimas linhas, embora um tanto vagas indicam da tua parte disposição d'espirito mais serena e humana, com o que fiquei mais animado, — pois tem havido momentos em que tenho chegado a duvidar se poderás vencer a atrabilis, que de ti se apoderou.

Agora fallas n'um tom mais rasoavel, e não imaginas quanto isso me alegrou. Se publicares mais alguma cousa, manda-me um exemplar. As tuas impressões de viagem estão realmente interessantes e muito acima ainda do que por ahi passa por bom. Ve-se que tens Escola inglesa, que é uma das melhores. Não posso ser mais extenso.

Do C.
Anthero.

Sabes? tenho-me surprehendido, em vista da extranha variedade das tuas aptidões, de homem do mundo e d'acção, de poeta e prosador, ora grave ora humorista,

a lembrar-me os versos, que Camões dedicava, ha mais de tresentos annos, ao teu parente Estacio de Faria:

> Agora toma a espada, agora a pena,
> Estacio nosso, em ambas celebrado,

Continuamos a tradição, nos nossos dias, como nossos Avós a continuaram, entre si, e com Bocage.

Anthero.

XCVII

Ao mesmo

Lisboa, 19 de Maio de 1891.

Meu caro João

Deixei Villa do Conde em Outubro do anno passado, e para não voltar, pois seguirei para S. Miguel no paquete de 5 de Junho proximo. Como, por outro lado, não conheço ali curioso algum de antiguidades locaes (e a fallar a verdade, cuido que os não ha lá: é a terra mais analfabeta que tenho visto) nada te posso alcançar sobre os pontos biographicos, que te interessão.

Ha um livro, chamado — *Portugal antigo e moderno*, d'um Pinho Leal, que é muito rico em dados locaes e até é possivel que particularmente o artigo Villa do Conde seja dos mais ricos, pois o autor passou ali dois ou três annos. É obra volumosa e indigesta, mas curiosa. É de crer que haja ahi alguem que a possua.

Terei grande prazer se te encontrar ainda ahi. Isto por cá vae-se desconjuntando seriamente. De perto te explicarei a situação, que me parece gravissima, para não dizer desesperada.

E adeus.

Do C.

Anthero de Q.

XCVIII

A João Penha

(1873)

Meu caro J. Penha

Agradeço infinitamente a sua amavel carta.

Em quanto á theologia de Proudhon, traduzindo em linguagem da critica moderna o *credo quia absurdum* de S. Agostinho, *definiu a sciencia do infinitamente absurdo*, direi que é campo que deu e dá para eternas discussões, sem que nunca cheguem a convencer-se de erro as mil encontradas asserções. Entretanto, o descuido do meu soneto parece-me realmente flagrante: evitemos, pois, como v. aconselha, á philaucia dos theologos, a occasião de mais um peccado de soberba.

Emendemos assim, por exemplo:

> Não creio em ti, Deus filho, em cuja mente
> Foi o bem inefavel feito e nado.

que exprime um pouco melhor o que eu queria dizer, isto é, que se são sobretudo *criador* o Pae, e *inspirador* o Espirito, o Filho é sobretudo *justificador ou salvador*, interpretação, pelos Padres geralmente seguida, do Symbolo em que a unidade divina se manifesta nas tres potencias essenciaes ou *hypostasis*. N'este sentido é que eu empreguei a palavra Verbo, sem reflectir que se prestava a equivoco ou contradicção que v. aponta. Mas deixemos isto. Recebi o mimo de um exemplar da poesia formosissima *Á Hespanha* do nosso G. Jun-

queiro. Por falta de tempo não lhe escrevo a elle agora, mas peço-lhe a v. que em meu nome lhe agradeça.

Depois de lhe enviar o *Possesso*, compuz sobre o mesmo thema, e desenvolvendo-o, um outro soneto, que deve ser junto ao primeiro, com o titulo commum, e uma nota [1] que não me parece escusada, attenta a parvoice de muitos dos nossos contemporaneos, contemporaneos digo no tempo e em nada mais.

[1] A nota a que Anthero de Quental se refere é a seguinte:

«A composição *Ladainhas de Satan*, a que aqui se alude, é uma das mais famosas do coripheu da chamada escola satanica, Carlos Baudelaire, o auctor das *Flores do Mal*. É escusado advertir que o nosso collaborador, que em tantos dos seus escritos se mostra possuido da mais estranhavel crença na bondade e ordem providencial nas eternas leis physicas e moraes do universo, não é por modo algum solidario com as desconsoladoras doutrinas que expõe nestes dois sonetos. Uma coisa é o homem e o pensador, outra o artista para quem, dentro da verdade esthetica, todos os factos psychologicos tem valor igual, e a quem assiste o direito de explorar indiferentemente o ceu e o inferno, a crença e a negação, quando tracta de definir practicamente os varios modos de ser da alma humana.»

Os dois sonetos do *Possesso*, tem o sub-titulo: «Commentario ás Ladainhas de Satan». Sahiram primitivamente na *Folha*, de João Penha, que se publicou em Coimbra, de 1863 a 1873, um dos jornaes literarios academicos mais notaveis que tem apparecido no paiz. Alem de Anthero foram seus colaboradores entre outros: Guerra Junqueiro, Gonçalves Crespo, Candido de Figueiredo, Simões Dias, Guilherme Braga, Camilo Castelo Branco, Manuel Sardenha, Antonio Feliciano de Castilho, Alberto Pimentel, Manuel Duarte d'Almeida, D. Maria Amalia Vaz de Carvalho, José Frederico Laranjo e Borges d'Avelar.

O *Possesso* foi modernamente coleccionado nas *Cadencias Vagas* e *Ralos de Extincta Luz*. *(Nota do editor.)*

Favoreça-me sempre, meu caro Penha, com o auxilio da sua apurada critica, e creia-me

Rua da Magdalena, 17, 4.º

Seu muito affeiçoado e obrigado

Anthero de Quental.

XCIX

A Joaquim de Araujo

Lisboa, 3 de Novembro de 1880.

Meu caro Joaquim

.....

Peço-lhe que me traga (se vem cedo) ou envie pelo correio (se ainda se demora) as Poesias dos brazileiros Alvares de Azevedo e Castro Alves, se as tem, como suppõe o Fortunato. É-me indispensavel introduzir os brazileiros no livrinho, o que faço tanto mais gostosamente quanto realmente acho entre elles verdadeiros poetas. Junqueira Freire é de primeira ordem, um verdadeiro poeta. Ha ainda outros não somenos. Mas tem-me custado a encontrar aqui os livros d'elles. Agora só me faltam esses dois que lhe peço e não ha maneira de os encontrar por cá. Se V. não conhece Junqueira Freire, hei de dar-lh'o a ler quando vier. Era frade, frade por desgosto amoroso, e morreu aos 24 annos! Se não morre, seria dos primeiros do seculo, que lhe sinto no que deixou elementos para isso. — O que noto, em geral, nos brazileiros, é que não são *poetas litteratos*, mas verdadeiros apaixonados, arrastados por um fluxo intimo de sentimentos. Por isso são

vivos, ainda quando imperfeitos como artistas, como são quasi todos. Mas ha n'elles uma sinceridade de inspiração, uma verdade e frescura, uma graça natural de expressão que me encantam. Pena é que se vão já *alitteratando* e fazendo senis como os do velho mundo. É o que noto nos mais recentes.

Adeus.

Q.

C

Ao mesmo

Villa do Conde, 23 de Dezembro de 1882.

Meu caro Joaquim

Ando ha bastantes dias para lhe escrever, mas o frio põe-me em estado que o mais pequeno esforço se me torna difficillimo, e escrever é sempre para mim cousa de esforço. Agora mesmo, aproveitando um momento de coragem, tomo a penna só para lhe dizer que sou sempre seu amigo e do mesmo feitio. V. attribuiu a frieza o que em mim é simplesmente o resultado d'um certo abatimento de espirito, que com os 40 annos se tem pronunciado, arrefecimento da imaginação, que já me não mostra, como mostrava o mundo atravez d'um kaleidoscopo, cujas imagens ora me attraiam vivamente, ora com a mesma vivacidade repelliam, e dando por conseguinte ao meu modo de ser uma animação particular. Hoje, fóra das cousas moraes e do ponto de vista moral, tudo me parece egualmente curioso e egualmente indifferente. Naturalmente a minha attitude, as minhas conversas revelam este estado: mas V., com

a susceptibilidade d'uma fina amizade, tomou para si o que é em mim simplesmente ordinario e faço com todos. Em vez de suppôr que sou menos seu amigo, diga simplesmente que me tenho tornado bastante mono, que essa é a verdade.

.....

Não comprehendo bem o seu projecto migratorio que, de mais a mais, se não coaduna com outras cousas que diz para traz. Sobre isto e outros pontos, fallaremos no Porto, onde irei estar uns dias no principio do anno novo. Bem sabe quanto me custa escrever.

E adeus. Oxalá seu Pae tenha alguns alivios. Mas V. deve acostumar-se á idéa de que o não póde já ter por muito tempo. Ainda que ha uma certa crueldade em lhe dizer isto, quero dizer-lho, porque as grandes cousas da vida e da morte devem encarar-se virilmente. Assim, ponha-me alto o pensamento e a coragem.

Do seu do coração

Anthero de Quental.

CI

Ao mesmo

Villa do Conde, 4 de Março de 1884.

Meu pobre Joaquim

Que serie de calamidades tem caido sobre V.! Receio até que não tenha a energia moral bastante para sobrenadar na tormenta, e este receio augmenta ainda o meu desgosto. O que lhe dizia ha mezes, grito-lh'o

novamente e com mais força: *seja homem!* O essencial da vida não é a felicidade, mas a virtude: se se compenetrar d'isto, será forte — e essa força, que vem da virtude, lhe dará serenidade.

Lembro-me com grande sympathia de sua pobre Mãe! Quem a poderá consolar? Só um filho. Lembre-se d'isto. O botão de cera guardei-o com as minhas reliquias. Hei de conserval-o sempre.

Projectava ir ao Porto brevemente. Vou ver se apresso ainda a minha ida.

Receba um abraço do

Seu muito amigo
Anthero de Q.

CII

Ao mesmo

Villa do Conde, 11 de Outubro
(1884 ou 85?).

Meu caro Joaquim

Emquanto durou o bom tempo, andei continuamente por esses campos e praias, com a minha gente pequena, e como a resposta á sua carta não me parecesse urgente deixei-a para depois.

A idéa da Liga litt. hispano-portugueza é sympathica. Entretanto, o seu alcance não se me affigura, como elles lá dizem, transcendental. O Iberismo não se ha de realisar nem pela sympathia mutua, nem pelo convencimento, mas pela força e necessidade das cousas. Os portuguezes hão de ser sempre refractarios a tal idéa e os hespanhoes não precisam do conhecimento da litteratura portugueza para a abraçarem (a idéa) como abraçaram ha muito. Mas, como *quod abundat non*

nocet, vale sempre, e acho-a sympathica, e já terá valido a pena se der este resultado de, pelo conhecimento dos nossos escriptos e das nossas cousas, os hespanhoes se convencerem de que em Portugal já não ha litteratura e politica nacionaes, como elles ainda imaginam, pois é essa uma das fraquezas d'elles, tomarem-nos a serio ainda. Quanto a mim, se a Liga for por diante, será esse o seu unico resultado pratico e que não deixará de ter importancia e alcance para o futuro. Quanto ao lado puramente litterario, que é o lado em todo o caso mais pequeno, labora em erro o Alas, no seu artigo, quando prevê uma influencia reciproca e mutua penetração das dúas litteraturas, consequente ao conhecerem-se bem. É erro, porque as litteraturas influem umas sobre as outras em razão directa das dessemelhanças e não das semelhanças. É a grande lei dos contrastes. — Tudo isto digo eu, exprimindo um juizo critico sobre a idéa, apenas, e não para o dissuadir d'ella, pois como já disse, acho que ella pode dar um resultado importante, embora não seja esse o que se busca, e se prevê exactamente.

O Alas parece-me um moço sympathico; vou mandar-lhe um exemplar dos meus *Sonetos*, como expressão d'essa sympathia.

De mim, nada lhe digo. A minha vida corre sem incidentes, quer internos, quer externos. Tenho envelhecido voluntariamente, o que é uma grande cousa. V. fala-me em desillusões. Dôa-se, como é natural, mas não as maldiga. As desillusões são a sabedoria que vem ter comnosco, disfarçada em carrasco. Mais tarde é que se conhece isso. Assim pois, coragem.

E adeus. Como mostra interesse pelo Jorge, vou

pedir-lhe um favor para elle, e é emprestar-lhe, sendo possivel, umas «Mil e uma noites» que eu já vi na estante ou bibliotheca que está no escriptorio de seu pae. O pequeno, que nunca se separou da mãe, anda-me muito triste de saudoso. Faço o possivel para o distrahir, entre outras cousas dando-lhe a ler contos, mas só possuo o volume do A. Coelho e o do Junqueiro. Tudo isso já elle leu duas ou tres vezes. Lembraram-me agora as taes «Mil e uma noites». Se V. as poder dispensar por uns mezes, emquanto o pequeno cá está, faz-me favor. Mande-as para casa do O. Martins, para me serem remetidas, que é quanto basta. Veja lá, não se esqueça d'isto.

E adeus.

Do seu do coração

Anthero de Q.

Já que estou em maré de pedir livros, torno a lembrar-lhe o *Marco Polo.*

CIII

Ao mesmo

(188...).

Meu querido Joaquim

Acabo de ver o seu nobre e enthusiastico artigo, referente á medalha de honra ao João de Deus. Não posso faltar a tal chamada, nem o meu nome pode deixar de ser inscripto.

A idéa é esplendida e consoladora para todos nós. Oxalá que o Joaquim se não arreceie dos estorvos, que certamente o hão de embaraçar e que vingue leval-a a cabo sem desgostos nem malsinações.

Tenho dormido melhor ultimamente. Obrigado pelos seus cuidados.

Sempre seu

Anthero de Quental.

CIV

Ao mesmo

Villa do Conde, 27 de setembro (1888).

Meu caro Poeta

Surprehendeu-me a sua carta [1], quero dizer, o que n'ella me conta. É claro que não ha relação alguma

[1] É a seguinte a carta de Joaquim de Araujo:

Meu querido amigo. — No livro *Occidentaes*, que eu recentemente publiquei, ha uma poesia o *Missal do Monge*, cuja idéa mãe um critico insinuou que eu empalmara ao meu amigo. Na opinião d'esse critico a minha pobre composição reproduz o pensamento do seu poema o *Monge*.

Nunca me quiz parecer que o seu *Monge* escultural servisse de modelo a uma composição como a minha, nem que o meu pallido esboço das forças vivas da Natureza, explosindo na Renascença e triumphando do quietismo e da immobilidade da Idade Media, fosse o objectivo do seu quadro.

No emtanto, como pode ser que eu esteja enganado, peço ao meu amigo que em nome da idéa sagrada da verdade me diga se isto assim é, auctorisando-me a dar á sua resposta a publicidade que vou dar a esta carta.

Creia-me, meu querido amigo, inalteravelmente

Porto, 16, s/c.

Seu

Joaquim de Araujo.

essencial entre a sua composição e a minha. São dois monges, nada mais. Em regra, hábito e mais partes tenho-os por muito differentes. Mas como teve o seu critico conhecimento d'aquelles versos? Destrui-os, haverá sete annos, quasi immediatamente depois de os ter escripto, e apenas os viram cinco ou seis pessoas, se tanto.

Não se amofine, meu caro poeta, com estas *espièglerries* da critica. Os seus versos são discutidos, o que prova que merecem ser lidos.

Do seu do c.

Anthero de Quental.

CV

Ao mesmo

Ponta Delgada, 30 de Julho (1891).

Meu caro Joaquim

Começo a acreditar que não andei bem avisado em vir estabelecer-me em S. Miguel. Cada vez me vou sentindo mais incompativel com estes ares doentios, que o Charcot tanto me condemnava, e que com effeito me torturam, atacando-me sem descanso os centros nervosos. A atmosphera é de uma irregularidade pasmosa! Decididamente, é ponto assente que já não posso aclimar-me por estas paragens, que tanto encantaram a minha primeira mocidade. Que fazer, porém? Para voltar ao continente, com residencia fixa, forçoso é que me separe das pequenas. Vivendo aqui, mesmo quando as não tenha em minha companhia, vejo-as e falo-lhes,

sempre que ellas ou eu desejarmos. Do que em definitivo resolver, o instruirei proximamente.

Folgo com o seu estado de saude e agradam-me as disposições em que se encontra. O caso, que passou, pertence á historia, a grande mestra dos sãos ensinamentos. V. tem um fundo infantil e confiante que sempre me prendeu muito a si. É bom, porém, que estas lições lhe vão abrindo os olhos, no tocante á sinceridade alheia. De resto, as traições villans apparecem na vida, a cada passo.

.....

Não consegui saber mais do que já lhe havia dito, acerca do frade André da Ponte de Quental, sobrinho do meu avô, cujo nome adoptou. Sectario ardente das idéas novas, abandonou o convento, fez-se guerrilheiro, bateu-se pela Liberdade, — pela Liberdade! — e emigrou para salvar a cabeça. Na Belgica e na Hollanda, publicou pamphletos virulentos contra a facção palmellista e produziu certo escandalo. Mas um bello dia desappareceu, sem que ninguem mais soubesse d'elle ou do rumo que levou!

E adeus, meu Joaquim. Um abraço estreito do

Seu do coração
Anthero.

CVI

A Joaquim de Lemos

Porto (R. da Boa-Vista, 513)
25 de Março (1881).

Ex.^mo Sr.

Só hoje recebo a sua carta, e receio que a resposta não chegue já a tempo.

Tenho andado errante pelo Minho, desde o dia 15 do corrente, e a correspondencia á minha espera aqui, onde tambem só por poucos dias me demorarei. Só um embaraço material, como o que se deu, podia impedir-me de responder logo ao pedido da «Sociedade Philantropica Academica», em nome da qual V. Ex.ª me escreve. Oxalá que o Soneto, que envio, chegue ainda a tempo.

Ao menos terei provado a V. Ex.ª e aos seus Collegas a boa vontade e sympathia, que me anima, para com um Instituto tão meritorio, como esse é.

Sou de V. Ex.ª
C.do m.to Obg.do
Anthero de Quental.

CVII

Ao mesmo

Villa do Conde, 30 de Março (1881).

Ex.mo Sr.

O Soneto, que lhe mandei, embora feito ha já annos, não foi ainda publicado.

O 2.º quarteto (que me parece transcrevi erradamente, por ser de memoria), é assim:

Por ti é que a poeira movediça
De astros e soes e mundo permanece;
E é por ti que a Virtude prevalece,
E a flôr do Heroismo medra e viça.

Sou com Consideração
De V. Ex.ª
C.do Obg.do
Anthero de Quental.

CVIII

A José Bensaude

Ramalho, 21 de Julho, 6. 8.

Meu caro Ben-Saude

O portador d'esta carta é aquelle pobre homem, despedido dos trabalhos da doca, e por cuja readmissão eu tinha pedido ao meu amigo, n'uma manhã em que me fez o obsequio de passar comigo algumas horas no Ramalho. O homem, infelizmente, adoeceu no dia seguinte, e não se pode apresentar na secretaria, como se lhe tinha dito. Agora, que está bom, eil-o ahi vai. Não sei se ainda haverá, como então, em que o empregar. Isto são coisas de serviço, em que fica á acção do individuo muito pouco campo livre; por isso não lhe peço favores muito grandes por que não devo pôr em colisão a sua amizade e a sua obrigação. Mas o que se puder fazer, desde já conto que o meu Amigo o fará, o que será mais uma ocasião de lhe ficar obrigado o seu

Amigo Cordeal

Anthero de Quental.

CIX

Ao mesmo

Lisboa: Rua dos Prazeres, á Praça das Flores, n.º 63 (1871).

Meu caro Ben-Saude

Agradeço-lhe muito e muito a sua carta, pela carta em si, e por se lembrar de mim, n'aquelle assumpto.

Ainda que não lhe possa já dar informações completas, não quero deixar de lhe escrever, guardando para a outra viagem do paquete uma informação mais particular, que colherei de pessoas competentissimas.

Por ora o que lhe posso dizer é que ha entre a educação, como os allemães a comprehendem e praticam, e a que se dá nos outros collegios, mesmo francezes, inglezes e americanos, tão grande differença, que não se deve hesitar na escolha. Os methodos allemães teem outra profundidade, e é por excellencia a Allemanha o paiz da pedagogia. Alem d'isso, tanto em sciencia como em moralidade, são superiores a tudo, e combinam a instrucção theorica com a pratica da maneira a mais acertada. Isto sei eu que é assim: desejo porém dizer-lhe alguma coisa sobre os melhores collegios d'esse paiz, as especialidades de cada um etc. e espero alcançar informações a tal respeito de allemães instruidos, que aqui residem em Lisboa. É o que não me foi possivel fazer ainda, mas na proxima viagem lhe escreverei a tal respeito.

Adeus, meu caro Ben-Saude: creia na minha muito sincera estima, e disponha do seu

Amigo m.to Obrigado
Anthero de Quental.

CX

Ao mesmo

(1871).

Meu caro Ben-Saude

Mil desculpas por não lhe ter respondido ha mais tempo, mas o allemão que eu queria consultar saiu de

Lisboa, e não voltou ainda. Por esse lado, pois, só mais tarde terei informações. Por outra via tive noticias, as quaes melhor verá da carta que remeto inclusa. A Suissa, pedagogicamente, offerece tantas garantias como a Allemanha. Entretanto, não me demitto do encargo a que me comprometti, e verei se posso saber mais alguma coisa — e do que souber lhe darei parte; e acredite que o faço com o maior prazer.

Desculpe-me, não lhe escrever mais longamente, mas são 9 horas do dia 15, e o vapor sae ás 12: receio que a carta deixe de ir, por isso termino, ficando sempre ás suas ordens, como seu amigo e muito obrigado que sou

Do C.

Anthero de Quental.

CXI

Ao mesmo

Porto, 26 de Março (1878).

Meu caro Ben-Saude

A sua carta é mais uma prova da sua boa amizade, á qual eu sou infinitamente sensivel, e que do coração agradeço. Com a maior satisfação accederia ao seu amavel convite, se não tivesse de seguir em Paris o tratamento hydropathico, no estabelecimento que já conheço como excellente, e junto do medico que já o anno passado me dirigiu e que me inspira a maior confiança. E, a proposito, deixe-me dizer-lhe que este medico (Charcot, no Quai Malaquais, 17) é considerado geralmente como um dos primeiros especialistas em

molestias nervosas, e que o amigo não deve perder a occasião, ao passar por Paris, de o consultar. Escuso dizer-lhe quanto sentiria não ter o gosto de o ver, na sua estada em Paris este verão. Para que tal não succeda, vou dar-lhe o meu endereço, desde Junho a Outubro, e é no Estabelecimento hydropathico de Bellevue, pequena povoação nos arredores de Paris, sobre a linha do Caminho de Ferro de Versailles. Bellevue está, pelo caminho de ferro, a 25 minutos de Paris e ha comboios de hora em hora. D'ali a Versailles são outros 25 minutos, de sorte que podemos fazer juntos essa pequena excursão, e eu terei muito prazer em lhe servir de *cicerone*.

Folgo com o que me diz do estabelecimento do resto da sua familia em Allemanha, pois é uma prova de que considera excellentes os resultados obtidos até aqui. Receba por isso os meus sinceros parabens.

Adeus, e disponha sempre

do seu c.
Amigo obg.do

Anthero de Quental.

CXII

Ao mesmo

Villa do Conde, 29 de Março (1891).

Meu caro Amigo

Chegou o momento de me utilizar da sua boa hospitalidade, suppondo que o não incommode n'este momento e que esteja na Ilha.

Conto partir para ahi no paquete de 5 de Junho;

no proposito de fixar ahi residencia definitiva; mas, emquanto não achar casa que me convenha e não tiver realizado a competente installação, forçoso me é incommodar algum amigo que me aloje durante esse intervalo, que, consoante a maior ou menor difficuldade em encontrar casa, poderá ser de dois ou tres mezes. Diga-me pois, pela volta do Paquete, se não lhe causa transtorno ter-me lá, digamos, durante os mezes de Junho, Julho e Agosto. Penso que será este prazo bastante para ter encontrado n'essa Cidade casa disponivel a meu contento. Escrevo-lhe de Villa do Conde, aonde vim dispor as cousas para a partida, mas já aqui não terei demora senão de poucos dias, regressando logo a Lisboa. Responda pois para Lisboa, Rua da Fé, 12-1.°; é a casa da minha irmã Anna, onde ficarei até á sahida para a Ilha.

Como vae da sua saude? Eu continuo sempre na mesma, mas já fiz de conta que este estado é definitivo. A consideração do estado do paiz e das calamidades que se preparam não é tambem de molde a dar saude a quèm se poeoccupa com as cousas publicas quasi tanto como com as proprias.

Em eu ahi estando, conversaremos largamente sobre esta materia, pois a experiencia que tive o anno passado, com a Liga Patriotica, e o que durante este inverno observei em Lisboa foram para mim de grande ensino

E adeus, meu caro José Bensaude. Fico esperando noticias suas; e sou sempre seu

Velho Amigo Obg.do

Anthero de Quental.

CXIII

Ao mesmo

Porto, 3 de Maio (1891).

Meu caro Amigo

Tive em Villa do Conde mais demora do que havia previsto, de sorte que só hontem aqui cheguei, encontrando cá a sua boa e infinitamente boa carta, a qual aprecio como cousa tão de amigo e tão sua. Espero comtudo que não me levará a mal se me não aproveitar immeditamente da hospitalidade que me offerece. Não estando ali o dono da casa, parece-me que seria um tanto insolito ir eu para lá. Talvez lhe pareça um tanto ridiculo este melindre, mas peço-lhe m'o perdoe, porque a verdade é que n'estas condições não me sentiria á vontade. Mas, como me diz que em Agosto, o mais tardar, voltará para S. Miguel, está tudo sanado. Não é nada provavel que por esse tempo eu tenha já casa e esteja n'ella installado, de sorte que poderei ainda ser seu hospede durante uma boa temporada. Fica pois resolvida a questão por este compromisso. Conto seguir para Lisboa amanhã ou depois. Oxalá possa encontral-o ainda lá. Senão, até Agosto. Eu partirei para S. Miguel no paquete de 5 de Junho.

E até breve, meu caro Bensaude.

Disponha do seu

m.to Amigo

Anthero de Quental.

CXIV

A José Felix Pereira

24 de Setembro (1880).

Meu caro José Felix

Deu-me grande prazer a sua carta. As amizades do tempo da mocidade teem um perfume particular, que nada substitue. Li as suas duas novellas. Ha n'ellas muita coisa boa; finura de observação, que não são vulgares. Do estylo já não gostei tanto. Acho-lhe pouca naturalidade, ou pouca verdade, no dialogo. Quero dizer, que os personagens se exprimem n'uma linguagem que não é *d'elles*, mas do auctor. Com isto não o quero induzir a seguir os exageros da eschola realista. Mas devemos convir que, emquanto a este ponto da *linguagem objectiva* do dialogo, os realistas teem razão. Isto, em summa, é uma opinião, que o meu amigo julgará como ella merecer. Quanto ao acolhimento (negativo) feito pela imprensa ao seu livro, não se admire. O jornalismo portuguez caiu n'um mercantilismo ignaro, e a ignorancia, a indifferença são pasmosas. A litteratura portugueza está em decomposição. Ainda ha quem escreva coisas litterarias: mas litteratura nacional, acabou. O que não admira: onde a nacionalidade é coisa morta, o que póde ser a litteratura?

Adeus. Receba um affectuoso abraço do seu

Rua da Fé, n.º 12.

Velho Amigo

Anthero de Quental.

CXV

A José Gomes Monteiro

Ponta Delgada, 22 de Julho, 73.

Ex.^mo Snr. José Gomes Monteiro

Desculpe-me V. Ex.ª a demora d'estes meus sinceros agradecimentos pela offerta do seu livro [1]: mas, não sei por que circumstancia, só depois da sahida do paquete o recebi. Será necessario significar-lhe o muito gosto com que o li? Não, porque V. Ex.ª me tem por certo na conta de apreciador de tudo quanto é verdadeiro, sensato e digno: e o seu livro é tudo isto, sendo ainda, além de tudo isto, uma obra de justiça e caridade — e tomo esta ultima palavra no rigor do seu sentido evangelico, quero dizer, importando um sacrificio, porque foi por certo sacrificio caridoso da parte de V. Ex.ª, com o seu humor placido e tolerante, os seus annos e a sua respeitabilidade, descer até aquelles sujos liliputianos, embora para os corrigir e alumiar. Mas, infelizmente, creio-os incorrigiveis; porque além do erro da intelligencia ha n'elles (vim a conhecel-o) uma perversão irremediavel e funesta — o azedume das mediocridades impotentes e invejosas. — Quem nos déra muitas d'aquellas lições aos tagarellas malevolos, que por ahi campam de sabios, só porque dizem necedades com um entono e uma audacia que falta aos ignorantes modestos! E não é por lhes querer mal que lhes desejo d'aquellas

[1] *Os criticos do Fausto do Sr. Visconde de Castilho.* Porto, 1873.

correcções; é, pelo contrario, por lhes querer ainda algum bem — é, sobretudo, por vêr quanto estes vendilhões, com as suas *pomadas florestaes* do mais charlatanesco germanismo, desacreditam, no animo das gentes ignorantes ou superficiaes, o verdadeiro elixir de longa vida da sciencia e da philosophia! O livro de V. Ex.ª foi um verdadeiro serviço prestado á razão vacilante dos incautos e credulos, que aquella boa gente parece que se apostou a entoxicar de todo com as fumaças do corrosivo absintho, que lhes ministra, como se fosse cordeal e balsamo maravilhoso. Deus se amerceie de nós! E são estes os *representantes* da geração nova, que tanto tem a fazer, e que se alguma coisa fizer será só por meio do estudo sincero, da largueza d'animo, n'uma palavra, da virtude intellectual e moral! Protesto e protestarei sempre contra taes falsos prophetas, em vez dos quaes preferira mil vezes a propria burra de Balaam! Mas os *novos* não são os que nasceram em tal dia e tal anno: tenham que idade tiverem, os *novos* são só os que dizem coisas proprias de intelligencias sans e vigorosas, de corações altos e puros. O resto, pouco importa a certidão de baptismo, nem sequer é velho; é decrepito, é cadaveroso: *sepulchra dealbata.*

Ponho ponto aqui. Agradeço, como individuo, a offerta do seu volume, e como escriptor agradeço a obra boa e o serviço prestado ao senso commum. Sou com toda a consideração,

De V. Ex.ª
cr.º mt.º obrg.º
Anthero de Quental.

CXVI

A José Sampaio

José

Sáio amanhã p.ª as Ilhas. Isto devia acabar assim. Não sei bem ainda o que vou fazer p.ª lá: tratarei de não fazer cousa nenhuma, que é, ainda assim, a melhor maneira de não fazer tolices. Um homem inactivo pelo menos não é um homem pernicioso.

Mando-te um retrato.

Só de lá, no fim d'algum tempo, e tendo tomado consciencia, o q̃. actualmente me escapa, te escreverei mais extensamente.

Adeus.

Teu do C.

Anthero.

CXVII

A Manuel Duarte de Almeida

(1882).

Meu caro Manuel

Vou recordar-te o pedido que aqui te fiz, ou antes os dois pedidos; 1.º — O «Cancioneiro Açoriano», do Theophilo; 2.º — Alguma poesia tua, que possa quadrar á indole do livrinho para a infancia, em que te fallei e em que trabalho agora. Desejava immenso que no dito livrinho entrasse alguma cousa do nosso Custodio. Mas o que? Tu, melhor do que ninguem, o pódes dizer. Se achares, entre os versos d'elle, alguma cousa que a puericia possa comprehender, ainda que sejam tres ou quatro quadras apenas, manda-m'as.

Finalmente, peço que me digas se o Antonio de Azevedo está agora na Foz, ou em Villa Real, ou onde? Preciso escrever-lhe, por causa tambem do dito livrinho, que desejo tornar quanto possivel completo e primoroso.

Esta vae toda em pedidos. Para dar tambem alguma cousa, e não pedir só, recebe um abraço do teu do C.

Rua da Fé, n.º 12.

Anthero de Quental.

CXVIII

Ao mesmo

Porto, 4.ª feira (1885).

Meu caro Manuel Duarte

Estou ha dois dias no Porto, e encontro n'um jornal a surprehendente e agradabilissima noticia de se achar entre nós teu irmão Custodio. Estou ancioso por ir vêl-o. Intendo que estará em tua casa. Mas não sei lá ir: já me esqueceu o nome da rua e n.º Communica-me pois, quanto antes, o teu endereço, pois estou ancioso por abraçar aquelle admiravel homem, cuja imagem juvenil me ficou sempre viva, como a de um dos mais encantadores rapazes que tenho conhecido.

Aguas Ferreas, 39.

Teu do C.

Anthero de Quental.

CXIX

Ao mesmo

Villa do Conde, 29 (1886).

Meu caro Manuel Duarte

A tua carta veio encontrar-me já em Villa do Conde, e pelo mesmo correio recebi a «*Provincia*» com os teus versos, que ainda me agradaram mais impressos. A especie de prevenção ou suspeita, que a tua carta menifesta, a respeito da «*Provincia*», crê que é infundada. Alguma irregularidade, que tenha havido, deve ser attribuida á confusão propria de um jornal da tarde, feito necessariamente á ultima hora. Quem materialmente está á frente da redacção é o Joaquim Gonçalves, que me falla de ti sempre com muita sympathia e te aprecia immenso como poeta. Tanto elle como o Oliveira Martins, quando lhes apresentei a tua poesia, ficaram contentissimos. Já vês, pois, que as tuas suspeitas são infundadas. O que me aflige é que tenhas ultimamente peorado. Eu, desde que para aqui voltei, comecei a dormir melhor, mas ainda assim receio que tenha de ser lento o restabelecimento. Não imaginas quanto gostei (até ao ponto de me sensibilisar) do teu pequeno Philemon. Quanto ao meu afilhado, não preciso sensibilisar-me, porque tem cara de quem ha de levar, na vida, as difficuldades, a pontapés, adeante de si. E adeus, até Fevereiro, ou cousa assim, em que irei ao Porto, e por conseguinte ver-te ahi.

Do teu do C.

Anthero.

CXX

Ao mesmo

Porto, 24, á noite (1890).

Meu caro Manuel Duarte

É possivel que publique uma carta, dirigida á Imprensa; mas *se* e *quando* depende de circumstancias. Em todo o caso, essa carta será remettida, ***em prova***, a todos os jornaes, para que a insiram, o que exclue a sua publicação em folheto.

Recebi o teu admiravel poema [1], que, esperando eu sempre muito de ti, excedeu ainda a minha espectativa. A tua linguagem simples, forte, intensa, é verdadeiramente *classica*.

Escrevo á pressa.

Teu do C.

Anthero de Quental.

CXXI

A Manuel Ferreira-Deusdado

Villa do Conde, 7 de setembro de 1888.

Ex.^mo^ Sr.

... Embaraços e preoccupações diversas me obrigaram por varias vezes a interromper e a dilatar, por mais tempo do que eu quizera, a leitura do seu interessante livro — e eis a razão porque só agora, e já bem

[1] *Vae victoribus*. Porto, 1890.

tarde, posso accusar-lhe a recepção do mesmo, agradecer-lhe a offerta e testemunhar-lhe o prazer e proveito com que o li. Foi para mim uma agradavel surpreza o seu livro: pois, se entre nós já é raro um livro de estudos philosophicos, muito mais raro é ainda ver tratar essas materias com o methodo sobrio e cauteloso, methodo que a natureza das questões e a posição tão dubia das soluções, do nosso tempo, impõe ao pensador consciencioso. Apesar da minha grande tendencia para o dogmatismo (tendencia incorrigivel, mas bem desculpavel em quem foi sempre mais poeta do que philosopho) approvo aquella prudente reserva e reconheço que, provisoriamente, é muito mais proveitoso analysar do que construir: é desbravar o terreno para futuras syntheses, accumular os elementos para a construcção definitiva, que seria temerario tentar desde já. A «volta a Kant» como dizem os allemães, estava indicada desde que uma multidão de factos novos, nas sciencias naturaes, na psychologia e na historia veiu patentear as lacunas e a insufficiencia das antigas syntheses; e a alliança do kantismo com o espiritualismo, ou antes a profunda renovação d'este por aquelle, parece-me o facto mais consideravel do pensamento philosophico nos ultimos vinte annos. A philosophia não póde prescindir dos dados da consciencia; mas, por outro lado, as affirmações da consciencia não podem annular os factos naturaes e historicos provados e positivos. A resolução d'esta antinomia, a explicação do Universo pela consciencia, mas, ao tempo, a intrepretação da consciencia por principios analogos ás leis fundamentaes do Universo, a unidade do *ser* e do *saber* que Hegel tentou demonstrar só dialecticamente e, por

isso, insufficientemente, parece-me mais accessivel pelo caminho do *Neo-kantismo*, do que por outro qualquer. Não posso pois senão felicitar a v. ex.ª pelas tendencias e direcção intellectual que o seu livro revela. Embora a psychologia propriamente dita sollicite mais a sua attenção do que as questões metaphysicas, entretanto exprime-se v. ex.ª de modo a deixar ver que não considera caducos e abolidos aquelles problemas só pelo facto de não poderem ser resolvidos senão indirectamente e sempre com um grande elemento de hypothese. Tudo isto está de accordo com as tendencias mais legitimas do pensamento moderno e é d'este lado que a luz se irá fazendo gradualmente, até se reconhecer que o espirito humano não é um fragmento truncado e incomprehensivel ou uma cousa á parte e isolada no meio do Universo, mas sim um elemento fundamental d'elle e a mais alta potencia e expressão da sua essencia. A metaphysica e o espiritualismo só poderão ser destruidos quando ao mesmo tempo forem abolidas a razão e a consciencia humanas. Em conclusão, dou-lhe os parabens pela lucida direcção do seu pensamento, tal qual o seu livro a manifesta, pela prudencia e segurança do seu methodo e, finalmente, pela simplicidade despretenciosa da exposição. E termino agradecendo a offerta e o proveito, que me proporcionou com aquella leitura, e a consolação que senti ao ver que no meio do deploravel amesquinhamento, a que assistimos «ha ainda perfumes em Galaad».

De V. Ex.ª
adm.or e amigo

Anthero de Quental.

CXXII

A Manuel Sardenha

Lisboa, 10 de setembro de 71.

Meu caro correligionario

Só agora lhe posso responder, apezar de ter recebido ha bastante tempo a sua carta: mas com recebel-a coincidiu o fecharem-se as Conferencias, por ordem superior, e d'ahi uma lucta, que me tem absorvido completamente o tempo e a paciencia. Conhecia já desde o anno de 1868 o seu nome, por uns bellos versos publicados na *Folha*, de Coimbra, á quéda do throno d'Izabel 2.ª, e d'ahi em diante li sempre com interesse crescente quanto alli se publicou assignado por aquelle nome. Um coração sincero e votado á causa da Justiça e da Liberdade foi o que eu vi n'aquelles versos, e a sua carta mostra-me que me não enganei, porque me revela as luctas e sacrificios reaes que por amor das santas idéas tem sustentado e soffrido, com os peores dos inimigos, os hypocritas da caridade e da verdade, que só teem coração para odiar! A sua carta commoveu-me, porque ha n'ella o tom verdadeiro d'um espirito votado ao apostolado e que não recua deante do martyrio. A sua consciencia, nas horas solemnes do exame, exame consolador para si, emquanto que para elles, os hypocritas, é aterrador, lhe terá dito que ha uma coisa que nenhuma perseguição lhe póde tirar, a felicidade intima do dever cumprido, felicidade que os iniquos quereriam comprar por quanto teem no mundo, mas não podem, porque a consciencia é o Juiz incor-

ruptivel da Natureza no homem, e elles são seus perante a Natureza.

Agradeço-lhe muito e muito a lembrança de m'escrever: é uma prova de confiança, que me honra em tel-a merecido. Nós, os adeptos e iniciados da Nova Lei da Justiça humana e social, formamos uma irmandade, uma como ordem religiosa espalhada pelo mundo; mas, separados pelo espaço, em espirito estamos unidos, e por isso devemos ser como irmãos. Somos hoje a *Ecclesia pressa* d'um novo christianismo, que em breve trimpharà; sim, mais breve do que se julga e talvez em nossos dias ainda. Mas, tarde ou cedo, baste-nos saber que o seu triumpho é seguro, para estarmos descançados, porque temos a certeza que a Justiça é inevitavel como uma Lei do Universo, e é isso o essencial. Soffremos pois com paciencia as injustiças d'este mundo, que afinal é mais ignorante do que mau, e, em summa, bastante infeliz por seus erros e illusões para que tenhamos por elle mais piedade do que odio. Não é a elle que propriamente detestamos, mas á iniquidade que está n'elle.

Falla-me em poesia da Justiça: fui eu, com effeito, quem, entre nós, abriu o caminho d'essa poesia social e philosophica, que tem de ser a poesia revolucionaria do futuro: veja pois, com que satisfação não contemplo um novo neophito alistar-se n'essa milicia ou legião sagrada dos poetas do Direito e da Razão! No meu livro havia uma boa e sincera intenção, e pouco mais. Oxalá que outros (e seja o meu amigo um d'elles!) mostrem, com melhores recursos, ao publico portuguez, quantas riquezas de sentimento, de belleza, de commoção, ha na poesia que se inspira na realidade hu-

mana, racional e social! A arte e a litteratura portugueza (e a europea, tambem) está gasta: uma idéa nova é o que ella precisa para se regenerar: e essa idéa qual pode ser senão o novo credo humanitario?

Meu caro correligionario, aperto-lhe a mão muito fraternalmente e creia-me sempre

seu amigo
e concidadão na republica ideal,

Anthero de Quental.

Rua dos Prazeres, n.º 63, 1.º

CXXIII

A D. Maria Amalia Vaz de Carvalho

Villa do Conde, 1 de abril (1885).

Minha senhora

Penhoradissimo com a sympathica confiança e boas palavras de V. Ex.ª, sinto não poder enviar-lhe cousa de mais algum valor do que tres sonetos antigos [1] — e oxalá não lhe pareçam, além de antigos, *velhos* tambem! Tentaria escrever algumas paginas em prosa, sobre materia que valesse a pena, se V. Ex.ª me não dissesse que ha pressa; e, com tal aperto, creio que me seria impossivel achar um assumpto, que é essa para mim a difficuldade maior. Eu mesmo pasmo ás vezes, ao considerar quanto os pensamentos e conhecimentos que tenho accumulado em tantos annos de estudo parecem não ter servido senão para me tornarem indeciso e

[1] Intitulados *Sonho oriental, Idylio* e *Apparição,* publicados no livro — *Feixe de Penas,* Lisboa, 1885. *(Nota do editor.)*

para me esterilisarem! Mas, em fim, o que é, é.— Os sonetos, que envio, apezar de antigos, são ineditos: e como imagino que o livrinho é destinado principalmente a correr mãos femininas, achei preferivel contribuir com aquellas cousinhas antigas e ternas, que, em summa, são innocentes e não apavoram, a enviar-lhe dos Apocalypses que agora faço, «*pesadellos rimados*», como lhes chama um meu amigo, entendido em rimas e em pesadellos.

Folgo devéras por ter esta occasião de poder dar a V. Ex.ª um testemunho da muito grande e respeitosa sympathia que sempre me inspirou e da admiração que professo pelo seu raro talento.

Sou, minha senhora, de V. Ex.ª

Criado humilissimo

Anthero de Quental.

CXXIV

Á mesma

Porto, 24 de dezembro.

Minha Senhora

Agradeço-lhe muito os seus artigos no *Jornal do Commercio* [1], e creia V. Ex.ª que o não faço só por civilidade, ainda que não é cousa que se deva desdenhar *par le temps qui court*. Não lhe direi que me agradaram os seus artigos, porque isso é o menos; dir-lhe-

[1] Publicados depois em volume com o titulo *Alguns homens do meu tempo*. Lisboa, 1889.

hei que me commoveram. Ha n'elles uma sinceridade, que me encantou, e um tom fraternal que me foi direito ao coração, onde quero que não morra nunca a vibração d'essas palavras amigas.

Creio que V. Ex.ª se engana na apreciação que fez das doutrinas chamadas (quanto a mim impropriamente) ***pessimistas*** e nos receios que lhe inspiram as tendencias buddicas que começam a manifestar-se por todos os lados, em sociedades que attingiram o ***nec plus ultra*** da civilisação, ou em individuos que attingiram o ***nec plus ultra*** do pensamento.

Tudo isso, é verdade, está ainda bastante obscuro e confundido com elementos estranhos e até contradictorios, e por isso me não admira que não possa ainda ser apreciado sem grandes apprehensões. O meu livrinho, apenas aqui ou alli em meia duzia dos ultimos sonetos, fere a nota exacta e sã, porque infelizmente morreu-me o dom dos versos, precisamente quando começava a pensar e a sentir alguma cousa que realmente merecesse ser posta em verso.

Não podia elle, tão incompleto e obscuro, justamente onde mais cumpria que fosse claro e amplo, dissipar aquellas apprehensões, antes era natural que contribuisse para as radicar. Mas a minha convicção é que taes apprehensões não são fundadas e que entre os sentimentos naturaes e espontaneos do coração humano, entre o seu ideal de justiça, de harmonia e de belleza, e o ponto de vista ascetico do Buddismo, não só não ha contradicção verdadeira, mas que, pelo contrario, é só n'essa esphera que depois elles encontram a sua mais perfeita expressão, libertos de muitas illusões e de muitas imperfeições que lhe andam forçosamente mis-

turadas, e attingem a plena consciencia do que são e para que são. E seria singular com effeito que a doutrina, que entre todas, faz consistir no Bem a verdade suprema da existencia humana, pudesse collidir com aquelles espontaneos impulsos da nossa natureza, que não são, no fundo, senão fórmas e momentos, mais ou menos obscuros, mais ou menos incompletos da nossa fundamental aspiração a esse mesmo Bem!

A verdade é que a civilisação moderna chegou, no seculo actual, como a civilisação antiga, no periodo do Imperio Romano, a um ponto em que, sob pena de completa ruina, o problema metaphysico-psychologico tem de ser sondado a uma profundidade desusada e proporcional ao grau superior da mesma civilisação.

Hoje, como então, as questões metaphysico-psychologicas são a chave de todas as outras questões porque, tendo o proprio progresso das instituições e das idéas arruinado os antigos alicerces moraes da sociedade, a grande questão, a questão vital e inadiavel não é já a do aperfeiçoamento das instituições nem do augmento dos conhecimentos, mas a da organisação theorica e pratica da vida moral, a creação da ordem nas consciencias, em uma palavra a remodelação do *homem interior*, sem o qual o outro homem: da sociedade e da vida pratica, por forte e sabio qae pareça é mais miseravel que o escravo mais embrutecido.

O progresso gigantesco do naturalismo, filho de uma civilisação poderosa e complexa como nenhuma, só poderá ser equilibrado por um progresso equivalente ao do ascetismo. Sem esse equilibrio a sociedade moderna, que já hoje nos causa mais terror do que admiração, poderá continuar ainda por algum tempo de

poderosa, tornada formidavel, e, de formidavel, bestial: mas o homem, o verdadeiro homem, isto é, o homem moral, terá morrido: e morto elle, tudo cahirá, por que só elle sustenta a grande molle social. A sociedade é, antes de tudo, um facto de ordem moral.

Mas não continuo com estas reflexões, porque desejo fazer d'ellas o assumpto de um escripto, até a certo ponto em resposta aos artigos de V. Ex.ª e que publicarei em fórma de carta, se V. Ex.ª levar isso a bem.

E termino, minha senhora, pedindo a V. Ex.ª que me consinta assignar-me d'aqui em diante, como realmente sou, seu muito amigo

Anthero de Quental.

CXXV

A Mr. Maxime Formont

Villa do Conde le 10 janvier (1891).

Monsieur et honoré confrére

Mr. Joaquim de Araujo m'a remis de votre part un exemplaire de votre charmant volume «Les Inspiratrices», que j'ai lu avec beaucoup de plaisir, et je m'empresse de vous remercier de votre aimable envoi. Votre idée de chercher dans la «Vita Nuova» les germes de la «Divina Commedia» m'a paru très originale et au même temps très raisonnable. Pour ce qui est de Catharina de Athaide il se peut que les choses se soient passées comme cela, mais les amours de Camões et, en particulier, la part qui revient dans ses inspirations comme dans les évènements de sa vie à la passion inspirée par cette dame resteront toujours matière à

hypothèses: les témoignanes sont en petit nombre et pas assez précis pour qu'on puisse s'aventurer bien loin avec sûreté; d'un autre coté, ses poésies, qui, bien étudiées, pourraient servir de fil conducteur, sont malheureusement, en grande partie, d'une authenticité plus ou moins douteuse. Il est vrai que les pièces les plus importantes sont précisément celles dont l'authenticité n'est pas contestable, mais il faudrait s'en tenir à celles-là et elles sont en petit nombre. Les travaux de M.me de Vasconcellos ont mis hors de doute la non-authenticité au l'authenticité plus que suspecte d'un nombre très considèrable des poésies (particulièrement des Sonetos) généralement attribuées à Camões et qui se trouvent dans toutes les éditions. Pour procéder avec méthode et sureté, il nous faudrait avant tout une édition critique des poésies de Camões, travail bien difficile, car l'histoire de la formation du recueil, tel que nous le possédons aujourd'hui, est très obscure et tout ce qu'on peut dire est qu'il a été formé et s'est graduellement développé en l'absence de tout esprit critique. Mais quand aurons-nous une telle édition critique?

En tout cas, votre manière de présenter les choses est assez vraisemblable « à priori, » elle s'appuie sur un certain nombre de pièces capitales et elle est conforme à la tradition. Il y a pourtant un point où je crois que vous vous faites illusion: c'est quand vous présentez la vie de Camões en l'Inde comme une épopee, et Catharina de Athaide, Genèvre d'un autre Lancelot, comme l'inspiratrice qui le poussa dans cette voie épique. La vérité est que Camões ne fut dans l'Inde qu'un soldat comme les autres soldats; on ne cite de lui des faits d'armes particuliers, son nom n'est lié à aucun événe-

ment militaire important et même un partie de sa vie en Orient s'est écoulée á Macao, où l'on ne se battait guère, et dans fonctions civiles. Il n'y fut pas non plus aussi particulièrement malheureux qu'on le prétend: à l'exception de quelques grands seigneurs, pourvus de bons gouvernements, tout le monde y menait une vie d'aventurier, pleine de hauts et de bas, mais on la menait gaiement, parce que généralement on était jeune et que, au fond, c'était une vie heroïque. Camões s'y amusait comme les autres: il y faisait jouer des Autos, composait des vers badins, banquetait avec des amis et se consolait de sa grande passion avec les jeunes indiennes, qu'il ne dédaignait pas si fort que cela, car les « Endexas a Barbara escrava » prouvent qu'il y mettait plus que le caprice des sens, qu'il y mettait même beaucoup de son affection et de son cœur. Je crois qu'il y a encore une bonne part de légende et de romanticisme dans l'idée qu'on se fait de la vie de Camões, tout bien pesé, Camões a été plutôt un homme heureux qu'un homme malheureux. Le bonheur bourgeois et paisible ne lui convenait pas; il a eu la vie d'aventure et de fortes émotions qui cadrait à son génie et que tout vrai poète préférera toujours, j'en suis persuadé, à n'importe quel bonheur calme et monotone. Mais je m'aperçois que je m'attarde à babiller quand je devrais me limiter à vous présenter mes remerciements et à vous faire mes compliments de tout ce qu'il y a de juste, de fin, de bien senti et de bien rendu, dans votre captivant petit livre.

Recevez, Monsieur l'assurance de mon entière considération.

Anthero de Quental.

CXXVI

A Oliveira Martins

Ponta Delgada, 26 de Novembro
de 1873.

Caro Amigo

Desculpe não responder ás bellas coisas que diz na sua carta. Mas a contensão terrivel do meu pobre espirito, amarrado, acorrentado, como n'um potro, como n'uma cruz, á deducção das idéas que o trabalho do meu livro vae erguendo diante de mim (vendo abysmos d'um lado, vendo muralhas do outro) n'uma palavra, *estado de parto*, e está tudo dito, essa contensão chega em momentos a produzir em mim (que sou fraco de cerebro) uma coisa muito semelhante á imbecilidade. Com os olhos n'um ponto unico, arregalados n'um esforço violento para penetrar a forma d'uma idéa que não quer sahir do vago, não vejo mais nada, e o que de tudo mais entendo é como que pelo tacto, como que ás apalpadellas. Desculpe-me pois não lhe dizer nada da Idade-Media, nem do Herculano, nem da sua carta que (isto ainda eu entendi) tocou com o dedo na chaga moral do bom velho: o scepticismo intellectual. O que elle é, é um grande caracter e um nobre coração: não digo que não seja muito intelligente tambem; mas, catholico e romantico, intellectualmente tinha de ficar sceptico. Que lhe parece esta explicação? Os frios e seccos espiritos que fizeram a theoria do individualismo-naturalista-liberal não eram nem catholicos nem romanticos. O Herculano tem o seu quê de aleijão aleijão significativo para a historia moral da nossa

terra, e honroso até, estou em dizer, como indicando que ha em nós alguma coisa que se não póde contentar com frias theorias, *um sentimento humano* a que não satisfazem meras e desconsoladoras abstracções. Ai da philosophia que não sabe satisfazer, ao mesmo tempo, a razão dos logicos, a alma dos poetas e o coração dos fortes! É um fructo peco. Diz algures Michelet que o nosso seculo tambem tem a sua Escolastica, a sua lepra de *ergo* e *distinguo*. E tem. E eu, ai de mim! que bem o sinto, que tambem sou d'esses taes, tambem sou *ergoteur* e *abstracteur de quintessence*, e isto me desespera, por quanto sinto que nada d'isto me satisfaz, não satisfaz o fundo do meu espirito e não me chega ao coração! Como ha de chegar ao dos outros? Se eu não fosse mystico, já me tinha deitado a afogar, palavra d'honra; verdade é que se não fosse mystico tambem não sentia esse insaciavel desejo e esse desespero: engulia gostosamente a broa aspera das minhas abstracções como se fosse toucinho do ceu.

E V. a esperar do meu livro o que «nem Proudhon nem Vacherot fizeram»!! Olhe que me fez muito mal esta phrase e foi grande o desanimo que me causou. Por todos os deuses! não espere do meu livro coisa nenhuma ou não m'o diga, que me desalenta pensar que se espera alguma coisa! Trabalho e vejo crescer o meu trabalho diante de mim sem experimentar satisfação com elle senão em raros momentos, e esses momentos é quando não vejo o que *ali está* mas só me deveja no meu pensamento, no que entrevejo por detraz d'*aquillo*, no fundo da minha nebulosa intellectual, nebulosa em que sinto mundos, mas que não sei tirar de

lá. Sabe o que me parece ás vezes? é que sinto mover-se no fundo mais intimo do meu *eu* pensante, n'aquelle fundo que já não é *eu* mas o espirito humano, uma idéa immensa, toda uma Philosophia, que não é um *systema*, mas a mesma idéa historica da humanidade, perseguida, entrevista, esquivada, presentida atravez de todos os systemas, de todas as religiões, de todas as revoluções... Depois trevas! Olho para as paginas em que pretendo condensar essa idéa, e só eecontro verbalismo, abstracções, eloquencia ás vezes, mas em tudo aquillo um não sei que de hirto, de esteril! Parece-me que tudo aquillo é imaginação ôcca, e que cada vez me afasto mais da *realidade real.*

Taes são as *obras do parto*, amigo. V. conhece-as tambem por certo: mas entre nós ha a differença que em casos *parturientes* se dá entre a mulher sã, robusta, activa, cujo parto é quasi um acto normal, e a mulher nervosa, debilitada pela imaginação, pelos sonhos refinados e febris, para quem aquelle acto natural é uma crise terrivel, uma provação violenta. Tal sou eu que puz ao serviço da grande e forte idéa este meu pobre espirito, doente e apaixonado, cheio de contrastes e fraquezas, ardente e ao mesmo tempo morbido, recto e juntamente subtil, uma creação tão artificial na ordem da intelligencia quanto o é na ordem physiologica uma condessa espiritualista e pallida do *faubourg Saint Germain.* Não franza o sobrolho, que isto já não é romantismo; isto é simplesmente critica. Nada d'isto altera ou enfraquece o *oto de obediencia* que fiz ás aras da Revolução, pondo-me todo e tal qual sou, com feitos e qualidades, força e fraqueza, ao serviço da grande idéa. N'isto estou firme, e não admira, que

quanto tendo chegado a entrever a Revolução na sua idealidade, deixe-me dizer, no seu mysticismo, encontrei o que o meu temperamento mystico pedia, uma religião, e agarro-me a ella com a tenacidade com que taes temperamentos se abraçam ao que lhes é intimamente adequado. Tomei a Cruz e hei de morrer debaixo d'ella ou em cima d'ella, mas sem a largar.

Estranha disposição, dirá V., para escrever sobre o «Cosmos e a Evolução»! Mas isto é um desabafo, e eu não ponho lá d'estas coisas. Aquillo vae no tom em que deve ir: tão sereno no estylo e no methodo tão scientifico, quanto o comporta o temperamento particular da sciencia metaphysica. Não é isso o que me afflige: é a coisa em si, porque, francamente, não me satisfaz. Lembra-se d'aquelle dito de Heine, que um allemão, quando discute, só metade do seu espirito sustenta o que elle sustenta, emquanto a outra metade está com o adversario? Pois succede-me coisa parecida. Desde que chego a definir a minha idéa, boa metade do meu espirito se vira logo contra ella. Ha de convir que não é boa disposição para escrever livros. Entretanto esperemos sempre alguma coisa de melhor... e *go head!*

Fez-me bem escrever estas *lastimas*; sinto-me mais desafogado. E não é V. para mim um confessor *in Ecclesia Revolutionis?*

Entretanto guardo o muito que tenho a dizer-lhe sobre Transcendencia, Christianismo, Idade-Media, etc., etc., para quando estivermos em Lisboa. Eu tambem tenho pensado bastante sobre esses pontos, e creio ter chegado a algumas idéas precisas e bem encadeadas. Requeiro porem alguns annos de estudo e reflexão para

lhes dar desenvolvimento e segurança. Á vista lhe exporei o encadeamento das mesmas, coisa que não cabe, nem mesmo apenas indicada, no meu livro, mas que poderá de futuro ser assumpto d'um outro, muito mais serio. As suas ultimas cartas sobre o assumpto deram-me um antegosto do muito que vou aproveitar, discutindo-o com V. As suas idéas quadram-me em muitos pontos, n'outros porem estou cada vez mais distante de V. Estou curioso por ver o que vae sahir das nossas discussões sobre um assumpto que eu considero um dos maiores não só em Philosophia da historia, mas em Philosophia pura. V. verá o ***porque*** d'esta ultima affirmação.

Veja V. se me alcança o Haeckel, pois que devendo eu ter terminado, ao tempo em que o receber, o meu capitulo da Evolução (que já tenho todo ***instrumentado*** e em parte redigido), bom será ver o que diz o allemão para rectificar algum ponto ou acrescentar alguma idéa que a leitura me suggerir. A minha doutrina da Evolução é extremamente simples e logica e funda-se toda n'uma unica idéa metaphysica, o ***devenir:*** d'ahi vou deduzindo certas leis culminantes, que definem a Evolução, considerando o Cosmos que nós conhecemos e a sua Evolução tal como a sciencia a tem explicado, como um mero *exemplo*, um exemplar entre milhões de biliões (até ao infinito) onde se revelam as leis fundamentais do *devenir*. Isto assim dito é o mesmo que nada, mas creio que a leitura do meu capitulo merecerá a sua approvação. O publico é que é de crer que fique a ver navios com o *devenir* e provavelmente com tudo o mais. Mas ha coisas em que se não pode ser *popular* nem pitoresco, por muito que se queira. O

que tenho feito é entremear as deducções metaphysicas e *outras* com certas paginas de *eloquencia*, em que infiltro o sentimento das idéas expostas, seguindo n'isto o processo do Mestre no livro da *Justiça*. Mas, *não antecipemos*, como dizem os romances. V. verá e julgará.

Adeus.

Seu do coração
Anthero.

CXXVII

Ao mesmo

Ponta Delgada, 3 de Junho
de 1876.

Querido Amigo

Não lhe escrevi logo que aqui cheguei e pelo paquete que me trouxe, por essa minha difficuldade em fazer seja o que fôr dentro d'um praso fixo. Agora, porem, que tenho diante de mim tempo indeterminado, escrevo-lhe para lhe dizer que cá estou e não peor do que me achava em Lisboa, ainda que não melhor tambem — mas pode ser que ainda não seja tarde para que a mudança de clima opere favoravelmente. O que tenho estado é triste bastante n'esta casa onde vim ao mundo não sei para que — pensamento pouco religioso, bem sei, e contra que reajo, mas que a final se me impõe em certas occasiões. É uma fraqueza, que ha de passar; e sendo assim e n'estes limites, a sensibilidade (ou *sensiblerie?*) tem tambem a sua utilidade na economia moral do homem.

Aqui me vou occupando, como planeára, com certas

questões metaphysicas, mas entro a conhecer que estas questões não são d'aquellas que se resolvem de empreitada, e que o melhor methodo será ainda deixa-las entregues a uma ruminação lenta e quasi insentida do pensamento. Pelo menos para mim, se algum methodo tem de me aproveitar, creio será este de preferencia a qualquer outro. Terrivel metaphysica! É o nosso equuleo, escreveu-me V. uma vez. E é. Mas, como é ella a essencia da religião, tem cada qual, n'estas epocas crueis em que a grande crença collectiva se dissolve, de a procurar sósinho com o suor do seu rosto e a anciedade do seu coração, para conseguir uma especie de religião individual, que no fim de contas nunca póde equivaler em firmeza, confiança, serenidade, áquella ampla communhão espiritual, idéa-sentimento, em que a fraqueza do individuo se ampara na potencia da collectividade. Por este pouco que digo, já V. tem entendido que abundo no modo de ver do Hartmann, em quanto ao futuro da religião. A maneira, porem, por que elle define a religião, não me satisfaz; é deficiente e parece deixar margem ao maravilhoso, pelo menos ao imaginoso. Tenho, n'estes ultimos tempos, scismado bastante em volta d'isto, e creio ter chegado a conclusões definitivas sobre a natureza racional e sentimental (consciente e inconsciente, como diz Hartmann) e individual e collectiva da religião, conclusões que V. apreciará na primeira occasião em que fallarmos — se antes d'isso não tiver ensejo de lh'as pôr por escripta.

E V. que tem colhido da leitura da *Historia da Egreja?* Bastante, sem duvida, porque é leitura essa *suggestiva* (como dizem os inglezes) mais do que duzias de philosophos. O grande philosopho é a Humanidade

e d'esse grande philosopho o melhor e maior systema (por ora) é o Christianismo catholico. Ha ali abysmos de genio, uma visão prodigiosa dos mais largos horizontes ideaes, e ao lado d'isto um senso pratico, uma prudencia admiravel, um profundo sentimento da estranha combinação de grandeza e miseria que é a natureza humana, de tal sorte que quem não conhece e comprehende o Christianismo, não pode dizer que conhece e comprehende a Humanidade. Está V. por isto? muito desejo sabel-o.

Esta minha admiração não impede, já se vê, de reconhecer o lado fraco do Christianismo, a lacuna, que, estabelecendo uma contradicção fundamental, devia produzir, com o andar do tempo, a sua perversão e final dissolução. Essa lacuna é a ignorancia da natureza. Incomparavel como religião metaphysica e moral, está abaixo, como comprehensão das condições positivas da realidade, do proprio Polytheismo. A razão d'este phenomeno, que é talvez exclusivamente historico, conhece-a V. perfeitamente. Se uma religião não é mais do que a synthese collectiva da concepção do Universo n'uma dada epoca, cada religião deve reflectir fielmente o grau de desenvolvimento d'essa concepção, com o ponto de vista determinado pela tendencia geral e os conhecimentos da epoca, as suas lacunas, o seu forte e o seu fraco. Ora a epoca em que se formou o Christianismo é caracterisada por uma extraordinaria preoccupação pelos problemas metaphysicos e moraes, por um desenvolvimento excessivo e quasi monstruoso n'este sentido, emquanto o conhecimento positivo da natureza (apesar de estarem formadas ou em via de formação quatro ou cinco sciencias, mas que só davam vistas

parciaes e insufficientes) não só não entrava de modo algum na preoccupação geral dos espiritos, mas até era por ella contrariado. A religião que devia sahir d'este estado de coisas vinha pois fadada a uma desharmonia, um desequilibrio irremediavel. Forte e profunda, como concepção metaphysica e moral da existencia humana, falsa, inconsistente ou quasi nulla como concepção das condições naturaes, fóra das quaes a metaphysica e a moral só produzem sonhos, por muito sublimes que sejam, e no fim de certo tempo, perversão e abatimento. Quer-me parecer que, sem se fazer esta distincção, não é possivel comprehender a historia do Christianismo, historia dominada por esta contradicção: hostilisada pela razão, pela sciencia, pelos instinctos, por todas as coisas naturaes, e ao mesmo tempo oppondo-se triumphantemente a tudo isto, impondo-se e justificando-se por uma efficacia espiritual tão extraordinaria, que é ella para os apologistas uma das maiores provas da inspiração e origem divina do Christianismo. Creio que a obra d'estes seculos mais proximos será, não destruir o Christianismo (quero dizer, o espirito christão, e ponto de vista de transcendencia metaphysica e moral) mas completal-o com a sciencia da realidade. A religião do futuro, de que nos falla Hartmann, não póde ser outra, e não julgo necessario ir procurar o Buddismo, quando o que n'elle ha de melhor se encontra no Christianismo e com uma forma sentimental mais pura, mais humana.

Estabelecer em que termos normaes se deve ser mystico, dentro da realidade, d'accordo com ella e considerando-a como um meio, um instrumento adequado para essa ascensão espiritual, tal é, meu querido

amigo, a grande coisa, a obra da nova *redempção*. Fóra d'isto só vejo um novo paganismo, uma nova e monstruosa superstição, culto do Grande Todo, culto da Humanidade, e outros *cultos*, que, sob forma refinada, reflectida, civilisada, são uma volta á bestialidade primitiva d'onde partiu a nossa especie.

Adeus, carissimo. Receba um abraço do seu amigo e *frater*.

Anthero.

CXXVIII

Ao mesmo

Novembro de 1876.

Meu querido Amigo

Acabo de receber um dos maiores golpes que podia receber. Morreu minha mãe. V. sabe o que é ser philosopho, mas sabe tambem o que é ser filho. Diga-me duas palavras das suas, fortes e boas. Eu sei o que ha a dizer a mim mesmo, mas far-me-á bem que m'o diga V. Eu estou muito sereno e conformado e applicando á minha situação os dogmas da nossa commum religião. Mas isto não impede que esteja triste — e estando triste, de quem me hei-de lembrar senão de V., maximamente depois que já não existe minha mãe?

Receba um abraço do seu amigo e irmão

Anthero.

CXXIX

Ao mesmo

Paris, 23 d'Agosto de 1877.

Meu caro Amigo

Não lhe posso dizer que esteja melhor. A influencia d'este tratamento, se não é nulla, é pelo menos inapreciavel. Entretanto *passo* melhor sensivelmente, porque durmo d'uma maneira regular (o que é devido ás condições da casa) e me vejo obrigado a uma certa actividade. Tenho percebido que estas duas condições são capitaes para mim, e que com ellas, embora a minha *saude* não melhore, o meu estado se torna muito mais toleravel. O problema é poder realisar isto como norma. Preciso absolutamente, para não me tornar para todo o sempre o homem morto d'este inverno passado, quebrar com os habitos de inercia e más condições domesticas em que tenho vivido ha annos. Veremos como resolvo isto, em voltando para Portugal, e conto com V. para me estimular, e obrigar até, a organisar o meu futuro viver d'uma maneira racional — pois sinto que se o não conseguir fazer, me irei annullando cada vez mais. O resultado da experiencia que aqui vou fazendo é que a medicina não me pode restituir a saude, mas que a prudencia e a boa vontade, se eu conseguir persistir n'ellas, podem estabelecer-me em condições, que sem cessarem de ser anormaes, sejam *philosophicamente* aceitaveis. Veja se me ajuda n'este proposito, não só com o seu prudente conselho, mas com a sua vontade, a sua *autoridade* — como um

bom tyranno! ... Alem das idas a Paris, que a commodidade do caminho de ferro ao pé da porta me facilita, tenho feito varias excursões pelos arredores famosos da grande cidade. Fui a Sevres, onde o espectaculo de vasos de barro de dez, doze e quinze mil francos, de serviços de chá de igual preço, me produziu uma impressão de lastima e tristeza, que V. bem aprecia. O peor é que aquillo nem sequer é bello; é opulento e elegante, mas a verdadeira invenção e verdadeira belleza só se encontram nos typos antigos, que servem de modelos para a imitação contemporanea. Sahi d'aquella casa onde se guardam *thesouros* no valor de muitos milhões, com um formal ataque de tedio que tive de dissimular para não dar escandalo ao meu companheiro, um *gentilhomme campagnard*, grande sceptico em politica, em religião, em philosophia e sciencia, mas grande crente em *biscuit* e porcelana — bom typo das taes *classes dirigeants*, que tanto se apregoam agora. Fui tambem a Versailles, que é uma monumental mediocridade: grave, nobre, correcto, no fundo sem sabor, como o grande rei e o grande seculo que o viu *poser*. Entretanto gostei de estar ali, porque a minha impressão me confirmou plenamente as apreciações de Michelet e Taine sobre aquella época famosa. A cabelleira do *roi soleil* apparece ali por toda a parte, em bronze, em marmore, em jaspe, em tela, como um symbolo da mediocridade pretenciosa do typo social da monarchia catholica. Que differença entre aquella correcção, apenas esthetica, e a magestade d'um arco de triumpho romano, onde vive a inspiração d'um verdadeiro povo! V. verá para o anno e penso que a sua impressão ha de concordar com a minha.

Tenho lido o ultimo volume de Renan, *Les Évangiles*, e considerando mais attentamente, dou-lhe razão a V. no que me dizia este inverno: que a obra de Renan não é uma verdadeira historia das origens do Christianismo, mas apenas uma serie de biographias e quadros historicos de detalhe. É porem mister reconhecer que, n'estes limites, é uma obra admiravel. Este volume tem, como os anteriores, alguns capitulos de historia geral perfeitamente *réussis*. No meio d'isto, muitas apreciações singulares, filhas da maneira por que o Renan comprehende a historia, a politica e a religião. Desconfio pelo que me disse o Saragga, que o ultimo volume, *L'Église*, que deve sahir breve, será o mais interessante de todos para nós e para quem tiver a nossa maneira de ver sobre o objecto. É consagrado ao grande movimento, todo greco-oriental, do segundo seculo, a invasão da metaphysica na lenda, o gnosticismo e a formação do dogma e da hierarchia. Será este, provavelmente, o volume em que o autor realise mais cabalmente o titulo da obra — *Origens do Christianismo*. — O Renan está fora de Paris e por isso ainda o não visitei. Mas creio que estará de volta em principios de Outubro e conto então procural-o. Estive hontem com Fernandez de los Rios e Salmeron. Fernandez conhece V. e sabe o que valè. Salmeron pareceu-me outra casta de homem e deixou-me a melhor impressão como individuo e como intelligencia. Fallamos metaphysica, philosophia e historia religiosa durante boas tres horas. O homem sabe o nome aos bois e encontrei n'elle o que ainda não encontrára em nenhum espanhol: espirito critico. Entretanto no que diz respeito ao Christianismo achei-o d'um radicalismo

intratavel, desconhecendo o alto valor social e moral do Catholicismo, e partilhando ao mesmo tempo os preconceitos allemães sobre a influencia e valor da Reforma. Em summa, gostei do homem e conto vel-o mais alguma vez.

Saberá que as eleições aqui se vão fazer (sobre tudo nos campos) ao grito: *à bas le gouvernement des curés!* Na actual lucta o que sobresae é o lado politico e religioso, e não o social. D'aqui resulta que muita gente, que tomaria partido pela reacção, se a questão se puzesse no terreno social, toma actualmente partido pela Republica. O capital, n'este momento, é republicano. O triumpho dos radicaes (que acabaram por absorver o centro esquerdo) é certo. A reacção collocou-se n'uma attitude ao mesmo tempo irritante e precaria, de sorte que põe todos contra si, sem ter força para dar um golpe d'Estado. Os reaccionarios parecem-me gente tomada de vertigem e que joga *le dernier enjeu.* Não imagina o *gâchis*, a confusão e a inhabilidade, que reinam no campo conservador. A colligação é formada por cinco partidos rivaes, sem fallar nas *nuances*, que são incontaveis: por exemplo, só no bonapartismo ha tres grupos, que se combatem entre si, ao mesmo tempo que combatem os republicanos, e com não menor acrimonia. Banapartistas, legitimistas, clericais, orleanistas, macmahonianos (tambem ha d'isto!) dizem-se as ultimas todas as manhãs nos seus jornaes. Ao mesmo tempo os republicanos, que, dado o triumpho, não poderão passar dous ou tres annos sem se desunirem e combaterem, apresentam em face do inimigo commum um *ensemble* verdadeiramente formidavel, e a sua audacia e confiança crescem de dia para dia. Não sei o

que o futuro traz no ventre: mas o triumpho da Republica é certo, na crise actual. Depois... mas quem pode prever? Quem sabe o que será a Republica dos radicaes? *Autant de questions, autant de problèmes.*

Adeus

Do seu do coração

Anthero.

CXXX

Ao mesmo

Villa do Conde, 25...? 1889.

Meu caro Amigo.

Tudo quanto se passa *intra* e *extra-muros*, produz-me um tal desgosto, mas um desgosto mudo e soturno, que ando ha tempos como que embuchado. Não repare pois em não ter tido cartas minhas. Não tenho que dizer ou vontade e estimulo para dizer seja o que fôr, e quizera até não pensar. Ha mais de oito dias que não abro um livro.

N'outro tempo desesperava-me, e o desespero, agora o reconheço, era um alimento para o meu espirito; vivia d'isso. Mas agora, que já me não posso desesperar, sinto um vacuo. Tenho até medo de me aborrecer, coisa que d'antes nunca me succedia, mas que começo actualmente a achar possivel. Pois que mundo este! e em que atoleiro cahiu esta pobre Europa! Foi para isto que combateram os heroes e padeceram os martyres e os sabios vigilaram, para dar tudo n'este rebanho de porcos, guardado por algumas raposas tinhosas! Miseraveis raposas: pois ainda ha uma certa consolação em se ser devorado por tigres e até por

lobos, mas o bicho fedorento, manhoso e cobarde causa nojo: e todavia é esse bicho que triumpha e triumpharà! Aqui tem, em poucas palavras, o desgosto que me roe, e como disse, me entupe. Que fazer a isto, e como viver no meio d'isto, ou, pelo menos, com isto diante dos olhos? O Buddhismo é uma bella coisa: mas a sua efficacia, como a de todas as religiões ou coisas analogas às religiões,-só se evidenceia na collectividade. Uma sociedade de buddhistas deve ser um paraiso. Mas um buddhista isolado é um pobre homem, a quem a sua transcendente sapiencia só serve para bocejar. Ora vamos bocejando transcendentalmente!

Adeus. E até ao outro dia em que me sinta mais bem humorado, pois bem sei que isto que acabo de dizer não é a verdadeira sabedoria. Mas um systema é um systema, e os nossos sentimentos são a nossa pessoa toda inteira. V. percebe bem isto.

Do seu do coração

Anthero de Q.

CXXXI

Ao mesmo

Villa do Conde, 9...? 1890.

Caro Amigo

Não me resolvo a ir a Lisboa, apesar de bastante o desejar, pelo grande receio dos ruidos, pois continuo, com excessiva sensibilidade cerebral, e só no meio do maior socego consigo dormir. Ora dormir é coisa essencial para mim. Esta idéa de Rua de Serpa Pinto e de segundo andar (o que implica primeiro e terceiro

e por conseguinte um numero assustador de cadeiras arrastadas, de pés nocturnos e matutinos, de pianos martyrisados e martyrisadores) desanima-me completamente. Iria de preferencia para casa do C... M..., mas sou um hospede singular, e conhecendo isto, só estou á vontade com gente que já está acostumada á minha excentrica personalidade e modo de viver; e, no meu estado de espirito, pequenas preoccupações chegam a ser verdadeiro tormento. Por tudo isto, nada resolvo por ora, á espera de occasião em que me ache melhor e possa arriscar o meu destemperado cerebro aos ruidos da capital.

Não me agradou o livro do Nordau. Tantas illusões, tanto optimismo e tão pouco espirito critico, em sujeito que se apresenta como o representante da razão *scientifica*, em face das *mentiras* da sociedade actual, chegaram a irritar-me. De resto, parece-me homem muito moço, e n'esse caso tem alguma desculpa; mas sempre queria dizer ao snr. Nordau, para seu ensino, que não está tudo em se saber *scientificamente* que uma coisa é erronea, para se condemnar e sobre tudo para se affirmar que pode ser substituida. Para isso era necessario que a mola real do homem e da sociedade fosse a razão theorica, e a sua preoccupação principal a verdade. Mas a verdade humana não é a verdade scientifica. Os *scientificos* não são capazes de comprehender isto, exactamente como os *ideologos* do seculo passado (com quem se parecem muito e julgo que para peor); e como o proprio de taes espiritos estreitos e systematicos é a presumpção e o optimismo atrevido, a sua influencia será ainda mais nociva do que a dos ideologos, que ao menos partiam de principios psy-

logicos. Decididamente a intelligencia humana é fraca e acanhada de mais para poder comprehender, dominar e governar coisa tão complexa como é o homem. O instincto, a final, valia muito mais para esse fim. Infelizmente, o periodo do instincto passou, e é n'isso justamente que está a crise: substituir, na direcção das coisas humanas, o instincto, que era sufficiente, pela intelligencia que parece insufficientissima. Não vejo sahida a este becco escuro.

Do seu do coração

Anthero de Q.

CXXXII

Ao mesmo

Villa do Conde, 26'...? 1890.

Caro Amigo

Já tinha saudades e quasi fome de lettras suas. V. dirá que a culpa é minha. Mas desde que para aqui voltei tenho estado occupado a escrever, occupação que, quando para ahi me dá, me absorve, e sobre tudo, depois da tarefa diaria, me faz aborrecer papel e penna. Para mostrar o meu affecto ao nosso Queiroz, comecei a escrever com destino á « Revista », um artigo sobre as tendencias geraes da Philosophia na actualidade, coisa summaria; mas o assumpto apossou-se de mim, passou a ser quasi outra coisa o trabalho e no fim de tres mezes acho-me tendo produzido um estudo, que na « Revista » dará tres ou quatro artigos, e que depois, ampliado, será um livro. Ficou reservada muita coisa que naturalmente não cabe em artigos da « Revista ». Escuso dizer-lhe que não é a *minha philosophia*, aquella que V. *sabe que eu tenho*, com o seu methodo e theorias

particulares. Essa, infelizmente, desisto de a expôr, porque está acima das minhas forças o fazel-o, e depois ninguem me entenderia. Mas em summa são as minhas idéas, sómente expostas por um methodo impessoal, pondo de parte as minhas vistas originaes e processo proprio dialectico, e apresentadas simplesmente como induzidas da evolução do pensamento moderno e mais especialmente das tendencias philosophicas dos ultimos oitenta annos. De sorte que, amigo, ainda depois de publicar um livro de philosophia ficarei sempre um philosopho inedito. Espero que V. encontre no meu estudo algumas paginas que lhe agradem. Em todo o caso, peço-lhe que o leia com attenção, para me indicar lacunas, contradicções, e o mais que parecer bem ser reformado, esclarecido ou desenvolvido para a forma definitiva do livro. Os artigos começarão a sahir em Fevereiro, provavelmente. Estou agora passando a limpo. Esta occupação tem-me feito bem, de sorte que talvez continue, considerando sobretudo que é o unico lado por onde posso ser prestavel. V. é homem d'acção e o terramoto que se aproxima abre-lhe horizontes e promette-lhe um theatro digno da sua actividade. A mim não me repugna a acção, pelo contrario, creio até que é o que está no fundo do meu temperamento, mas acção muito outra, e tal que hoje não tem logar, nem occasião para se exercer. No seculo XVI teria sido homem d'acção, ou com os homens da espada ou com os da cruz; n'outros seculos tambem, d'outros modos. Mas hoje sinto-me como fóra do meu meio natural, e a minha retração é ao mesmo tempo instinctiva e reflectida. Quando a gente chega aos 48 annos, tem obrigação de saber para que serve e para que não.

não ir atraz de phantasias. A verdade é que, para o que ha a fazer e se póde fazer na sociedade actual sou d'uma absoluta inhabilidade, um verdadeiro incapaz. Se alguma influencia posso exercer sobre os homens, é só de longe e pela idéa pura. Comprehendo bem que V., sentindo-se tão isolado, anceie por um companheiro e o que me diz na sua carta sobre a necessidade de eu *voltar á superficie* exprime bem esse sentimento. E eu sel-o-ia — com que vontade e gosto, escuso dizel-o — esse seu companheiro de lucta, se me não conhecesse completamente incapaz para aquillo de que se trata. Tenho pois de me conservar no meu papel, quero dizer na logica do meu caracter e das minhas aptidões. Serei simplesmente para V., como até aqui, amigo, confidente e critico encartado. De resto, quem sabe o que virá? Não recuarei diante de coisa alguma, senão só d'aquillo que repugnar á logica e harmonia do meu ser. «The right man in the right place».

Fez-me exactamente a mesma impressão que a V. a revolução brazileira e, quanto a mim, é a extravagancia dos cariocas (se não vier antes alguma grande complicação europea, o que é pouco provavel) que ha de dar o empurrão no pobre velho Portugalorio. Pobre Portugalorio! Já me passou o azedume de outros tempos, e agora, considerando o que espera esta pobre gente, que a final é tão boa gente, sinto dôr verdadeira. Mas o homem só aprende á sua custa — *et voilà*. E adeus. Já está no prelo a segunda edição dos *Sonetos*. Leva um appendice de traducções que é quasi uma Biblia polyglotta.

Do coração

Anthero de Q.

CXXXIII

Ao mesmo

Ponta Delgada, 29 de Agosto
de 1891.

Meu caro Amigo

Depois d'uma melhora que me illudiu — e o grande dèsejo que tinha de não desistir d'uma resolução e programma final de vida, unico satisfactorio, concorreu talvez para me eu querer illudir sobre o valor de taes melhoras — tenho peorado consideravelmente e resolvo-me a voltar para o Continente, para ahi me fixar com minha irmã em Lisboa. Conto partir d'aqui no *Açor*, a 18 de Setembro. É um desgosto e transtorno de cujo abalo não sei se poderei jamais restabelecer-me. A sorte das raparigas tambem me preoccupa immenso. Ellas não podem ir comnosco, porque o estado de minha irmã não lhe permitte occupar-se da sua direcção. E depois terá ella saude e vida? e eu? Seria grande imprudencia. Achei aqui uma familia pobre e honesta, mãe e duas filhas, que vivem do seu trabalho e que mediante uma pequena mezada as recebem em sua companhia, para lhes darem a educação caseira indispensavel, até que o tempo e as circumstancias aconselhem o que se haverá de fazer. Procurava o definitivo, e a final ainda aggravei o instavel e provisorio, que tanto me assustava. Paciencia. Fui talvez imprudente. contei demais com as minhas forças, seduziu-me a idéa de, depois de tantos annos d'excentricidade, acabar como toda a gente. Mas vejo que a excentricidade

tinha de ser definitiva, submetto-me a ella, ainda aggravada agora por mil cuidados. Peço á minha razão que communique aos meus nervos o estoicismo que ella tem, mas de que elles não parecem susceptiveis. Ao menos estarei ao pé de V. e será grande consolação.

Adeus.

Do seu do coração

Anthero.

CXXXIV

Á Redacção do Atila [1]

Coimbra, 6 de Fevereiro de 1864.

Sr. Redactor

Peço-lhe a publicação dos versos que seguem [2]. É a poesia mais santa que jámais escrevi, porque se chama

[1] Este semanario litterario publicou-se em Coimbra nos annos de 1863 a 1864 sob a direcção do Dr. Rodrigo Velloso, distincto bibliographo, a quem se deve a divulgação da maior parte da obra em prosa, de Anthero. Collaboraram tambem no *Atila* João de Deus, Theophilo Braga, Guimarães Fonseca, Luiz Jardim, Cerqueira Lobo e Teixeira Coelho.

[2] Explicando a origem da poesia de Anthero de Quental intitulada — *Ermelinda* — fez o meu saudoso amigo Dr. Rodrigo Velloso preceder a sua reproducção no livro — *Algumas poesias entradas na sua obra* — da nota impressa em seguida que pelo seu interesse julgo conveniente fazer reproduzir.

Aproveito a occasião de consignar neste logar e tornar bem publico o meu grande respeito, sympathia e profunda saudade pelo fallecido Amigo a quem nos honrâmos tributar singela homenagem á sua illustração, ao estimavel e diamantino caracter e ás virtudes que em vida tanto o exornaram e nobilitaram.

«Em fevereiro de 1864 achava-se em Coimbra, ahi chegada desde

consolação, e seguramente a mais bella porque é uma boa acção.

pouco, uma hetaira que não lembro agora se havia por nome o de Ermelinda, mas a que Anthero chamou assim. Morava nos fundos da Couraça dos Apostolos. Como novidade na cidade era sua casa muito frequentada por estudantes. Alguns amigos de Anthero resolveram ir alli em uma noite, e convidaram-o para os acompanhar. Anthero, que passava não só por cauto mais ainda por casto, recusou-se primeira e segunda vez a fazel-o, mas muito instado para isso a final cedeu.

«Foram e chegados á casa onde a Ermelinda morava já ahi encontraram, entre outros academicos, V. de C. que acabava de voltar á Universidade, a terminar n'esse anno o seu curso juridico, volvido o tempo por que d'ella havia sido riscado.

«Tendo estado precedentemente por uma temporada em Paris, trazia d'alli bem frescas na memoria as scenas mais lubricas de seus mais celebres lupanares, e fazia gosto e gala em desenhal-as vivas e resaltantes da tela, com o mais extraordinario enthusiasmo, e em as traduzir até em fieis copias do que vira e gostára na memoranda Babylonia moderna. Na noite a que me estou referindo, ou porque se sentisse de veia para melhor o fazer, ou porque quizesse maravilhar o auditorio, que era escolhido — o V. de C. tudo sacrificava ao effeito que aspirava a produzir em quem o ouvia — por tal modo se excedeu no tratar do assumpto, e taes attitudes e liberdades tomou para com a Ermelinda que a fez chorar amargamente.

«Anthero sahiu immediatamente da casa d'esta profundamente indignado com o proceder de V. de C., e n'essa mesma noite escreveu os versos *Ermelinda*, publicando-os no n.º immediato do *Attila* de 13 de fevereiro.

«V. de C. ressentido com as allusões tão frisantes que lhe eram feitas na *Ermelinda* e sobretudo na carta que a precede, aproveitou, para lhes responder, o ensejo que para isso lhe abriu a audiencia de julgamento simulado na aula de Direito Criminal do 5.º anno — (Anthero era seu condiscipulo) — em que fez as vezes de Ministerio e accusador, pois, do reu, José Braz de Mendonça Furtado, (depois lente da Faculdade) e de seu defensor o proprio

Não sei, nem já agora espero sabel-o, para que banda do horizonte fica o céo que Deus nos guarda; mas diante da fatalidade que a terra prende á barra do vestido de certas mulheres, como um lodo pesadissimo, que as puxa para baixo a cada hora e as calca n'estes chafurdos da vida, diante d'esse mysterio, a alma vê claro, dentro em si, o que os olhos da cara não alcançam, e no ceu escuro brilha uma luz como nenhum céu de primavera a teve jámais — a luz da primavera das almas, chamada *esperança*.

No meio da impotencia dos systemas dos philosophos e das religiões dos theologos, a immortalidade apparece, como uma aurora infinita n'uma pequenina gotta d'agua, n'uma lagrima de mulher!

Chega-se á crença pelo soffrimento, porque só elle nos póde dar a impressão profunda da *necessidade* d'uma compensação, o sentimento da justiça. É isto exactamente o que os systhemas não dão. Se Christo tivesse *philosophado*, á maneira d'Hegel, em face das dôres de seu povo, não passaria o seu nome, hoje, de um d'esses muitos que lemos, ou antes não lemos, nos in-folios que tratam de archivar as argucias do espirito humano para riso ou pasmo das gerações futuras.

Chorou, sentiu e soffreu com os mais tristes e os mais mesquinhos; é por isso que foi o Christo.

Ha-de parecer-lhe estranho, snr. Redactor, que seja eu (que há tanto tempo perdi o nome de christão!) quem venha falar d'estas coisas em terra aonde os há tantos

V. de C. Este no discurso de defesa verberou fortemente o *sentimentalismo* dos que cantavam a «mulher mais desbragada», que tinha encontrado em sua vida... demonstrando assim bem o quão fundo lhe doera a *Ermelinda*.» *(Nota do editor.)*.

e tão bons! Que quer! este seculo é um paradoxo, e até na minha fraca pessoa quer ter mais uma prova d'este seu espirito de contradicção.

E depois, snr. Redactor, nós outros, os excommungados, quando nos expulsão da Igreja, temos esta consolação, de encontrarmos á porta o Christianismo, que nos abre o seio para n'elle escondermos a cabeça carregada de duvidas, maguada de incertezas e dores sem conta. Ficam-se os sacerdotes e os eleitos da Fé com os seus templos, os seus altares, a sua consideração e as suas prebendas — nós, ficamos apenas com Jesus Christo. Não tendo já direito de vêr e amar a Deus na pedra das aras, na lettra gothica dos missaes ou na penumbra dos confessionarios, soletramos os Evangelhos nos olhos dos tristes e palpamos o vasto coração do Nazareno dentro nos peitos que as tristezas da terra encheram de infinitas esperanças do céu.

Isto traz-me ao assumpto d'estas linhas.

Eu ouvi uma manhã d'estas falar de Christianismo, como um Doutor da Igreja (ou, ao menos, como um Doutor da Universidade), a um homem cuja certidão de felicidade lhe anda estampada, desde a face ao ventre, na sanguinea e chorumenta redondeza d'uma personalidade de Imperador Romano d'outros tempos, ou deputado d'hoje, o que julgo ser tudo um.

Fez-me pasmo aquillo! e admirei, na minha humildade, o seculo em que os apostolos do Christo, selada em fim a paz entre corpo e espirito, podem já criar ventre e faces floridas de Pangloss, sem que com isso nada percam de sua seraphica sublimidade!

Á noute, esse mesmo apostolo fazia corar uma mulher publica com a irritante descripção de certos refinados

prazeres que nada deixariam a invejar aos da Roma de Juvenal, se não fossem infinitamente menos grandes e infinitamente mais porcos.

Comprehendi então o Christianismo d'estes martyres barrigudos. E, como já disse, á força que em tudo appareça o paradoxo do seculo, entendi eu, impio, que era á minha impiedade que competia ensinar a estes christão que as azas com que se vôa ao céu tanto as podem ter hombros vestidos de setim, como vestidos de chita de pataco; que fazer chorar os que um destino mau curva até ao chão é, além de dureza, cobardia excessiva; e que enfim, o respeito devido á mulher tem de se medir na proporção da infelicidade d'ella, e nunca na da consideração que lhe possa dar este estupido mundo onde em trevas vamos expiando não sei quaes escuras culpas d'outro passado mysteriosissimo.

Não querem dizer outra cousa os versos que se seguem.

ERMELINDA

Une femme qui tombe...
V. H.

Quem te deitou innocente,
Tremendo de frio e dor
Sobre o monturo da vida
Como cousa sem valor;

E essa face dolorida
Te fez empallidecer
Com o olhado da miseria,
Com o beijo de soffrer;

Póde gelar-te esses membros,
Encher-te de pallidez,
Furtar-te o chão da existencia,
Cad'hora, de sob os pés;

Mas o que essa mão não póde,
Com a gelada pressão,
Foi tirar-te o dom das lagrimas,
Foi seccar-te o coração!

Chora pois... Deus vê as almas
O mais é cousa mortal...
Vê-as sós — quer os ais saiam
Do palacio ou do hospital.

Sua mão, se faz estrellas,
É d'almas, que anda a colher...
E, pois o espirito sóbe,
Bem póde o corpo descer!

Que importa onde os pés se firmem,
Se é porque o olhar se erga á luz?
Bem pôdre é o chão dos mortos,
E lá se hasteia a cruz!

Como aos poços mais sombrios
Chega um raio de luar,
Podem tambem nascer lyrios
Á porta d'um lupanar...

E os seios que o mundo compra
No crapuloso leilão
A que preside a miseria...
Podem ter um coração!

Temos todos visto, ás vezes,
Sahir uma luz ideal
De cabeças que se encostam
Na enxerga d'um hospital!

Ah! deixa correr teu pranto
Sobre o chão do lupanar...
É sementeira de dôres
Que andas, triste, a semear.

Mas passe o *inverno* por cima.
Que a *primavera* há de vir!
As dôres, que tu semeias,
É no céu que hão de florir!

Oh! há lá quem conte as lagrimas
Que aqui se vão a chorar!
Debaixo dos nossos olhos
Anda-as Deus sempre a aparar...

Eu creio na Providencia!
O tronco seco da cruz
Rebenta no Paraizo
Para dar flôres de luz!

Ás faces que impallidecem
Ha-de as Deus inda corar
Com o reflexo dos cirios
Que ardem fá no seu altar!

E se os olhos se anuviam,
Escurecendo-se — Deus
Faz dos escuros da terra
A aurora eterna dos Céus!

Anthero de Quental.

CXXXV

A Redacção da Provincia

Porto, 11 de fevereiro de 1890.

Meu caro amigo

Peço-lhe a publicação das seguintes linhas:

Desde que cheguei ao Porto, durante a primeira visita, e agora, novamente, recebo a cada instante tantas

provas de sympathia e consideração de cavalheiros da cidade e de fóra, que me é absolutamente impossivel agradecer a todos de prompto, como desejava.

Peço, por isso, desculpa de qualquer falta.

As communicações officiaes que recebi e continuo recebendo serão apresentadas, diariamente, á commissão executiva da *Liga Patriotica do Norte*, e ahi terão o merecido louvor.

Não posso, comtudo, responder officialmente a ellas, sem que esteja organisada a secretaria da *Liga*, pedindo portanto, indulgencia tambem n'este caso.

O presidente da Liga Patriotica do Norte

Anthero de Quental.

Cedofeita, 127.

CXXXVI

A Sebastião d'Arruda da Costa Botelho

Villa do Conde, 1 de agosto de 1885.

Meu Sebastião

.....

Mando-te esses numeros da *Provincia* para veres o caracter imponente, que teve a manifestação do Porto e o tom a que o O. Martins tem sabido levantar o Progressismo, que tão desafinado andava. Verás tambem que elle não renegou, nem se desdiz. A bandeira que desfralda é a do Socialismo, como até aqui. Convencido como está, e estão todos os que sabem observar os factos, da incapacidade actual, (e que o será ainda por muito tempo), do partido republicano para fundar

seja o que fôr e vendo ao mesmo tempo a imminencia de uma crise pavorosa, o O. Martins fez acto verdadeiro de patriotismo, procurando aquelles elementos, que bem dirigidos e transformados, poderão por ventura fornecer ainda um ponto de apoio no meio do naufrágio. Um homem como O. Martins, não dá um passo d'estes, nem toma posição de tamanha responsabilidade, sem ter visto bem as cousas e estudado o melhor caminho. Tem sido approvado por muita da melhor gente. O O. Martins é o unico homem politico superior que temos, pois reune a um elevado caracter um saber vasto e não só theorico mas technico, e um poder de trabalho incomparavel. Quando um tal homem dá um passo, como elle deu, o dever da gente séria, ainda quando o não approve, é não o estorvar na sua tentativa, reconhecendo a pureza das suas intenções. Os republicanos porém, cobriram-n'o de insultos e imputações as mais baixas — e no dia seguinte o que fizeram? foram alliar-se com os regeneradores, para combater o movimento por elle iniciado, movimento que póde falhar, mas que é sem duvida sério e exprime o sentir nacional, pelo menos neste ponto de querer acabar com essa alliança da burocracia com a finança, que é a fatalidade do partido regenerador, origem da corrupção politica e de um systematico desgoverno. Destruir essa oligarchia burocratico-financeira, que nos domina e desmoralisa, ha tantos annos, e impedir por meio de leis convenientes que ella possa de futuro tornar a formar-se, parece me coisa muito mais importante do que uma simples alteração no caracter do poder executivo, cousa que deve ficar para depois, pois só as reformas economicas e financeiras tornarão aquella outra puramente

politica, não só possivel, mas fecunda e duradoura. Isto tanto mais, quanto está imminente a bancarrota e uma tremenda crise social; a proclamação da Republica, não só não remediaria esses grandes males, (pois que influencia póde ter uma reforma só politica nos elementos financeiros e economicos?) mas traria mais uma complicação e elemento de desordem, como ainda em 1873 se viu em Hespanha. Convem, pelo contrario, addiar essa questão, visto que não é urgente, e não complicar com ella a outra urgentissima. É de boa politica, como é de boa logica, dividir as questões para as resolver, e começar por aquellas, que resolvidas, podem facilitar a resolução das outras. Impedir que tudo venha a baixo parece ser a cousa mais urgente. Depois reformar a constituição economica, de modo a impedir que um tal estado de cousas possa vir a repetir-se. E só depois organisar a constituição politica, tanto no que toda ao legislativo, como ao executivo, de modo a dar estabilidade e duração aos progressos realisados. Pódes crêr que estas são hoje, como sempre foram, as aspirações do O. Martins, que continúa sendo tão bom socialista e republicano como era dantes. Eu, por mim, approvo-o inteiramente na marcha que vae seguindo, e desejava que toda a gente séria lhe désse o apoio indispensavel, ainda aos maiores politicos, para fazerem qualquer cousa. Se todos começarem a hostilisal-o, é claro que nada poderá fazer. Virá a terra, e com elle a ultima esperança d'este pobre Portugal. Então teremos o diluvio.

Adeus, meu Sebastião. Do teu do c.

A. de Q.

CXXXVII

A Sebastião de Magalhães Lima

Rua da Magdalena, 17 — 4.º (1878).

Meu caro Magalhães Lima

.....

O facto de ter eu mudado de casa fez com que só hoje recebesse o seu livro[1], cujo offerecimento cordealmente agradeço. Conhecia-o e havia-o lido já, levado pelo interesse com que sigo todos os symptomas do desenvolvimento dos estudos de philosophia social entre nós. Particularmente me interessa tudo quanto vem de Coimbra, porque cheguei á convicção que nada ha a esperar dos velhos, e que nada se podé racionalmente exigir d'elles. A impenetrabilidade da velhice ás idéas novas é um facto natural, e que até a physiologia ajuda a explicar. Nos velhos, o aferro ás idéas e sentimentos com que se crearam, e constituem como que a sua substancia moral, é uma prova (quando são capazes de tal aferro) de intelligencia e caracter. Não lh'o extranhemos pois: lamentemos antes serem tão raros esses exemplos de absoluta impenetrabilidade e resistencia porque os velhos indiferentes, tibios ou scepticos, sem por isso serem mais susceptiveis de conversão, não fornecem, como os outros, á *acção* conservadora aquella *reacção* sem a qual o movimento é impossivel. Se fôsse meu proposito deter-me mais sobre este ponto, diria que explico em parte a inferioridade moral e social da nossa patria, pela falta entre nós de verdadeiros

[1] *A actualidade. Estudo economico social.* Porto, 1872.

reaccionarios (conservadores e ultramontanos) falta que implica a correlativa de verdadeiros *revolucionarios* (socialistas e livre-pensadores). — Mas deixemos isto.

Encontro no seu livro os dotes d'um espirito moço, aberto ao sopro dos ventos vivificantes que se levantam com o amanhecer d'um dia novo da humanidade. Encontro n'elle tambem (pediu-me que fosse sincero) os defeitos do escriptor moço, que affirma idéas boas e justas, d'uma maneira porém ainda indecisa e que se não define d'um modo positivo na coherencia e exposição. Temos por exemplo as primeiras paginas do capitulo 2.º em que a doutrina da evolução historica, por incompletamente exposta, apresenta um ar de fatalismo historico e um caracter puramente naturalista e mechanico, que porventura não estaria no seu pensamento, escrevendo, e que decerto destoa da inspiração humana e liberal que presidiu ao seu escripto. As paginas que consagra a Fourier parecem-me tambem impregnadas d'uma admiração excessiva pela theoria phalansteriana, theoria cuja importancia philosophica é grande, mas cuja parte organica e sociologica é quasi a negação do verdadeiro socialismo, positivo, liberal e moral. Outros reparos da mesma natureza podia ainda fazer, e acrescentar alguma cousa sobre o estylo, que é desegual, aqui emphatico e alli quasi banal, e com um tom declamatorio que cada vez menos convem aos assumptos sociaes. Parece-me porém, inutil insistir nos defeitos do seu livro: se os indico e por pedido seu é para lhe mostrar que sou sincero. O que para mim é essencial é que o seu livro me revela aquellas qualidades que costumam fazer (depois de muitas paginas de ensaios mais ou menos felizes) os escriptores sérios:

talento, boa-fé, estudo. É quanto basta para eu lhe dar os meus parabens pelo seu livro. Quanto ao mais, o desenvolvimento espontaneo do seu proprio pensamento, irá mostrando, muito melhor do que eu, os lados fracos ou incompletos das suas concepções actuaes. O que me alegra intimamente é vêl-o pôr o pé na grande e solida estrada da escola Proudhoniana: por esse caminho vae-se direito e sente-se o terreno cada vez mais firme. Ha 8 annos que estudo Proudhon, e cada dia acho mais que aprender n'elle. Não me falla só á intelligencia; falla-me a todas as minhas potencias humanas. Na convivencia d'um tal Mestre não se ficará tão *sabio* (quero dizer erudito, etc.) como na d'outros; mas adquire-se, como em nenhuma outra escola, a inteira comprehensão do que é a grande verdade *humana*, individual, social, racional e affectiva.

Ora isto é que é o essencial, não lhe parece? Assim, pois, na communhão da grande escola Proudhoniana, saudo-o, meu caro Magalhães Lima, e digo-lhe *ávante!* como a um irmão nas crenças. Creia-me sempre

Seu muito affeiçoado
Anthero de Quental.

CXXXVIII

Ao general Sebastião Telles

Villa do Conde, 18 de Janeiro — 89

Ex.mo Sr.

Estou realmente envergonhado com V. Ex.a, pois só passado um anno depois de ter recebido o seu volume [1],

[1] *Introducção ao estudo das sciencias militares.*

e ainda depois a sua amavel carta, me chego a agradecer-lhe a preciosa offerta, que me fez.

Mas uma serie de negocios domésticos me absorveu a attenção durante quasi todo o anno passado, e só agora pude retomar a leitura do volume, que começára logo ao recebel-o.

Eu sou d'aquelles que pensam, como o marechal Moltke, que a guerra é um dos elementos permanentes da civilisação, e por isso me achei naturalmente no ponto de vista do escripto de V. Ex.ª O que Hobes dissera já no seculo 17 «bellum qua natura semper-eternum», mas deduzindo-o sómente da natureza animal do homem, póde e deve ser affirmado como deducção da sua natureza moral. A guerra, como disse Proudhon n'um admiravel e profundo escrito consagrado a este assumpto, é a ultima e mais segura pedra de toque da virtude das nações, ou seja, da sua capacidade de Justiça. — Sendo isto assim, considerar a arte da guerra como um elemento essencial da sciencia social, conforme V. Ex.ª fez no seu volume, e reclamar para ella um logar na hierarchia philosophica das sciencias, é chamar ao seu verdadeiro terreno uma questão que muita phantasia e muita sentimentalidade tem confundido deploravelmente. — A arte da guerra, sendo ao mesmo tempo um factor da civilisação geral, e um expoente indicador do grau de cada civilisação em particular, sendo ainda para me servir d'uma expressão mathematica, funcção de todos os elementos do desenvolvimento social, reflectindo, ainda no que tem de mais technico, a acção complexa de todos esses elementos, materiaes, scientificos e juridicos, a arte da guerra (a que todavia não chamarei sciencia, discordando n'este ponto de V. Ex.ª

tem de ser considerada pelo sociologo philosopho como um dos elementos do seu vasto dominio, cuja exclusão ou esquecimento importaria nada menos do que a perturbação completa das verdadeiras relações e proporções da sua construcção scientifica.

Já vê V. Ex.ª quanto concordo com o ponto de vista do seu livro, e por ahi póde avaliar o vivo prazer com que o li, prazer ajudado ainda pela clareza da exposição e fluencia de um estylo verdadeiramente didactico. — É um prazer que devo a V. Ex.ª e que cordealmente lhe agradeço, dando-lhe ao mesmo tempo os meus parabens pela sua notavel publicação.

E sou de V. Ex.ª

C.do m.to Obg.do

Anthero de Quental.

CXXXIX

A Theophilo Braga

Meu caro Theophilo

Fui-me descuidando com esta carta; está o vapor a partir e só lhe poderei dizer poucas palavras.

Para outra vez serei mais extenso; d'esta, porém, cumpre-me agradecer-lhe as suas paginas tão amigaveis como instructivas e que por isso duplamente apreciei.

O meu amigo faz bem em estudar, bem a si e aos outros.

Ha de haver sempre quem aprecie os seus trabalhos: e, pela natureza de alguns d'elles, senão dentro fóra do paiz com toda a certeza achará quem os saiba avaliar. A *Historia da Litteratura portugueza* deve ser

um livro altamente interessante, pelo exemplo e depois pela novidade. Deve lançar uma grande luz sobre muitos lados da historia politica e social, que por ora estão como que indecifraveis.

Mando-lhe esse prospecto porque não sei quem é o editor; senão remetia-lh'o a elle. Ignoro tambem qual é o modo de pagar o custo das assignaturas. Mas como não seremos os unicos assignantes certamente o seu editor deve providenciar.

Estou impaciente porque appareça a obra; tudo n'ella me interessa, tanto o fundo d'ella, como a parte de discussão e critica do Theophilo.

Preparo-me para aprender ali muitas coisas, e coisas muito boas indubitavelmente.

Adeus, meu amigo Theophilo.

Acceite o testemunho da estima com que sou seu

Amigo m.to Obrigado

Anthero de Quental.

CXL

Ao mesmo

Meu caro Theophilo

Escrevo-lhe para uma coisa que me parece boa em si, e em qualquer parte, e sobretudo util e opportuna entre nós actualmente. O Theophilo conhece o estado de miseria intellectual d'esta nossa terra, e é um dos que mais a lastima, sendo, até certo ponto, uma victima illustre d'ella. Temos resolvido, eu e alguns rapazes, novos e independentes (dos quaes o Theophilo conhece.

por exemplo: Eça de Queiroz, Adolpho Coelho, Manuel Arriaga, Oliveira Martins, José Falcão, Batalha Reis, respondendo eu pela seriedade dos outros, que não conhece) abrir em Lisboa uma Sala de *Conferencias livres*, livres em todo o sentido da palavra, não frequentada por convidados da litteratura, mas aberta a toda a gente, e de todas as condições, aonde se tratem as grandes questões contemporaneas, religiosas, politicas, sociaes, litterarias e scientificas, n'um espirito de franqueza, coragem, positivismo, n'uma palavra, com *radicalismo*. Pedimos, para isso, o concurso de todos os homens intelligentes e de independencia, tanto de Lisboa como da Provincia, que fallarão no nosso commum Instituto quando aqui se acharem, e que, mesmo sem virem a Lisboa fallar, já com os seus nomes e adhesão dão a isto garantia de seriedade, e de unidade, estabelecendo já n'este ponto descentralisação e federação provincial, que pode servir de exemplo a outros e n'outras espheras.

Temos um *programma*, mas não uma *doutrina:* somos *associação*, mas não *igreja:* isto é, liga-nos um commum espirito de racionalismo, de humanisação positiva das questões moraes, de independencia de vistas, mas de modo nenhum impômos uns aos outros opiniões e idéas, fóra do ambito marcado tão largamente á nossa unidade por esse commum ponto de vista. Seremos, em religião, pelo sentimento creador do coração humano, contra os mythos doutrinaes das theologias: seremos, em politica, pelo governo do povo pelo povo; em sociologia, pela emancipação do trabalho, em litteratura e arte, pelo fim social e civilisador da arte e litteratura, combatendo as tendencias egoistas e esteri-

lisadoras que hoje predominam. Dentro d'isto, todas as opiniões são perfeitamente livres, assim como todos os assumptos. O nosso fim é produzir uma agitação intellectual na nossa sociedade lançando em cada semana uma idéa ou duas para o meio d'esta massa adormecida do publico.

Serve-lhe isto? e podemos contar com o Theophilo? Podemos — já — contar com o seu nome ao lado dos nossos; e — de futuro, quando puder ou quizer — com a sua voz entre as nossas? Affirmo-lhe que vae em companhia séria e que o não envergonha. O meu nome pode dar-lhe, pelo menos, uma garantia de seriedade. Eu dou grande importancia a esta tentativa, não só esperando bons resultados directos, como, indirectamente, outros talvez maiores, por exemplo, o gosto das Conferencias desenvolvendo-se fóra de Lisboa, abrindo-se salas em Coimbra e Porto, etc. A minha imaginação galopa, n'essa região agitadora, ardente e animada. As difficuldades materiaes estão resolvidas: temos uma boa casa: falta-nos só a adhesão de alguns amigos, com quem contamos, para fazermos o nosso annuncio ou programma, feito o que começaremos.

Peço-lhe que me responda breve. Se não tiver tempo, diga só *Sim* ou *Não:* mas sem muita demora. Móro na Rua dos Prazeres, n.º 63, 1.º andar.

Adeus.

Seu sempre do coração

Anthero de Quental.

CXLI

Ao mesmo

Rua dos Prazeres, 63, 1.º

Meu caro Theophilo

Só agora posso responder á sua excellente carta, por que tem estado bastante doente o Batalha Reis, com quem vivo, e cujo enfermeiro tive naturalmente de ser. Foi essa mesma doença que demorou a publicação do Programma das Conferencias. Appareceu finalmente, dando logar a muito commentario sem-sabor e malevolo, mas tambem a adhesões sympathicas, e é isso o que importa. Hontem lh'o mandei pelo correio, reservando-me para lhe escrever hoje, apertando-lhe de longe a mão muito cordealmente, pelas boas palavras que nos diz, e pelo seu apoio fraternal e tão valioso. Quando o teremos cá? O Theophilo não se desloca só por isso: mas não virá alguma vez a Lisboa? e não farão as Conferencias com que algum vago projecto de viagem a Lisboa, que talvez tenha phantasiado, tome consistencia e se realise? n'esse caso cá tem um logar, e abertos para o receberem alguns braços leaes e amigos. — Vamos a vêr o resultado d'isto: se fôr o que nós desejamos, e até certo ponto prevêmos, ha mais d'um plano subsequente que se podia realisar, planos que n'outra carta lhe exporei. Talvez d'isto possa sair uma *Revista*, mas uma verdadeira *Revista*, como lá fóra se fazem, e como é vergonha não ter ainda havido uma entre nós. Mas tudo isto são projectos. Por ora, mil

agradecimentos fraternaes, meus, do Batalha Reis e dos outros rapazes.

Hoje mesmo recebi uma carta assignada por um nome desconhecido para mim, mas pelo theor d'ella vejo que a pessoa não m'o deve ser. Entretanto não sei quem é, e como se me pede uma apresentação para um amigo meu, e se falla no Theophilo, peço-lhe que me diga alguma coisa que eu ponha ao pé do nome de Manuel Jacintho de Monte Bastos, que tal é o nome de quem assigna a carta. Adeus, meu caro Theophilo: *salut et fraternité!*

Seu do C.

Anthero de Quental.

CXLII

Ao mesmo

Meu caro Theophilo

Usei do seu nome, sem o consultar precisamente, para o juntar aos dos nossos amigos n'uma adhesão ao protesto contra a Portaria do Avila. Fiz isto por que, urgindo que o protesto dos outros conferentes, que não estavam em Lisboa, apparecesse (visto que já se estranhava essa falta) entendi que de modo algum ia contra as suas intenções, e os seus sentimentos pondo o seu nome entre os dos outros amigos. Eu conheço o seu caracter, e tenho tal confiança n'elle que não hesitei um momento. Participo-lh'o agora, por que só agora o posso fazer. Hoje aparece uma *Carta* minha ao Marquez d'Avila, que não o deve contentar muito. É um folheto, que lhe enviarei mal apareça. Além d'isto,

eu e o Batalha, como responsaveis, vamos requerer um processo, para ver se os miseraveis teem a *audacia da cobardia* de o recusarem! A reacção triumpha, mas esse momentaneo triumpho mais nos anima. É trabalhar! A imprensa tem-se geralmente pronunciado a nosso favor. Saiba que o Avila fez questão ministerial d'este negocio. Os padres e os judeus estavam de mãos dadas contra nós: é um casamento incestuoso muito significativo. Deixal-os! lamento-os, porque não teem o que a nós nos consola de tudo: a boa consciencia.

Adeus, meu Theophilo

Seu do C.

Anthero de Quental.

CXLIII

Ao mesmo

Meu caro Theophilo

Não respondi ainda ás suas boas e amigaveis cartas, por me faltar litteralmente o tempo para isso.

Da sua completa adhesão nunca eu um instante duvidei, por que conheço bem as suas idéas e o seu caracter. Nós não estamos vencidos, visto que luctamos com uma consciencia alegre, emquanto a dos nossos inimigos deve ser turva e pesada.

As Conferencias hão-de continuar; concordo que a fórma nos fez mal, e que foi imprudente dar-lhes exteriormente um caracter revolucionario.

O Batalha Reis está imprimindo uma Carta ao Avila, que é um modelo de logica, e de elevação de pensa-

mento. O Adolpho (com quem me entendo perfeitamente) publicou tambem uma Carta, em que põe perfeitamente a questão, ainda que com pouca vehemencia. A minha Carta tem umas poucas de coisas que destôam; um gracejo de máo gosto, e uma accusação particular (a respeito do nome do pae) em que se não devia fallar a não ser coisa provada da maneira a mais evidente, e parece que não está effectivamente provado. Isto desgosta-me: não estou contente com a Carta toda, mas só com alguns bocados. É o que tem escrever debaixo da pressão de uma necessidade de publicar o mais breve possivel: com tres ou quatro dias de intervallo, tinha-me aquillo saido irreprehensivel; mas não foi possivel. Paciencia!

Quanto á lembrança de fazer ahi uma edição, agradeço-lh'a, mas é escusado, porque já para ahi foram alguns centos de exemplares, e extranho não estarem ainda á venda. O offerecimento do Anselmo de Moraes commove-me, como um testemunho de dedicação ás idéas, tão bello quanto é raro. Escrevo-lhe essa carta, que vae por sua mão, visto ignorar a morada d'elle.

Estou impaciente pelo apparecimento do seu novo livro, que considero capital para a Philosophia da Historia portugueza. A verdadeira historia é essa, a da alma do povo, como a concebeu e executou Michelet, não a analyse secca, que faz da humanidade um cadaver. — Eu tenho tambem entre mãos um livro sério, *Programma para os trabalhos da Geração nova*, que é uma exposição das idéas revolucionarias, philosophicas, politicas, economicas e moraes. Mas, quando e como o poderei fazer? a acção faz perder um tempo

precioso, e indispõe o espirito para o trabalho meditativo. Verei se tenho paz e concentração este verão para estudar e escrever. Estamos tanto mais obrigados a ser claros e demonstrativos, quanto ninguem está preparado por cá para certa ordem de idéas. — Como na Questão litteraria, de 65 a 66, a questão actual tem sido para mim de grande ensino, por que tem feito revelarem-se grandes miserias moraes no meio d'esta gente, — e isto para nós é sempre uma util lição. Ha uma falta de ideal que assombra, ainda que a mim não me espanta, porque ha muito que os conheci e julguei.

A minha Conferência deve a estas horas estar impressa: enviar-lhe-hei o primeiro exemplar que receba. Citar ali o Theophilo era um dever antes de tudo, e depois uma consolação para mim, por que eu devo-lhe palavras publicas de justiça, que ainda não disse como quizéra, mas que hei de por força dizer, talvez quando agora apparecer o seu livro. — A minha Conferencia poz a questão em termos claros e ao alcance de todos, e isto parece-me o essencial.

Adeus.

seu Amigo

Anthero de Quental.

CXLIV

Ao mesmo

Meu caro Theophilo

Recebi ha dias o seu livro, mas só hoje pude começar de o lêr, por que tenho estado doente, e com febre, e

impossibilitado d'este modo de ler coisa que me pedisse muita attenção. Agora posso dar-lhe toda; e dir-lhe-hei depois as minhas impressões. Que energico trabalhador é o Theophilo! Admiro, e invejo a sua coragem, que é dupla, tanto para emprehender obra da magnitude da *Historia da Litteratura portugueza*, como para o fazer em Portugal, aonde a critica official está lavrando o mais accusador documento da sua vileza, negando-se systematica e malevolamente a fallar dos trabalhos do Theophilo. *Amen dico vobis, recepient debitam mercedem.*

Escrevo-lhe hoje para lhe participar que temos feito uma analyse ao parecer do Procurador da Corôa o respeito das Conferencias, que tencionamos publicar collectivamente e assignada por todos. O escripto é grande e levaria muito tempo a tirar copia, mas digo-lhe a idéa d'elle. Deixamos a questão *legal*, declarando que não é comnosco, mas com o mundo *legalmente constituido*, e encaramos o parecer como um documento politico, significativo pelo que indica das tendencias retrogadas dos nossos homens de Estado, e pela ignorancia das verdadeiras questões modernas que accusa da parte d'elles. Mostramos como o Socialismo não é uma agitação superficial e subversiva, mas uma natural evolução historica, fatal e justa, como a missão do Estado é não contrariar estas tendencias espontaneas de uma sociedade que se renova; como os governos, que assim não obram, são incapazes e indignos de ser governo; como os homens de Estado e conselheiros da corôa, que votam pela perseguição, não só mostram essa incapacidade e ignorancia flagrantes, como são verdadeiramente réos publicos por que provocam á luta

de classes e á guerra civil. Terminamos declarando, que não nos merecem consideração de especie alguma os nossos grandes homens officiaes.

Sei que o Theophilo está por tudo isto: todavia, não uso da sua assinatura para este fim sem que seja por si authorisado a fazel-o. Peço-lhe pois que, com a possivel brevidade responda a este respeito.

Na sua ultima carta vinha uma lembrança excellente, e que nós aqui abraçámos para logo. Refiro-me á idéa de uma publicação popular de folhetos revolucionarios, e estamos eu, Batalha, O. Martins e Fuschini promptos para trabalhar. A publicação, em si, é que offerece as difficuldades sabidas. Vamos a ver se as sociedades republicanas aqui e ahi tomam algum desenvolvimento; se é possivel dar-lhes unidade e consistencia com um Centro, e depois por esse Centro, que deve dispôr de meios e ter por um dos seus fins a propaganda, trataremos de organisar essa propaganda systematica. Isto tem ainda de ficar algum tempo em projecto, maximamente n'este mez de férias, em que ninguem se reune, por estarem fóra, ou por outros motivos filhos da estação. Veremos este inverno.

Saiba que o Oliveira Martins nos voltou de Hespanha com um magnifico trabalho de historia politica-social philosophica sobre — *Portugal e os Lusiadas.* — Está profundamente pensado e excellentemente escrito, não como um trabalho propriamente litterario e de historia litteraria (isso deixa elle ao Theophilo: *suum cuique*) mas de critica social; não no gosto de Taine mas de Quinet. É a philosophia da historia do seculo XVI em Portugal, com a critica das conquistas, e a apreciação das consequencias até hoje. Lembrámo-nos, para a

publicação, do seu editor. Com o livro do Theophilo sobre Camões e com este, que se completam um pelo outro, teria elle publicado tudo quanto ha a dizer a respeito de Camões, dando em edição egual dois livros fundamentaes. Como negocio, estou que tambem lhe convirá; tanto pelo assumpto, como pelas coisas novas e atrevidas que diz, estou certo que tem venda segura. Assim pedimos ao Theophilo (o O. Martins foi a Hespanha, e encarregou-me de lhe escrever em seu nome) queira propôr ao Moraes a publicação do livro: dará um volume in-12 de 250 a 300 paginas. O Martins nada mais quer senão que lh'o publiquem, e 40 exemplares para si, dando-se por pago com isto. Não ha condições mais aceitaveis.

Veja o que o rapaz responde, e informe-me quando puder.

Adeus. Ainda estou fraco, por isso não escrevo mais.

Seu do C.

Anthero de Quental.

Rua dos Prazeres, n.º 63, 1.º

CXLV

Ao mesmo

Meu caro Theophilo

Escrevo-lhe á pressa, e por isso vou directamente ao assumpto.

Junto com esta, receberá algumas duzias de exemplares do aviso que os membros da Internacional em Lisboa (entre os quaes estou eu) dirigem aos officiaes

serralheiros e caldeireiros de Lisboa e Porto a respeito da gréve de Santo Antonio, em Sevilha. Alem de que a solidariedade operaria impõe como dever a não darem os trabalhadores de uma nação armas aos capitalistas contra os trabalhadores de outra nação, é um aviso caridoso, porque o estado da classe operaria em Sevilha é tal que corriam talvez risco serio os que se aventurassem a seguir os fallazes *engajadores* que se acham entre nós.

Pelo Anselmo penso que será possivel fazer distribuir esses exemplares pelas officinas ou fabricas d'ahi onde haja operarios d'estes dois officios. Essa distribuição deve ser feita com mysterio, para se não vêr de que mão parte. Conto comsigo.

Seu do C.

Anthero de Quental.

CXLVI

Ao mesmo

Meu caro Theophilo

O portador d'esta carta, que é pessoa muito da minha amizade, é egualmente nosso patricio, ainda que expatriado, titulo que o Theophilo deve apreciar; tenho o gosto de lh'o apresentar, pedindo-lhe que o encaminhe, no que puder, no negocio que o leva ao Porto.

Aproveito a occasião, para lhe agradecer a sua boa carta, e a sua cordeal adhesão, que nos é preciosa. Devemos começar dentro em dez ou quinze dias. Do

que houver lhe darei parte. Adeus, meu caro Theophilo: creia-me seu amigo.

Anthero de Quental.

CXLVII

A Tommazzo Canizzarro

Villa do Conde, ce 6 Août 8[1].

Mon cher poëte

J'ai reçu, en effet, il y a deux ou trois ans, votre volume *In Solitudine;* mais comme je n'y trouvai nulle part le nom de l'auteur, il me fut impossible de vous faire savoir combien j'avais aprïecié votre charmant cadeau. Je le regrettais d'autant plus, que la lecture de votre livre m'avait fait entrevoir, derrière le poëte exquis, l'homme à l'intelligence large et au cœur haut placé — c'est-à-dire, un poëte *complet*, ce qui est rare. L'introduction de votre livre est pleine de choses justes et fines, finement rendues. On sent que votre esthétique est faite d'observation et d'expériences personnelles et c'est là la bonne.

La plupart de vos poèsies m'ont semblé admirables: j'en ai dintingué au moins une vingtaine tout à fait parfaites, par la délicatesse du sentiment ou l'élévation des pensées et la verité, *la loyauté* de l'expréssion. J'ai rélu trois et quatre fois et toujours attendri, les vers si touchants que votre cœur de père et de poëte a consacrés à une mémoire chérie: j'en sais plusieurs strophes par cœur.

Les *Fiori d'Oltralpe* m'ont fait connaître d'excellents poëtes dont j'ignorais même le nom, vos siciliens d'abord

et puis les allemands, Bodenstedt, par exemple. Là où je connais les originaux, vos traductions m'ont semblé très remarquables. Votre connaissance des langues et de littérature étrangère est vraiment étonnante.

Puisque vous avez envie de lire encore quelque chose de ma façon je vous envoie mes *Odes Modernas*. Je doute qu'elles puissent vous plaire beaucoup. Pour moi, ce livre a cessé, depuis longtemps, de me plaire. Cette poésie de combat, révolutionnaire et déclamatoire, me semble maintenant un genre faux. Ma seule excuse c'est que, j'avais 23 ans quand je publiai ce livre, que j'etais absolument sincère et que j'ai mis là toute la foi et la passion dont s'ennivrait alors ma jeunesse et celle d'une partie, (et la meilleure) de la génération à la quelle j'appartiens. Toutefois, quelques compositions, qui portent une date plus récente, et dont le ton est déjà plus calme et plus philosophique, trouveront peut-être grace á vos yeux.

J'ignorais absolument l'existence de ce Nolasco da Cunha, dont vous me parlez. J'ai prié un de mes amis, assez fort bibliophile, de faire pour vous des recherches. Il vient de m'ecrire, qui il n'y a pas d'écrivain *portugais* de ce nom. Mais il ajoute qui il se peut très bien que ce soit un *bresilien* et il croit se rappeler qu'il y a à Paris un N. da C. brésilien, correspondant d'un grand journal dn son pays. S'il a publié sa traduction à Paris, ce doit être chez Aillaud ou chez Garnier Frères, les seuls libraires français qui impriment des livres en portugais. En fait de littérature, nous ignorons ici absolument ce qui se fait au Brésil.

A peine connaisons nous 5 ou 6 écrivains brésiliens,

le plus illustres, naturellement, et encore on ne les lit guère. Cela tient á ce que la langue qu'on parle là-bas n'est pas encore assez éloignée du portugais pour constituer franchement un dialecte, en même temps qu'elle l'est déjà assez pour que leur style nous semble incorrect et baroque. Cela n'ôte rien au mérite intrinsèque des écrivains brésiliens, qui est très réel pour les poëtes, et même considérable pour quelques uns d'entre eux, comme Magalhães, Gonçalves Dias, Alvares de Azevedo, Casimiro de Abreu et Junqueira Freire. Ce dernier, moine à 20 ans, défroqué à 23, et mort à 24, avait véritablement du génie. Mon cher poëte, je vous presse la main bien tendrement hélas! — en idée seulement. Faut-il qu'on se connaisse pour ne pas se connaître, quand on se convient!

Tout à vous de cœur

Anthero de Quental.

Reçu la notice sur Stromei.
Merci de me l'avoir fait connaître.

CXLVIII

Ao mesmo

Villa do Conde, ce 10 Mars 1884.

Mon cher Confrère

Je suis bien en rétard avec vous mais un poëte doit comprendre et savoir excuser cette maladie invétérée des poëtes — la paresse épistolaire. En fait, je voulais aussi vous envoyer ma photographie: mais demeurant à la campagne et n'allant que très rarement à Porto,

cela a contribué aussi à mon rétard. Enfin, voilà mes excusses faites et je m'empresse de vous remercier de l'envoi de votre photographie, et surtout de votre charmante et amicale lettre, dont les sentiments douloureux me vont directement ao cœur.

Je vois que mes *Odes* vous ont plu, et *plaire* en art et en littérature, c'est tout. J'aurais donc mauvaise grace à dire encore du mal de mon pauvre livre, quoique je reste toujours convaincu qu'il y a là, généralment (et surtout dans la deuxième partie) plus de passion et d'exaltation que de vraie poésie. Mais n'allez pas croîre, je vous en prie, que je suis devenu un réactionnaire, un *réac* comme ils disent à Paris. Non je reste aussi révolutionnaire que jadis, peut-être plus, mais j'ai transporté mon ardeur dans des régions plus hautes, trop hautes pour n'être pas séreines. Je dois cela un peu à la philosophie des livres, et plus encore à celle de l'expérience et de l'âge — car j'ai déjà doublé le cap de la quarantaine — et du jeune jacobin de 1864 il ne reste guère plus que la peau d'un vieux philosophe, sachant trop bien que la colère, même la colère de la justice, est encore un reste d'ignorance, et que le monde ne sera définitivement sauvé que par la Raison sœur jumelle de l'Amour. Il ce peut que la passion et la violence aient encore, et avant peu, à jouer un grand rôle, pour déblayer les restes du vieux monde et rendre possible la construction du nouveau. Je prévois de grandes convulsions. Mais ce ne sera là que l'œuvre aveugle, quoique nécessaire, de la Nature: ce qui se fondera après ne sera fondé que par la Raison et par l'Amour. Mais me voilà bien loin de mon pauvre bouquin. Je voulais seulement vous dire que je le

trouve aujourd'hui trop exalté trop *jacobin* — ce qui, à mes yeux, constitue un grave défaut, aussi bien sous le rapport philosophique, que sous celui de l'ésthétique. Mais puisque il a plue à un poëte tel que vous, je croirai désormais qu'il doit valoir plus que mon implacable criticisme ne me le laisse voir. Je vous envoye la *Lira intima* de Araujo, un de nos plus jeunes poëtes, a qui j'ai pàrlè de vous et qui m'a prié de vous faire parvenir son volume. Ce petit livre vous donnera une idée du ton et des tendences générales de notre jeune école: trop de musique et trop de style, et pas assez de pensée — selon moi. On tourne ici, comme partout, au Parnassisme.

Mon cher poëte, je vous serre la main bien affectueusemente. Écrivez-moi quelques fois — et pourquoi pas en italien? j'aime votre belle langue et la comprends assez bien, quoique je n'ose pas l'écrire: je suis donc forcé de me servir de ce méchant français. Ce n'est pas votre cas.

Tout à vous de cœur

Anthero de Quental.

CXLIX

Ao mesmo

Villa do Conde, ce 10 Janvier 1885.

Monsieur et cher poëte

Mes souffrances nerveuses se sont aggravées dans ces derniers temps, et voilà pourquoi j'ai laissé passer tant de mois sans vous écrire. J'ai reçu votre dernier

petit volume *(Cianfrusaglie)* où j'ai trouvé des choses bien belles et d'une grande force d'expression. Mais j'ai frémi, cher poëte en y rencontrant tant de passion, tant d'amertume. Je crains que tout cela ne soit *réel* et alors comment pourrez — vous guérir? Pour nous autres, pauvres poëtes, la névrose est inexorable, si nous ne savons pas lui opposer le plus grand calme de l'imagination et des sens: il faut que la force d'*idéalité* absorbe teutes les autres et triomphe des nerfs par l'esprit pur. Permettez, mon ami, ces conseils à mon expérience, qui est vieille de 8 ou 10 ans de souffrances nerveuses, et depuis ce temps là je ne vis guère que par la vertu de cette abstention et de cette sérénité que je vous prêche. En tout cas, ne voyez dans mes paroles que l'expression du vif intérêt que je vous porte et de l'inquiétude que les mauvaises nouvelles de votre santé ont produite en moi. J'ai reçu hier votre *cartolina* et je vous remercie de l'intérêt que vous montrez pour ma reputation poétique — mais la vérité est que dans le genre érotique je ne crois avoir jamais rien fait qui mérite d'être traduit surtout dans la langue de Pétrarque et du Tasse!... Ainsi je ne vous enverrai pas, coupées dans les vieux journaux de il y a 20 ans, les productions de ma Muse érotique, qui, vraiment n'ont rien d'original ni de piquant. Du reste, nous autres Portugais, si nous avons, la tête épique et lyrique, nous ne l'avons pas du tout érotique à tel point que, depuis Camões (qui, lui, était complet et supérieur en touts genres) nous avons attendu jusqu'a 1860 pour voir paraître un poëte érotique véritablement supérieur et que nous puissions opposer aux plus remarqaables parmi les étrangers. Il s'appelle João de Deus

et est, selon moi, le seul qui mérite de prendre place dans le Panthéon poétique de votre ami, où on ne doit admettre que de pure chefs-d'œuvre. Je compte aller à Porto un de ces jours, et de là je vous enverrai un de ses volumes. Herculano, dont vous me parlez dans votre dernière lettre, a été un des hommes les plus remarquables du Portugal en ce siècle. Historien, moraliste et poëte, son œuvre et sa personne ne font qu'un tout grandiose. Parmi ses romans historiques, son «Eurico» a acquis chez nous une grande popularité, et je la crois méritée. Mais je m'étonne qu'un philologue comme Mr. Podhorszky admette un seul instant qu'un poème roman, écrit aujourd'hui (et dont l'action se passe à l'époque de la chute des Goths en Espagne et de la conquête arabe) puisse être un œuvre vraiment supérieure et où l'on trouve «Dante, Caton et Tacite réunis en un seul grand poëte!!» La vérité est que «l'Eurico» de Herculano est une de ses compositions de genre hybride, comme les «Martyrs» de Chateaubriand, irrémédiablement entachées de romanesque et de patische qui peuvent contenir des pages admirables mois qui ne prendront jamais rang parmi les œuvres de premier ordre, «Eurico», étant écrit par un homme supérieur, penseur et poëte profond, contient de très grandes beautés, des pages éloquentes, brillantes ou poétiques: on sent, à travers le romanesque de l'action, le souffle d'un esprit noble et fort et celà a suffit pour lui donner une juste popularité — d'autant plus que le romanesque et l'exageré de l'action, quand elle est poétique, ne nuit pas dans l'estime de la foule, au contraire. Mais nous autres, qui ne sommes pas foule, nous devons faire nos restrictions et maintenir les prin-

cipes de la véritable esthétique. Mr. Podhorszky pour un philologue, n'est pas trop romanesque! Adieu, mon cher poëte. Je vous souhaite une bonne année pour 1885. Votre dévoué.

Et votre santé.

A. de Quental.

CL

Ao mesmo

Villa do Conde, 24 de Junho 1886.

Meu caro Poeta e Amigo

Não sei se quererá perdoar-me este longo silencio em que o tenho deixado, maximamente depois da sua ultima carta, não só boa e affectuosa, mas fraternal. Só uma cousa poderá interceder por mim, é o estado deploravel dos meus nervos, ou, como agora dizem, a nevrose, que durante larguissimos periodos, deixando-me intacta a intelligencia, me entibia a vontade e me impede de fazer as cousas mais simples justamente quando desejo fazel-as. Assim creia, immensas vezes me tenho lembrado de V. e relido as suas cartas e desejado responder á sua ultima que tão grata me foi ao coração — em que todavia, por esta incomprehensivel desorganisação da vontade, o tenha podido realisar no decurso de tantos mezes! Sentindo-me hoje um pouco melhor, aproveito a occasião para reatar a nossa correspondencia. Alegrou-me immenso vêr o apreço em que V. ficou tendo o nosso João de Deus, pois alem de o considerar como um dos primeiros lyricos d'esta segunda metade do seculo, sou amigo d'elle in-

timo desde os bancos da Universidade, isto é, ha mais de 20 annos. Para completar a sua impressão, dir-lhe-hei que no João de Deus o homem corresponde inteiramente ao poeta, que a sua personalidade e a sua vida teem a mesma suavidade, a mesma belleza igual e natural, a mesma exuberancia de sentimento e a mesma simplicidade, que nos encanta nas suas composições: que apezar de ter cursado a Universidade, J. de Deus não é um poeta que aprendesse ou estudasse, mas que se fez a si e tirou tudo da sua originalidade e genio creador incomparavel, não tendo em toda a sua vida lido mais do que meia duzia de livros (a Biblia, Virgilio, o Dante, o Camões, alguma cousa de Hugo e pouco mais) e preferindo como mestre da lingua, a todos os escritores, o falar nativo do nosso povo rural: finalmente, que coroou a sua carreira com uma obra de genio d'outra ordem, e onde geralmente se não suppõe que possa haver logar para o genio compondo um methodo de leitura (o que nós chamamos Cartilha) obra em que, apezar de ignorar completamente a linguistica e a pedagogia modernas, e guiado só pela analyse e a lucidez logica do seu espirito, merecem o maior louvor de pedagogicos allemães dos mais distinctos, entre elles a Carolina Michaëlis. Dou-lhe estes pormenores por entender que tratanto-se d'um poeta do valor do João de Deus, V. não os achará faltos de interesse. Encontrei recentemente com prazer o seu nome, na dedicatoria da tradução allemã das *Nuvens* do Petöfi pelo seu amigo Meltzl. Para mim foi aquelle livrinho uma verdadeira revelação pois só de nome conhecia o Petöfi e só como poeta politico. Que admiravel poeta lyrico! Que profundidade e originalidade.

em tão artistica concisão! Comprehendo o entusiasmo de V. e dos outros Petofianos, pois eu mesmo, se o estudo cada vez mais absorvente da Philosophia me não afastasse da poesia e até das letras, quereria tambem fazer-me Petofiano. Por poesia e lettras, participo-lhe que, como despedida a esse mundo encantado, vou publicar o meu ultimo (ultimo e derradeiro) volume de versos, sendo a collecção completa dos meus Sonetos, collecção, por assim dizer, cyclica, pois abrange o periodo inteiro da minha evolução intellectual e sentimental, desde 1860 até 1880. Não sei o que poderá valer como arte: mas, em todo o caso, valerá como um documento psychologico, como as «memorias d'uma consciencia» n'este nosso periodo tão tormentoso e confuso. Tomei a liberdade de dedicar a V. um d'aquelles Sonetos para que dure, em quanto o livro durar, a memoria do fraternal encontro dos nossos dois espiritos.

O volume recebel-o-ha V. talvez antes do fim de Julho.

E, antes de me despedir, vou pedir-lhe uma informação; e é se existe alguma edição *accessivel* das Poesias italianas de S. Francisco de Assis, de que só conheço uma por V. publicada: mas o que sobre essas Poesias dizem o Taine na sua «Voyage en Italie» e o Ozanam no seu estudo «sur les Poëtes franciscains» estimula-me muito a lel-o no original.

E Adeus, meu caro poeta. Disponha de mim e creia que, ainda quando deixo passar muitos mezes sem lhe escrever, a sua lembrança me é sempre presente.

Do seu amigo — M.º do coração

Anthero de Quental.

CLI

Ao mesmo

Villa do Conde, 2 de Outubro 1886.

Meu caro poeta e Amigo

Estive vendo que livro do nosso Oliveira Martins lhe enviaria, que ao mesmo tempo lhe interessasse pelo assumpto e lhe patenteasse com mais relevo a maneira e pontos de vista d'este notabilissimo escriptor. Pareceu-me que a «Historia da Civilisação Iberica» reunia mais que nenhum outro essas condições e ahi l'ha envio. Oliveira Martins é antes de tudo um Economista da feição d'aquelles a quem na Allemanha chamam *Kathe-der-Socialisten*, que completam a sciencia economica com a historia e ainda a psycologia, considerando as sociedades como organismos vivos, que não podem ser bem comprehendidos senão syntheticamente e em relação a todas as condições de meio e de tradição peculiares a cada uma d'ellas. Tal comprehensão das cousas, pela sua mesma complexidade, nunca poderá ser popular, mas creio que é a unica verdadeiramente scientifica. Entre nós os livros do Oliveira Martins teem sido mais lidos do que comprehendidos e fazem sobre tudo o effeito de brilhantes paradoxos — *Sancta simplicitas!* E deixe-me dizer-lhe, incidentemente, que em Portugal não ha o «importante movimento litterario» que de longe lhe parece haver. O que ha é um pequeno numero de fortes individualidades, destacando-se sobre um fundo de geral mediocridade, correlativa ao baixo grau de vida politica e intellectual da nação. Mas assim

como não saem do espirito nacional nem o representam, assim tambem não tem acção perceptivel sobre elle: vivem como que sobre si, alimentando-se das correntes do espirito europeu, escrevendo em portuguez mas com uma alma estrangeira... Mas explicar-lhe o estado intimo, psychologico da vida nacional portugueza no momento actual, fôra assumpto não para uma carta mas para um volume. Por isso dou de mão a essa materia.

Quanto ao que me pergunta do João de Deus, posso responder-lhe com alegria que é vivo e espero que o será ainda por bastantes annos, pois é relativamente moço tendo nascido em 1836. Ha porém 8 ou 10 annos que deixou de produzir, todo entregue ao seu bello apostolado do *A B C*, do qual como todos os apostolos espera para o bem geral muito mais fructo do que razoavelmente se pode esperar de cousa humana, seja ella das melhores. Mas onde não entra uma ponta de illusão, não pode haver verdadeiro enthusiasmo. É assim que este admiravel poeta, envelhecendo, corôa a sua velhice como uma obra de apostolo, não menos poetica, toda votada á infancia, ao futuro. Cada vez desconfio mais, meu caro Amigo, de que o excesso de critica, de reflexão e estudo a que os filhos d'este seculo ultra-sabio nos submettemos, é um mal, porque como diz o Hamlet:

> ..... thus the native hue of resolution
> Is sicklied o'er with the pale cast of thought;
> And enterprises of great pith and moment.
> With this regard, their currents turn awry.
> And lose the name of action.....

Creia-me meu caro Poeta seu muito dedicado.

A. Quental.

CLII

Ao mesmo

Villa do Conde, 5 de Dezembro
1886.

Meu caro Amigo

Não sei por que esquecimento deixei em tempo de lhe enviar esse outro volume do João de Deus: *Folhas Soltas*. Remedeio agora a esse esquecimento. Ha n'este volume muita cousa satyrica e jocosa, que só os da terra podem apreciar e até entender, pelas allusões a cousas e pessoas de cá e pela linguagem familiar. Entretanto, no meio dessas composições especiaes, que para V. não offerecem interesse, encontrará outras lyricas, do mais alto valor, e até não sei se diga das mais bellas entre todas as d'este incomparavel poeta, pelo menos estheticamente, pois representam o seu periodo de equilibrio e madureza perfeita, o periodo *classico* (se assim posso dizer) em que cada artista ou poeta attinge a sua *maneira* definitiva e a plena harmonia das suas faculdades de expressão. Pelo contrario 3 ou 4 d'essas composições (como por exemplo «Quando a luz dos teus olhos contemplo») são das primeiras que elle fez e quasi ao sair da adolescencia. João de Deus, como Raphael, tem variado umas poucas vezes de *maneira*, sem deixar de ser sempre o mesmo. Mandei-lhe, haverá 2 mezes a *Historia da Civilisação Iberica* do Oliveira Martins. Como porém me esqueci de a fazer registrar e o correio, quando se não toma essa segurança, é muitas vezes infiel, fico na duvida se o meu amigo a recebeu ou não. Peço-lhe me diga

uma palavra a este respeito: pois, se o livro se extraviou no correio, como é possivel, tratarei de lhe enviar outro com mais seguranças.

Do seu amigo muito affectuoso

Anthero de Quental.

CLIII

Ao mesmo

Villa do Conde, 30 de janeiro 1887.

Meu caro e bom Amigo

Só ha dias, voltando a casa depois d'uma longa ausencia, encontrei a sua amavel carta e juntamente os dois livros de que me fala. Li-os com interesse e prazer. *O Pipetto* tem effectivamente, como diz, bastante de aristophanesco e a satyra que contêm não se applica só á Italia, mas *mutatis mutandis* a todas as nações latinas que, como a Italia se acham na phase funesta para tudo quanto se diz franqueza de caracter e elevação moral. Assim appreciei o *Pipetto* duplamente, pois tenho debaixo dos olhos os *pedantes* indignos da baixeza e hypocrisia que ali são, com veia verdadeiramente satyrica, estigmatisados. Quanto ao livro do seu amigo Arenaprimo, é não só de interesse pelo assumpto, como de agradavel leitura revelando já no seu auctor dotes de historiador, no que diz respeito à boa ordem e proporção das partes e sobriedade no dizer, condições primeiras de toda a boa composição historica. Peço-lhe que transmitta ao seu joven amigo os meus parabens

pela galhardia com que se estreou no vasto campo de historia, e justamente os meus agradecimentos pela delicada offerta com que teve a benevolencia de me contemplar.

Já enviei ao Oliveira Martins o exemplar que lhe era destinado e creio que em breve dará noticias suas. Entretanto, como deseja saber a morada d'elle, dir-lhe-hei que é no Porto, Rua das Aguas Ferreas, 39. Quanto ao João de Deus, vive em Lisboa, sendo a sua morada na Rua de Santo Antonio á Estrella, 138. D'este nosso lyrico lhe enviei, haverá tres mezes, o volume das *Folhas Soltas* onde ao lado de muitas phantasias epigrammaticas ou burlescas e de interesse só local, encontraria algumas das mais bellas inspirações lyricas do Auctor. Como enviei d'esta vez o volume *registado*, fico persuadido que lhe chegou ás mãos. Agradeço-lhe a lembrança amoravel que teve de traduzir em italiano o soneto que na minha collecção lhe é dedicado. Folgaria de ver essa sua traducção, ainda que seja em manuscripto. Alguns dos meus sonetos teem sido traduzidos em allemão pelo Professor Storck, de Munster. Este distincto romanista é o traductor das Poesias lyricas de Camões: de sorte que o ter varios dos meus sonetos traduzidos por elle constitue para o meu livrinho uma especie de consagração.

Dê-me sempre que possa, noticias suas e creia-me seu

M.to aff.so amigo

Anthero de Quental.

CLIV

Ao mesmo

Villa do Conde, 16 de janeiro 1888.

Meu caro Amigo

Havia poucos dias que lhe tinha escripto, quando recebi a sua carta de 4 de Janeiro, e pouco depois a sua cartolina, a qual me encontrou justamente folheando a *Revista* do De Gubernatis, que não sei se elle, se o Teza, me fez o obsequio de me enviar.

Pareceram-me bem as traducções dos meus Sonetos. Não tenho relações pessoaes com o Teza, mas só indirectas por intermedio d'uma amiga commum, a distincta romanista Carolina Michaëlis, allemã, hoje portugueza pelo casamento e residente no Porto. Foi ella quem enviou ao Teza um exemplar dos meus *Sonetos Completos* e por ella soube que em geral, lhe tinham agradado. Foi pois uma surpreza bem agradavel para mim encontrar dois d'elles publicados na *Revista Contemporanea*.

Quanto ás suas traducções são bellissimas. Sobre tudo na dos *Captivos* ha versos d'uma harmonia e d'uma expressão taes que eu desejaria que o original tivesse muitos assim: agradando-me bastante as traducções dos dois Sonetos, entretanto a dos *Captivos* pareceu-me incomparavel. Quero crer que a traducção dos meus versos offerece, como diz, arduas difficuldades: mas lendo as suas traducções, ninguem as suspeitará, tão natural e facil corre o verso, tão limpidamente se desenvolve o pensamento.

Fiquei, pois, encantado com elles; e para minha inteira satisfação, só me falta agora vel-as impressas. Agradou-me altamente a noticia que me dá, de que seu filho pensa em traduzir a *Hist. da Civil. Iberica* do Oliveira Martins. Certo que é livro digno de ser conhecido em toda a parte, e que onde quer que tenha chegado tem sido recebido com o maior applauso. É assim que actualmente está em via de publicação uma traducção hespanhola (pelo Pereda), e sei que um litterato portuguez, que ha annos reside em Paris, pensa em publicar uma traducção francesa. Se seu filho realmente quizer emprehender esse trabalho, será melhor então servir-se da ultima edição (a 3.ª) mais correcta e ampliada: em tal caso, eu lhe enviarei um exemplar d'essa 3.ª edição. Quanto á Linguistica, não se publicou ainda nem sei se jamais se publicará, pois desde que o Autor se lançou *à corps perdu* na politica, deu de mão a todos os seus outros trabalhos, e assim se conserva incompleta a *Bibliotheca das Sc. sociaes* que deveria comprehender ainda mais 6 a 7 volumes. Envio-lhe entretanto a Antropologia, obra em que o autor soube dar uma forma original e quasi dramatica a um assumpto até agora quasi sempre tratado com a severidade e a seccura da exposição scientifica. Por ella tambem poderá apreciar algumas das principaes vistas philosophicas d'este nosso eminente pensador.

E até outra occasião, meu caro e bom amigo. Creia na cordeal estima do seu

M^to^ affeiçoado

Anthero de Quental.

P. S. O endereço de Oliveira Martins é: Rua das Aguas Ferreas 39: Porto.

CLV

Ao mesmo

Villa do Conde, 8 de Janeiro 1888.

Meu caro e bom Amigo

Não sei o que terá pensado de mim e da minhr cortezia, pois faz quasi um anno que não lhe tendo dado novas minhas, e mais tendo recebido, durante este intervalo, varios brindes da sua mão. Mas não m'o deite á conta de esquecimento nem de descortezia. A verdade é que desde fins de Fevereiro do passado anno me achei ausente de Portugal (Açores), donde sou natural, por urgentes e complicados negocios de familia; e só ha poucas semanas me acho de volta. No meio das preoccupações e tediosas fadigas de viagens, pleitos e mil importunidades da vida civil, em que durante quasi um anno me achei envolvido, não perdi a lembrança dos meus bons amigos, não; mas faltava-me quasi sempre o tempo e mais ainda o gosto de escrever. Desembaraçado finalmente de tão tediosos entraves, volto a reatar a nossa cara correspondencia. Aqui encontrei os brindes que me mandou, e li-os com prazer. Enviei tambem ao Oliveira Martins o n.º da *Cronaca Rosa* que lhe era destinado. Imagino que o Cannizzaro, que ali assigna a traducção d'um trecho da *Hist. da Civilisação Iberica* será parente seu e porventura já um seu filho. Folgaria com saber se assim é. Pude finalmente ler o *Libro dell'Amore* que, ao passar por

Lisboa me emprestou um amigo d'ali. Trabalho estupendo e certamente a mais notavel e completa Anthologia que sobre o assumpto se tem até hoje publicado. O que na introducção se diz dos lyricos portuguezes, e em especial do João de Deus encheu-me de contentamento. Tudo no livro me agradou, mas sobre tudo me encantaram as poesias populares que elle contem. O methodo de traducção Canini, até onde me era possivel apreciar, pareceu-me seguro. Realisará elle a promessa que n'este volume fez de publicar um segundo?

Não ha duvida de que a materia é por assim dizer inexaurivel. Noticias d'aqui só tenho a dar-lhe uma, a qual me diz respeito: e é que acaba de sahir na Allemanha, n'um pequeno volume a traducção de 79 dos meus Sonetos (com o titulo de *Ausgewählte Sonette* von A. de Q.) feita por um Professor de Munster, W. Storck que especialmente se tem dedicado á litteratura Portugueza e já bem conhecido pela sua traducção completa de Camões. É para os meus pobres versos, uma consagração bem rara, tanto mais quanto a traducção se pode dizer primorosa sobre tudo pela rara fidelidade. Lembro-me de em tempo me ter V. perguntado por um traductor portuguez do Dante, por nome Pinto, e sobre o qual n'essa occasião nada lhe pude dizer. Soube depois ser Monsenhor Pinto de Campos, ecclesiastico brazileiro, que durante annos residiu em Roma e recentemente fallecido, não sei se alli mesmo. Quanto ao valor da traducção nada lhe posso dizer, porque a não vi.

Receba, meu caro Poeta, as minhas saudações pelo anno novo.

Diga-me de si, quando puder e do que faz.
E acceite um bom abraço do seu

Amigo affectuoso
Anthero de Quental.

CLVI

Ao mesmo

Villa do Conde, 16 de Fev. 1888.

Meu bom Amigo

Recebi, já ha dias, a preciosa offerta do volume do Canini, que muito lhe agradeço. Ainda não conhecia o 2.º vol., que tenho andado lendo com prazer, e ao mesmo tempo admiração pela vida e frescura intellectual d'aquelle homem de 70 annos!

Os robustos superstites d'aquella valente geração de 1840 a 1850, quando os consideramos, parecem-nos homens d'outra raça. E, com effeito, se não são de outra raça pertencem a um outro periodo historico bem mais pujante e mais são do que este a que nós pertencemos, que é, por tantos lados, um de decadencia e abatimento. Li com um sentimento de melancholia, o que elle escreve no Prologo do 2.º vol., sobre a indifferença com que aquella obra colossal tem sido recebida e o triste contraste d'essa indifferença com o exito extraordinario alcançado por varias obras pornographicas. É triste. Mas se *solatium est miseries socios habere*... consolem-se, porque este vento putrido, que sopra é universal. O abaixamento ou perversão do

gosto, consequente ao abaixamento dos caracteres e a perversão das imaginações, é já um facto typico do nosso tempo e que o ha de caracterisar na historia. A democracia é uma inundução de vulgaridade, e é necessaria uma fé robusta, no futuro da sua evolução, para a não amaldiçoar, n'este seu primeiro impulso, confuso, turvo, desalentado. Entretanto os bons e sobretudo os delicados padecem. Mas, se a democracia chegar, como espero, a dar de si uma forma social estavel, tudo isto ha de mudar, e uma renascença litteraria acompanhará a renascença moral. Mas nós é que já não chegamos a ver isso!

O que me diz do seu desejo de traduzir mais algumas cousas dos meus versos, é-me infinitamente agradavel. Sei o que é capaz de fazer, e isso satisfaz-me como Autor; ao mesmo tempo que o gosto, que toma por essas minhas cousas, toca-me, como Amigo, o coração.

Receba um aperto de mão do seu

M.to affeiçoado

Anthero de Quental.

CLVII

Ao mesmo

Villa do Conde, 29 de Maio 1888.

Meu excellente Amigo

Não posso saber quem é o tal Allen. Com este nome (que é de origem ingleza) só conheço uns banqueiros do Porto, mas que não se occupam em traduzir

romances, pela excellente razão de que os fazem elles mesmos, e muito bons, com algarismos. A litteratura franceza é a unica que em Portugal tem as suas *grandes entrées* e mais do que isso pois Portugal, litterariamente, é quasi uma Provincia da França. Os jornaes politicos publicam romances em folhetim, mas é quási tudo traduzido do francez: pouquissimos das outras linguas, e esse pouco horrivelmente mal. Os desgraçados, que se occupam com esse mister, nem teem tempo nem recursos para traduzirem sequer correctamente. Se a pobre Neera cahiu em taes mãos servis, lamento-a do coração. Haverá uns oito annos, um editor intelligente e audaz de Lisboa, tentou introduzir no nosso publico o gosto da litteratura italiana contemporanea, publicando traducções, entre ellas de livros do De Amicis e alguns romances, ao todo 5 ou 6 volumes: mas foi tão mal succedido, que teve de abandonar, com perda consideravel, a empreza. O que se dá com a litteratura italiana dá-se, de resto com todas (até com a propria hespanhola!...): quasi se ignora que existam emquanto que não ha rapazelho de Lyceu que não ande em dia com Zola, Daudet e *tuti quanti:* os proprios compendios, em muitas das cathedras de instrucção secundaria e superior são francezas. As causas d'este singular e quanto a mim, deploravel phenomeno são muitas, sendo talvez a principal o facto de que o regimen constitucional em Portugal foi estabelecido por homens que *todos* tinham passado largos annos emigrados em França.

Trouxeram de lá as leis, as idéas, e tudo, que cá implantaram em odio ás cousas nacionaes, e tornado d'este modo a intelligencia portugueza feudataria da

França. Mas, provavelmente, estas explicações devem ter, para V. muito pouco interesse.

Li o seu artigo sobre Neera, que me deu idéa d'uma escriptora de grande valor, sobre tudo pelas suas intenções ethicas, o que hoje é bem raro em romancistas, infelizmente. A litteratura está-se tornando, como a sociedade que reflecte, d'uma baixeza e d'uma brutalidade lastimaveis. Não sei onde isto irá parar! Não recebi o volume 3.º do Canini, que nem sabia tivesse já apparecido. Os outros dois, que devo á sua amavel lembrança, li-os com prazer e aproveitamento, encontrando ali cousas, de que, d'outro feitio, me seria bem difficil tomar conhecimento. Só por este lado lhe daria grande apreço: mas concordo com V. em que muitas vezes, se ressente da grande precipitação do trabalho. Muito e muito folguei com ver letras suas, pois são das mais gratas para mim. A minha saude, durante todo este inverno, foi bastante má, razão porque tive de descurar muito a minha correspondencia.

E até outra vez, meu caro Poeta. Disponha sempre do seu

Muito affeiçoado
Anthero de Quental.

CLVIII

Ao mesmo

Villa do Conde, 5 de Setembro
1888.

Meu caro Poeta e Amigo

Ha dias recebi os excellentes livros que teve a grande bondade de me mandar, e quasi não tenho feito outra

cousa senão lel-os. Poucas phisionomias ha para mim tao interessantes, quer historica quer psycologicamente, como a de Francisco de Assis.

Considero-o como o primeiro dos precursores do espirito moderno, digo, o espirito moderno como representado por Bruno, Shelling e Hartmann, do Pantheismo espiritualista. N'este ponto de vista haveria um paradoxo (no fundo nada paradoxal) a desenvolver! que S. Francisco de Assis não fora chistão: e a fazer sobresahir o contraste entre a sua concepção do mundo e da vida, toda ella d'um optimismo poetico e pantheista, e a tragica e sombria concepção pessimista da Egreja, de um mundo radicalmente mau e condemnado por Deus. É claro que S. Francisco se julgava christão: mas estou-me referindo não ao que elle julgava ser, mas ao que effectivamente, embora inconscientemente era e representava na evolução do pensamento e do sentimento humano na Edade Media. É este um ponto de vista que mais de uma vez me tinha occorrido, e que a leitura dos livros, que me mandou, em mim renovou, confirmando-o.

Confesso-lhe, com vergonha, que só de nome conhecia o Bonghi, tão pouco tratada é entre nós a litteratura italiana contemporanea! mas aquelle opusculo revelou-me um escriptor dos mais raros dotes. Não é só o pensamento e justissimo criterio que n'elle me apraz: é ainda o estylo e modo de dizer, tão placidamente luminoso. Agradeço-lhe pois o ter-me feito conhecer escritor tão precioso, com que espero tratar mais largamente.

Envio-lhe 2 exemplares dos meus *Sonetos Completos* sendo um d'elles destinado ao Canini, a quem devo a

fineza de ter traduzido cousas minhas no seu *Libro dell'Amore*. Não sabendo como endereçal-o tomo a liberdade de envial-o ao meu Amigo, pedindo-lhe a fineza de o remetter áquelle distincto veneziano. Mil cousas lhe diria a respeito d'esta minha ultima publicação, senão me repugnasse entrar e alargar-me em considerações sobre as minhas pobres cousas poeticas, que só representam fragmentos d'um pensamento que não conseguiu, por um concurso de circumstancias desfavoraveis, vasar-se nos moldes amplos e novos que concebera. São apenas fragmentos natos e vibrações momentaneas: apenas indicam aqui ou ali a direcção em que *teria podido* fazer alguma cousa profunda e original. Paciencia! Só quero prevenil-o contra as exagerações do Prologo, dizendo-lhe que é escripto por um amigo e o meu melhor Amigo, o qual, embora seja um dos nossos escriptores mais lucidos e senhores de si, d'esta vez não o foi, por excesso de Amizade. E Adeus, meu caro Poeta. Creia-me seu m.to dedicado

Anthero de Quental.

CLIX

Ao mesmo

Villa do Conde, 22 de Dez.o
1888.

Meu querido Amigo

Começo por lhe dar os parabens pela fortuna que teve, escapando illeso da catastrophe de Dijon. A morte é nada, mas ha certas maneiras de morrer que

são atrozes, e aquella é uma d'essas. Por isso, mil e mil parabens. Receba tambem os meus cordeaes desejos de Boas-festas para o proximo anno de 1889, que lhe venha acompanhado de alegria e prosperidades. Reçebi com effeito, ha mezes, um exemplar do 3.º vol. do *Libro dell'Amore* offerecido pelo Canini e juntamente uma carta d'este, em que me pedia alguns subsidios portuguezes para a continuação da sua obra. Envio-lhe tres ou quatro volumes de poetas contemporaneos, que elle desconhecia, e que julguei aproveitaveis para o seu proposito. Creio que os terá recebido ainda que depois d'isso não tornei a ler noticias d'elle. A carta do Canini revelava bastante desanimação: mas uma obra d'aquellas não pode ter o successo immediato d'um romance, por exemplo: e depois, as tendencias do espirito contemporaneo são cada vez menos poeticas.

A respeito dos romances de Neera respondi-lhe já ha mezes: creio que terá recebido essa minha carta em que lhe dava uma idéa do estado actual da litteratura portugueza e das tendencias do nosso publico, dominado exclusivamente pela escola franceza contemporanea. Não creio que haja aqui editor que queira emprehender a publicação de traducções de romances italianos. Não conhecem, nem o publico conhece, senão Zola, Daudet, Belot e não se lhes pode fallar n'outra cousa. De todos os paizes da Europa creio ser Portugal, depois da Belgica, o mais afrancezado. Foi isto talvez vantajoso durante um certo periodo; mas hoje com as correntes dominantes na litteratura e na sociedade francezas, receio que seja antes nocivo. Mas como reagir contra um facto tão geral e que tem causas intimas, alem de historicas?

Adeus, meu excellente Amigo. Dê-me, sempre que

possa, noticias suas, que são para mim uma verdadeira alegria.

Seu muito do coração

Anthero de Quental.

CLX

Ao mesmo

Villa do Conde, 10 de Abril 1889.

Meu excellente Amigo

Embaraços de differentes ordens e por cima d'elles incommodos de saude, que este inverno foi bastante peor que de costume, me tem impedido de responder ha mais tempo á sua boa carta de 18 de Janeiro. Entretanto, não deixei por isso de me occupar da sua incumbencia relativa á publicação em portuguez d'um romance de Neera dirigindo-me a dois editores com que tenho relações, Chardron, no Porto e Bertrand de Lisboa, que são dos que mais publicam em Portugal. Não consegui porém interessal-os pela publicação d'um romance italiano, respondendo-me ambos (o que, de resto, eu já n'outra carta lhe tinha exposto) que a litteratura italiana não é conhecida em Portugal, que o publico só acceita o que traz a marca franceza e que a má fortuna do antigo editor Avelino, que ha annos tentou, com funesto resultado, publicar em portuguez uma serie de livros italianos (de de Amicis e outros), os punha em guarda contra qualquer tentativa n'esse sentido. Creio, em vista d'isto e do que já por outra occasião lhe expuz, que não será facil encontrar livreiro

portuguez que se queira encarregar de tal publicação e, pela minha parte, esgotei as minhas relações, que, de resto, não são muito extensas. Mas como na sua carta me fala do Visconde de Ouguella e vejo que tem relações com elle, lembro-lhe que talvez esse cavalheiro, que vive em Lisboa e *très repandu* no mundo das letras poderá descobrir o que eu não achei, estando, como está, muito mais em contacto com o actual movimento litterario e em melhor posição para o que se deseja. — Não recebi o 4.º vol. do Canini, nem em geral, tive mais noticias d'elles, ficando sempre em duvida se receberia os livros que em setembro passado lhe enviei, tanto mais quanto um nosso poeta, Fernando Leal, que tambem tem relações epistolares com o Canini, me diz ter-lhe enviado um seu recente volume de versos e alem d'isso escripto por duas vezes sem ter d'elle obtido resposta. Occorre-me se a direcção com que tanto eu como o Fernando Leal nos dirigimos ao Canini, e que foi *Venezia San Fantin 1977* seria errada e por isso nem livros nem cartas lhe hajam chegado á mão. Se assim é, peço, a V. o obsequio de escrever ao Canini, dizendo-lhe que com aquella direcção lhe foram enviados de Portugal varios livros e cartas por mim e por Leal. Como me diz que no recente volume do Canini vem traduzido um soneto meu, peço a V. o obsequio de me enviar uma copia d'essa traducção. Está esgotada a 1.ª edição dos meus *Sonetos Completos* e penso em fazer 2.ª juntando-lhe em Apendice as traducções que de alguns teem sido feitas em varias linguas, isto é, algumas das allemãs do Professor W. Storck, as francezas de Fer. Leal (que poeta em francez e muito bem) as hespanholas de Curros Henriquez e as italianas de

Teza, Canini e do meu amigo Cannizzaro: ao todo 20 ou 30 sonetos em varias linguas, o que dará um novo interesse á 2.ª edição que projecto. Traducções suas tenho as de 2 sonetos que em carta em enviou ha tempo. Dizia-me então que talvez fizesse mais algumas. Se as fez, peço-lhe que me envie copia d'ellas, para serem incluidas com as outras duas no Apendice que tanto desejo juntar, e o mais completo que for possivel, á nova edição dos sonetos. Para o publico será aquelle Apendice uma novidade interessante, e para mim um verdadeiro titulo de gloria, e quanto ás suas traducções, sendo obra de um excellente amigo ao mesmo tempo que de um fino e raro poeta, com dobrado gosto e desvanecimento as verei ali reunidas.

Disponha, meu caro Poeta do seu

Muito Amigo

Anthero de Quental.

CLXI

Ao mesmo

Villa do Conde, 15 de Maio de 1889.

Meu excellente Amigo

Recebi os seus tão apreciaveis presentes *Pro Patria* e il *Libro dell'Amore* que gratissimos me foram e muito lhe agradeço. A sua traducção de *Os Captivos* pareceu-me agora ainda melhor, e agradou immenso a dois amigos, bons poetas e conhecedores da lingua italiana, a quem a dei a ler. O pensamento dos meus versos

está ali interpretado não só fielmente mas eloquentemente, e assim expresso na lingua por excellencia poetica, que é o italiano, até me parece outra cousa e muito melhor. Dou-lhe pois os parabens, e ainda os dou maiores a mim proprio, por ver os meus pobres versos assim revestidos das galas incomparaveis da metrica italiana. — Por uma allusão no prologo do vol. 4.º do Canini, vejo que este recebeu a carta que em Setembro do anno passado lhe escrevi, juntamente com alguns volumes de poetas portuguezes contemporaneos. Fico pois descançado a este respeito. Quanto á nova edição dos meus *Sonetos* terá ainda demora, por embaraços do editor, e não posso prever com exactidão quando se fará: talvez não antes do principio do anno que vem. O personagem que fala no meu Soneto *Palavras d'um certo morto* é, como por certo comprehendeu, o Christo: o Christo, symbolo, idéa e principio da vida espiritual, personificado e idolatrado pela ignorancia dos homens, que fizeram *uma pessoa (alguem)* d'um principio impessoal e por isso o desvirtuaram criando simplesmente uma nova idolatria. Tais são as queixas do Christo e tal é o pensamento do soneto. Vou por-lhe em francês os ultimos 6 versos traduzidos literalmente, e por ahi verá V. dentro de que limites lhe convirá modificar a sua traducção do ultimo terceto.

« J'ai vecu je le sais, mais ce ne fut que pendant un jour, un seul jour... Le jour d'après l'idolatrie se hâta de me consacrer un autel et un culte... hélas! on m'a adoré, comme si j'étais *quelqu'un!* comme si la Vie pouvait être *quelqu'un!*... Immediatement ils on dit que j'étais un Dieu... et ils m'ont enseveli! ». E talvez um pouco obscuro e metaphysico: com effeito, varias

pessoas me teem já perguntado qual o verdadeiro pensamento d'este soneto. Esse pensamento consiste no contraste entre o Christo, *idéa pura da vida*, o Christo *principio* e o Christo personificado, idolatrado e por isso desvirtuado; de modo que a apotheose equivalem á morte e enterro d'aquillo mesmo a que se pretendia dar immortalidade. A *vida* (*principio* ideal espiritual) não pode ser *alguem* (uma pessoa um individuo limitado): d'ahi a contradicção intima do Christianismo, o contraste e a ironia dolorosa das palavras que ponho na bocca do Christo, ao mesmo tempo como uma critica amarga da loucura idolatra dos homens e um juizo synthetico da historia do Christianismo.

Oxalá que tudo isto não lhe pareça abstruso de mais e pouco poetico!

Disponha sempre do seu

Amigo muito sincero

Anthero de Quental.

CLXII

Ao mesmo

Villa do Conde, 25 de Maio 1889.

Meu bom Amigo

Cruzaram-se no caminho as nossas cartas, pois haverá 8 dias que lhe escrevi, accusando a recepção da sua do mez passado, assim como dos volumes que teve a bondade de me enviar. Agora recebo com indizivel prazer as suas novas traducções de seis sonetos meus, nas quaes, alem da costumada sua elegancia, tenho ainda a louvar a perfeita fidelidade.

O terceto final do soneto «*Palavras d'um certo morto*» vem agora reformado de modo a reproduzir exactissimamente o pensamento do original, como verá comparando-o com a traducção franceza que na minha carta da semana passada lhe enviei.

Fiz essa traducção por reconhecer que ha bastante obscuridade n'aquelle final: mas a sua rara perspicacia não precisou do meu *commentario bilingue* para acertar não só rigorosa mas felicissimamente. É para mim não só um grande prazer, mas tambem grande desvanecimento, o ver os meus versos traduzidos tão magistralmente. Estou impaciente por ver tudo isso impresso na minha 2.ª edição: infelizmente ha embaraços por parte do editor que podem retardar a publicação até ao fim do corrente anno, ou começo do proximo do 1890. Certamente que as suas traducções juntamente com algumas tambem excellentes do Stork, serão o mais bello ornamento da nova edição. Receba por tamanha fineza os meus agradecimentos mais cordeaes; disponha do seu

M.to Amigo

Anthero de Quental.

CLXIII

A Trindade Coelho

Ponta Delgada, 28 de Agosto (1891).

Ex.mo Snr.

Muito obrigado, e do coração, pelo offerecimento do seu volume, pelas palavras amigas, que, offerecendo-o,

me dirige, e pelo prazer que me deu com a leitura d'elle.

Fino, puro, original: agradou-me a mim, que sou um velho e tristonho philosopho, e agradou a uma joven senhora, que nem toda a sua philosophia no seu bom coração e no seu bom natural. Reunir assim votos tão extremos, parece-me uma boa prova do valor de um livro. E, depois, está-se tornando tão raro hoje encontrarem-se a seguir 200 paginas que sejam sans em todo o sentido! Receba, pois, com o meu agradecimento, os meus mais cordeaes parabens.

De V. Ex.ª
m.to att.o v.or
Anthero de Quental

CLXIV

Ao Visconde de Faria e Maia

Lisboa, Calçada de Sant'Anna, 207, 2.º
— 19 de Janeiro (1881?).

Meu caro Vicente

Recebi, ha-de haver um mez, os «Cavalleiros d'Africa». Não preciso dizer-te quanto agradeço a amavel e amigavel dedicatoria. Li os teus volumes e, em geral, gostei. A ideia de popularisar, por meio do romance, as chronicas insulanas, tão interessantes, é boa, é optima, e poucos assumptos conheço mais dignos de convidarem imaginação de romancista, que fôr, como a tua, poetica. Quanto á execução, ha muita coisa que me agrada, e ha algumas que me agradam menos. Para ser preciso, direi que duas coisas me desagradam e considero defeitos: 1.º o emprego de certos termos.

em demasia modernos, na bocca dos teus personagens, como, por exemplo, quando um d'elles diz a uma dama – « que a acha em extremo impressionavel e nervosa ».

Este ***nervosa*** arripiou-me um tanto, porque isto de nervoso é tão moderno, digamos tão contemporaneo, que destôa immediatamente com o quadro e os personagens do seculo XVI. 2.º *Os hors-d'œuvre* doutrinaes, que introduzes nas conversações dos teus personagens, fazendo-os discorrer sobre os morgados, o regimen absoluto & como se fossem contemporaneos nossos, educados na leitura de Bastiat, Stuart Mill & e versados nas discussões parlamentares. Estes são os defeitos de composição, que encontro no teu livro, que se reduzem a anachronismos e são faceis de evitar, em ulteriores composições. Quanto á concepção acho-a excellente, e o que tem de romanesco e aventureiro é ainda uma qualidade, porque a gente do seculo XVI não era positivista e realista como a d'hoje. Dou-te pois os parabens, e digo-te: *ávante!* Adeus. Os meus cumprimentos a tua Senhora.

Do teu do C.
Amigo velho
Anthero de Quental.

CLXV

A D. Carolina Michaëlis de Vasconcellos

Villa do Conde, 7 de Agosto
de 1885 (?)

Minha Senhora

Recebi a carta de V. Ex.ª e o livrinho que o seu amigo amabilissimamente me offereceu. Agradeço a

V. Ex.ª o incommodo que quiz tomar communicando-me aquellas noticias, para mim muito agradaveis, e ainda mais a benevolencia com que se encarregou de tornar conhecidos os meus versinhos a pessoas tão distinctas. Tantos votos autorisados teem levantado aos meus olhos o valor d'aquellas obrinhas poeticas, que me resolvi a publicar a collecção completa dos meus Sonetos, uns cento e tantos ao todo, que são quantos tenho feito desde 1860 até agora. Boa metade são ineditos. Creio que o livrinho sairá antes do fim do anno, e então enviarei um exemplar ao Snr. Goldbeck e outro ao Snr. Teza, como testemunho do meu apreço e reconhecimento. Nenhuma outra cousa lhes poderei enviar, pois, do que tenho feito, julgo que só essa collecção de Sonetos merecerá ser conhecida. Se não tiver outro valor, valerá ao menos como um documento psychologico, que em seriedade e sinceridade não cede o logar a nenhum outro. Posso dizer que está ali o melhor da minha vida, aquella parte mais alta da nossa vida, que, justamente por ser já humana e não só individual, temos como que o direito de impor á attenção dos outros. Poderia chamar-lhe, se o titulo não fosse pretencioso, *Memorias d'uma Consciencia*. Nunca pretendi ser poeta nem me preparei para isso com estudo e applicação: mas, não sei como, tenho sempre encontrado a poesia ao meu lado, e espontaneamente, quasi involuntariamente, teem revestido a forma poetica o meu pensar e o meu sentir (cousas que em mim andam sempre muito irmans) no curso d'uma evolução moral, não sei se singular se typica, que me tem absorvido de molde a tornar-me quasi alheio a tudo mais. Seja como for, isto me servirá de desculpa aos olhos

do Snr. Goldbeck, pois vejo pelas perguntas que faz, que me tomou por um poeta de grande cultura, muito lido e *geschult*. Infelizmente não sou tal, mas antes um filho da natureza, e tenho de confessar que, da litteratura propriamente poetica, tenho lido relativamente pouco, e esse pouco fragmentariamente, ao acaso, ou apenas ao sabor da disposição de momento, e nunca, para tudo confessar, como quem estuda. Ha mais de 20 annos que faço Sonetos, e todavia nunca *escolhi esse genero* nem estudei nos mestres os segredos especiaes d'aquella forma; levou-me para ali uma predilecção impensada e singular (pois, quando comecei, ninguem entre nós os fazia já, sepultados como estavam, com todas as outras formas classicas, debaixo da reprovação dos romanticos) e talvez a influencia dos nossos poetas do seculo XVI, que foram dos primeiros que conheci. O fundo de idealismo que ha n'aquelles poetas apossou-se então de mim e os seus Sonetos, especialmente os do Camões, tornaram-se para mim como um Evangelho do sentimento. Taes são as minhas raizes, se assim posso dizer. Depois li muitos poetas, e naturalmente muitos Sonetos (como os de Miguel Angelo, os de Filicaia, os de G. de Nerval, e alguns de Milton e Shakespeare) mas sem preoccupação alguma de genero ou escola, nem sobre tudo de estudo. Lia, porque precisava ler, *voilà tout:* Homero e os Nibelungen em traducções francezas: Goethe e Heine, Dante, Shakespeare, Byron, os Romanceiros hespanhoes, no original. Com isto, naturalmente, muita outra cousa, antiga ou moderna, boa e má, porque a minha curiosidade era grande: mas, torno a dizel-o, tudo isto mal e *à la diable*, na confusão e no tropel d'um espirito agitado por problemas que a poesia só por si não podia resol-

ver. Nos mesmos poetas, era o fundo mais do que a forma que me atrahia. Mas, na minha impaciencia, na minha impetuosidade, saltava d'ali e a lingoagem abstrusa, o formalismo, a extraordinaria abstracção de Hegel não me assustavam nem repeliam; pelo contrario: internava-me com audacia aventureira pelos meandros e sombras d'aquella floresta formidavel de ideas, como um cavalleiro andante por alguma selva incantada á procura do grande segredo, do grande fetiche, do Santo Graal, que para mim era a Verdade, a verdade pura, estreme, absoluta... Era uma grande illusão, como todos os Santos Graaes: mas essa illusão me levou gradualmente da imagem para o pensamento, fez-me sondar o que toda a alta poesia presuppõe, mas esconde tanto quanto revela, e — para que encobrir esta minha velha e inveterada pretensão? — fez de mim um Philosopho! Um philosopho *manqué*, talvez, porque, afinal, ainda não revelei ao mundo o meu Apocalypse, nem sei se chegarei a revelal-o.... Mas, em todo o caso, pretensão ou realidade, o certo é que o philosopho, que por muito tempo só se exprimiu pela bocca do poeta, acabou por confiscar, por absorver, por devorar o pobre poeta, e agora que este acabou, impõe-se ao philosopho (para não passar por um assassino gratuito e aleivoso) a obrigação de ser gente por si só e de falar pela propria bocca. A collecção dos meus Sonetos é o testamento do pobre poeta que acabou. Entro agora n'uma phase nova, e tenho jurado consagrar-me d'aqui em diante, todo e exclusivamente, ao trabalho de coordenação definitiva das minhas ideas philosophicas e, se tanto puder, á exposição methodica e rigorosa das mesmas.

A final, aquillo de que o mundo mais precisa, n'esta

phase de extraordinario obscurecimento da alma humana, é de ideas, é de philosophia — e a Poesia, voltando a adormecer nos recessos mais mysteriosos do coração do homem, tem de ficar á espera até que o novo Symbolo se desvende e novos Ideaes lhe forneçam um novo alimento, lhe insuflem nova vida... e então voltará a cantar. O mundo (*este* mundo) está velho: e a Poesia só está á vontade num mundo novo, joven, energico. Se me for dado ainda, antes de morrer, ter levado uma pedra para o edificio da Nova Egreja, serei feliz. Senão, contentar-me-hei com o desejo puro e o esforço consumido, que ainda isso não terá sido debalde. Parece-me que é o Renan que lá diz que o trabalho consumido nas obras da verdade não é perdido, ainda quando se desvia e não dá resultado, porque esse trabalho *em si* e essa vontade de acertar são a maior verdade e talvez a unica verdade...

Estas explicações eram necessarias para corresponder á benevolencia e interesse pelas minhas cousas manifestado pelo snr. Goldbeck, a quem desejo manifestar o meu grande reconhecimento. Outras cousas vieram incidentemente e pelo correr do discurso.

V. Ex.ª desculpará a longura insolita desta carta. Muitas cousas são tambem para V. Ex.ª, a quem tributo verdadeira veneração. Tomei nota das observações do snr. Teza, que são muito acertadas, e farei algumas emendas no sentido que elle indica.

De V. Ex.ª
Creado humillimo
A. de Quental.

CLXVI

Á mesma

Villa do Conde, 25 de Outubro
de 1885 (?)

Minha Senhora

Já devia ter agradecido a V. Ex.ª a sua boa e muito boa cartinha e o incommodo que quiz ter communicando-me o que a meu respeito lhe escreveu o snr. Storck. A opinião do snr. Storck sobre os meus versinhos causou-me verdadeira satisfação, e muito mais o ver que o primoroso traductor de Camões achara alguns dos meus Sonetos dignos de serem por elle traduzidos. Estava eu muito longe de esperar uma tal distincção quando lhe enviei o meu volume, como «homenagem e testemunho de gratidão d'um poeta portuguez ao interprete e traductor allemão de Camões». E, a proposito, confirmo o que V. Ex.ª logo suppoz, isto é que o snr. Storck se enganou entendendo ser-lhe o livrinho offerecido pelo Oliveira Martins: o offerecimento hia assignado «pelo Autor» e proximamente nos termos que acima disse. Admirei as traducções do snr. Storck e pasmaria d'uma tão grande fidelidade, que ao mesmo tempo em nada prejudica a fluencia da phrase, se não conhecesse de ante-mão a rara habilidade do traductor e os recursos excepcionaes da lingua allemã, sobretudo pelas palavras compostas, que permittem metter muito em pouco espaço. Não sei se dentro do grupo das linguas neolatinas se conseguiria igual fidelidade, sem se sacrificar a elegancia e adulterar a feição propria

e estilo do original: o que não succede com as traducções do snr. Storck.

O que V. Ex.ª me diz dos meus Sonetos causou-me contentamento tanto maior quanto eu receava que a sua impressão, em geral, não lhes fosse favoravel, pelo caracter desolado da maioria d'elles. Mas V. Ex.ª comprehendeu, o que poucas pessoas terão comprehendido, que aquella desolação não era procurada, mas muito sincera e filha d'um estado de espirito de que o poeta deve ser considerado, por assim dizer, irresponsavel, não se lhe podendo, por isso, exigir senão exactidão, vigor e viveza na expressão. Depois, esse estado de espirito, no meio da sua violencia, representa um continuo impulso para a verdade e para o bem, e isso deve ser levado em conta ao pobre poeta. O que eu lastimo é que seja tão exiguo o numero dos Sonetos em que se manifestam as soluções intellectuais, moraes e sentimentaes d'aquelle estado tormentoso, pois só n'esses é que eu reconheço uma poesia superior e até direi como que a indicação d'uma poesia nova. Foram tambem esses que mais agradaram a V. Ex.ª, como agradaram a algumas outras raras pessoas que viram no meu livrinho mais do que um simples acrobatismo poetico ou uma especie de paradoxo psychologico. Infelizmente não estava na minha mão fazer mais d'aquelles taes Sonetos, ou quantos eu quizera. Parece que o estado de inquietação e de lucta é que me encendia e avigorava a imaginação, de sorte que, cessando aquelle estado, esfriou ella rapidamente e toda a sua violencia se escoou n'um suspiro. Esse suspiro são os ultimos 15 ou 20 sonetos do livro: sem elles, creio que nunca teria publicado aquella collecção, que ficaria então só

em collecção, sem intima unidade ella, e sem solução o problema psychologico ali agitado: e para fazer muitos d'aquelles daria eu todos os outros e ainda talvez tudo mais quanto n'outro campo possa fazer. Mas, como V. Ex.ª sabe, não são cousas estas que dependam da vontade, mas essencialmente da alçada do *inconsciente*. Por conseguinte, tive de ficar por ali e dei por fechado o meu cyclo poetico com esse livrinho, que é mais a *indicação* d'alguma cousa superior que porventura teria podido fazer, do que uma verdadeira *obra*. Como disse com graça o Junqueiro: «são os sonetos d'um Miguel Angelo, que não fez o seu Juizo Final».

E, para terminar, vou responder-ás duas perguntas de V. Ex.ª Conheço, com effeito, o chamado *Hymno do Sol* do maravilhoso *poverello* de Assis e igualmente li alguma cousa das *Epistolas de S. Paulo:* mas, com tudo isso, a concordancia que V. Ex.ª encontrou não pode ser senão fortuita, ou antes filha d'um estado de sentimento analogo ao d'aquelles grandes mysticos. Justamente aquelles dois sonetos *(Redempção)*, juntos com outro *(Contemplação)*, representam em forma de imagem e sentimentalmente uma das ideas fundamentaes da comprehensão das cousas, a que cheguei e em que fiquei, e que espero ainda desenvolver em prosa e com o rigor da exposição philosophica. Parece-me por isso pouco provavel que, compondo-os, tivesse presente ao espirito outra cousa alem do meu proprio pensamento, no qual andava por esse tempo não só absorvido mas quasi abysmado. Quanto á observação que V. Ex.ª faz a respeito de ser a Morte do genero feminino nas linguas neo-latinas, acho-a muito curiosa, mas

confesso que nunca me tinha occorrido. É um caso interessante da influencia da linguagem sobre a imaginação, pois é certo que muito naturalmente, e independentemente da tradição das artes plasticas e da poesia, concebo imaginativamente a Morte em figura de mulher. O que quer dizer que, se falasse inglez ou allemão, a minha imaginação tomaria forçosamente outra direcção e muitas associações de ideas, que formo, não as poderia formar: assim, a imaginação (e por conseguinte o pensamento) ainda onde parece ser tão espontanea, é escrava de accidentes linguisticos como aquelles que fizeram com que a palavra *mors*, ha innumeros annos, quando se formou o latim, fosse do genero feminino! Poder-se-hiam tirar d'aqui importantes illações, tanto mais quanto este caso é um entre milhares e representa uma vasta categoria de factos mentaes. Se aquelles philosophos antigos, que chegaram, por esta consideração da dependencia em que a idea está da palavra, ao mais refinado scepticismo, tivessem sido linguistas, teriam podido fortificar a sua these com uma legião formidavel de exemplos!

Creia-me V. Ex.ª o seu

Criado mais dedicado

Anthero de Quental.

P. S. Não sei se V. Ex.ª deseja que lhe restitua o manuscrito do snr. Storck. Como tenciono ir em breve passar uns dias ao Porto, leval-o-hei commigo, ficando lá ás ordens de V. Ex.ª

CLXVII

A D. Anna de Quental

Villa do Conde, 14 de julho.

Minha querida Irmã

Já ha mais tempo te devia ter escripto, mas estive uma temporada no Porto, e distraí-me por lá. Eu vou sem novidade, senão só nervoso de mais com este tempo electrico que tem feito continuamente. E tu como vaes? Espero que completamente restabelecida. As noticias do André (que tive directamente pelo Craveiro) alegram-me e dão-me alguma esperança: mas não a devemos exagerar, pois aquellas doenças enganam muito. Espero, entretanto, que a vista da mulher e filhos, que brevemente para ahi irão, lhe faça bem. Por'ora, como te digo, não ouso confiar muito n'aquellas melhoras.

Perguntas-me quando penso em se trasladarem os restos da nossa Mãe. Respondo que desejo seja o mais breve possivel, mas que isso já não depende de mim, mas das meninas, pois eu tenho aqui promptos 100$000 réis para esse fim: resta agora saber quanto a mais é necessario, e se as meninas podem concorrer com isso que faltar. É pois necessario fazer um orçamento exacto, e repartirem entre si o que for alem dos 100$000. Estes são 50$000, que o Francisco Xavier me devia e eu lhe pedi para aquelle fim e elle logo restituiu, e mais 50$000 das minhas economias aqui. Estão promptos. Resta pois saber se ao certo quanto pode ser a despeza *total,* tanto em Lisboa como em S. Miguel.

Isso, só ahi em Lisboa se pode saber. Depois as meninas verão quando podem entrar com a sua parte. Como digo, tudo agora depende das Meninas e não de mim.

Não me respondeste precisamente ao que eu perguntava do dinheiro que ahi tenho. Eu referia-me ao resto do dinheiro que deu o Carlos, do qual tenho dispendido parte, ignorando quanto ainda resta. Era isso que eu desejava saber.

Adeus. Saudades ao José e Matilde, e tu recebe um abraço e um beijo do teu

Irmão m.to amigo

Anthero.

CLXVIII

Á mesma

Villa do Conde, 5.ª feira.

Minha querida Irmã

Ha bastante tempo que te não escrevo, mas como tu pela outra Anna tens tido noticias minhas, e eu por ella as tuas, não tem sido necessario escrever-te; mas, para não perder os bons costumes, faço-o agora. Eu vou sem novidade, assim como toda esta gente pequena e grande. Peço-te que digas á nossa cunhada que recebi a sua carta concernente ao André, mas que ainda não escrevi ao Craveiro, por me parecer que tem de ser carta um tanto diplomatica, pois supponho que elle procede como procede por intender que assim deve ser, ou até por que a isso o obriguem os regulamentos da casa: isto é supposição minha, mas como pode ser exacta, quero escrever com diplomacia, e como não

tenho tido boa disposição para isso, não escrevi ainda, mas espero fazel-o brevemente.

O Jorge já se vai acostumando a estar aqui, e embora saudoso, como criança e com outras crianças facilmente se distráe e anda contente e brincam muito. Alem d'isso estuda as suas lições, o que tambem o entretêm, de modo que vae perfeitamente. Eu estou muito contente com o ter cá, pois como tem um genio amavel e alegre, não só a estada d'elle cá é uma fortuna para as pequenas, com quem elle inventa mil brincadeiras, como até para mim porque me distrae dos meus nervos e das minhas scismas, não só durante as lições que lhe dou, como nos passeios que damos por esses campos e praias, pois os meus nervos andam tão maus que a maior parte das vezes não me distráe o passeio se não levar alguem de companhia. Hoje passámos toda a tarde na praia, eu sentado n'um penedo e o Jorge e a Albertina a deixarem-se escorregar pelos montes de areia e a darem trambulhões.

Sei pela Anica que vaes melhor, por isso não te pergunto pela saude.

Quando tiveres alguma carta de M.ª Ermelinda communica-m'a, pois tenho sempre cuidado n'ella pelos motivos que sabes. Dize a Anica que lhe escrevi ha dias e junto com a minha carta hia a do Jorge que ella me mandou, mas como me parece que puz no sobrescrito N.º 23 e não 23 A, é possivel que não a recebesse, mas avisada pode reclamar do carteiro.

E adeus. Lembranças a teu marido e Matilde e recebe um abraço do teu

Irmão m.to amigo

Anthero.

CLXIX

A João Lobo de Moura

14 de Maio.

Meu caro Lobo

Não me lembro de ter recebido carta sua, depois que aqui estou: e, se me não lembro, é que provavelmente a não recebi, pois as suas cartas deixam sempre alguma coisa na memoria e não são das que esquecem facilmente. Como quer que seja, mais de uma vez me tenho lembrado de lhe escrever; mas ando habitualmente em tão má disposição de espirito, que deixo isso para milhor occasião, a qual não vem afinal, pois este mal de inquietação, melancholia e desgosto da vida já me parece incuravel, sendo o producto concentrado do temperamento, da enfermidade e d'uma desconsoladora experiencia das idéas e das coisas. A minha razão não deixa por isso de reconhecer que o Universo não pode ser um disparate, e que podemos confiar desassombradamente na sua mysteriosa direcção: mas este alto ponto de vista apenas me dá uma certa resignação, e nada mais. Não me dá paz nem contentamento. Só confio na morte, como a unica solução satifatoria, radical, definitiva; e, para lhe dizer tudo, chego a desejal-a, como diz Shakespeare, *desejal-a devotamente:*

> «... it is a consumation
> Devoutely to be wished...».

Agradeço-lhe o texto de Seneca, que é excellente: «Deixar-se ir levado na corrente do Universo» é a conclusão pratica e moral a que todo o bom espirito tem de chegar, seja por que caminho for, da especulação,

da experiencia ou do sofrimento. Que somos, a final, para pretender penetrar o segredo do absoluto? E todavia o absoluto é-nos evidenciado pela nossa propria contingencia. Revoltar-se contra elle é tão absurdo como negal-o. Só resta aceita-lo humildemente no seu mysterio, o que praticamente se traduz em *resignação*. Se isto é o «fundo do fundo» do christianismo, ainda hoje sou christão, ou melhor, sou-o cada vez mais. Mas...

Agora já poucos dias me demorarei em Portugal, pois conto sair p.ª França antes do fim do mez. Ainda d'esta vez tem de ficar adiada a prometida visita, pois vou directam.te d'aqui, por mar: encurto assim a viagem de 12 ou 15 horas, o q. é importante p.ª quem enjoa, e aproveito a companhia do Alb. Sampaio, q. vai a Londres. Já não ouso dizer q. será na volta a dita visita, pois tenho promettido e faltado tanto, q. já me não atrevo a dizer nada... O facto é [que] cheguei tambem a tal estado de abatimento e inercia q. já não conto commigo p.ª cousa alguma.

Adeus. Recommende-me m.to á sua familia e creia-me seu do C.

Anthero de Q.

CLXX

Ao mesmo

Bellevue (Seine et Oise). — Établissement Hydrotherapique — 17 de Julho.

Meu caro amigo

A final não saí pela barra do Douro mas pela do Tejo, de modo que lhe passei pela porta. Mas hia *(sic)*

em companhia do Alb. Sampaio e não me queria separar d'elle. Espero porêm q. nos veremos este hinverno, pois decididam.te fixo a minha residencia em Lisboa; o Oliveira Martins (se, como é quasi certo, sair deputado) vem p.a Lisboa: alem d'isso, o clima do sul é-me m.to mais favoravel. Vou para casa de minha irmã, provisoriame.te mas conto tomar um andar no m.o predio, q.do venha a vagar. D'este modo vel-o-hei sempre que venha a Lisboa, não falando na minha prometida viagem a Santarem, mas isso depende de saude e disposição e é por conseguinte incerto.

Escreva-me e dê-me novas suas, phisicas, moraes e sociaes. Sinto um vacuo q.do estou m.to tempo ser ver letras suas, *tuas litteras.*

Eu cá vou indo. Cada vez mais mystico, e penso daria um sofrivel monge, se não fossem estes nervos miseraveis, inimigos da paz do espirito. Querem alguns dizer q. m.tos santos foram estericos e nevroticos. Não posso crel-o. Este estado de nevrose é o menos favoravel á serenidade interior, e por conseg.te á santidade.

Não lhe envio soneto algum, porq., infelizm.te, receio ter-se exaurido de todo a veia. A final, o ultimo q. fiz, e de que lhe enviei copia, terminava com este verso «A vaidade e o vasio universais»: ora isto abrange evidentemente os proprios sonetos.

Tenho agora lido Heine, em allemão. Que poeta! É talvez o unico q. a gente ainda pode ler na idade madura dos 36 anos. Penso que é porq. nos versos d'elle o antidoto anda sempre ao pé do veneno, quero dizer, ao pé da illusão das paixões a ironia, a divina ironia salvadora.

Adeus, caro e velho amigo. Dê lembranças minhas a todos os seus, em especial á Anna, por quem tenho um fraco, como quem diria de Thio.

Do seu do C.

Anthero.

CLXXI

Ao mesmo

20 de Julho.

Meu caro Lobo

Escrevo-lhe de Bellevue, q. é uma villoria a 4 a 5 legoas de Paris, onde ha um dos primeiros estabelecim.tos hydrotherapicos da França. Aqui estou installado, tomando *duches*, duas por dia. Por ora não sinto melhoras.

Em Paris demorei-me apenas o tempo necessario p.a descançar da viagem (q. foi incommoda) e consultar o Dr. Charcot. Este sabio é «le premier homme de France pour les maladies nerveuses». Depois dos competentes interrogatorios e apalpões, eis o q. saío do oraculo: «on s'est trompé; vous n'avez rien à l'épine: vous avez une maladie de femme, transportée dans un corps d'homme; c'est l'hystèrisme». E receitou hydrotherapia. Diz elle q. isto se cura facilmente. Veremos.

Se me quizer escrever, dirija a carta d'este modo:

FRANÇA

Mr. A. de Quental

Bellevue (Grande Rue, 29)

SEINE ET OISE.

O Saraga, q. é quem me tem dirigido nestas andadas, está bom e envia-lhe fraternaes saudações. Elle vai tentar fortuna com uma Revista Illustrada portugueza. O 1.º n.º, q. deve sair nos começos de Agosto, trará um artigo meu sobre Michelet, de quem a Revista publica um retrato.

Communico-lhe um soneto, feito já aqui.

Não sei bem o q. quer dizer, francamente; mas a execução agrada-me. Diga-me d'elle a sua impressão, pois, se intender q. merece publicação, irá no 2.º n.º da Revista do Saragga.

MORS-AMOR (1)

Esse negro corcel, cujas passadas
Escuto em sonhos, quando a sombra desce,
E, passando a galope, me apparece
Da noite nas phantasticas estradas,

D'onde vem elle? Que regiões sagradas
E terriveis cruzou, que assim parece
Tenebroso e sublime, e lhe estremece
Não sei que horror nas crinas agitadas?

Um cavalleiro de expressão potente,
Formidavel, mas placido, no porte,
Vestido de armadura reluzente,

Cavalga a fera extranha sem temor.
E o corcel negro diz: «Eu sou a Morte!»
Responde o cavalleiro: «Eu sou o Amor!»

Adeus. Recommende-me a toda a sua familia e não deixe de me escrever assim q. possa.

Seu do C.

Anthero.

(1) É o soneto a pág. 80 da edição Oliveira Martins.

CLXXII

Ao mesmo

Meu caro amigo

Sempre que recebo carta sua o meu primeiro movimento é correr a ir ter com V. Diz-me tantas coisas e coisas q̃. me fazem pensar tanto, que acho para lhe responder impotente a palavra escrita. Desejava conversar com V. longas horas. Mas eu não posso sair d'aqui ainda por bastantes mezes. Sou agora o Prometteu d'um Caucaso em 2 volumes: estou amarrado em cima d'elle, e o abutre que me roe o figado — *immortale jecur* — é, dizia V. Hugo, a aguia Philosophia. Tenho estudado bastante, pensado muito, e escrito não pouco: mas os fataes capitulos são insaciaveis como abysmos: legiões inteiras de phrases, phalanges de ideas armadas de metaphisica até aos dentes caem n'elles, e elles... «comem e pedem mais» como aquelle celebre bispo do *Diário de Noticias*. Seriamente: a minha obra de desenvolvimento em desenvolvimento, tem tomado quasi as proporções d'um curso de Philosophia, e isto obriga-me a muito, e este muito pede muito tempo. V. sabe perfeitam.te as razões porq̃. não posso trabalhar, fóra d'aqui, d'uma maneira proficua: é pois força resignar-me a este isolamento, e guardar p.a ainda d'aqui a 8 ou 10 mezes as nossas largas conversações, tão abundantes de ideas e frutos moraes. A carta é um *pis aller*, mas aceitemol-o já q̃ não ha outro remedio. Isto a V. deve custar-lhe menos, porq̃. é um mestre em epistolographia, mas por isso mesmo me põe ás vezes a mim em serios embaraços p.a lhe responder digna-

mente. Por exemplo, na sua penultima carta propoz-me V. sobre a idea de Deus e a philosophia da Morte taes problemas e em taes termos, que não me atrevi a responder directamente: tive de usar d'um subterfugio, qual foi procurar nas obras dos maiores poetas e philosophos alguma pagina decisiva sobre os pontos em questão, e enviar-lhe copia d'esses extractos. Achei effectivam.te em Strauss (o da vida de Jesus q̃. é tambem g.de theologo — á allemã) uma pagina profundissima sobre o valor objectivo da idea de Deus, e sobre a Morte descobri com assombro no Ramayana a coisa mais eloquente e mais forte que até hoje tenho lido. Tomei nota d'essas passagens p.a lh'as mandar copiadas, e se não o faço agora é porq̃. a sua ultima carta, propondo-me problemas d'outra ordem [q̃., por se circumscreverem n'uma area mais restricta, nem por isso são menores] e deixando-me não pouco perplexo, me obriga a responder-lhe, seguindo sempre o mesmo methodo, com uma larga citação e extracto d'um auctor q̃. tenho mais q̃. os outros sempre á mão, e q. V. conhece tão bem como eu, mas q. não poderá agora consultar com tanto vagar. Já vê q̃. não me posso referir senão áquelle nosso grande mestre, o livro antiquissimo mas sempre novo, anonymo como todas as grandes obras primitivas onde se condensa a viva experiencia da humanidade e dos individuos: *Le cœur et l'esprit.* Eis o que ali encontro de mais apropriado á questão que me propõe e que vou copiar, sem traduzir, p.a maior commodidade.

«Je ne crois pas que ce soit seulement un cas pathologique, mais je ne crois non plus que ce soit une passion, dans la vraie force du mot, car il n'y en a vrai-

ment plus pour quiconque a dépassé une certaine sphère de l'idéalité. Ce doit être une nuance psychologique extremement fine, et qu'il m'est impossible de bien définir a distance: de l'imagination, de la poesie, beaucoup de musique, peut-être un peu d'amour. Il y a longtemps que vous donnez à vôtre vie un tour par trop exclusivement sentimental, trop de rêverie et, je le redis, trop de musique. Tout cela a pris un corps, et vous voilà épris de l'image fantastique éclose d'un cahos poétique de rêves longtemps amassés — un vrai symbole. Mais, encore une fois, je ne crois pas que ce soit de la passion. Le dirais-je? Je crois que c'est quelque chose de trés analogue à l'amour des seize ans, tout poètique et subjectif: comme dit le poète «Es el amor que al mismo amor adora». Il y aura toujours en vous, jusqu'à la vieillesse, à côté de l'homme, un ***bel adolescent rêveur***, car c'est là le privilège des poètes. Ce n'est donc qu'une crise, et elle passera: [d'ailleurs tout passe, hormis Dieu, et tout ce qui est absolument divin]. Or, voilà ce que je vous conseille: ne resistez à ce sentiment, car, avec vôtre manière impétueuse de sentir et vôtre imagination aprehensive, la résistence serait un vrai péril, le mal pourrait bien s'envenimer: abandonez-vous y plutôt doucement, tout en le contenant dans les limites de la subjectivé. Vous pouvez vous y abandoner sans crainte, parce qu'il y a en vous un fond d'honneteté: mieux encore, de pureté originèle, qui vous preservera. Tout ce qu'il y aura de vraiment bon là dedans restera dans vôtre vie, non seulement à l'état de souvenir, mais encore, mais surtout à l'état de ***résultat***, comme une conquète très-reélle dans la voie spirituelle, un développement de votre vie morale. Tachez donc

de vous maintenir toujours dans une sphère haute, tout en vous abandonant à vôtre sentiment, et prenez comme critère cette pensée: que vous semez pour l'avenir, que dans l'avenir vôtre âme sera d'autant plus lumineuse et sereine que vos actions et vos pensées seront actuellement empreintes de plus d'idéalité. Je ne sais si le conseil est extrémement *vertueux:* aussi n'ais-je pas employé [à dessein] ce mot-là: je dis seulement *spiritualité* et *idéalité*, car la *vertu* ne répond plus aux idées et aux sentiments de l'homme moderne; ce n'est plus qu'un mot d'archéologie psychologique. Aujourd'hui nous cherchons l'Idéal par un autre chemin, et quand nous le trouvons, peu importe qu'il ne soit pas absolument conforme à la vieille mesure — ».

Eis aqui o que diz o nosso auctor. Consulte-o na pagina indicada, e diga-me depois se entende q̃. as suas considerações se applicam ou não cabalmente ao ponto verdadeiramente philosophico em q̃. V. me fallou na sua ultima carta. Eu de mim, meu caro, pouco lhe posso dizer q. o satisfaça, porq̃. já quasi não tenho imaginação nem sentimento, ou melhor, já não tenho isso senão como instrumentos e auxiliares da intelligencia, dos quaes apenas me sirvo em certas occasiões theoricas e scientificas, e sem terem a menor influencia na minha vida. É incalculavel como a sciencia *areja* um homem! Hoje a unica viscera q. me perturba não é o coração, é o estomago: posso dizer q. sou um cerebro servido por um estomago. De resto, paz inalteravel: desde q. me convenci de q̃. a vida não é boa nem má, vivo extremamente socegado.

Adeus. Como vai longa esta carta não envio d'esta vez os extractos de Strauss e do Ramayana, porq̃. um

d'elles é m.to extenso. Mas irão d'outra vez, porq̃. valem m.to a pena de se lerem e pensarem.

Recommende-me a sua familia, e não deixe de me escrever.

Seu do C.

Anthero.

CLXXIII

Ao mesmo

Amigo

Tenho aqui minha Mãe e Irmã, o q. faz com q. esteja prezo a Lisboa até q. ellas hajam de voltar p.a a Ilha, isto é, até ao dia 15 do corrente. Depois, fico livre por esse lado; mas, como tenho perdido m.to tempo aproveitavel p.a o trabalho, e trabalho q. impacientem.te desejo concluir sem interrupções q̃. redundão em enfraquecim.to da concepção da obra, ficarei ainda prezo por 3 capitulos e a Introducção, q. é o q. me falta. Sem isto terminado, não me atrevo a permittir-me a menor distracção, e até direi q., preoccupado como estou, creio q. a distracção me seria penosa.— Assim, meu caro Lobo, não o verei ainda por estes 3 mezes mais proximos, a menos q. V. venha estar algum dia a Lisboa, porq. em tal caso não lhe perdoarei se me não procurar n'esta mansarda ultra estoica da R. dos Doiradores. — A carta, não a entreguei na propria mão do Dr. Lucas porq. esse conspicuo jurisconsulto foi *demandar* o oceano até ás praias de Cascaes: como porem, deixasse na porta do escriptorio um letreiro em q. pede aos carteiros q̃. lhe enviem p.a Cascaes a correspondencia, p.a lá lhe enviei eu tambem a sua carta.

Do Batalha, dir-lhe-hei q̃ se sumio na região *celeste* a ponto q. não ha dar-lhe com o rastro. Não está em Lisboa; é o q̃. tenho podido liquidar. Assim q. volte lhe será entregue a sua missiva. É muito justa a sua recommendação do Fonseca: assim ella dê algum resultado. O q. eu posso fazer sabe V., e isso tenho feito: mas isso nada é, nem adianta um passo a situação do infeliz.

Eis o q. tenho a dizer-lhe, com a brevidade e secura de quem tem a familia á vista. Nem eu tambem sei já o q. são expansões e declamações do sentim.to Acho-me seco e arido. V. é o unico homem q̃. põe em vibração certas cordas da minha natureza. Por isso sinto a sua falta, e não m'o agradeça, porq. é por puro egoismo, um egoismo q̃. por ser refinado e psychologico, nem por isso deixa de...

CLXXIV

Ao mesmo

18 de março.

Caro amigo

Já estranhava a falta de noticias suas. Tambem lhe não tenho escrito, porq̃. nada occorre digno de menção. Continuo doente, e no mesmo grau de doença. Circunstanciar mais fôra tedioso, e é inutil. Como creio ter-lhe dito já, isto é uma lesão na espinha, doença q̃., a ser curavel, só o pode ser muito lentamente, e por gradações insensiveis. Dizem isto os medicos, e é precisamente este o ponto em q. eu plenam.te estou d'accordo com elles.

Como terá visto nas gazetas, ha já Republica em França. Isto não altera m.to sensivelm.te o estado das

coisas: entretanto os nossos jacobinos crearam com isto g.de animo, e andam alvoroçados. Querem tambem uma Republica. Talvez a tenham; mas, se assim fôr, duvido m.to q̃. gostem d'ella. Imagine uma Republica em Portugal! Entretanto pensam n'isso com grande confiança, e é certo q̃. o partido republicano engrossa a olhos vistos. Quando os republicanos forem maioria, tratarei eu de me fazer anti-republicano, porq̃. fui sempre amigo de me achar em minoria. É o q. já me está acontecendo com a questão de Deus: desde q̃. vejo todos atheus, passei a ser deista, cá a meu modo, já se vê, mas emfim deista. Copio um Soneto, q̃. fiz ultimam.te, q̃. lhe dará idea d'essa minha *crença*.

Nada lhe digo do Batalha, porq̃. se tornou um sem-saborão m.to g.de desde q̃. transmigrou p.a a *Revista*: é essa a sua actual encarnação, e como V. vio já, não é m.to satisfatoria. Está absorvido por aquella especulação, q̃. elle toma m.to a serio, e bateu em homem de negocio, *affairé*, burguezm.te grave, incapaz da menor transcendencia. Tomou a vida real a serio, o q̃. constitue uma decadencia irremediavel. Diz elle q̃. quer ser rico e feliz! É deploravel! — Leia na *Revista* as *Chronicas* de P. de Oliveira, q̃. são a unica coisa boa q. lá vem. O resto são banalidades ou extravagancias. Adeus.

Do seu do C.

Anthero.

N. B. Fala-me nos *meus livros*; não sei quaes, por isso nada lhe posso dizer.

CLXXV

Ao mesmo

Ilha Terceira, 26 de Junho.

Caro Lobo

Pouco lhe escrevo d'esta vez, porq̃. estou proihibido de fazer m.ta applicação á escrita. Basta já isto p.a colligir q. o meu estado não é bom. Isto porem, é independente da atmosphera: é sim só o natural progresso d'uma enfermidade, cuja séde se ignora ainda. Como quer q̃. seja, parece q̃. tem muita applicação ao meu caso a medicina hydropathica, razão por q. vim p.a esta ilha Terceira, onde ha um especialista d'este systema e um estabelecimento adequado. Por ora, nada lhe posso dizer do resultado porq. ainda não comecei com o tratam.to, tendo estes 1.os dias sido consagrados ao estudo dos symptomas.

Não quero fechar esta sem lhe dizer q. m.to me agradaram os seus sonetos, q. são no seu genero d'esta vez, e excellentes. Quanto aos de Camões, é possivel q. V. tenha razão no q̃ diz. Com effeito, os meus 32 annos, aos quaes se deve addicionar uma massa consideravel de estudo e preocupações positivas, pesam-me já sobre a imaginação (pelo menos a imaginação sentimental) como se fossem 40 ou 50. Todo um lado das minhas faculdades se tem ido obliterando. Já não leio os poetas [a não serem os m.to antigos, Homero ou Virgilio, e os m.to contemporaneos, como Baudelaire] sem um esforço, esforço p.a me colocar artificialm.te no ponto de vista d'elles. Espontaneam.te já não tenho a

intuição e, deixe-me dizer, communhão, q̃. mé fazia penetrar o sentim.to dos g.des poetas como se em mim mesmo estivesse lendo. Assim, é m.to de crer q. a minha critica se tenha tornado insufficiente p.a os apreciar. O simples, grande, pathetico, ainda eu intendo, porq̃. é essa a forma mais accessivel, e por assim dizer elementar, do Bello. Porem o delicado, complexo e refinado embora profundo, já quasi me deixa frio, e o q. é mais, inintelligente.

A V. intendo-o eu m.to bem, mas é porq. V. está no caso dos «m.to contemporaneos» a q. a cima me referi, sendo como é o *M. N. portuguez*.

Adeus.

Seu do C.

Anthero.

CLXXVI

Ao mesmo

Rua dos Douradores, 135, 4.º

Meu caro Lobo

Estou em Lisboa ha dias. Não contava ter aqui tão cedo a minha familia, por isso, chamado do Porto precipitadam.te, fiz d'um folego a viagem, não podendo nem demorar-me um dia ou dois, como projectava, em Torres Novas, nem ainda escrever-lhe pedindo-lhe q̃. viesse á Estação, p.a ao menos lhe dar um aperto de mão.

Pela sua ultima carta vi as excellentes disposições philosophicas e sentimentaes em que está, e q̃. julgo tão boas q̃. as considero definitivas, quero dizer, dignas de serem definitivas. O verdadeiro positivismo é o

idealismo. Tenho descoberto os melhores argumentos p.ª esta g.de these. Mas V. leva-me m.ta vantagem porq. pratica e sente esta doutrina da Vida Eterna, emq.to q̃. eu contento-me com desenvolvel-a theoricam.te, mas na pratica vou-me dia a dia tornando atrozm.te contemporaneo, isto é, positivo e opaco: q.do olho p.ª dentro de mim, procurando a minha alma, acho em logar d'ella um seco cathecismo philosophico. Estou na passagem cruel do *homem* p.ª o *sabio,* tomando a palavra no sentido moderno, q̃. é diametralm.te opposto á bella significação q. tinha p.ª os antigos, porque *sabio,* hoje, quer apenas dizer *especialista.*

Mas deixemos isto. Escreva-me e diga-me alguma coisa de si. Não se esqueça d'uma coisa: q̃ lhe não perdôo 2 sonetos q̃ me deve. Emq.to aos q̃ lhe envio hoje, considero-os irrespondiveis — e cuido q. será essa tambem a sua opinião.

Do meu livro dir-lhe-hei q̃. deve sair dentro em 3 ou 4 mezes, e q̃ me parece bem pensado e menos mal escrito. Colloco-me fóra das escolas, n'uma região onde os resultados da synthese se confundem com os dictames do senso commum ou, se quizer, do senso intimo. Mas V. verá o livro e julgará por si. O essencial agora é que me dê noticias suas.

Seu do C.

Anthero.

Saiba q. o Batalha casou finalmente.

CLXXVII

Ao mesmo

R. de S.ta Catharina, 44.
12 de Abril.

Meu caro Lobo

Cheguei ao Porto, e acho-me aqui só, porq̃. o Germano está em Lisboa, e como me não avisasse a tempo, não esperei por elle. Não quero sair do Porto sem o ter visto, e é por isso q̃. não parto ainda p.a o Minho, donde me está chamando a boa mãe Natureza, com a sua voz feita de indifferença e esquecim.to Eu nada tenho q̃. esquecer, porq̃. nada tenho aprendido n'este mundo: ainda assim, sinto q̃. é o esquecimento q̃. sobre tudo me convém. Infelizm.te, levo commigo o meu Proudhon e os meus eternos apontamentos, e a idea desesperada de fazer um livro: assim terei sempre presentes os deveres humanos — o que n'este mundo mais me pésa. O dever é p.a quem póde com elle, ou é digno d'elle, o que vem a dar no mesmo, ou quasi. Vou vendo que a minha vida se pode toda resumir n'esta anexim: *remar contra a maré.* Mas, consideradas bem as coisas, não se resume n'isto a vida da maior parte dos homens? e a da humanidade toda, segundo o allemão Schopenhauer e os mysticos de todas as raças?

Mas deixemos *esta materia perigosa.* Como é preciso fazer *alguma coisa*, fecha-se os olhos e faz-se o q̃. se póde.

Chegando aqui, lembrou-me q̃. lhe estava em divida de tres sonetos, q̃. V. me enviou ha mezes. Da regra «amor com amor se paga», deduzo q. «soneto com

soneto se paga», por isso passo a transcrever uns, q. talvez lhe agradem. O primeiro foi composto por um monge da Idade-Media (ahi pelo seculo 13.º), na solidão *soava-austera* do Monte Cassino, um contemporaneo talvez do auctor mysterioso da Imitação de Christo, e é dirigido á Virgem-cheia-de-graça do sentimento christão, a que mais tarde um pagão illustre deu o nome de Eterno Feminino. Diz assim:

N'um sonho todo feito de incerteza,
De nocturna e indizivel anciedade,
É que eu vi teu olhar de piedade,
E (mais que piedade) de tristeza...

Não era o vulgar brilho da belleza,
Nem o ardor banal da mocidade...
Era outra luz, era outra suavidade,
Que até nem sei se as ha na natureza...

Um mystico soffrer... uma ventura
Feita só do perdão, só da ternura
E da paz da nossa hora derradeira...

O' visão, visão triste e piedosa!
Fita-me assim calada, assim chorosa...
E deixa-me sonhar a vida inteira! (1)

O seguinte, podia simplesmente ter por auctor algum solitário, discipulo de Buddha, que ha 2500 annos, se assentasse á sombra do Baobab, e imobilisando o espirito n'um ponto unico [segundo o preceito do Mestre] tivesse procurado fugir ao tormento supremo da consi-

(1) É o soneto a pag. 88 da edição Oliveira Martins. Tem por titulo: *Á Virgem Santissima.*

deração da contingencia e fragilidade das coisas. É, porem, mais crivel que o seu verdadeiro auctor fosse algum philosopho allemão contemporaneo, que, desesperando de encontrar a *razão ultima do Ser* no insufficiente naturalismo da philosophia moderna, se lançasse nos sonhos insondaveis do sentimento religioso primitivo. O que nos leva a optar por esta segunda supposição é encontrarmos no mencionado Soneto certas allusões e aproximações, e uma lucidez racional, q̃. destoam da simplicidade profunda e do *concretismo* dos videntes antigos, e só convêm a subtileza sábia dos neo-buddhistas. Como quer q̃. seja, reza assim:

Na floresta dos sonhos, dia a dia,
Se interna meu dorido pensamento.
Nas regiões do vago esquecimento
Me conduz, passo a passo, a phantasia.

Atravesso, no escuro, a nevoa fria
D'um mundo estranho, que povôa o vento,
E meu queixoso e incerto sentimento
Só das visões da noite se confia.

Que mysticos desejos me enlouquecem?
Do Nirvâna os abysmos apparecem
A meus olhos, na muda immensidade!

N'esta viagem pelo ermo espaço,
Só busco o teu encontro e o teu abraço,
Morte! irman do Amor e da Verdade! (1)

Depois d'estes homens antigos, não me atrevo a dizer

(1) Soneto II, na pag. 104, da edição Oliveira Martins, sob a epigraphe — *Elogio da Morte.*

mais nada. Tanto mais q. o vento está leste — e V. avalia o valor d'esta consideração.

Adeus.

Seu do C.

Anthero.

12 de abril. Chegou o Germano. A questão do Jornal não está abandonada: é mesmo crivel q. vá por diante. N'esse caso será o Fonseca collocado convenientem.te na administração do dito. Tenho expressa promessa do Germano a esse respeito.

CLXXVIII

Ao mesmo

R. do Thesouro Velho, 18 — 2.°

Q.do amigo

Não estranhe a demora q. tenho tido em lhe responder, mas passo m.tos dias seguidos em q. não posso estar senão deitado, posição pouco p.a convidar a escrever. É uma das singularid.des d'esta singular doença. De resto, não passo m.to mal. Os medicos q. me tratam são Manoel Bento e Curry Cabral, os quaes assentam em q. isto é doença de espinha. Pois seja de espinha! Veremos o q. fazem estes sabios, q. por ora só tem examinado e consultado.

Diz-me V. q. espera ser transferido. Oxalá não seja p.a mais longe. — Adeus. Recommende-me á sua familia. Tenho m.tas saudades da Anna. V. nunca me falla d'ella. Entret.to o desenvolvimento do caracter

d'essa criança não pode ter sido vulgar. Diga-me alg. coisa d'ella.

Vou ver se lhe transcrevo um soneto de q. julgo gostará.

SONETO

O espectro familiar que anda commigo,
Sem que podesse ainda ver-lhe o rosto,
Que umas vezes encaro com desgosto
E outras muitas ancioso espreito e sigo,

É um espectro mudo, grave, antigo,
Que parece a conversas mal disposto...
Ante esse vulto, ascetico e composto
Mil vezes abro a boca... e nada digo.

Só uma vez ousei interrogal-o:
Quem és (lhe perguntei com grande abalo)
Phantasma a quem odeio e a quem amo?

Teus irmãos (respondeu) os vãos humanos,
Chamam-me Deus, ha mais de dez mil annos...
Mas eu por mim não sei como me chamo... (1)

CLXXIX

Ao mesmo

5 de Julho.

Meu caro Amigo

Na sua ultima carta pedia-me V. algum soneto novo q. tivesse. Ha quasi um anno q. não fazia versos e nada tinha p.ª lhe offerecer. Mas veio a ponto a inspiração, acudindo-me hontem com esse soneto, q. lhe en-

(1) Soneto n.º 79, da edição Oliveira Martins — *O Inconsciente.*

vio. Tenho deveras pena de se me ir tornando já tão escassa esta bella faculdade poetica, e de não tomarem já naturalmente os meus sentimentos a forma do soneto, porq. reconheço q. de tudo q.to tenho escrito é onde tenho posto mais verdade, digo verdade pessoal, pessoal, espressão exacta do meu intimo sentir. O actual, mais do q. qualquer outro, tem esse valor. Posso chamar-lhe um psalmo, uma effusão religiosa, porq. está ali com effeito a minha religião, o meu culto da existencia supra-sensivel, sem o qual não sei o q. seria d'esta minha pobre existencia sensivel *(helas! trop!)*. O meu mysticismo dia a dia se consolida mais, como sentimento e como doutrina. N'este ultimo ponto tenho realmente feito importantes progressos, devidos a um bello methodo q. inventei e q. consiste no estudo das religiões (especialmente o Christianismo) segundo um criterio metaphisico. Creio q. já uma vez lhe toquei n'este meu methodo, a q. eu dou a maxima importancia, porq. o tenho achado fecundissimo. E n'este sentido q. vou proseguindo os meus estudos, lentamente, mas com segurança, porq. caminham com alvo fixo.

8 de Agosto.

Termino em Lisboa esta carta começada em S. Miguel, porq. me sobrevieram ali certas complicações de saude (isto é, de doença) e julguei prudente retirar. Supponho q. vou aqui passando um pouco melhor; mas aparece-me agora um phenomeno singular q. me obriga á quasi immobilidade dos braços, de sorte q. se me torna penoso escrever. Por isso limito-me a transcrever o Soneto (a q. V. dará o titulo q. achar mais

proprio) e a annunciar-lhe q. a minha actual residência é na Praça da Alegria, 12, 2.º — Ahi vae o soneto

Já socega, depois de tanta lucta,
Já me descança em paz o coração.
Cahi na conta, emfim, de quanto é vão
O bem que ao Mundo e á Sorte se disputa.

Penetrando, com fronte não enxuta,
No sacrario do templo da Illusão,
Só encontrei, com dor e confusão,
Trevas e pó, uma materia bruta...

Não é no vasto mundo — por immenso
Que elle pareça á nossa mocidade —
Que a alma sacia o seu desejo intenso...

Na esphera do invisivel, do intangivel,
Sobre desertos, vacuo, soledade,
Vôa e paira o espirito impassivel! (1)

Adeus. Envio as minhas saudades á querida Anna, e os meus cumprimentos a sua mulher e sogra.

Seu do C.
Anthero de Q.

CLXXX

Ao mesmo

Lisboa, Calçada de St.ª Anna, 207, 2.º

Meu caro Lobo

Tenho-me demorado em lhe escrever, porq. esperava, p.ª o fazer, estar definitivamente installado, com a minha

(1) Soneto n.º 101, da edição Oliveira Martins, sob o titulo — *Transcendentalismo.*

pequena familia ao pé de mim — o q. succede ha já uns 15 dias. Tenho experimentado um socego de espirito, como não conhecia ha m.tos annos; e se não fosse a inquietação nervosa, filha da doença, q. nunca me deixa completamente, cuido q. chegaria á perfeita serenidade. Tive, ha uns mezes, um momento critico, ou talvez, por certos lados, *o* momento critico, da minha vida: pensei e decidi-me, e cada vez ***sinto*** mais q. me decidi pelo bom caminho. Já vê que posso, sem jactancia, estar satisfeito.

Ainda não fui a Bemfica. A desculpa é q. os dias são mui curtos por ora e excepcionalmente frios, ainda q. formosissimos. Espero q. o tempo melhore, no ponto de vista thermometrico, e q. os dias cresçam um pouco, p.ª fazer essa, para mim, ***viagem***. Estou pois reduzido, por ora, a noticias de torna viagem, q. lhe peço me dê quando me escreva, e espero q. será brevemente. Diga-me tambem de si. Que efeito lhe fez o mar, o velho mysterioso? E essas terras semi-tropicaes, com os seus aspectos singulares e chinezes, o seu «grande em ponto pequeno» e a sua vegetação sombria? Como se tem dado por ahi, physica e moralmente? Eu gosto da villa onde V. habita, mas provavelmente gosto por motivos todos subjectivos.

Tenho continuado a poetar, porq. decididamente se me renovou o estro e descobri a minha maneira definitiva, q., com ser estranha, *a du bon*. Para q. V. julgue sobre provas, ahi lhe envio o q., entre m.ta coisa começada, se acha só completo e definitivo. Acho esses *Captivos* bast.te poeticos e não pouco philosophicos.

Que lhe parece?

Leu já a *Historia de Portugal* do nosso Martins?

Que diz áquilo? É uma satisfação (p.ª compensar m.tor aborrecimentos) pertencer a uma geração em q. se encontrou finalm.te um homem p.ª dizer sem phrases o q. havia a dizer, q. muitos sentiam, mas que nenhum sabia dizer.

Adeus. Um longo abraço do

Seu do C.

Anthero.

Se vir os amigos João e Francisco saúde-os fraternente da minha parte.

Lisboa. 19 de Janeiro.

Abro esta, q̃ estava escripta ha 2 dias, p.ª lhe dizer q̃ recebi a sua. Folgo com as boas noticias que me dá. Peço-lhe dê recomendações minhas ao Sebastião do Canto. A sua charada, q. foi adivinhada pelo Castello Branco (1) (sabe q. é deputado por Villa Real) tem feito furor nos circulos *impoliticos:* é uma definição q. quadra com o sentimento publico.

D'aqui nada. Os progressistas estão cada vez mais retrogrados. Leia os *Cavalleiros d'Africa,* do Vicente Machado; medriocre romance, mas interessante como cronica insulana do seculo XVI.

A Rattazi, q. passou dois invernos a disfrutar os litteratos de Lisboa, publicou agora um livro sobre Portugal, delicioso. Imagine uma parisiense decrevendo *ao vivo,* estes mirmidões! Não se fala n'outra coisa, e está tudo furioso.

Adeus. Até outra ocasião.

A.

(1) Antonio de Azezedo Castello Branco, ex-ministro d'Estado, no antigo regimen.

OS CAPTIVOS

Encostados ás grades da prisão,
Olham o céo os pallidos captivos,
Já com raios obliquos fugitivos,
Despede o sol um ultimo clarão.

Entre sombras, ao longe, vagamente,
Morrem as vozes na extensão saudosa.
Cae no espaço, pesada, silenciosa,
A tristeza das cousas, lentamente.

E os captivos suspiram. Bandos de aves
Passam velozes, passam apressados,
Como absortos em intimos cuidados,
Como absortos em pensamentos graves.

E dizem os captinos: Na amplidão
Jamais se extingue a eterna claridade...
A ave tem o vôo e a liberdade...
O homem tem os muros da prisão!

Aonde ides? qual é vossa jornada?
Á luz? á aurora? á immensidade? aonde?
—Porêm o bando passa e mal responde:
Á noite, á escuridão, ao abysmo, ao nada!—

E os captivos suspiram. Surge o vento,
Surge e perpassa esquivo e inquieto,
Como quem traz algum pezar secreto,
Como quem soffre e cala algum tormento...

E dizem os captivos: Que tristezas,
Que segredos antigos, que desditas,
Caminheiro de estradas infinitas,
Te levam a gemer pelas devezas?

Tu que procuras? que visão sagrada
Te accena da soidão onde se esconde?
— Porêm o vento passa e mal responde:
A noite, a escuridão, o abysmo, o nada! —

E os captivos suspiram novamente.
Como antigos pezares mal extinctos,
Como vagos desejos indistinctos,
Surgem do escuro os astros, lentamente.

E fitam-se, em silencio indecifravel,
Contemplam-se de longe, mysteriosos,
Como quem tem segredos dolorosos,
Como quem ama e vive inconsolavel...

E dizem os captivos: Que problemas
Eternos, primitivos vos attrahem?
Que luz fitaes no centro d'onde saem
A flux, em jorro, as intuições supremas?

Por que esperaes? n'essa amplidão sagrada
Que soluções esplendidas se escondem?
— Porêm os astros tristes só respodem:
A noite, a escuridão, o abysmo, o nada! —

Assim a noite passa. Rumorosos
Susurram os pinhaes meditativos.
Encostados ás grades, os captivos
Olham o céo e choram silenciosos.

CLXXXI

Ao mesmo

Porto, 22 de Agosto.

Meu caro amigo

Tenho passado tão mal, sobre tudo de cabeça, q. preciso d'um certo esforço p.ª lhe escrever duas seccas linhas em resposta á sua.

Sobre Juvenal, com o caracter que indica, nada conheço, nem creio q. haja em francez, alêm do livro de D. Nisard: «*Les poètes latins de la décadence*». Um estudo litterario não pode porêm conter todos os esclarecimentos q. V. deseja. P.ª isso só alguma boa edição anotada. A melhor, segundo me indica o *Manual de Philologia Classica,* de Reinach, é a ingleza de Mayor (1872). V. sabe inglez, póde pois utilisal-a. Q.to ao preço, ignoro-o, mas supponho q. não excederá 4 a 5 shillings. O livro do Nisard é um vol. Hachette, 3 fr. 50. Eis q.to pude colher, sobre Juvenal, no Manual de Reinach, q. consultei por sua intenção.

Sobre o *Projecto do Codigo C. Hespanhol* nada pude aqui averiguar. Mas, em Lisboa, na Rua Aurea, ha um livreiro hespanhol. Por essa via facil lhe será obter o q. deseja.

O O. Martins possue as duas obras de Sousa Monteiro e Araujo. São volumosas.

Creio ter respondido ás suas varias questões.

De mim nada lhe digo, por pensar q. não vale a pena.

Quanto á visita projectada, fica indefinidamente adiada, porq. não volto p.ª Lisboa. Mudo a minha residencia p.ª estes sitios, tendo já casa alugada em Villa do Conde, p.ª onde me retiro. Levaram-me a esta resolução varios motivos, uns temporaes e outros espirituaes, sendo conspicuo, entre os primeiros, a economia, e entre os segundos, a necessidade de evitar a leitura do *Diario do Noticias*. Dentro d'um mez terei transferido p.ª ali a minha familiasinha e os meus livros, e por lá me deixarei ficar.

Vejo o q. me diz do seu estado moral, q. me parece excellente. Não tem razão de maldizer o roman-

tismo: contrabalançado pelo mysticismo, produz um fluxo, uma acção e reacção, que julgo m.to favoravel á vida espiritual.

Adeus. Recommende-me a todos os seus.

Do C.
Anthero.

N. B. Ahi vae um epigramma da Anthologia Grega, q. tem sua graça.

A UMA MULHER M.TO FEIA,
Q. SE QUERIA FAZER RETRATAR

Ante ti o genio e a arte
São impotentes, mulher!
Quem ha-de poder pintar-te
Se ninguem te pode ver?

CLXXXII

Ao mesmo

10 de Maio.

Meu caro amigo

Depois q. d'aqui saío, não tornei a ter novas suas. Como vai V. e como vai a sua familia? E como se comportam os seus nervos com esta admiravel primavera?

Eu continuo no mesmo estado. Receita-se-me agora uma viagem ao Minho e provavelm.te d'aqui por 15 ou 20 dias partirei. Vou até Guimarães, onde, como sabe, residem os nossos amigos Sampaios. Como esta viagem é uma especie de *duche de clima*, tem de ser feita com a maxima rapidez, p.a q. o effeito da des-

locação se aproveite, ou melhor, p.ª q. a deslocação produza um effeito. Por isso, ainda q. lhe passo á porta, não tocarei no ferrolho. Fal-o-hei porém na volta, a não ser q. o meu estado se tenha agravado a ponto de o não consentir.

Fiz ha dias 33 annos, caso q. me poz n'uma disposição ironica. D'ella saío o epigramma q̃. lerá e em parte reconhecerá, porq., se bem me recordo, a idea final é sua.

Adeus.

Do seu do C.

Anthero.

CLXXXIII

Ao mesmo

26 de Maio.

Querido amigo

Quisera escrever-lhe longam.te, respondendo á sua carta (penultima), onde V. toca pontos m.to para se considerarem e discutirem. Não posso porem escrever m.to, por isso me limito a dizer q. li e meditei... e fiquei na mesma! Livre ou não livre, ou livre d'esta ou d'aquella maneira, o homem é o que é: nenhuma theoria pode alterar o jogo primitivo das suas faculdades, dê-se-lhes q. nome se lhes quizer dar. V. é como é, e consoante o que é resolverá os seus casos — cuido q. os resolverá bem, porq. na sua naturesa ha recursos abundantes p.ª o bem, e uma tenacissimas molas, q., por m.to q̃. se dobrem, acabam sempre por tomar a forma e posições normaes.

Li os seus sonetos, penultimos e ultimos. D'estes gostei immensam.te; d'aquelles não tanto. Nos ultimos

encontro o seu verdadeiro *tom*, um mixto de sentimento e excentricidade de imaginação, a commoção verdadeira envolta no *conceito* do epigrama peninsular. Nos outros acho o q̃. quer q̃. é forçado, ou seja effeito d'um sentimento q. V. deliberadam.te quer conduzir por um certo caminho e conter n'um certo quadro, ou apenas influencia petrarquiana da leitura dos sonetos de Camões. E, a proposito, dir-lhe-hei q̃. dou hoje m.to mais apreço ás outras obras lyricas do nosso poeta, do q̃. aos sonetos — salvo, já se intende, um certo numero d'estes, em q. deixou correr a imaginação e a pena a sabor do sentimento, sem se lembrar de fazer obra de escola. Mas, em geral, os sonetos de Camões, como os de Ferreira, ressentem-se da preocupação litteraria, da imitação dos modelos da escola italiana. Acho-o mais livre, mais senhor de si, mais Camões, n'uma palavra, nas outras obras lyricas — verdadeiro monumento, e um dos raros monumentos, do *genio* portuguez, e q̃. ainda não teve quem o apreciasse dignam.te Cada nação tem os seus *representantes* (representativemen, dizem os inglezes) representantes do seu *genio*, do q. ha mais intimo no seu temperamento moral. A França tem Rabelais, Molière, Voltaire; a Inglaterra Shakespeare; a Hespanha Cervantes e Lope: nós temos Camões, mas creio q. o ignoramos!

Deixemo-nos porem de lastimas. — Tenho ultimamente lido m.to e m.to boas coisas: entre ellas o 4.º vol. das «*Origens do Christianismo*» do Renan (q̃. se intitula «*O Ante-christo*») obra bellissima, onde ha paginas excellentes de moral, e outras de quadro historico perfeitissimas. O incendio de Roma e exterminio dos christãos, e a destruição de Jerusalem por Tito são d'este

numero. Quanto a mim, d'esta obra a parte mais fraca, e até direi singularmente inferior (no ponto de vista historico, já se vê) é o 1.º vol., «*Vida de Jesus*». Quanto mais estudo, mais me parece aquillo uma fantasia sentimental, um resto da velha crendice do sabio bretão. O g.de valor d'esse livro é todo lyriço, pessoal, subjectivo; historico, m.to pouco. O mais curioso é q. apesar d'isso (devia dizer, talvez, por isso mesmo) a «*Vie de Jesus*» se vai tornando centro d'uma nova igreja christã, d'uma igreja em q. se adora Christo como «o mais divino dos humanos» um «mestre inimitavel da vida espiritual». Dir-lhe-hei francam.te q. tudo isto me parece indigno do seculo. Creio q. se ha m.to q. estudar do passado, e m.to *indirectamente* a colher d'esse estudo, *directam.te* nada ha a aprender n'esse turbilhão fantastico de visões q. se arrasta durante 5 ou 6 mil annos sobre o globo, como um nevoeiro. O Ch.mo morreu totalm.te: em corpo e alma. Não é só a lenda christã q̃. a rasão moderna regeita; é o espirito christão, o sentir christão, tudo. Ch.mo, polytheismo, Jehovismo, tudo isso foram andaimes apenas d'uma construcção moral cuja forma definitiva já se deixa ver claram.te Com o remate da obra, tiram-se naturalm.te os andaimes, e deitam-se fora. Em suma, direi q. o Renan (salvo o respeito a tal mestre) tem ainda o seu tanto de *carolą*.

Adeus, querido amigo: não posso escrever mais porq̃. me faz m.to mal ao estomago — se é q. é o estomago a séde da doença q. me tem ha mezes meio esphacelado, coisa q. ainda não está bem averiguada. O certo é q. estou m.to redusido do meu phisico, e com poucas probabilidades de q. isto mude p.a melhor,

Que lhe hei-de fazer? *Spiritus quidem promptus est*, e isto é o essencial.

Adeus: dê-me, sempre q. possa noticias suas. (1)

Do seu do C.

Anthero.

(1) N'esta carta está escripto a lapis:

Quoniam non cognovi litteraturam, introibo in potentias Domini. — Psalmo 70.

INDICE

Pag.

Prólogo v

Cartas de Anthero de Quental

A Wilhelm Storck 1
A Alberto Bessa 14
A Alberto Osório de Castro 15
A Alberto Teles 17–18
A M.lle Alice Moderno 19
A D. Anna de Quental . . . . . 20–22 e 332–334
A Anselmo d'Andrade 22
A A. A. da Rocha Peixoto 36
A Antonio Augusto Teixeira de Vasconcellos 37
A Antonio Feliciano de Castilho 40
A Antonio José d'Avila 57
A António Lopes dos Santos Valente 69
A Antonio de Serpa Pimentel 72
A Bernardo Valentim Moreira de Sá 76
A Bulhão Pato 78–84
A Candido de Figueiredo 84–88
A Carlos de Lemos 88
Á Comissão eleitoral do Partido Socialista do circulo n.º 98 (Lisboa) 91
Ao Conde de Rezende 97–101
A Domingos Taroso 101
A Eduardo de Almeida Andrade 101–106
A Eduardo Coimbra 106–107
A Eugenio Vaz Pacheco do Canto e Castro 107
A Fernando Leal 108–124
A Francisco Affonso de Chaves e Mello 124
A Francisco Ferraz de Macedo 126
A Francisco Machado de Faria e Maia 127–132
A Frederico Diniz Ayala 132

Pag.
A Gabriel Pereira 133
A Gaspar de Queiroz Ribeiro 134–135
A Germano Vieira de Meyrelles 135–143
A Gil Vaz 143
A Guilherme Ribeiro 147
A Gustavo Antonio Barbosa 148–150
A Henrique das Neves 150–157
A Jayme de Magalhães Lima 157–173
A João de Deus 173–185
A João Lobo de Moura . . . . . 185 e 335-366
A João Machado de Faria e Maia 190–205
A João Penha 206
A Joaquim de Araujo 208–216
A Joaquim de Lemos 216–217
A José Bensaude 218–223
A José Felix Pereira 224
A José Gomes Monteiro 225
A José Sampaio 227
A Manuel Duarte de Almeida 227–230
A Manuel Ferreira Deusdado 231
A Manuel Sardenha 233
A D. Maria Amalia Vaz de Carvalho 235–239
A Mr. Maxime Formont 239
A Oliveira Martins 242–263
Á Redacção do «Atila» 262
Á Redacção da «Provincia» 269
A Sebastião d'Arruda da Costa Botelho 270
A Sebastião de Magalhães Lima 273
Ao general Sebastião Telles 275
A Teophilo Braga 277–290
A Tommazzo Canizzaro 290–321
A Trindade Coelho 321
Ao Visconde de Faria e Maia 322
A D. Carolina Michaëlis de Vasconcelos 323

BIBLIOGRAPHIA (1)

I — A Wilhelm Storck — *Novo Diario dos Açores*, n.º 1292. Ponta Delgada, 1887.

II — A Alberto Bessa — *A Provincia*. Porto, 1891.

III — A Alberto Osorio de Castro — *Gazeta Nacional*, n.º 107. Coimbra, 1890.

IV-V — A Alberto Telles — *Supplemento litterario do Seculo*, n.º 111. Lisboa, 1894.

VI — A M.lle Alice Moderno — *Nova Alvorada*, 3.º anno, n.º 6, p. 43. Vila Nova de Famalicão, 1893.

VII — A D. Anna de Quental — *Bibliographia Antheriana.* — *Resposta aos srs. Delphim Gomes e José Pereira de Sampaio*, por Joaquim de Araujo. Genova, 1897.

VIII — Idem — *A Revista*, 2.º anno, n.º 5, p. 76.

IX — A Anselmo de Andrade — *O Instituto*, vol. XIII, p. 39. Coimbra, 1866.

X — A A. A. da Rocha Peixoto — *A Revista*, 1.º anno, n.º 6, p. 101. Porto, 1903.

XI — A Antonio Augusto Teixeira de Vasconcellos — *Jornal da Noite*, n.º 130. Lisboa, 1871.

XII — A Antonio Feliciano de Castilho — *Bom senso e bom gosto.* — *Carta ao Excelentissimo Senhor Antonio Feliciano de Castilho.* Folheto. Coimbra, 1865.

XIII — A Antonio José d'Avila — *Carta ao Ex.mo Sr. Antonio José d'Avila, marquês de Avila, presidente do conselho de ministros.* Folheto. Lisboa. s/d.

XIV — A Antonio Lopes dos Santos Valente — *A Revista*, 1.º anno, n.º 8, p. 131. Porto, 1903.

XV — A Antonio de Serpa Pimentel — *A Provincia*, cit., de 11 de fevereiro de 1890.

XVI — A Bernardo Valentim Moreira de Sá — *A Revista*, 2.º anno, n.º 5, p. 75. Porto, 1904.

(1) Nesta bibliographia apenas são citadas as publicações onde sahiram pela primeira vez as cartas de Anthero de Quental.

XVII-XXI — A Bulhão Pato — *Memorias — Scenas de infancia e homens de lettras*, por Bulhão Pato, tomo I, p. 318 a 329. Lisboa, 1894.

XXII — A Candido de Figueiredo — *Jornal da Manhã*, n.º 339, 19.º anno. Porto, 1890.

XXIII-XXIV — Idem — *A Revista*, p. 194 e 195.

XXV — A Carlos de Lemos — *Miragens*, por . ., p. 15. Coimbra, 1893.

XXVI — Á Comissão eleitoral do Partido Socialista do circulo n.º 98 (Lisboa) — *O Protesto Operario*, VIII anno, n.º 485. Lisboa, 1891.

XXVII-XXVIII — Ao Conde de Rezende — *A Revista*, 1.º anno, n.º 11, p. 163 a 165.

XXIX — A Domingos Tarroso — *Philosophia da existencia. Esboço syntetico duma philosophia nova*, por . 1881, p. 12.

XXX-XXXII — A Eduardo de Almeida Andrade — *Supplemento litterario do Seculo*, n.º 119, de 1904.

XXXIII — A Eduardo Coimbra — *Carteira do Viajante*, n.º 33, p. 210. Porto, 1885.

XXXIV — Idem — *Cadencias vagas*, por A. de Quental, p. 20. Lisboa, 1892.

XXXV — A Eugenio Vaz Pacheco do Canto e Castro — *A Revista*, 1.º anno, n.º 8, p 133. Porto, 1903.

XXXVI-XXXVIII — A Fernando Leal — *Livro da Fé*, por... p. 397 a 403. Nova-Gôa, 1906.

XXXIX — Idem — *Revista Popular de Conhecimentos Uteis*. vol. II, p. 387. Lisboa, 1889.

XL-XLIV — Idem — *Livro da Fé*, cit., p. 409 a 416.

XLV — A Francisco Affonso de Chaves e Mello — *Revista Portugueza*, vol. I, p. 108. Porto, 1894.

XLVI — A Francisco Ferraz de Macedo — *Revista de Historia*, vol. III, p. 250.

XLVII-XLVIII — A Francisco Machado Faria e Maia — *Revista Portugueza*, cit., p. 12 a 15.

XLIX — A Frederico Diniz Ayalla — *Nova Alvorada*, cit. 3.º anno, n.º 6, p. 44.

L — A Gabriel Pereira — *A Revista*, cit., 1.º anno, n.º 6, p. 99.

LI — A Gaspar de Queiroz Ribeiro — *A Revista*, cit., 1.º anno, n.º 6, p. 100.

LII — A Germano Vieira de Meyrelles — *Odes Modernas*, 1.ª edição. Coimbra, 1865.
LIII-LVII — Idem — *Anthero de Quental — In Memoriam*, p. II a V. Porto, 1896.
LVIII — A Gil Vaz — *Viagem á roda da Parvonia*, p. 239 a 242. Lisboa, (1880?).
LIX — A Guilherme Ribeiro — *In Memoriam*, cit., p. 24.
LX-LXI — A Gustavo Antonio Barbosa — *A Revista*, cit., 1.º anno, n.º 12, p. 196 e 197.
LXII-LXVI — A Henrique das Neves — *A Revista*, cit., 1.º anno, p. 50 a 54.
LXVII-LXXII — A Jayme de Magalhães Lima — *In Memoriam*, cit., p. XXI-XXXI.
LXXIII — A João de Deus — *Primeiro de Janeiro*. Porto, 1894.
LXXIV — Idem — *Seculo XIX*. Penafiel, 1864.
LXXV-LXXXI — Idem — *Revista Portugueza*, p. 73, 75, 76, 153, 155 e 156.
LXXXII — A João Lobo de Moura — *Revista de Historia*, vol. VIII, p. 67.
LXXXIII — A João Machado de Faria e Maia — *Archivo dos Açores*, vol. XII, n.º 69, p. 233. Ponta Delgada, 1893.
LXXXIV-XC — Idem — *A Revista*, 2.º anno, n.º 2, p. 25-28 e n.º 3, p. 35-38.
XCI — Idem — Publicada pela primeira vez na integra.
XCII — Idem — *A Revista*, 2.º anno, n.º 3, p. 38-39.
XCIII — Idem — *Inedita*.
XCIV-XCVII — Idem — *A Revista*, 2.º anno, n.º 3, p. 38-39.
XCVIII — A João Penha — *A Chronica*, n.ºs 63 e 64. Lisboa, 1902.
XCIX-CII — A Joaquim de Araujo — *In Memoriam*, cit., p. XVII-XX.
CIII — Idem — *Nova Alvorada*, cit., 3.º anno, n.º 9, p. 44.
CIV — Idem — *O Reporter*. Lisboa, 1889.
CV — Idem — *In Memoriam*, cit., p. XX e XXI.
CVI-CVII — A Joaquim de Lemos — *A Revista*, cit., 1.º anno, n.º 8, p. 130.
CVIII-CXIII — A José Bensaude — *A Revista*, 1.º anno, n.º 5, p. 81.
CXIV — A José Felix Pereira — *A Revista*, cit., 1.º anno, n.º 6, p. 98.

CXV — A José Gomes Monteiro — *Os criticos do Fausto.* Carta ao Ex.mo Sr. ... Folheto. Porto, 1873.

CXVI — A José Sampaio — *Figuras do passado*, por Pedro Eurico, pseudónimo do falecido jurisconsulto dr. Augusto Carlos Pinto Osório, p. 112.

CXVII-CXX — A Manuel Duarte d'Almeida — *A Revista*, cit., 1.º anno, n.º 4, p. 84-86.

CXXI — A Manuel Ferreira Deusdado — *Revista de Educação e Ensino*, anno 6.º, n.º 9. Porto, 1890.

CXXII — A Manuel Sardenha — *A Revista*, cit., 1.º anno, n.º 6, p. 97. Porto, 1903.

CXXIII — A D. Maria Amalia Vaz de Carvalho — *Um feixe de pennas*, p. 47. Lisboa, 1885.

CXXIV — Idem — *Nova Alvorada*, cit., 7.º anno, n.º 1, 1897.

CXXV — A Mr. Maxime Formont — *Circulo Camoneano*, fasciculo VI. Porto, 1891.

CXXVI-CXXXIII — A Oliveira Martins — *In Memoriam*, cit., p. V a XVII.

CXXXIV — Ao Redactor do «Atilla» — *Atilla*, n.º 8. Coimbra, 1864.

CXXXV — Á Redacção da «Provincia» — *Provincia*, cit., 6.º anno, n.º 34 de 11 de fevereiro de 1890.

CXXXVI — A Sebastião d'Arruda da Costa Botelho — *Oliveira Martins*, por Anthero de Quental, p. 50. Lisboa, 1894.

CXXXVII — A Sebastião de Magalhães Lima — *O Socialismo na Europa*, por... Lisboa, 1892.

CXXXVIII — Ao general Sebastião Telles — *A Revista*, cit., 1.º anno, n.º 6, p. 100.

CXXXIX-CXLVI — A Theophilo Braga — *Quarenta annos de vida literaria*, p. 67-73. Lisboa, 1904.

CXLVII-CLXII — A Thomazzo Canizarro — *Sonetti Completi*, p. 229-268. Messina, 1898.

CLXIII — A Trindade Coelho — *O Portuguez*, de 12 de setembro de 1891.

CLXIV — Ao Visconde de Faria e Maia — *A Revista*, cit., 1.º anno, n.º 8, p. 129.

CLXV-CLXVI — A D. Carolina Michaëlis de Vasconcellos — *Ineditas.*

CLXVII-CLXVIII — A D. Anna de Quental — *Ineditas.*

CLXIX-CLXXXVIII — A João Lobo de Moura — *Ineditas.*

THIS BOOK IS DUE ON THE LAST DATE STAMPED BELOW

AN INITIAL FINE OF 25 CENTS
WILL BE ASSESSED FOR FAILURE TO RETURN THIS BOOK ON THE DATE DUE. THE PENALTY WILL INCREASE TO 50 CENTS ON THE FOURTH DAY AND TO $1.00 ON THE SEVENTH DAY OVERDUE.

	RET. DISC.
DEC 15 1939	JUL 0 2 1989
DEC 17 1943	
Dec. 31 43	
28Mar52LE	
Griffin	
APR 28 1952	
23Apr52LU	
4Jun52CR	
JUN 4 1952 LU	
MAY 05 1989	
June 05 1989	
July 7 1989	
	25)
	LD

U.C. BERKELEY LIBRARIES
C020923087

834752

THE UNIVERSITY OF CALIFORNIA LIBRARY